

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL
(ProEF)

JÉSSICA RAFAELI DA SILVA

PENSAR FORA DA QUADRA:

Letramento em Cultura Corporal de Movimento na
Educação Física Escolar

SÃO CARLOS - SP
2025

JÉSSICA RAFAELI DA SILVA

PENSAR FORA DA QUADRA:

Letramento em Cultura Corporal de Movimento na Educação Física Escolar

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em rede Nacional (ProEF), da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de concentração: Educação Física Escolar

Orientador: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos

SÃO CARLOS - SP
2025



Silva, Jéssica Rafaeli da

Pensar fora da quadra: : Letramento em Cultura Corporal de Movimento na Educação Física Escolar / Jéssica Rafaeli da Silva -- 2025.
210f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Glauco Nunes Souto Ramos
Banca Examinadora: Luana Zanotto, Nathan Raphael Varotto
Bibliografia

1. Educação Física Escolar. 2. Representações Sociais. 3. Letramento em Cultura Corporal de Movimento. I. Silva, Jéssica Rafaeli da. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Jéssica Rafaeli da Silva, realizada em 26/02/2025.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos (UFSCar)

Profa. Dra. Luana Zanotto (UFG)

Prof. Dr. Nathan Raphael Varotto (FHO)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional.

Dedico à vó Kita e à memória da vó Zefa,
que partiu no ano em que eu dava os primeiros passos
no Mestrado Profissional. Às minhas afilhadas Vitória e Livia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

De forma especial, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos, pelo apoio, acompanhamento e confiança.

Aos membros da banca, Luana e Nathan, que contribuíram valiosamente com suas experiências e visões, além de serem muito admirados por mim.

Meus agradecimentos se estendem a todos e todas as docentes do ProEF, que com tanta dedicação, contribuem para a democratização do conhecimento.

Não poderia deixar de agradecer aos e às colegas da Turma 4, por todas as trocas, ligações, apoio e união. Vocês foram importantes demais neste processo. Minhas melhores memórias desse percurso, envolvem estar próximo vocês.

Também aos e às colegas do campus Rio Claro, com parcerias incríveis.

Ao Fagner, pelas caronas, pelo companheirismo e parceria, que seguramente levarei para a vida. Ao Silas e a Jany, pela escuta e os reforços urgentes.

Agradeço aos meus familiares, que mesmo sem entender a dimensão do que eu estive fazendo, esforçaram-se em contribuir de alguma forma, para que eu pudesse concluir este processo. Obrigada ao meu pai Luciano, por me possibilitar viver na casa de tantas memórias, enquanto precisava urgentemente de tranquilidade para escrever. Eu amo você.

Agradeço, ainda à Rede de Ensino em que a pesquisa foi realizada, pela possibilidade de desenvolvimento desta; aos e às participantes que tornaram possível a continuidade da minha ideia, minha gratidão.

Agradeço também, todos e todas as estudantes que já passaram pela minha vida, e àqueles que se foram precocemente, Gui e Helô, vocês me ensinaram mais do que eu poderia ensinar a vocês.

Por fim, agradeço minhas amigadas, a cada pessoa que com a escuta das minhas queixas e que com palavras e intenções, acreditaram que eu seria capaz, mesmo quando eu deixei de acreditar. Quem não arrisca, não petisca...

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

SILVA, Jéssica R. **Pensar fora da quadra**: Letramento em Cultura Corporal de Movimento na Educação Física Escolar. Orientador: Glauco Nunes Souto Ramos. 2025. 210f. Dissertação (Mestrado Profissional PROEF - Educação Física em Rede Nacional) – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2025.

RESUMO

A Educação Física escolar (EFE) é uma área que tem buscado afirmar-se como componente curricular elementar na educação básica para além da legislação, mas como prática educativa efetiva que tem a cultura corporal de movimento como objeto de conhecimento, no entanto, há décadas essas mudanças não têm sido suficientes para promover seu significativo reconhecimento. A partir de percepções no cotidiano profissional foi identificada a necessidade de compreender se as representações sociais sobre a EFE influenciam na atuação docente e se geram impacto para a área. Neste sentido, buscou-se aplicar o conceito de letramento à cultura corporal de movimento, para designar conhecimentos que integram o objeto de conhecimento da Educação Física, que podem contribuir com mudanças positivas nas Representações Sociais da EFE. O objetivo do estudo é identificar e discutir as representações sociais de docentes de Educação Física e pedagogos acerca da EFE buscando traçar possíveis intervenções para atuação e suas implicações na área. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizada a metodologia qualitativa aplicada à área pedagógica e, como instrumentos de coleta de informações foi aplicado questionário online para pedagogos, docentes específicos e gestores; e, durante cinco encontros presenciais, foram realizadas rodas de conversa com docentes de EFE. A análise dos dados teve como ferramenta de apoio o *software* Iramuteq para a análise de conteúdo e a triangulação de dados para explorar as experiências, perspectivas e práticas dos participantes, destacando temáticas que fomentaram discussões, levantando reflexões sobre a prática docente no intuito de valorizar a EFE. As considerações incidem para a necessidade de maior entendimento sobre a EFE por parte dos docentes pedagogos, específicos (inclusive os da área da EFE) e gestores, levantando o Letramento em Cultura Corporal de Movimento como uma efetiva possibilidade contribuinte neste percurso. Enfatiza-se ainda a importância da comunicação entre os educadores e o melhor aproveitamento dos horários de formação. A partir das discussões deste trabalho espera-se que a EFE seja mais reconhecida e valorizada enquanto componente curricular obrigatório observando também o trabalho do profissional específico, e ações e oportunidades da comunidade escolar.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Letramento em cultura corporal de movimento; Representações sociais.

SILVA, Jéssica R. **Pensar fora da quadra**: Letramento em Cultura Corporal de Movimento na Educação Física Escolar. Orientador: Glauco Nunes Souto Ramos. 2025 210f. Dissertação (Mestrado Profissional PROEF - Educação Física em Rede Nacional) – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2025.

RESUMEN

La Educación Física Escolar (EFE) es un área que ha buscado afirmarse como componente curricular fundamental en la educación básica, más allá de la legislación, consolidándose como una práctica educativa efectiva que tiene a la Cultura Corporal de Movimiento como objeto de conocimiento. Sin embargo, desde hace décadas estos cambios no han sido suficientes para promover su reconocimiento significativo. A partir de percepciones surgidas en el cotidiano profesional, se identificó la necesidad de comprender si las Representaciones Sociales sobre la EFE influyen en la actuación docente y si generan impactos en el área. En este sentido, se buscó aplicar el concepto de Literacia a la Cultura Corporal de Movimiento, para designar los conocimientos que integran el objeto de conocimiento de la Educación Física, los cuales pueden contribuir a cambios positivos en las representaciones sociales de la EFE. El objetivo del estudio es identificar y discutir las representaciones sociales de docentes de Educación Física y pedagogos acerca de la EFE, buscando delinear posibles intervenciones para su actuación y sus implicaciones en el área. Para el desarrollo de la investigación, se utilizó la metodología cualitativa aplicada al área pedagógica, y como instrumentos de recolección de información se aplicó un cuestionario en línea para pedagogos, docentes específicos y gestores; y durante cinco encuentros presenciales, se realizaron ruedas de conversación con docentes de EFE. El análisis de los datos contó con el apoyo del software Iramuteq para el análisis de contenido y la triangulación de datos para explorar las experiencias, perspectivas y prácticas de los participantes, destacando temas que fomentaron discusiones y reflexiones sobre la práctica docente, con el objetivo de valorizar la EFE. Las consideraciones apuntan a la necesidad de una mayor comprensión sobre la EFE por parte de los docentes pedagogos, docentes específicos (incluidos los del área de EFE) y gestores, señalando la Literacia en Cultura Corporal de Movimiento como una efectiva posibilidad de contribución en este recorrido. Asimismo, se enfatiza la importancia de la comunicación entre los educadores y del mejor aprovechamiento de los tiempos de formación. A partir de las discusiones de este trabajo, se espera que la EFE sea más reconocida y valorada como componente curricular obligatorio, considerando también el trabajo del profesional específico y las acciones y oportunidades de la comunidad escolar.

Keywords: Educación Física Escolar; Literacia en Cultura Corporal de Movimiento; Representaciones Sociales.

SILVA, Jéssica R. **Pensar fora da quadra**: Letramento em Cultura Corporal de Movimento na Educação Física Escolar. Orientador: Glauco Nunes Souto Ramos. 2025. 210f. Dissertação (Mestrado Profissional PROEF - Educação Física em Rede Nacional) – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2025.

ABSTRACT

School Physical Education (SPE) is a field that has sought to establish itself as an essential curricular component in basic education, beyond legislation, consolidating itself as an effective educational practice that has body movement culture as its object of knowledge. However, for decades these changes have not been sufficient to promote its significant recognition. Based on professional daily experiences, the need was identified to understand whether social representations about SPE influence teaching practice and whether they impact the field. In this sense, the concept of literacy was applied to the Body Movement Culture to designate the knowledge that forms the object of Physical Education, which may contribute to positive changes in the Social Representations of SPE. The objective of the study is to identify and discuss the social representations of Physical Education teachers and pedagogues regarding SPE, aiming to outline possible interventions for teaching practice and its implications for the field. To conduct the research, a qualitative methodology applied to the pedagogical area was used, and as data collection instruments, an online questionnaire was administered to pedagogues, specialized teachers, and managers; additionally, five in-person meetings were held to conduct conversation circles with SPE teachers. Data analysis was supported by the Iramuteq software for content analysis and data triangulation to explore the participants' experiences, perspectives, and practices, highlighting topics that fostered discussions and reflections on teaching practice, aiming to value SPE. The findings point to the need for greater understanding of SPE by pedagogical teachers, specialized teachers (including those from the SPE field), and managers, proposing literacy in body movement culture as an effective contributor along this path. Furthermore, the importance of communication among educators and better use of training times is emphasized. Based on the discussions from this work, it is expected that SPE will be more recognized and valued as a mandatory curricular component, also considering the work of specialized professionals and the actions and opportunities within the school community.

Keywords: School Physical Education; Literacy in body movement culture; Social Representations

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Síntese dos resultados da pesquisa bibliográfica sobre Representações Sociais e Educação Física.....	27
Figura 2 - Síntese de temas e autores da revisão bibliográfica.	30
Figura 3 - Identificação das Análises de Similitude geradas com o Iramuteq.....	44
Figura 4 – Idade dos participantes que responderam ao formulário.....	50
Figura 5 - Quantidade de alunos em média.....	50
Figura 6 - Análise de similitude: lembranças sobre a EFE enquanto estudante.....	54
Figura 7 - Análise de similitude: percepções atuais sobre a Educação Física (ambos os grupos).....	56
Figura 8 - Análise de similitude - Cultura Corporal de Movimento.....	59
Figura 9 - Análise de similitude: função da EFE.	64
Figura 10 - Análise de Similitude: possibilidades de trabalho em conjunto.	71
Figura 11 - Análise de similitude: HTPC.....	76
Figura 12 - Análise de similitude - Lista de materiais	93
Figura 13 - Temas apresentadas na Roda de Conversa 4	95
Figura 14 - Nuvem de palavras - 3 palavras sobre a Educação Física Escolar.....	99
Figura 15 - Nuvem de palavras - 3 palavras sobre a sua própria vivência enquanto docente de EFE.....	100
Figura 16 – Nuvem de palavras 2: O que você espera da EFE?.....	101
Figura 17 - Nuvem de palavras - Percepções sobre a realização desta pesquisa .	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Participantes – Docentes Específicos de Educação Física.	46
Quadro 2 - Participantes - Docentes específicos de Linguagens Artísticas	47
Quadro 3 - Participantes - Docentes pedagogos.....	48
Quadro 4 - Participantes - Docentes pedagogos em cargos de gestão	49
Quadro 5 - Relação dos encontros para a coleta com o GEF (Grupo Educação Física).	52

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	12
2 INTRODUÇÃO	15
2.1 Objetivos	18
2.2 Recurso Educacional	18
3 CONHECENDO OS CAMINHOS	20
3.1 A Educação Física em uma trilha instável	20
3.2 Mas, por que Representação Social?	25
3.3 Cultura corporal de Movimento.....	32
3.4 Letramento em Cultura Corporal de Movimento	34
3.5 De onde viemos?.....	36
4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA – O FIO DA MEADA	39
4.1 Para onde vamos?.....	39
4.2 Universo da Pesquisa	40
4.3 Análise dos dados	43
5 - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	46
5.1 – Caracterização dos participantes	46
5.2 - Síntese das rodas de conversa.....	51
5.3 – Limpar o leite derramado.....	53
5.3.1 - Águas passadas têm movido moinhos	53
5.3.2 – Dando nome à cultura corporal de movimento.....	58
5.3.3 – Como o pingo vira letra.....	63
5.3.4 – A grama do vizinho parece mais verde	67
5.4 – O seguro morreu de velho	74
5.4.1 - Cavalo dado se olha os dentes - o HTPC.....	75
5.4.2 – Crescer, aparecer e continuar aparecendo.....	80
5.5 - A quadra da mãe joana	86
5.5.1 – Quem não é visto não é lembrado	94
5.5.2 – Uma andorinha sozinha não faz verão.....	99
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS – O ÓBVIO QUE PRECISA SER DITO	104
REFERÊNCIAS	107
APÊNDICES	119
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Questionário	119
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Rodas de Conversa	123
APÊNDICE C – Temas disparadores para as rodas de conversa	127
APÊNDICE D – Questionário	128
APÊNDICE E – Arquivo das páginas do questionário online	130
APÊNDICE F – Transcrições das rodas de conversa	132
ANEXOS	196
ANEXO A - Parecer do CEP/ UFSCar	196
ANEXO B – Carta de Autorização - SEMEC	198
ANEXO C – Quadros – Suraya Darido	199
ANEXO D – Ementas	201
ANEXO E – Representações de espaço e material	203

1 APRESENTAÇÃO

Ao concluir a graduação em Licenciatura em Educação Física em 2018, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), tinha absoluta certeza de não querer retornar ao âmbito acadêmico. Minha experiência na universidade não se comparava aos incríveis testemunhos de vivências que ouvia de outras pessoas. Concluir a graduação foi um grande alívio, porém os obstáculos não haviam parado por ali, 2 meses após a conclusão, fui chamada em um processo seletivo para lecionar na cidade em que morava. Renunciei ao emprego efetivo desde 2012 e segui para a docência na escola pública.

Iniciei no final do último bimestre de 2018 e apesar de conhecer um pouco do funcionamento da educação como secretária de escola e tendo trabalhado na Secretaria de Educação, minha nova experiência como professora, veio a interferir no meu entendimento e autorreconhecimento profissional. Minha monografia para a conclusão do curso, havia sido voltada para analisar a interferência na participação das crianças em aulas de Educação Física (EF) por parte de pessoas externas, fossem elas gestoras, docentes ou funcionários (Silva, 2017). Em 3 meses de trabalho ouvi que era novata demais, que aquela animação era temporária, que não adiantava reclamar, nem pedir, enfim, ouvi muito de muita coisa.

Em janeiro de 2019, mudei-me para o litoral norte de São Paulo e trabalhei lá como professora de Educação Física do Ensino Fundamental II, durante os três anos que seguiram, apesar de ser temporária, algumas vezes o contrato era renovado, mas todos os anos fazia o processo seletivo novamente. Neste período, passamos ao ensino remoto por conta da pandemia da COVID-19 em 2020¹. Diante deste contexto e considerando as dificuldades já existentes, segui na busca em superar as barreiras e mantive o ímpeto em aprender mais, mesmo com os problemas que emergiam do período pandêmico.

Em 2021, retomamos as atividades presenciais e aos poucos tentando redefinir práticas e rotinas. Também neste ano iniciei a Licenciatura em Pedagogia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) no formato de Ensino a Distância (EaD), enquanto estudava percebia importantes relações possíveis entre as áreas.

¹ Pandemia causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), que afetou toda a estrutura social, com necessidade de adaptações do ensino (entre outros) para modelos híbridos e remotos. A pandemia afetou o Brasil no primeiro trimestre de 2020.

Durante a pandemia da COVID-19, procurando cursos com o intuito de melhorar a minha atuação e entender melhor a Educação Física em diversos contextos, conheci o Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), mas infelizmente só poderia pleitear uma vaga caso fosse professora efetiva. Nesta experiência no litoral norte, convivi com muitas professoras que tinham uma visão ampla sobre a escola, a educação e o estudante, além de conhecer propostas como a da Escola da Ponte, EMEF Desembargador Amorim Lima entre outras práticas, conheci ainda Núcleos de Estudos como o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) e o Núcleo de Investigação Social e Educativa (NIASE) da UFSCar, com temáticas que me estimulavam a refletir cada vez mais sobre a educação, a escola e a Educação Física.

Em 2022, fui convocada em um concurso na mesma cidade que cursei a licenciatura em Educação Física e, então, me desliguei do litoral, voltando para o interior. Nesta escola, situada na periferia da cidade, e de volta ao Ensino Fundamental 1, me deparei com enorme quantidade de problemas relacionadas aos mais diversos contextos que coadunam com a Educação Física, no que tange à estrutura, materiais, professores, gestão etc. Fiquei nesta escola até setembro daquele ano, quando exonerei, por ter sido convocada no concurso público na cidade em que resido e atuo atualmente. Agora efetivada, resolvi me inscrever no ProEF para conhecer o processo seletivo e começar a me preparar para tentar ingressar nos anos seguintes, no entanto, para a minha surpresa, fui aprovada para a 4ª turma.

Atualmente, neste cargo efetivo, leciono para as etapas I e II da Educação Infantil² e para 1º e 4º anos, do Ensino Fundamental.

Retornar ao ambiente em que realizei meus estudos para a monografia, me fez perceber, a partir de vivências particulares e relatos de colegas, que em todos estes anos longe do ambiente universitário, não houve avanços em relação à visão limitada que muitos têm sobre a Educação Física (EF) e a convivência com diferentes pessoas em distintos contextos me levaram a entender que o trabalho para mudar esse cenário, deve acontecer em diversas instâncias e utilizar estratégias com os estudantes, professores, familiares, gestão, em aula e nos colegiados. Para tanto, espero poder provocar a conscientização, à comunidade escolar sobre a equidade

² Na Educação Infantil, neste caso, as Etapas I e II, correspondem, respectivamente, às idades 4 e 5 anos.

legal do componente curricular Educação Física em relação aos demais componentes curriculares e, desta forma, poder contribuir para a valorização da EF escolar, evitando situações de desconforto durante o ano letivo, com ocasiões que inferiorizam a nossa área de atuação profissional.

2 INTRODUÇÃO

Atuar na Educação Física escolar (EFE) apresenta desafios específicos em diferentes perspectivas, além das questões comuns ao ambiente escolar. Considerando a abrangência de problemáticas que envolvem a valorização e o reconhecimento deste componente curricular, percebo que há uma carência de entendimento sobre a relevância da EF na escola, seus objetos de conhecimento, suas potencialidades e até mesmo sua legitimação legal, apoiados pela cultura escolar, que de acordo com Demenech (2014):

Os elementos que tomam forma na cultura escolar não são elementos que se constituíram agora ou que se transformam a cada momento, ou que vêm e vão. São costumes que permanecem com pequenas modificações, que por mais que a escola transforme-se, gerações passem, transformações sociais e culturais aconteçam, mantêm-se como próprio da instituição (p.17).

Essa distância entre o que é a Educação Física e a forma como ela é vista, acarreta intercorrências em variadas situações do cotidiano. Diante da insistente desvalorização da EF por parte da comunidade escolar, que gera desgastes nas relações, com a constante necessidade de autoafirmação para a validação da nossa importância na escola, entendo que desenvolver aulas de qualidade, por si só, não tem apresentado resultado satisfatório, para contribuir para uma mudança nessa estrutura, como se a atuação comprometida e inovadora de um docente específico não fosse o suficiente para legitimar a necessidade e a relevância da EFE. Percebo que na rede em que atuo há uma latência na falta de consideração sobre a importância da EF no âmbito escolar seja com a gestão, a administração, os demais professores, os alunos e a comunidade escolar em geral.

Muitas são as necessidades da Educação Física enquanto componente curricular, e uma ação do profissional pode contribuir diretamente com isso, porém, é preocupante que mesmo com o empenho de diversos professores, que é o que tenho presenciado tanto nas escolas que trabalho, quanto no contato com colegas do ProEF, ainda seja tão evidente a desvalorização da área. Ocorre que para estimular a valorização, a solução pode estar além da atuação individual em aula, sendo necessária a atuação em pares, a reflexão constante, estar presente em colegiados, defender e reivindicar o que lhe compete, a fim de buscar posicionar a EFE

equiparando-a³, na prática, aos demais componentes curriculares, dando seus devidos encaminhamentos.

A manutenção da cultura escolar que secundariza a Educação Física como sendo um componente curricular com uma representação social inferior aos demais componentes curriculares, incide sobre a visão da sociedade sobre a nossa prática profissional.

Entendo que as representações sociais são modos inconscientes de compreender um determinado fenômeno ou uma determinada prática existencial, individual ou coletiva, que se expressam por meio de falas cotidianas, crenças, provérbios, modos de agir, que podem estar vinculados ao passado, ao presente ou ao futuro. São crenças ou práticas que, por si e aparentemente, não têm razão de ser, mas que se dão, se realizam e permanecem como um padrão de conduta dos indivíduos e/ou de coletividades, sem que se tenha de dar justificativas de por que elas são como são. Em síntese, são crenças inconscientes que se manifestam nas falas, nos chistes, nos discursos, nas piadas e, especialmente, na ação cotidiana (Luckesi, 2002, p. 79).

Quais diferentes caminhos se podem trilhar a fim de conseguir uma solução ou um encaminhamento em rede para as dificuldades enfrentadas pela EFE? Digo em rede, pois como já foi citado, afirmar-se em sua prática não garante que a Educação Física seja mais reconhecida e valorizada, uma vez que na maioria das vezes estamos separados estrutural e fisicamente da sala de aula e distantes dos demais componentes curriculares. Que aspectos da EFE são necessários manter ou modificar, para incitar que sua representação social seja de um componente curricular de maior valorização e consideração? É provável, por exemplo, que solicitem a retirada de estudantes da aula de outros componentes curriculares, de forma corriqueira?

Poder desarticular para articular, desconstruir para construir, desmontar para remontar, por mais que pareça um trabalho redundante, elaborar ações diversas e concomitantes para colaborar com essa trajetória, com a culminância prevista para o enfoque na melhoria da visão sobre a EFE é relevante. Por que algumas pessoas se sentem tão à vontade dentro da escola para interferir na autonomia de um docente dentro de seu espaço de atuação?

³ A ideia de “equiparar” se dá no sentido de valorização e consideração e não de querer achar que os diversos componentes curriculares têm a mesma característica ou ignorar suas especificidades.

Estabelecer limites, torná-los públicos e acessíveis, pode corroborar nesta empreitada, para a nossa área. Para isso, enxergo como possibilidade investigar quais situações têm sido persistentes, como os docentes interpretam e lidam com elas e se é possível promover mudanças nas representações sociais e avaliar se há experiências nesse âmbito, que possam colaborar com a Educação Física escolar.

Pensar fora da quadra, faz alusão à expressão “pensar fora da caixa”, aplicada em contextos em que se faz necessário buscar enxergar, entender e considerar além do óbvio. Ao utilizar o trocadilho caixa/quadra, queria causar curiosidade e reflexão. Por que fora da quadra, se a EF é substancialmente relacionada a este espaço? Ou quem deveria pensar fora da quadra? As respostas para essas indagações são trazidas no decorrer do texto, indicando a necessidade de se pensar a EFE na e para além da quadra, questões estruturais, financeiras, burocráticas e condições de trabalho, especialmente na Educação Física, não excluindo os demais sujeitos que fizeram parte do estudo. A utilização de expressões e ditados populares também compõe a titulação das seções deste estudo, como uma forma de provocação sobre o que reproduzimos meramente sem questionar, aplicando ideias e mudanças no contexto da EFE.

Iniciando pelo panorama histórico da EFE no Brasil, o presente estudo apresenta na seção 3 intitulada, “Conhecendo os caminhos”, a descrição dos principais conceitos utilizados no decorrer do documento, a motivação da escolha das Representações Sociais e sua relação com a EFE com o título “Mas, por que Representação Social?”. Na subseção 3.3 – “Cultura corporal de Movimento”, há a delimitação do termo adotado durante a estudo, seguido de uma explanação da possibilidade de se utilizar o conceito de letramento aplicado à cultura corporal de movimento, conceito que é observado em 3.4. Com o título “De onde viemos?”, a subseção 3.5, é explorado o cenário que precede esse estudo, apresentando pesquisas anteriores na mesma rede de ensino.

Na quarta seção, a Trajetória Metodológica é apresentada, delineando a pesquisa, os instrumentos de coleta de informações e o tipo de análise utilizados, delimita ainda, os aspectos éticos pertinentes.

A quinta seção, apresenta, analisa e discute os dados obtidos. A caracterização dos participantes e um resumo sobre os encontros realizados são exibidos em “Apresentação, análise e discussão dos dados”, nas subseções 5.1 e 5.2. A partir de 5.3 “Limpar o leite derramado”, são discutidas as categorias, com títulos com

adaptações de ditados populares, que busca provocar o leitor sobre as reproduções desses jargões.

Com o título de “Limpar o leite derramado”, a subseção 5.3 é composta dos tópicos “Águas passadas têm movido moinhos”, “Dando nome à cultura corporal de movimento”, “Como o pingo vira letra” e “A grama do vizinho parece mais verde”. Na sequência, a subseção 5.4 “O seguro morreu de velho”, traz os tópicos “Cavalo dado se olha os dentes” e “Crescer, crescer e aprender”. A subseção 5.5 “A quadra da mãe Joana”, conclui a análise dos dados com os tópicos “Quem não é visto não é lembrado” e “Uma andorinha sozinha não faz verão”.

A seção seis traz as considerações finais acerca da pesquisa e os encontros e desencontros ocorridos neste processo. A seguir, os objetivos gerais e específicos desta pesquisa.

2.1 Objetivos

Geral: identificar e discutir as representações sociais de docentes de Educação Física e pedagogos acerca da EFE buscando traçar possíveis intervenções para atuação e suas implicações na área, a partir do letramento em Cultura corporal de Movimento.

Específicos:

- a) verificar como vem sendo a tratativa da comunidade escolar em relação à EFE;
- b) delinear de que forma esta tratativa influencia na atuação do profissional de Educação Física;
- c) promover discussões com os profissionais da EFE, participantes da pesquisa, a fim de gerar parâmetros de ações para a minimização/superação das problemáticas levantadas.

2.2 Recurso Educacional

Como recurso educacional proveniente da pesquisa foi produzido material para formação continuada que possa ser utilizado por membros da comunidade escolar de diversas escolas e municípios. O material é uma Trilha de Aprendizagem interativa e *on-line*, composto por pílulas de conhecimento com conteúdos discutidos na

dissertação e que se encontra no Apêndice G. A trilha é uma proposta para democratizar o Letramento em Cultura Corporal de Movimento.

Feito utilizando a função Sites do Google, o link de acesso ao recurso é <https://sites.google.com/view/trilhadeaprendizagemproefjrs/in%C3%ADcio>.

Na seção seguinte, apresento os caminhos teóricos para o desenvolvimento do estudo.

3 CONHECENDO OS CAMINHOS

Na seção que segue, há uma explanação histórica da Educação Física, destacando as nuances que tem passado a área dentro do campo educacional. Trazendo uma retomada histórica, busco demonstrar a instabilidade histórica, que pode estar refletindo nos encaminhamentos atuais. Na sequência, temos a explicação dos conceitos utilizados nesta pesquisa, das quais estão destacadas as representações sociais e os trabalhos produzidos relacionados à EFE no período de 2014 até 2024. A possibilidade de utilização do conceito de letramento aplicado à EFE, também será abordada, e, por último, a recuperação de termos relacionados à cultura corporal de movimento, definindo por fim, as principais ideias que darão entendimento à pesquisa.

3.1 A Educação Física em uma trilha instável

Embora, em sua maioria, a instituição escolar remonte à mesma organização interna de séculos passados como, por exemplo, turmas enfileiradas, centralização do docente, imposição de conteúdos de forma não democrática, sinal sonoro para indicação de diferentes momentos, sistemas de punição e recompensa, há uma diversidade de acontecimentos simultaneamente ocorrendo dentro da escola, sinalizando em que grau essa tem avançado ou retrocedido além de apontar a necessidade de repensar a estrutura educacional escolar. Apesar de haver sinais de mudança, concordo com Medina (2017) quando afirma que Educação Física não tem acompanhado estes avanços.

É válido situar historicamente a trilha da EFE no Brasil. A menção à EF, pelo termo “*gymnastica*” é citada no Decreto 1331-A de 17 de fevereiro de 1854, conhecida como Reforma Couto Ferraz. O capítulo III, do título II “Da instrução pública primária”, apresenta o texto:

Art. 47. O ensino primario nas escolas publicas comprehende:
A instrucção moral e religiosa,
A leitura e escripta,
As noções essenciaes da grammatica,
Os principios elementares da arithmetica,
O systema de pesos e medidas do municipio.
Póde comprehender tambem:
O desenvolvimento da arithmetica em suas applicações praticas,
A leitura explicada dos Evangelhos e noticia da historia sagrada,
Os elementos de historia e geographia, principalmente do Brasil,

Os principios das sciencias phisicas e da historia natural applicaveis aos usos da vida,
 A geometria elementar, agrimensura, desenho linear, noções de musica e exercicios de canto, gymnastica, e hum estudo mais desenvolvido do systema de pesos e medidas, não só do municipio da Côrte, como das provincias do Imperio, e das Nações com que o Brasil tem mais relações commerciaes. (Brasil, 1854).

Está explícito que, junto com outras matérias, a “gymnastica” está contida após a expressão “Pode compreender também”, o que indica que a matéria poderia ser ou não ministrada. Em consequente, no Artigo 49, é listado que para o primeiro grau “será restrictamentce o que se acha marcado na primeira parte do Art. 47: nas do Segundo gráo comprehenderá demais as matérias da segunda parte do mesmo Artigo[...]”, que em desarranjo com o que diz o Artigo 47, agora indica que a “gymnastica” deverá estar presente no segundo grau da escolarização. No trecho que diz respeito ao ensino no “Collegio”, no Título III, Capítulo Único em seu Artigo 80, o decreto apresenta:

Art. 80. Além das materias das cadeiras mencionadas no Artigo antecedente, que formão o curso para o bacharelado em letras, se ensinarão no Collegio huma das linguas vivas do meio dia da Europa, e as artes de desenho, musica e dansa.

Farão os alumnos exercicios gymnasticos, debaixo da direcção de hum mestre especial.

Poderão ser creadas, quando as circumstancias o permittirem, huma cadeira de elementos de mechanica, e de geometria descriptiva; e bem assim separar-se da cadeira de historia moderna a historia e geographia nacional, formando esta huma aula especial.

Art. 81. O ensino das materias, que não constituem o curso litterario, será regulado de maneira que não perturbe o estudo das outras. (Brasil, 1854).

Nestes artigos, existe a menção da “gymnastica” não diretamente como matéria, no entanto, ela ainda é separada das matérias usuais e, a seguir, tendo no Artigo 81, explicitado que as matérias fora do curso literário não podem perturbar as demais. Importante destacar aqui, que em alguns materiais consta o Decreto 630 de 17 de setembro de 1851 com este marco, no entanto, o documento na íntegra não faz nenhuma menção ao tema, sendo limitado a autorizar a reforma do ensino primário e secundário, que ocorre com a Reforma Couto Ferraz em 1854 (Concursos Educação Física, 2023).

Após este período, a chamada Reforma Leoncio de Carvalho, sob o Decreto 7.274 de 19 de abril de 1879, trazia em seu Artigo 4º, a “gymnastica” agora como

disciplina tanto no 1º quanto no 2º grau⁴. No parágrafo 2, ao falar sobre a organização das aulas, elucida que o horário seria interrompido “[...] do meio dia à 1 hora para recreio dos alumnos, pratica manual de officios e exercicios de gymnastica, sob as vistas do Professor ou adjunto”. Nesta ocasião, percebe-se o período de intervalo, a ser destinado a outras atividades, inclusive a das atividades ginásticas. Ainda neste decreto, há apontamento de equiparação de remuneração para todos os professores. Três anos depois esta reforma foi aprovada pelo Parecer nº224 de Ruy Barbosa, que configurou uma mudança importante no sistema de educação do Brasil, no ano de 1882, que segundo Castellani Filho (2010) serviu de referencial para apoiadores da inserção da EF na escola. Obras de Fernando de Azevedo sobre a Educação Física, marcavam este período, no entanto, denotava ainda a visão dualista do físico a serviço do intelecto, mantendo-se a ideia da eugeniização da raça brasileira (Castellani Filho, 2010).

Havia então uma tendência de caráter higienista dos anos de 1.889 até 1930, sob significativa influência médica, em uma perspectiva de controle social, as atividades desenvolvidas deveriam ser voltadas para a melhoria da saúde, através de exercícios físicos e hábitos de higiene, apresentando ideais eugenistas, marcada pela influência europeia, como afirma Soares (2017):

O discurso higienista na Europa do século XIX veiculava a ideia de que as classes populares viviam mal por possuírem um espírito vicioso, uma vida imoral, liberada de regras e que, portanto, era premente a necessidade de lhes garantir não somente a saúde, mas fundamentalmente a educação higiênica e os bons hábitos morais (Soares, 2.017).

Sobre o período higienista no Brasil, Castellani Filho (2010), afirma que os médicos da época ficaram responsáveis por transmitir os conhecimentos à sociedade, como uma “extensão da instituição familiar” (p. 35). Marcado também pelo cenário de transição do fim da escravização, esse período carrega em seu discurso e prática, a necessidade de se fazer com que a sociedade mantivesse a ordem dominante da raça dita pura (brancos), assim associou-se também a EF à Educação Sexual.

Em contrapartida, a aceitação da inserção das atividades físicas nas escolas, não foram bem quistas pela elite, que enxergavam de forma desprestigiada, a possibilidade de seus filhos estarem envolvidos com algo que não fosse voltado ao

⁴ O Primeiro Grau para crianças de 7 a 12 anos e o segundo, correspondia ao ensino médio, para jovens de 12 anos em diante.

intelecto (Castellani Filho, 2010) ou pela associação com o trabalho físico e escravo (Brasil, 2001).

Nos anos que seguem, uma instabilidade ditada por reformas constantes na educação brasileira, acomete a EF. O cenário em que a EF era associada à higiene e saúde, passa a ter, por influência dos acontecimentos da sociedade, uma vertente com mais ênfase, a militarista. Por ocasiões de guerras, até meados de 1945, a EF é levada, então ao objetivo de preparação para combate e para a manutenção do corpo forte e saudável, inclusive como força produtiva. Também durante o movimento da Escola Nova, que visava modificar a estrutura educacional, a EF é citada na Constituição Federal de 1937, com o termo “adestramento”, que aponta para a forma como se espera que a EF atue, colaborando para a disciplina e a ordem, além do preparo militar (Brasil, 1937).

A EF Pedagógica, conquista espaço de 1945 a 1964, em que há um movimento para que ela seja uma disciplina pertencente ao âmbito escolar, buscando renunciar aos aspectos militares e higienistas anteriores. Concomitantemente, há em 1961 a primeira versão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que torna obrigatória a prática da educação física nos cursos primário e médio, até os 18 anos de idade. No entanto, em 1971, através do Decreto 69.450, a EF é citada como atividade escolar regular, o que remete a não ter mais a sua obrigatoriedade (Brasil, 1971).

Legalmente, a EF escolar passou por um percurso com acontecimentos que deixaram legados. Por um lado, a legislação avançou ao considerar a EF como componente curricular, regulamentada através da lei 9396/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (Brasil, 1996) e, mais especificamente, sobre sua obrigatoriedade⁵ na Educação Básica, compondo a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018). Desta forma, já são duas décadas (2001–2024) de “obrigatoriedade”. Entende-se, que ela deveria ter um reconhecimento que se equiparasse ao dos demais componentes curriculares, no entanto, não é o que acontece, seja por questões que remetem aos diferentes momentos e visões que a EF teve com o passar do tempo sobre obrigatoriedade e funções (Souza Júnior; Darido, 2009); à atuação reprovável de muitos docentes, como a prática de

⁵ A palavra “obrigatório” foi introduzida através da Lei 10.328 de 12/12/2001, que alterou a LDB 9396/96, mediante a mobilização de profissionais e dos conselhos CREF e CONFEF defendendo a obrigatoriedade da EF (Finck, 2011, p. 21).

desinvestimento pedagógico ou rola bola (Machado e *col.*, 2010), à falta de identidade da área, ao desdém da comunidade escolar por manter uma visão ainda estritamente biológica, de aptidão física e aquisição de saúde (Antunes; Kronbauer; Krug, 2013) entre outros. De maneira simplista, a EF tem sido considerada como um componente curricular com funções ligadas à distração, a animar e cansar as crianças na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Já nos anos finais, apenas para o cumprimento da lei, através de atitudes que ignoram a opinião do profissional de EF nas decisões escolares, atribuindo demandas que não considera as especificidades da área (Molina Neto, 1998) – 18 anos se passaram, e continuamos com essa demanda – de discursos que atribuem à EF escolar pouca objetividade, oportunidade de fuga da rotina escolar e estando a serviço dos demais componentes curriculares (Varanda, 2018).

Tratar da EFE de forma isolada, alheia à educação e à escola como um todo, pode influenciar a forma como é vista, possivelmente subjugando a área em detrimento dos demais componentes curriculares. Essa fragmentação promove a manutenção de uma percepção de inferioridade ao longo dos anos. Inferioridade percebida e que profissionais e pesquisadores da área têm buscado soluções neste sentido, passando por crises necessárias em relação ao propósito e entendimento da EF, especificamente para o ensino escolar.

A educação física precisa entrar em crise urgentemente. Precisa questionar criticamente seus valores. Precisa ser capaz de justificar-se a si mesma. Precisa procurar sua identidade. É preciso que seus profissionais distingam o educativo do alienante, o fundamental do supérfluo de suas tarefas. É preciso, sobretudo, discordar mais, dentro, é claro, das regras construtivas do diálogo. O progresso, o desenvolvimento, o crescimento advirão muito mais de um entendimento diversificado das possibilidades da educação física que de certezas monolíticas que não passam, às vezes, de superficiais opiniões ou hipóteses (Medina, 2017, p. 38)⁶.

É importante destacar que a renovação dos grupos de docentes, bem como o incentivo ao acesso a formações continuadas, cursos de mestrado e doutorado, vem sendo estimuladas após a década de 1980 (Bracht, 1999) com as mudanças de paradigmas e investimentos na área, buscando superar as ideias de aptidão física e

⁶ A primeira edição desta publicação foi em 1983, no livro “Educação Física cuida do corpo e “mente”: bases para a renovação e transformação da educação física escolar, indicando que, desde a década de 1980 já se identificava a necessidade de a área “entrar em crise” para poder se consolidar no cenário nacional.

limitação biológica da EF. Atualmente são criadas comunidades colaborativas de professores em grupos *on-line*, compartilhamento de experiências em canais de plataformas de vídeo, organização de sites gratuitos que oferecem cursos e formações, que sinalizam a promoção de algumas mudanças no cenário de formação de docentes⁷. Um importante exemplo, é a criação do Programa de Mestrado Profissional ProEF, voltado para docentes de redes públicas de ensino em efetivo exercício e que tenham interesse na formação continuada. Ainda assim, há uma tendência em se atribuir muitos dos problemas em relação à EF, diretamente à atuação docente (Ramos, 1992; Galvão, 2009). É neste ponto que se observa um dilema: será que a atuação do docente de EF é o suficiente para justificar a representação social da EFE? Quais outras possibilidades interferem na construção de cada representação social?

3.2 Mas, por que Representação Social?

No cotidiano lidamos com uma série de informações, muitas vezes até mesmo reproduzimos falas e comportamentos que nem ao menos sabemos a origem ou a veracidade. Conduzimos nossa vida em sociedade com essas reproduções, até que haja questionamento, investigação e interesse em, de fato, entender o cerne de algumas delas. Manter um comportamento não reflexivo, implica em dar continuidade em posicionamentos e comportamentos que podem não estar adequados ao momento histórico que vivemos. Ao estabelecer as relações sociais, a interlocução de opiniões e comportamentos impostos e não questionados, tendem a manter-se imutáveis.

A forma pouco valorizada com que a EF ainda é tratada, carrega uma bagagem de todo o processo histórico pelo qual já passou e pela forma como as pessoas, em seus grupos sociais e, conseqüentemente a sociedade categorizam a EF. Entendo que esse movimento é construído e conta com uma série de influências, portanto, atribuo não à opinião, mas à representação social sobre a Educação Física, uma possibilidade de entendimento.

O conceito de representações sociais de Moscovici (2003), pareou este estudo, visando estabelecer em que ordem do entendimento social se encontra a EF para

⁷ Grupos de WhatsApp, Facebook, Telegram. Sites como Impulsiona.com.br, canais de vídeos no Youtube, plataformas do MEC para formação continuada de docentes.

diferentes grupos dentro da educação escolar, considerando que há, se necessário, possibilidades de mudanças. Para o autor citado, as representações sociais “[...] são fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum” (Moscovici, 2003, p. 49). Desta forma, identificar o que compõe a representação social da EF, entender como isso afeta a área e encontrar as variáveis que incidem sobre ela, fizeram parte deste estudo.

Baseado na teoria de Durkheim, sobre as representações coletivas, Serge Moscovici, estabelece o termo Representações Sociais, em sua obra “Representações Sociais da Psicanálise”. Para Moscovici, há fenômenos que são construídos através da comunicação entre o saber científico e o saber popular gerando representações que são compartilhadas em determinados grupos acerca de temas, situações etc.

Isso significa que representações sociais são sempre complexas e necessariamente inscritas dentro de um referencial de um pensamento preexistente; sempre dependentes, por conseguinte, de sistemas de crença ancorados em valores, tradições e imagens do mundo e da existência. Elas são, sobretudo, o objeto de um permanente trabalho social, no e através do discurso, de tal modo que cada novo fenômeno pode sempre ser reincorporado dentro de modelos explicativos e justificativos que são familiares e, conseqüentemente, aceitáveis. Esse processo de troca e composição de idéias é sobretudo necessário, pois ele responde às duplas exigências dos indivíduos e das coletividades. Por um lado para construir sistemas de pensamento e compreensão e, por outro lado, para adotar visões consensuais de ação que lhes permitem manter um vínculo social, até mesmo a continuidade da comunicação da idéia (Moscovici, 2003, p.213).

No escopo deste estudo, a utilização de Representação Social (RS) visa compreender e – de maneira otimista – encontrar frestas por onde seja possível compartilhar e comunicar os conhecimentos que podem vir a permitir que a Representação Social da EFE se alinhe com a intenção de consolidação da perspectiva da Cultura Corporal de Movimento para a área.

A aplicação de representações sociais (RS) na área da Educação, tem sido cada vez mais utilizada no decorrer do tempo. Especificamente na Educação Física Escolar, foram encontradas algumas fontes importantes que delineiam melhor a alocação deste trabalho.

Esta seção, apresenta um panorama das produções acadêmicas sobre o tema aqui estudado, encontrados em repositórios de periódicos, de teses e de dissertações.

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir do Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), um banco de dados reconhecido academicamente, com rigor e que engloba uma gama importante de periódicos indexados, nacionais e internacionais, gratuitos e pagos, além de permitir filtragem de dados sobre assunto, período, área etc.). Ao realizar a pesquisa no novo portal de periódicos da Capes, o campo “Meu Espaço” que era uma importante ferramenta para a utilização da plataforma, com opções de gerenciamento de materiais encontrados, não estava disponível, o que dificultou, tornando a filtragem mais morosa. Além disso, a ordem dos descritores, alterou os resultados de pesquisa, portanto, defino abaixo o que foi encontrado.

Com um recorte temporal do ano de 2014 até 2024, a pesquisa utilizando os descritores Educação Física E Representação Social OU Representações Sociais (“E” e “OU” utilizados como operadores booleanos), resultou em 120 arquivos. Já com o descritor Educação Física+Representação Social, com o mesmo recorte temporal, apresentou 170 resultados, totalizando 290 artigos científicos. Para melhor organização, os arquivos foram migrados para a plataforma Zotero e, posteriormente, após a combinação de artigos duplicados e análise da relação com o tema estudado. O resultado foram 29 artigos elencados.

Figura 1 - Síntese dos resultados da pesquisa bibliográfica sobre Representações Sociais e Educação Física.

Período de Análise	Fonte de Pesquisa	Descritores Utilizados	Resultados Iniciais	CrITÉrios de Seleção	Resultados
2014–2024	Portal de Periódicos CAPES	Educação Física E Representação Social OU Representações Sociais	120	Remoção de duplicados; análise temática	29 artigos
2014–2024	Portal de Periódicos CAPES	Educação Física + Representação Social	170	Remoção de duplicados; análise temática	29 artigos
Total (Periódicos)	-	-	290	Combinação de buscas; refinamento no Zotero	29 artigos

2014–2024	Catálogo de Teses e Dissertações CAPES	Representações Sociais e Educação Física	52	Inserção manual no Zotero; análise de relevância	13 produções acadêmicas
-	-	-	-	-	12 dissertações
-	-	-	-	-	1 tese

Fonte: A autora.

Em relação à perspectiva de discentes sobre a Educação Física, Freitas, Triani e Novikoff (2017) mostram as RS de estudantes do Ensino Médio. Já na visão de acadêmicos de Licenciatura em Educação Física sobre o próprio curso, temos Krug e col. (2017a) além da RS sobre o ser professor (Krug, 2017b), também Kimura, Cardoso e Nascimento (2021) acerca desta temática, incluindo ainda acadêmicos de Letras, Matemática e Pedagogia. Triani, Magalhães Junior e Novikoff (2017) trazem também a perspectiva de graduandos sobre a formação de professores. Um artigo, analisa as RS no início e no fim da graduação (Triani; Novaes; Telles, 2023). Outros dois achados, apresentam relação com o tema de estudo, já que mostram a RS de estudantes de Pedagogia, sobre a Educação Física (Moreira; Santos; Couto, 2017; Moreira; Nunes, 2019)

Os artigos encontrados sobre RS da Educação Física, tendo a mídia como referência, trazem Antunes e Castro (2021) além da RS da EF como componente curricular (2022), ambas no site UOL. Em uma análise da imagem da EFE, Costa, Rodrigues e Santos (2019) trazem reflexões sobre as exibições no programa televisivo Esporte Espetacular. Por último, Goes e Pinheiro (2019) analisam as imagens disponibilizadas em websites sobre o profissional de Educação Física Escolar.

Em relação às RS nas diferentes etapas de ensino da Educação Básica, na Educação Infantil, os artigos trazem Martins, Souza e Mello (2020) com uma reflexão sobre a presença masculina nesta fase, enquanto Mello e col. (2022) abordam a questão da aula de EF na Educação Infantil. Já, Oliveira e col. (2024) e Da Silva e Cabanas (2024), trazem as perspectivas observadas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I. No Ensino Fundamental e Médio, Savarezzi, Novaes e Gimenez (2019) analisam a RS do componente curricular EF, na perspectiva dos estudantes.

Loureiro, Caparroz e Bracht (2015) trazem a questão da Formação Continuada e as RS de professores da rede estadual do Espírito Santo.

Na sequência, foram identificados artigos com relação a docentes que já tiveram ou estão na carreira. Baptista e Baptista (2019) analisaram a opinião de professores ao escolherem suas carreiras. O estudo de Souza e Silva (2019) identifica as RS sobre a EF e o lazer e a forma como isso impacta na prática pedagógica. Relacionado à documentação normativa vigente, Lima dos Santos e Pereira Filho, (2021) identificaram as RS dos docentes de EF sobre a Base Nacional Comum Curricular.

Foram encontradas ainda, cinco revisões bibliográficas, Sousa e col. (2018) analisaram a utilização da Teoria das Representações Sociais pelo campo acadêmico da EF entre os anos 2004 e 2016. Souza e Benites (2021) analisaram teses e dissertações sobre a temática. Sobre a “profissão de Educação Física” (Antunes; Castro, 2020) realizaram uma revisão de literatura. Na continuidade, Triani (2022) faz seu estudo nos principais periódicos de educação física. Por fim, Gonçalves e Silva (2021), realizam uma revisão de literatura no Google Acadêmico entre os anos de 2000 até 2021.

A resenha do livro “Educação física escolar: as representações sociais” (Barbosa, 2001), realizada por Triani, Freitas e Novikoff (2016), também foi publicada e compõe essa revisão.

Para encontrar ainda, teses e dissertações relacionadas com as RS e EF, foi utilizado o Catálogo de Teses e Dissertações, também da CAPES. Os dados obtidos foram inseridos no Zotero de forma manual, para dinamizar a análise. Inicialmente foram encontradas 52 produções acadêmicas, sendo que após análises, 13 foram consideradas adequadas. Destas, 12 são dissertações para obtenção do título de Mestrado e, uma tese para o título de Doutorado.

Entre as dissertações encontradas sobre as RS na perspectiva de professores temos sobre a EF na Educação Infantil, o trabalho de Jesus (2014). A partir da etnografia, Medeiros (2016) também avaliou a visão dos professores de EF. No ensino superior, Santos (2021) em sua tese faz sua análise com professores das licenciaturas em EF.

O autor Guarinon (2016) considerou as RS de alunos do Ensino Médio. Sales (2018) buscou as RS na de acordo com os discentes, de espaços formais e não formais de educação. Ainda com enfoque nos alunos, Silva (2019) traz a análise das RS de crianças que concluíram o Ensino Fundamental I e ingressam no 6º ano no

Ensino Fundamental II. Na visão de crianças que concluíram os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, temos Oliveira (2022).

Outros estudos buscaram as RS de vários sujeitos da comunidade escolar, como é o caso de Engerof (2017), sobre as RS da EF no Ensino Médio. Também, Varanda (2018) analisa a perspectiva de alunos, docentes e gestores.

Por fim, Souza (2019), realiza uma pesquisa documental e bibliográfica acerca da Gestão em relação à EF, identificando suas representações sociais. Silva (2023) faz a revisão de documentações buscando fazer uma comparação com as instruções recebidas pelos docentes e as suas respectivas práticas. O trabalho de Silva (2023) foi posteriormente publicado (Silva; Cabanas, 2024). Outra dissertação que também foi encontrada como periódico é o de Savarezzi (2017), tendo sido publicado em 2019 (Savarezzi; Novaes; Gimenez, 2019).

Figura 2 - Síntese de temas e autores da revisão bibliográfica.

Tema	Autores	Objetivo/Contribuição
Discentes sobre Educação Física	Freitas, Triani e Novikoff (2017)	Análise das representações sociais (RS) de estudantes do Ensino Médio sobre a Educação Física.
	Krug e col. (2017a, 2017b)	Investigação das RS de acadêmicos sobre o curso de Licenciatura e sobre o papel de ser professor.
	Kimura, Cardoso e Nascimento (2021)	RS de estudantes de diferentes cursos (Letras, Matemática, Pedagogia) sobre suas formações.
	Triani e col. (2017)	Perspectiva de graduandos sobre a formação de professores em EF.
	Missias Moreira, Nunes (2019); Santos e Couto (2017)	RS de estudantes de Pedagogia sobre Educação Física.
	Triani, Novaes e Telles (2023)	Comparação das RS no início e final do curso de Licenciatura em EF.

Mídia e Educação Física	Antunes e Castro (2021); Costa e col. (2019); Goes e Pinheiro (2019)	Reflexões sobre a representação da EF na mídia e na internet.
Ensino Básico e Educação Física	Martins e col. (2020); Mello e col. (2022)	RS na Educação Infantil e reflexões sobre a presença masculina nessa etapa de ensino.
	Oliveira e col. (2024); Silva e Cabanas (2024)	Perspectivas sobre os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.
	Savarezzi e col. (2019)	RS do componente curricular EF nos Ensinos Fundamental e Médio.
Docentes e Formação Continuada	Loureiro, Caparroz e Bracht (2015)	RS de professores sobre formação continuada no Espírito Santo.
	Souza e Silva (2019); Lima e Pereira (2021)	RS sobre lazer e impacto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na prática docente.
	Baptista e Baptista (2019)	Análise da opinião de professores sobre a escolha da carreira.
Revisões Bibliográficas	Sousa e col. (2018); Souza e Benites (2021); Triani (2022); Antunes e Castro (2020)	Revisões de literatura sobre RS na EF e uso da Teoria das Representações Sociais no campo acadêmico.
	Gonçalves e Silva (2021)	Revisão de literatura no Google Acadêmico sobre RS na EF (2000-2021).
Teses e Dissertações (CAPES)	Jesus (2014); Medeiros (2016); Santos (2021)	Análise das RS na perspectiva de professores e licenciados em EF.
	Sales (2018); Silva (2019); Oliveira (2022)	RS de discentes sobre transições no Ensino Fundamental e espaços formais e não formais de ensino.

	Varanda (2018); Engerof (2017)	RS de diferentes atores escolares (alunos, docentes, gestores) sobre a EF.
	Souza (2019); Silva e Cabanas (2024)	Análise documental sobre Gestão e EF, alinhamento entre orientações e práticas docentes.

Fonte: a autora.

Diante da revisão bibliográfica, percebo que este estudo demanda principalmente de práticas, ações e reflexões que busquem provocar individual e coletivamente, o profissional e o meio que ocupa, sobre o conhecimento constituído e em construção da área da Educação Física Escolar. Neste sentido, incluo a seguir uma possibilidade deste cenário.

3.3 Cultura corporal de Movimento

Existe uma trajetória percorrida pela área da EFE até consolidar a cultura corporal de movimento, como objeto de conhecimento adequado para o desenvolvimento da área e a contribuição para a formação dos estudantes. Darido (2003), realiza uma extensa explanação sobre as abordagens pedagógicas da Educação Física, contribuindo acentuadamente para o entendimento destes momentos históricos e a maneira com que a área foi sendo construída. Uma síntese formulada por Darido (2003), é encontrada neste trabalho no Anexo C.

Para (Soares e *col.*, 1992), a cultura corporal está associada aos conteúdos e à própria perspectiva de Educação Física, buscando superar a ideia de aptidão física, englobando a contextualização da diversidade das práticas corporais:

[...] Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal (p. 50).

A partir da visão de Elenor Kunz (1994), há uma crítica ao uso do termo cultura corporal, por entender que reforça a dualidade entre corpo e mente, quando se remete a uma cultura do corpo, subentende-se que há então, uma cultura da mente, separada

do corpo. Kunz (1994) propõe então o termo “cultura de movimento”, no ímpeto de evitar a dicotomia corpo x mente.

A cultura corporal de movimento, é apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como um tipo de conhecimento, trazendo como temas “[...] o jogo, a ginástica, o esporte, a dança, a capoeira e outras temáticas que apresentarem relações com os principais problemas dessa cultura corporal de movimento e o contexto histórico-social dos alunos” (Brasil, 1998, p. 26).

Batista e Betti (2005) demonstram sua concordância sobre o que diz Bracht (1999), acerca da cultura corporal de movimento:

[...] Bracht (1999) resumiu bem o novo foco de toda proposição de educação física escolar que derive de uma abordagem crítica: tomar a cultura corporal de movimento como objeto da educação física implica avançar do fazer corporal para um saber sobre o movimentar-se do ser humano, o qual deve ser incorporado pela educação física (na escola) como um saber a ser transmitido (aos alunos) (p. 145).

Já a BNCC, atual documento oficial balizador para as construções curriculares da educação básica em todo o país, utiliza o termo práticas corporais como manifestações da cultura corporal de movimento, denominando-as na organização curricular, como unidades didáticas, sendo elas jogos e brincadeiras, lutas, esportes, danças, ginásticas e práticas corporais de aventura.

Nas aulas, tais práticas devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade (Brasil, 2018, p. 171).

A partir desta breve apresentação sobre os termos “cultura corporal”, “cultura de movimento” e “cultura corporal de movimento”, adotaremos, neste trabalho, a expressão cultura corporal de movimento, um termo adequado para se referir ao objeto de estudo da Educação Física que rompe com estigmas restritos à aptidão física e à área biológica de promoção de saúde, de forma a contemplar a importância do saber histórico construído, a necessidade de entendimento e crítica aos diversos campos que compõe a EF escolar.

3.4 Letramento em Cultura Corporal de Movimento

No Brasil, na década de 1980, o termo alfabetização parecia não acompanhar as discussões e a importância da criticidade no processo de aquisição das habilidades de leitura e escrita. Observou-se a necessidade de um termo que abarcasse esse desenvolvimento considerando “[...] aspectos sócio-históricos dos usos da escrita, sem as conotações sobre ensino e escola associadas à palavra alfabetização” (Kleiman, 2005, p. 21).

Os termos alfabetização, letramento e literacia, têm sido utilizados na área educacional, sendo alvos de discussões acerca da adequada aplicabilidade neste contexto (Shardosim; Alves, 2019; Gabriel, 2017). Neste escopo, Valente; Miki (2024), explicam:

[...]compreendemos que os conceitos de alfabetização, letramento e literacia não são idênticos, mas são interdependentes nas práticas formais de ensino e nas ações interativas e culturais de aprendizagem na vida em sociedade (Valente; Miki, 2024, p. 4).

O foco aqui é para “letramento” e “literacia”. Apesar de semelhantes, convém destacar que os dois termos derivam da tradução do inglês *literacy*. No português europeu, a tradução utilizada é a de literacia, enquanto no Brasil, utilizou-se letramento. Em uma entrevista, Clecio Bunzen elucidou:

[...] é bom lembrar de que a palavra “literacia”, empregada recentemente na PNA, não tem sido utilizada no Brasil. Assumimos aqui, por influência das investigações científicas no campo da Educação, da Linguística e da Linguística Aplicada, o neologismo “letramento”. Historicamente, a palavra “letramento” se popularizou ancorada na tradução da palavra *literacy*, mas com destaque para os significados dados pelos Novos Estudos do Letramento (New Literacy Studies) de base antropológica, com foco etnográfico e sociolinguístico (Castro, 2019).

Ao conduzir a pesquisa buscamos estabelecer relação com o conceito de letramento, popularizado no Brasil através do trabalho e estudos da educadora brasileira Magda Soares:

Letramento é palavra que corresponde a diferentes conceitos, dependendo da perspectiva que se adote: antropológica, linguística, psicológica, pedagógica. É sob esta última perspectiva que a palavra e o conceito são aqui considerados, pois foi no campo do ensino inicial da língua escrita que letramento – a palavra e o conceito – foi introduzido no Brasil. Posteriormente, o conceito de letramento se estendeu para todo o campo do

ensino da língua e da literatura, e mesmo de outras áreas do conhecimento (Soares, 2014).

A utilização do conceito de letramento tem sido aplicada em diferentes áreas, indicando uma compreensão reflexiva, crítica e prática, sobre temáticas diversas, como são os exemplos de letramento racial, letramento digital, letramento de gênero, letramento matemático, letramento em saúde etc.

Margaret Whitehead (2019) utiliza o termo *physical literacy*, voltado para o entendimento, valorização e apropriação pessoal do corpo e da atividade física. Traduzido como “Letramento Corporal”, o conceito da autora tem um viés importante com inclinação para a saúde.

O conceito e a prática da Alfabetização Corporal/Esportiva surgem como possibilidade de a escola e outros espaços educacionais tematizarem conhecimentos que possam ir além daqueles que se manifestam apenas pelas linguagens verbal ou escrita. No caso da Alfabetização Corporal/Esportiva, os gestos seriam a matéria-prima da inteligência motora, ou seja, os códigos de uma linguagem corporal que, ao longo do tempo, vai ganhando cada vez mais sentido e significado na vida das crianças. (D'Angelo, 2017, p. 131).

Em relação à obra de Whitehead, Moreira (2020) descreve os domínios do letramento corporal são: 1) motivação e confiança; 2) competência física; e 3) conhecimento e compreensão, que, bem desenvolvidos, terão como desfecho uma prática sustentável de atividades físicas ao longo da vida, ou seja, a adoção de um estilo de vida ativo e saudável por um sujeito corporalmente letrado. Desta forma, o conceito analisado não atende à demanda da intenção desta pesquisa.

Para designar uma compreensão ampla e necessária da EF, a palavra letramento será aplicada no contexto da cultura corporal de movimento para designar os conhecimentos pertinentes à área da EF escolar necessários para balizar o trabalho docente, a atuação, a comunidade escolar e a sociedade em geral, a fim de romper com associações limitadas em relação à EF, para que contemplem a sua pluralidade de conteúdos e possibilidades.

A sugestão de “Letramento em Cultura Corporal de Movimento”, emerge como uma possibilidade de promover conhecimentos básicos do objeto de conhecimento da EFE – Cultura corporal de Movimento - enquanto um dos fatores fundamentais para compreender a relevância da área. A novidade na utilização do termo é a possibilidade de empregá-lo na formação continuada, abarcando as possibilidades de

conhecimentos que devem balizar o entendimento e a atuação docente na área da EFE, contemplado a comunidade escolar. Buscando provocar um processo de conscientização, instigando que ao se pensar em EFE, haja o entendimento e o respeito à área e aos profissionais. O termo conscientizar aqui empregado, tem como perspectiva a explanação sobre o entendimento de Paulo Freire, por Freitas (2001, p. 147):

E, pois, através da conscientização que o homem assume o papel de sujeito e o seu compromisso histórico num processo de fazer e refazer o mundo, dentro de possibilidades concretas, fazendo e refazendo também a si próprio. Tal processo exige ação-reflexão em movimento permanente de superação da posição ingênua frente à realidade, aquela que ocorre da forma espontânea de aproximação do mundo.

A ideia é que um grupo ou pessoa que tenha tido contato com o Letramento em Cultura Corporal de Movimento, tenha parâmetros para enxergar a potencialidade e sejam capazes de praticar uma visão crítica e aliada à EFE, estimulando o respeito à área e ampliando oportunidades de trabalhos em parceria.

Tendo definido conceitos importantes que serão utilizados no decorrer deste trabalho como cultura corporal de movimento, letramento em cultura corporal de movimento, bem como um breve panorama da EFE atual, na continuidade apresentaremos que caminhos foram percorridos para a coleta e análise de dados da pesquisa

3.5 De onde viemos?

O Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) específico, apesar de não ser declarado obrigatório, é adotado em alguns lugares e em algumas redes de ensino. Assim, docentes de áreas específicas como Educação Física (EF), Linguagens Artísticas (LA), Educação Especial (AEE) e Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), realizam, em datas pré-determinadas, formações nas suas próprias áreas. Os encontros são realizados uma vez por mês, e os demais HTPC acontecem nas escolas com as suas respectivas coordenações gerais.

O HTPC específico para a Educação Física no município passou por diferentes momentos, tendo sido implementado em 2011, suspenso em 2022 e retomado novamente em 2023. Este encontro é feito em local pré-estabelecido, atualmente na SEMEC, com reuniões e formações sob o comando de um Coordenador Específico,

formado na área, efetivo na rede como professor de EF, que ocupa o cargo em comissão (designado pela administração vigente).

Alguns trabalhos já foram desenvolvidos nesta cidade com o grupo de professores de Educação Física. Outras duas egressas de cursos de pós-graduação da UFSCar e moradoras da cidade, realizaram suas pesquisas com o grupo, além do meu trabalho de conclusão de curso realizado na graduação, que serão abordados a seguir.

O trabalho de Silva (2017), foi realizado com docentes de Educação Física e com pedagogos(as), além de pessoas em cargo de gestão. Através de questionários e entrevistas, a autora buscou entender as influências na participação de estudantes nas aulas de Educação Física, questionando a interferência na autonomia do docente de EFE, em sua área de atuação, com estudantes sendo retirados das aulas de maneira punitiva, por pedagogos, gestores e demais funcionários da escola.

Zanotto (2019), em sua tese de doutorado, realizou a pesquisa com os docentes de Educação Física deste município, com o objetivo de “analisar o conhecimento pedagógico do conteúdo de professores na Educação Física Infantil, na perspectiva de compreender como a base de conhecimentos para o ensino organiza a prática pedagógica, como formação continuada” (Zanotto, 2019, p. 15). A autora realizou a pesquisa em dois momentos, primeiro, promovendo uma atividade de extensão com 12 encontros nos HTPCs, em que participavam todos os docentes que lecionavam na Educação Infantil, no segundo semestre de 2017. A segunda fase, ocorreu em 2019, com entrevistas com 4 docentes, que atuavam naquele ano nas fases da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, além de concordarem participar da entrevista. Os resultados desta pesquisa apontaram para o conhecimento experiencial dos professores sobre a EF na Educação Infantil e a criança, em que os docentes consideram a realidade e o entorno, no entanto, não possuem aprofundamento teórico científico acerca das infâncias

A última pesquisa que apresento é a dissertação de mestrado de Oliveira (2021) “O HTPC específico de professores de Educação Física: contribuições para a prática educativa na pré-escola”. O trabalho de Oliveira, se trata de uma pesquisa qualitativa, realizadas com o grupo de professores de EFE e teve a coleta realizada, primeiramente, em observações das reuniões de HTPC específico e depois, por um grupo focal com 5 participantes que mais tiveram participação nas reuniões. Como resultados, a pesquisa apresenta a importância de encontros de formações coletivas

e específicas para as discussões, construções, reflexões que implicam positivamente na atuação pedagógica.

Os estudos realizados na área da EFE na rede em questão, tiveram diferentes abordagens e proposições, no entanto, convergem na utilização do HTPC para realizar coletas e discussões. Este é o horário que é possível reunir os docentes de EFE sem prejuízo de suas cargas horárias, possibilitando uma adesão mais significativa nas participações.

No estudo presente, há a intenção de coletar dados ao mesmo tempo que se promove o fortalecimento do grupo através do diálogo e das trocas de experiências, que, por vezes, é secundarizada, em virtude das demandas nos HTPCs.

Seguimos para a próxima seção, que tratará dos aspectos metodológicos que alicerçaram o desenvolvimento da pesquisa.

4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA – O FIO DA MEADA

4.1 Para onde vamos?

Considerando o objetivo principal deste estudo que é identificar e analisar as representações sociais de docentes de Educação Física e pedagogos acerca da EFE buscando traçar possíveis intervenções para atuação em relação à cultura escolar e suas implicações na área, temos que este será pautado na abordagem qualitativa que, segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 49) “[...] exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo”.

Desenvolver uma pesquisa qualitativa envolve responder a questões muito particulares, relacionadas com um ser humano que reflete sobre a realidade vivida e compartilhada (Minayo, 2023)⁸.

Godoy (1995), aponta que “[...] segundo essa perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada” (p. 21).

Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizada a metodologia descrita por Bogdan e Biklen (1994), no capítulo sobre as “abordagens pedagógicas da investigação qualitativa” (p. 283), em que se observa aplicações da investigação qualitativa especificamente na área escolar, reforçando a utilização do termo “investigação” como forma de atenuar o aprofundamento das questões do estudo. O autor e a autora traçam aproximações relevantes para com o universo escolar e a formação de professores, salientando a importância de considerar as opiniões, vivências e experiências das pessoas pesquisadas, sendo que “O objectivo não é o juízo de valor; mas, antes, o de compreender o mundo dos sujeitos e determinar como e com que critério *eles* o julgam” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 287).

Adotar a investigação qualitativa, possibilita explorar questões através da observação; do diálogo e da busca de pontos comuns e divergentes entre o grupo. “A ênfase interaccionista simbólica na compreensão da forma como um conjunto de pessoas, numa determinada situação, dá sentido ao que lhes está a acontecer,

⁸ Republicação no formato Epub, na Plataforma Pearson. A primeira edição no formato físico data do ano de 1994.

encoraja uma compreensão empática dos diferentes pontos de vista” (Bogdan; Biklen, p.291).

A pesquisa foi realizada com docentes da rede de ensino pública municipal de uma cidade do interior de São Paulo, que contém 13 escolas em funcionamento, geridas pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) e que atende cerca de quatro mil estudantes desde a Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental, inclusive na modalidade de Educação de Jovens Adultos, de acordo com dados do Censo Escolar 2023⁹.

4.2 Universo da Pesquisa

A rede municipal em que foi realizada a pesquisa, possui cerca de 359 docentes, entre pedagogos, professores específicos e ocupantes de cargo de gestão. Para contemplar a multiplicidade dos integrantes da comunidade escolar, o público-alvo foi formado por 15 docentes de Educação Física da rede de ensino pública municipal em que se realizou a pesquisa. Foram convidados ainda pedagogos e pedagogas atuantes na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental e pessoas que compõem a gestão escolar, a fim de identificar as percepções e ações que envolvem a prática da EFE. Os critérios para a participação na pesquisa contemplaram: vínculo empregatício efetivo ou temporário, independente do tempo de atuação, junto a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC), no caso de docentes e gestores, além de concordância em fazer parte da coleta de dados e, indispensavelmente, a leitura, assinatura e entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice A e B). Os critérios de exclusão da participação da pesquisa envolveram o não vínculo empregatício efetivo ou temporário com a rede municipal de educação, desinteresse em participar, impossibilidade de responder ao questionário e, no caso dos docentes de EF, a ausência em dois ou mais encontros, para as rodas de conversa

Para todos os participantes (docentes pedagogos e específicos e gestores), foram utilizados questionários com questões abertas e fechadas, enviados via formulários *online* (Apêndice D e E), através de divulgação pelos canais de contato das unidades escolares e da SEMEC. As questões foram previamente apreciadas por

⁹ Fonte: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>.

uma comissão da SEMEC e autorizadas (Anexo B) mediante adequações necessárias para melhor entendimento. A participação foi voluntária, isto é, a qualquer momento o participante poderia decidir continuar a preencher o questionário, se desejasse desistir da participação durante ou após o preenchimento, poderia retirar seu consentimento sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Considerou-se também a possibilidade de riscos inerentes à participação em pesquisa realizada em ambiente virtual, tais como quebra de sigilo e/ou violação de confidencialidade. Para minimizar estes riscos, a professora-pesquisadora se responsabilizou pelo armazenamento adequado dos dados coletados, bem como os procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações dos participantes da pesquisa. Para isso, uma vez concluída a coleta de dados, a professora-pesquisadora fez o *download* dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou armazenamento em “nuvem”¹⁰.

A utilização de questionário possibilita a coleta de “[...] informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.” (Gil, 2008, p. 121).

Construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para descrever as características da população pesquisada ou testar as hipóteses que foram construídas durante o planejamento da pesquisa (Gil, 2008, p. 121).

Além dos questionários, foi realizada uma coleta específica com os docentes de EFE foi realizada em 5 encontros de Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), com duração aproximada de 2 horas cada, com professores e professoras de Educação Física atuantes na rede de ensino pública municipal, designado de Grupo Educação Física (GEF).

A autora e pesquisadora deste trabalho fez os devidos encaminhamentos e intervenções para possibilitar fluidez à conversa, utilizando dinâmicas e situações hipotéticas para a disparar as discussões. Houve um roteiro de temas disparadores

¹⁰ A nuvem não é uma entidade física, mas uma vasta rede de servidores remotos ao redor do globo que são conectados e operam como um único ecossistema. Esses servidores são responsáveis por armazenar e gerenciar dados, executar aplicativos e fornecer conteúdos ou serviços, como transmissão de vídeos, webmail, software de produtividade ou mídias sociais: <https://azure.microsoft.com/pt-br/resources/cloud-computing-dictionary/what-is-the-cloud/>

(Apêndice C) para iniciar as discussões, elaborado pela pesquisadora e, posteriormente, adaptado aos temas surgidos pelos participantes, para os encontros que seguiram. As questões trataram de temas comuns ao cotidiano docente na EF e as discussões tiveram os áudios gravados na íntegra após o consentimento de todos os participantes.

Para a coleta de dados com o GEF, na intenção de promover interações, partilhas de conhecimento, com trocas de qualidade, optou-se por utilizar também a roda de conversa (Warshauer, 2001) como instrumento de coleta de dados. Este instrumento possibilita o envolvimento e a identificação imediata dos participantes com os temas surgidos, além de permitir a utilização de dinâmicas de grupo e situações problema, como forma de provocar discussões.

A Roda de Conversa é, dentro da pesquisa narrativa, uma forma de coleta de dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão. É, na verdade, um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, mediante diálogos internos, e, ainda, no silêncio observador e reflexivo (Moura; Lima, 2014, p. 25).

As rodas de conversa trazem a possibilidade de elaboração do conhecimento através de diálogos. Para Warschauer (2001, p. 300) “Cada um, com sua história individual, suas características e talentos singulares, contribui na construção partilhada de uma história comum”.

A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob o parecer nº: 6.962.044 ([Anexo A](#)).

Os possíveis riscos na participação desta pesquisa envolveram timidez dos participantes ao responder ou dar sua opinião durante as rodas de conversa e respostas ao questionário. Para mitigar esse possível desconforto a professora-pesquisadora se comprometeu em proporcionar um ambiente seguro, inclusivo e acolhedor, assegurando a confidencialidade dos sujeitos, com a utilização de codinomes, de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndices A e B).

4.3 Análise dos dados

Como ferramenta para auxiliar na análise dos dados, foi utilizado o *software Iramuteq (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires)*, versão 0.8a7, criado por Pierre Ratinaud.

É um software gratuito de código fonte aberto, licenciado por GNU GPL (v2), que utiliza o ambiente estatístico do software R. Assim como os outros softwares de fonte aberta, ele pode ser alterado e expandido por meio da linguagem Python (www.python.org) (Salviati, 2017, p. 4).

Com o Iramuteq é possível realizar vários tipos de análises textuais, entre elas a Análise de Similitude, que gera uma imagem representando as palavras mais repetidas dentro do corpus textual inserido e as suas conexões de sentido, com ligações feitas por arestas que se assemelham a galhos ou raízes de árvores. Salviati (2017, p. 69), explica que a Análise de Similitude “auxilia o pesquisador na identificação da estrutura da base de dados (corpus), distinguindo as partes comuns e as especificidades, além de permitir verificá-las em função das variáveis descritivas existentes”.

A escolha do Iramuteq se deve, inicialmente, por ser uma ferramenta que pode agilizar a exploração do material coletado, possibilitando a visualização de esquemas em formato de imagens que contribuem com as ideias para a análise. Além disso, o fato deste *software* ser um recurso aberto, com funcionalidades gratuitas, que seriam pagas em outros programas, também foi um fator relevante para a escolha. Por fim, o interesse pessoal na exploração dessa ferramenta, também motivou a escolha.

Para a apreciação dos dados foi utilizada a Análise de Conteúdo que “Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (Bardin, 1977, p. 31).

A utilização de ferramentas tecnológicas no suporte à análise de dados, é uma crescente nas pesquisas qualitativas. As autoras Mozzato e Grzybovsky (2011), sinalizam que essa tendência tem ocorrido desde 1980 e enfatizam que essas ferramentas podem auxiliar, mas não realiza toda a análise. Bardin (1977), aborda a possibilidade do tratamento informático de dados por ordenadores, que nesse caso é

o Iramuteq. Destaque para o fato de que a utilização de *softwares* auxiliares à análise, não dispensa o pesquisador da realização das inferências e interpretações críticas.

Alguns exemplos de estudos que utilizam o Iramuteq em análises qualitativas são encontrados em Rabelo (2021), Castro Neta e Cardoso (2021), Oliveira e Barbosa (2023), Sousa e col. (2020), entre outros.

A análise de conteúdo, segundo Bardin (1977), é realizada considerando três fases: a) a pré-análise; que inclui uma análise inicial dos dados obtidos delineando possíveis categorias e iniciando a escrita do texto ; b) a exploração do material, que consiste em preparar o acesso à literatura que dará apoio à próxima fase; c) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, nesta fase há a elaboração do texto de análise, utilizando-se dos dados obtidos na “fase a” e do material levantado na “fase b”.

Na pré análise, foram consideradas as respostas aos formulários, que foram organizadas em planilhas, para a realização da leitura flutuante e elaboração e edição do corpus textual, que foi inserido no Iramuteq.na fase de exploração do material. Nessa fase de exploração, foram geradas Análises de Similitude (AS) no Iramuteq. A escolha da AS, deve-se à possibilidade de visualização de palavras em conjuntos e suas relações, o que viabiliza uma inferência interpretativa, junto à leitura do material.

As análises foram geradas, a partir de blocos de respostas que se identificavam quanto a especificidades das respostas ao formulário:

Figura 3 - Identificação das Análises de Similitude geradas com o Iramuteq

Análise de Similitude	Tema das respostas no formulário
Figura 5	Lembranças em relação à EFE
Figura 6	Percepções atuais sobre a EFE
Figura 7	Conhecimento sobre a cultura corporal de movimento
Figura 8	Função da EFE
Figura 9	Possibilidades de trabalhos em conjunto
Figura 10	Percepções sobre o HTPC
Figura 11	Materiais - Específico para EFE

Fonte - A autora

Os áudios da coleta das rodas de conversa, foram transcritos (Apêndice F) e analisados pela professora pesquisadora, destacando falas que estabeleciam relações com os temas das AS, como forma de triangulação de dados, que conforme explicita Flick (2009):

A triangulação pode ser aplicada como uma abordagem para fundamentar ainda mais o conhecimento obtido por meio dos métodos qualitativos. Fundamentação, aqui, não significa avaliar os resultados, mas ampliar e complementar sistematicamente as possibilidades de produção do conhecimento (Flick, 2009, p. 362).

A partir dessa fase, foi iniciada a categorização das seções, associando trechos relevantes das Rodas de Conversa, à discussão dos dados, que apresentaram relevância para os objetivos da pesquisa.

Na seção cinco, serão apresentados os participantes, tanto dos formulários quanto das rodas de conversa, seguido de uma síntese das rodas de conversa e na sequência a discussão e análise dos dados.

5 - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

As subseções 5.1 e 5.2, estão voltadas para o conhecimento dos participantes da pesquisa e de uma síntese da coleta através das Rodas de Conversa (RC) realizadas nos cinco encontros. Na sequência, as categorias estão apresentadas na forma de ditados populares, com algumas adequações, buscando estabelecer relação a elementos que temos reproduzido e que talvez nem saibamos quando ou como foi que interiorizamos.

5.1 – Caracterização dos participantes

O formulário, junto ao convite, foi disparado nos grupos das escolas, com reforços mensais, solicitando a participação de todos os docentes. As respostas ao formulário online, que contribuem com a caracterização dos participantes da pesquisa, foram resumidas em quadros e gráficos que serão apresentados e explicados a seguir.

Quadro 1 – Participantes – Docentes Específicos de Educação Física.

ÁREA DE ATUAÇÃO	APELIDO	IDADE	SEXO	VÍNCULO	ESCOLARIDADE	TEMPO DE DOCÊNCIA (EM ANOS)
Educação Física	Maila	43	Feminino	Efetivo	Licenciatura em Educação Física	16
	Dona professora	43	Feminino	Efetivo	Licenciatura em Educação Física	16
	Dona	34	Feminino	Efetivo	Licenciatura em Educação Física	8
	Minions	54	Feminino	Efetivo	Licenciatura em Educação Física e em Pedagogia Pós Educação Especial	8
	Neli	41	Feminino	Efetivo	Licenciatura em Educação Física	16

	Neni	58	Masculino	Efetivo	Licenciatura em Educação Física e Pedagogia	21
	Dante	48	Masculino	Efetivo	Licenciatura em Educação Física e Pedagogia	20
	Lenon	23	Masculino	Temporário	Licenciatura em Educação Física	4 meses
	Ax	35	Masculino	Efetivo	Licenciatura em Educação Física	9
	Cross		Masculino	Temporário	*Não respondeu ao formulário	
	Lock		Masculino	Efetivo	*Não respondeu ao formulário	
	Maria		Feminino	Temporário	*Não respondeu ao formulário	

Fonte - A autora

Participaram desta pesquisa 12 docentes de Educação Física, sendo 6 mulheres e 6 homens, com idades que variam de 23 a 58 anos. O tempo de experiência na docência, deste grupo, variou de 4 meses até 21 anos. Quanto ao vínculo empregatício, apenas 3 possuíam contrato temporário, enquanto os demais eram efetivos na rede. As respostas quanto a formação acadêmica mostra que 3 docentes são também formados em Pedagogia, destes apenas um possui pós-graduação na área de Educação Especial. Os docentes Cross, Lock e Maria não responderam ao questionário, porém participaram da outra etapa da coleta.

Quadro 2 - Participantes - Docentes específicos de Linguagens Artísticas

ÁREA DE ATUAÇÃO	APELIDO	IDADE	SEXO	VÍNCULO	ESCOLARIDADE	TEMPO DE DOCÊNCIA (EM ANOS)
Linguagens Artísticas	Lice	26	Feminino	Efetivo	Licenciatura em Artes	1 ano e 6 meses
	Tomas	33	Masculino	Efetivo	Licenciatura em Música	2

Fonte - A autora

A participação de docentes específicos, contou também com 2 participantes da área de Linguagens Artísticas, com experiência na docência de 1 ano meio e 2 anos. Sendo uma mulher, licenciada em Artes e um homem, licenciado em música, ambos com vínculo efetivo na rede da pesquisa, e com idade de 26 e 33 anos, respectivamente. As pessoas que não participaram, mesmo tendo sido convidadas, ocupavam cargos designados de gestão (3) e 1 não participa dos HTPC.

Quadro 3 - Participantes - Docentes pedagogos

ÁREA DE ATUAÇÃO	APELIDO	IDADE	SEXO	VÍNCULO	ESCOLARIDADE	TEMPO DE DOCÊNCIA (EM ANOS)
Professor de Educação Básica I (Educação Infantil e Ensino Fundamental)	Aretha	57	Feminino	Efetivo	Mestrado EE	20
	Atena	45	Feminino	Efetivo	Pedagogia	27
	Bella	27	Feminino	Efetivo	Pedagogia	1 ano e 6 meses
	Cacá	46	Feminino	Efetivo	Pedagogia	25
	Georgia	34	Feminino	Efetivo	Pedagogia	12
	Ico	38	Masculino	Efetivo	Pedagogia	6
	Iris	51	Feminino	Efetivo	Pedagogia	27
	Jeny	32	Feminino	Efetivo	Pedagogia	9
	Joana	48	Feminino	Efetivo	Magistério	17
	Joline	41	Feminino	Temporário	Pedagogia	2
	Juci	41	Feminino	Efetivo	Pedagogia	16
	Neide	54	Feminino	Efetivo	Pós	25

	Sol	53	Femi nino	Efetivo	Pedagogia	22
--	-----	----	--------------	---------	-----------	----

Fonte - A autora

A pesquisa contou ainda com 13 respondentes do formulário, que são pedagogos e pedagogas, atuantes na Educação Infantil (I e II Etapas) e Ensino Fundamental I, sendo 12 mulheres e um homem. Com idade mínima de 27 anos e máxima de 57 anos, apenas uma pessoa possui vínculo temporário com a rede. Há uma variação no tempo de experiência docente de no mínimo 1 ano e meio e o máximo 27 anos. Uma participante possui mestrado em Educação Especial e a outra não indicou a área de sua pós-graduação.

Quadro 4 - Participantes - Docentes pedagogos em cargos de gestão

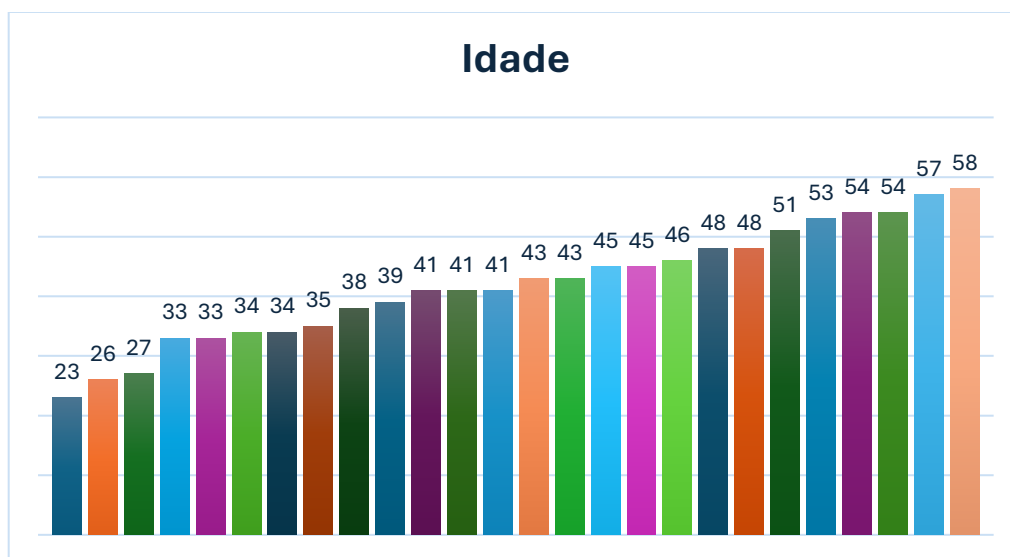
ÁREA DE ATUAÇÃO	APELIDO	IDADE	SEXO	VÍNCULO	ESCOLARIDADE	TEMPO DE DOCÊNCIA (EM ANOS)
Gestão	Flor	45	Femi nino	Efetivo *	Pedagogia	25
	Lore	39	Femi nino	Efetivo *	Pós Neuro psicopedagogia	20

Fonte – A autoria própria.

Foram duas participações de gestoras, pessoas que estavam em cargos designados¹¹ de gestão, e que são também, pedagogas com vínculo efetivo na rede há mais de 8 anos (pré-requisito para poder ocupar um cargo na gestão). Com 39 e 45 anos, são professoras há 20 e 25 anos respectivamente, sendo que apenas uma possui pós-graduação, esta na área de Neuro psicopedagogia.

¹¹ Cargos designados, comissionados, ou de confiança, são ocupados por pessoas escolhidas pela administração vigente do município. Até o ano de 2024, a ocupação dos cargos de gestão na Educação Municipal, nesta cidade, é feita por indicação política da administração municipal.

Figura 4 – Idade dos participantes que responderam ao formulário.

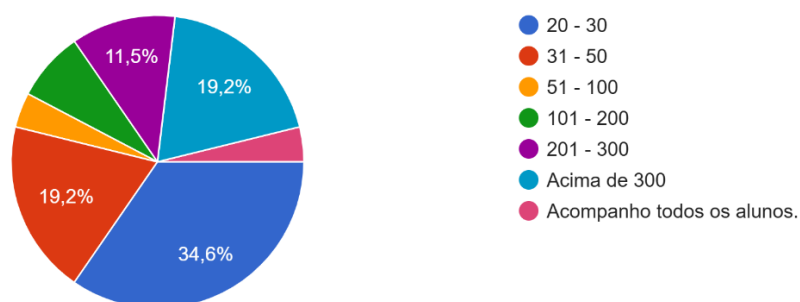


Fonte – Autoria própria.

A idade dos participantes varia de 23 até 58 anos, com uma média aproximada de 42 anos. Grande parte das respostas são de docentes mulheres e a predominância do tipo de vínculo empregatício é o efetivo, sendo que apenas duas pessoas com contratação temporária, responderam.

Figura 5 - Quantidade de alunos em média.

9 - Para quantos alunos em média, você leciona? (Considerando apenas esta rede municipal)
26 respostas



Fonte – Autoria própria.

Neste gráfico, podemos perceber que 34,6 (9 respostas), têm em média de 20-30 alunos; 19,2% (5) têm de 31 a 50 alunos; estes são representados por professores generalistas. Enquanto os professores de Educação Física, representam ter de 100 a

mais de 300 alunos. A situação dos professores de Linguagens Artísticas é similar. As duas respostas relacionadas à gestão, indicam que acompanham todos os alunos da escola. As diferenças são atribuídas à carga horária mínima, já que PEBI atribuem uma turma, enquanto professores de EF atribuem no mínimo 10 turmas, com 2 aulas para cada turma na semana. Já docentes de LA tem apenas uma aula em cada turma durante a semana.

No decorrer da pesquisa as Rodas de Conversa, são referendadas como R1, R2, R3, R4 e R5, indicando a sequência da realização delas, para identificar os trechos de falas que ocorreram durante a sua realização.

5.2 - Síntese das rodas de conversa

Os encontros foram realizados na Secretaria Municipal de Educação e seguindo a organização dos HTPC específicos. Nos dias 4 de setembro e 2 de outubro de 2024, o coordenador específico não pode acompanhar as rodas de conversa. Em tais situações, as rodas ocorreram em um espaço alternativo já que a sala de reuniões estava sendo utilizado por outros grupos.

No primeiro encontro, estiveram presentes docentes de EFE e Linguagens Artísticas (LA). No ano da pesquisa as áreas foram coordenadas pela mesma pessoa. Foi realizada, neste encontro, a apresentação da pesquisa bem como o convite para a participação das discussões, seguido da entrega dos TCLE. Apenas 2 pessoas não realizaram a confirmação da participação nas rodas, pois acreditavam que não seriam liberadas se não fosse uma convocação do coordenador, por terem demandas burocráticas a cumprir na própria unidade escolar. Neste encontro as pessoas participantes puderam tirar dúvidas, fazer questionamentos e dar sugestões, além disso envolveu apresentar o programa de mestrado profissional em que a pesquisadora está inserida, buscando motivar os colegas sobre essa possibilidade de formação continuada.

No segundo encontro, foi desenvolvida uma dinâmica em que os participantes, em um exercício de memória, tinham que representar através de um desenho os materiais com os quais contavam em suas unidades escolares e o espaço, ou espaços, que utilizavam para lecionar. Após fazer o desenho, eles foram trocados entre si pelos colegas, o que possibilitou que todos conhecessem as realidades uns

dos outros, identificando diferenças e similaridades nas dificuldades e nas possibilidades. As produções podem ser encontradas no Anexo E.

Quadro 5 - Relação dos encontros para a coleta com o GEF (Grupo Educação Física).

	Tema	Estratégia
Encontro 1 07/08/2024	Apresentação da pesquisa e convite à participação das rodas de conversa	Projeção de slides
Encontro 2 04/09/2024	Material e infraestrutura	Dinâmica que envolveu representar o espaço que leciona e os materiais utilizados.
Encontro 3 18/09/2024	Aplicação de verbas e participação em colegiados.	Dinâmica envolvendo a situação hipotética de compras de materiais
Encontro 4 02/10/2024	10 temas que emergiram nas rodas anteriores	Apresentação de temas, para relatos positivos e negativos
Encontro 5 13/11/2024	Finalização da coleta	Retomada dos temas do encontro anterior e agradecimentos e finalização da coleta

Fonte: a autora.

No terceiro encontro foi realizada uma dinâmica com a temática “material e infraestrutura”, que continha situações hipotéticas. Os professores deveriam fazer uma lista de compras de materiais que julgavam necessário para desenvolver suas aulas e justificar brevemente suas motivações para esta compra. O resultado está na figura 12.

No penúltimo encontro, a pesquisadora apresentou 10 temas surgidos tanto nos questionários quanto nas discussões anteriores e que não tiveram a devida atenção, seja por falta de tempo ou por outros temas terem sido priorizados. Os temas representados na figura 13, foram projetados em equipamento multimídia e os participantes puderam contribuir com suas experiências positivas ou negativas, em cada temática.

Por fim, no último encontro por não ter havido tempo o suficiente para as discussões do encontro anterior os temas foram novamente apresentados para continuação das discussões. Ao final os professores participantes da pesquisa responderam algumas perguntas selecionando palavras que representassem a Educação Física, a sua trajetória profissional e a pesquisa em que participaram.

5.3 – Limpar o leite derramado

Conhecer as experiências passadas e as perspectivas atuais em EFE, possibilita compreender o panorama em que os atores escolares se encontram e o que consideram sobre a área e os profissionais. Contudo, ao me deparar com alguns ideais que se tornam limites para EFE, buscou-se nesta seção, estabelecer um olhar crítico tanto do grupo de pedagogos, quanto do grupo de EFE, sobre as motivações e influências que concretizam essas dinâmicas.

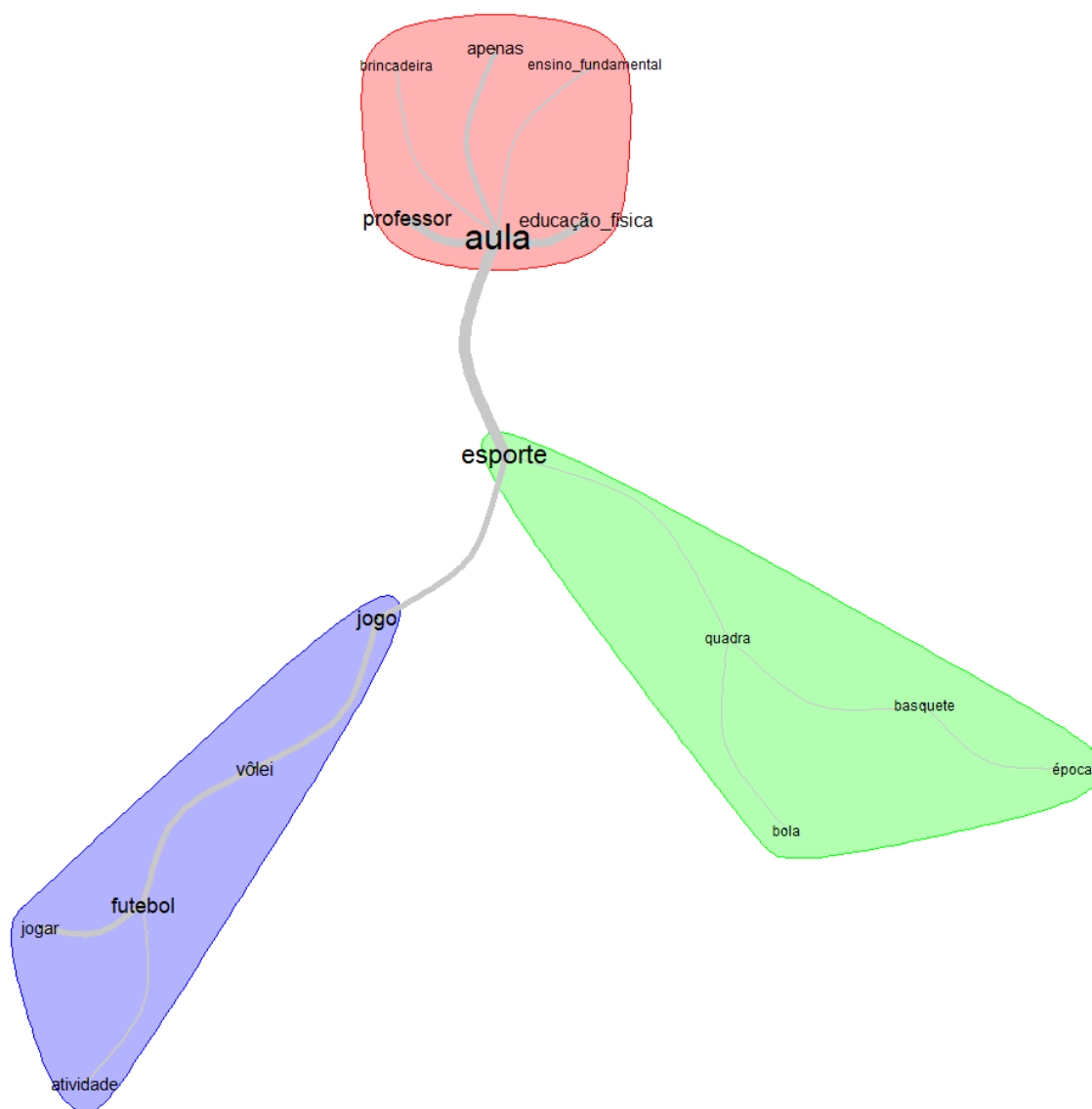
5.3.1 - Águas passadas têm movido moinhos

Lembrar das aulas de EF na época em que eram estudantes, foi um exercício importante para este estudo. Geralmente, quando temos contato com uma experiência ou informação, se não houver intervenções reflexivas, de forma espontânea ou mediada, a tendência é que se leve na memória e se perpetue àquela condição. Moscovici descreveu esse processo nas RS com o nome de “ancoragem” e “objetivação”:

Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido (Moscovici, 2.003, p.78).

A AS gerada pelo Iramuteq, demonstra que as lembranças dos participantes remetem a aulas de EF voltadas para a prática esportiva, com a ligação mais forte da palavra “aula” diretamente com “esporte” que também tem conexão com o “jogo”, observa-se ainda ênfase em basquete, voleibol e futsal. O que denota a herança histórica do “processo de esportivização da Educação Física escolar” (Brasil, 2001). Segundo Bracht (1997, p.11) “Após a II Guerra Mundial, que coincide a grosso modo com o fim da ditadura do Estado Novo, a influência do esporte cresce rapidamente.” Neste período, “a preocupação principal passou a ser a busca do rendimento, do desempenho, ou seja, de resultados” (Finck, 2011, p. 285).

Figura 6 - Análise de similitude: lembranças sobre a EFE enquanto estudante.



Fonte: Iramuteq.

Dentre as respostas apresentadas pelos participantes da pesquisa, algumas se referem à EF de forma positiva, indicando sentimentos de prazer e diversão, como segue:

Tive boas aulas no início do ensino fundamental com diversidades de brincadeiras, depois foram mais aulas sobre os esportes (Maila-EF).

Muita saudade, aulas prazerosas e divertidas (Minions-EF).

Sempre gostei e participei de equipes escolares, ganhando alguns torneios (Dante-EF).

Diversão, desafios e tempo em grupo (Lice-LA).

Sempre animadas e cheias de atividades ao ar livre (Tomas-LA).

Prazeroso e divertido (Juci-Ped).

Gostava muito dos jogos como queima, batata quente, entre outros, e circuitos (Lore-Coord).

Duas respostas indicaram a dispensa das aulas de EF e a oferta no contraturno. Em contrapartida, Joline e Atena recordam do “correr em volta da quadra”. Temos, então, respostas que remetem a práticas que não eram significativas, além de pouco atrativas e excludentes:

Chatas (Joana-Ped).

Eram raros os professores que ensinavam, não desenvolviam uma consciência corporal, as aulas eram sem estímulos e as habilidades eram apenas melhoradas nos alunos que já tinham e não desenvolvidas naqueles que precisavam. Monitoravam as práticas esportivas dos alunos que já tinham conhecimento esportivo, excluindo aqueles que não conheciam suas habilidades e não praticavam qualquer atividade física ou esporte (Neli-EF).

Horrível. Professor só dava basquete, ou seja, dava a bola e agia como juiz, muito pouco de fundamento e outros esportes (Jeni-Ped).

Aulas tradicionais, cansativas, praticamente somente treinos (Iris-Ped).

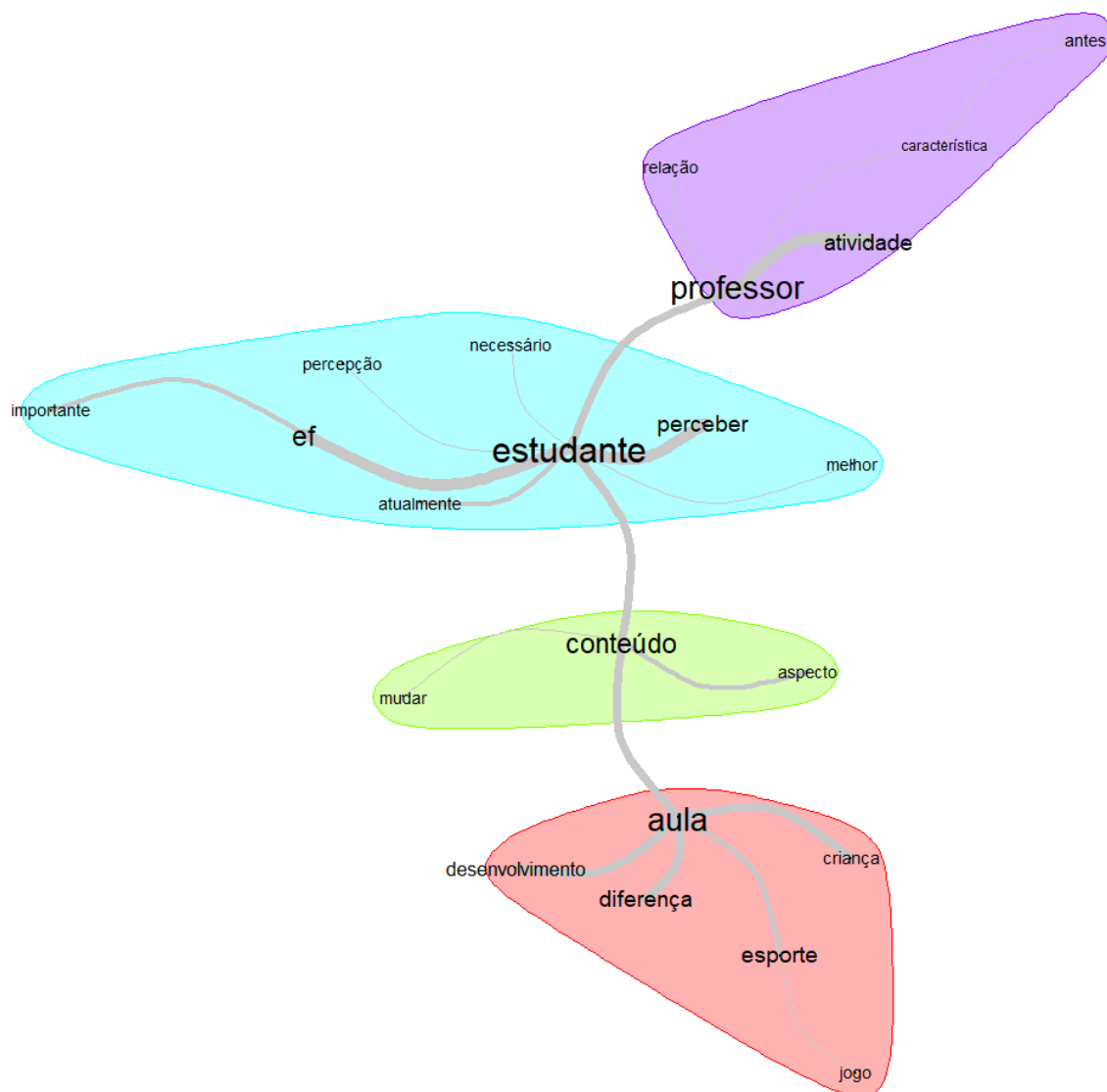
É evidente que as experiências de cada participante são únicas, remetendo à subjetividade singular. Neste sentido, os professores foram os maiores citados, direta ou indiretamente, por serem os responsáveis por essas experiências.

As experiências de aulas focadas em esportes e técnicas de movimento, resultam na vivência dos participantes, de acordo, com a sensação que tiveram, sucesso ou fracasso, vergonha, satisfação etc. A significativa referência ao esporte, também foi verificado no estudo de Varanda (2018). Sobre o esporte enquanto conteúdo da EFE, Bracht (2019, p.83), ressalta:

Argumentamos que apesar desta importância, que lhe confere seguramente um lugar de peso entre os conteúdos da Educação Física escolar, é importante considerá-lo mais uma entre outras tantas práticas corporais (as diferentes manifestações da nossa cultura corporal de movimento).

Na AS sobre a visão atual da EFE, os conjuntos demonstram professores, estudantes, aulas, e conteúdo, como temas que se relacionam dadas as respostas dos participantes.

Figura 7 - Análise de similitude: percepções atuais sobre a Educação Física (ambos os grupos).



Fonte: Iramuteq

A maioria dos profissionais percebem na prática do cotidiano, mudanças nas aulas e na atuação docente, citando a diversificação de conteúdos (Cacá-Ped, Jeni e Joline) e das metodologias (Aretha-Ped e Bella) como parâmetros.

Houve respostas que reportaram não perceberem mudanças. Flor, sinalizou ter tido aulas dedicadas ao esporte, com ênfase nas regras. Ao ler sua resposta sobre as mudanças da EFE, temos:

Percebo que muitas atividades realizadas continuam sendo as mesmas de antigamente, mas os alunos de hoje têm uma cultura diferente. Muitas vezes, eles têm dificuldade para se concentrar e completar os jogos ou desistem facilmente. Isso indica que talvez seja necessário adaptar o conteúdo ou a abordagem para atender melhor às novas necessidades e expectativas dos estudantes (Flor-Dir).

Observo ainda, no trecho de Flor, reforçado pela participante Sol, a observação das mudanças da área, correlacionadas às mudanças dos discentes e da sociedade, indicando a necessidade de se adaptar para alcançar “aulas instigantes e interessantes” para os alunos.

O participante Ico, traz em sua resposta pontos importantes a se considerar e finaliza dizendo algo que chama a atenção, o excerto abaixo traz as palavras dele:

Percebo que os conteúdos mudaram um pouco, e ao meu ver, temos prós e contras. Creio que a Educação Física atualmente considera mais o aspecto individual e coletivo da turma, da comunidade escolar e também das realidades das comunidades como um todo, deixando de ser conteúdos inflexíveis, para atender as demandas. As características dos professores também mudaram com o tempo, antes o professor, talvez por sua formação com características mais voltada à saúde, ao corpo, ou aos conteúdos propriamente ditos, eram mais rígidos. Atualmente percebo que os professores são mais flexíveis, próximos aos estudantes e repensam mais os conteúdos antes de trabalhá-los. Esses fatores são fundamentais para conseguirmos trabalhar com os estudantes, que também foram modificando suas características com o passar das décadas. Entretanto, **observo que a Educação física também passa por um processo de empobrecimento de conteúdos, no qual algumas práticas se perdem de sentido** (Ico-Ped, grifo meu).

Infelizmente, o participante não aprofunda o tema, ou exemplifica o “empobrecimento de conteúdos” percebido por ele, contudo, seria interessante entender os motivos e suas perspectivas.

Há respostas que entendem a manutenção das características da EFE diretamente ligada à experiência pessoal, como é o caso da Lore:

As atividades são similares, tive o privilégio de ter bons professores na infância e por isso até hoje tenho a memória das aulas. Creio que o fato das aulas serem muito próximas ao que aprendi se dê pelas áreas de desenvolvimento necessárias para o desenvolvimento infantil (Lore-Coord).

Os relatos que demonstram não perceber diferença, merecem olhares atentos na prática cotidiana, uma vez que no decorrer dos anos, deveria haver indícios que os levassem a repensar e superar as experiências de outrora. Mesmo tendo documentos

oficiais que reforçam perspectivas inovadoras “[...] não significa que a prática pedagógica das escolas, acompanhou esse movimento” (Bracht, 2018, p. 181).

As RS sobre a EFE percebidas nestas questões indicam inclinação para o modelo tradicional e militarista. Observo ainda que as respostas quanto à percepção das mudanças, demonstram uma influência significativa da experiência inicial (enquanto estudante), podendo identificar que a ancoragem das RS, emergem deste período. Assim sendo, é necessário que haja influências e ações para uma ancoragem diferente, como a do exemplo que segue.

Um ponto crucial nesta seção, é relacionar qual ou quais os motivos que levaram os respondentes a manterem ou a mudar suas percepções sobre a EFE. O contato com docentes com práticas diferentes das tradicionais, são um ponto em comum para os dois grupos, para justificar a mudança da percepção da EFE. Inclusive, uma participante que é também mãe de aluno, disse:

Os diálogos com colegas professores que atuam na educação física e as práticas da professora de educação física do meu filho me mostraram o quanto essas perspectivas atuais me fizeram falta (Joline-Ped).

A fala de Joline, ilustra como o conhecimento sobre a EF que vem sendo construído dentro da educação é também uma demanda importante para o conhecimento dos familiares, que como integrantes da comunidade escolar, podem ampliar a visão sobre as práticas da EFE. Essas mudanças percebidas por alguns participantes, relacionam-se diretamente com a percepção que tem e constroem a partir do contato com novas práticas. Bracht (2019), afirma que quando “[...] as publicações e os debates realizados pelo movimento renovador foram impactando nos cursos de formação e nos setores responsáveis pela Educação Física escolar, foram também sendo produzidas práticas pedagógicas ‘inovadoras’” (p. 181).

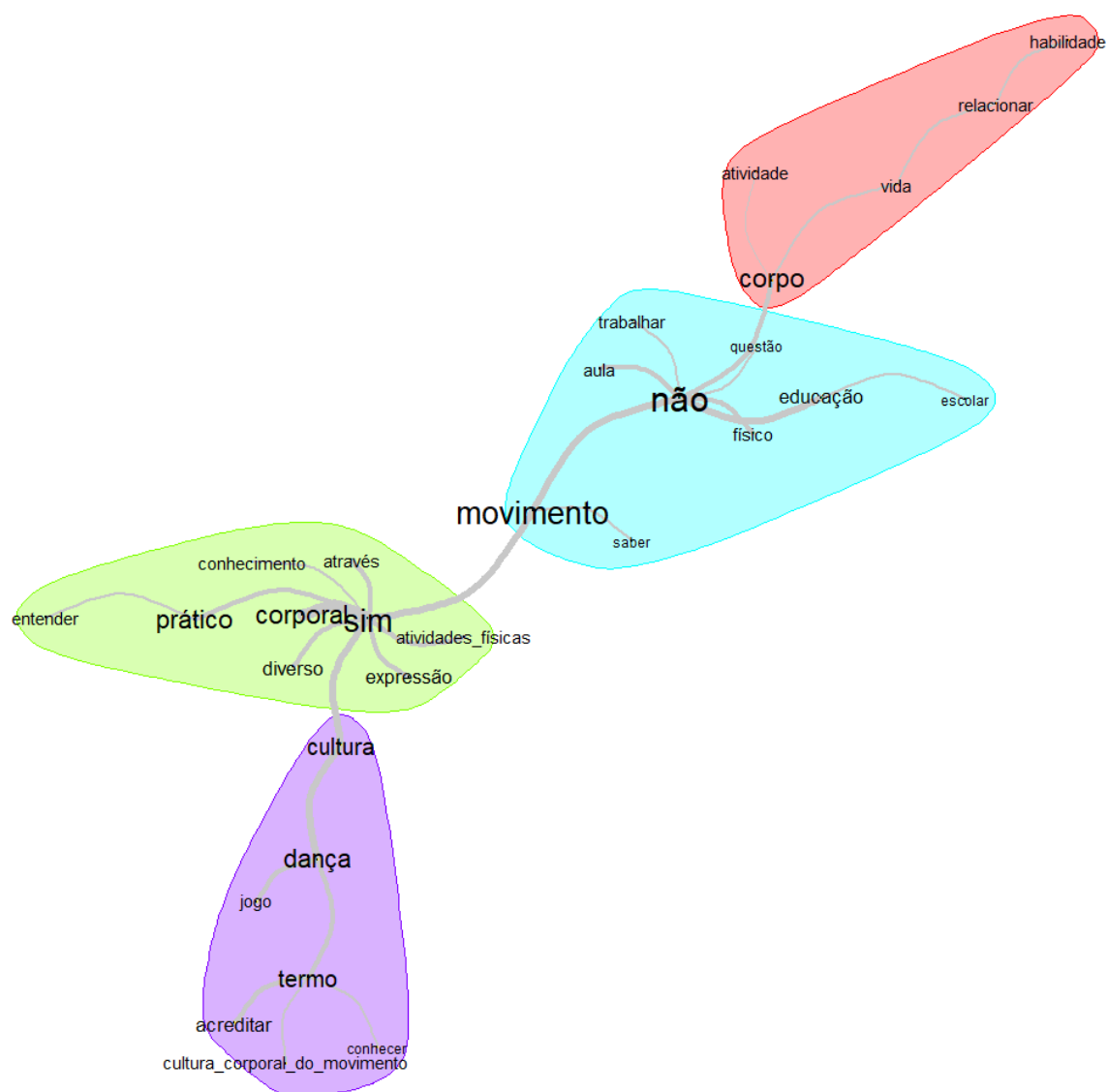
O engajamento dos alunos nas práticas, também é citado como fator diferencial. Exclusivamente para o grupo de EFE destacou-se a formação acadêmica, a formação continuada, o contato com os pares e a busca do aperfeiçoamento da própria prática, como sendo relevantes para uma prática que rompa com experiências negativas ou insuficientes, vividas anteriormente.

5.3.2 – Dando nome à cultura corporal de movimento

Ampliar o conhecimento sobre a EFE cabe, inclusive, aos profissionais da área, uma vez que o cenário e as perspectivas mudam e nem todos têm esse acesso, seja

qual for o motivo. Tive contato com o conceito da Cultura corporal de Movimento (CCM) e as discussões na graduação, no entanto, na prática profissional percebia que havia desconhecimentos sobre ela, bem como sobre a legislação. No início da minha carreira docente, muitos colegas não tinham conhecimento sobre a BNCC e até ouvia que seria mais um documento que cairia em desuso.

Figura 8 - Análise de similitude - Cultura Corporal de Movimento



Fonte: Iramuteq.

A AS mostra os grupos “sim” e “não” representando que mesmo quem respondeu “não” arriscou responder com o que acreditavam se referir o termo CCM, resultando nas conexões das palavras “corpo”, “movimento”. Enquanto os grupos que

afirmaram conhecer tiveram conexões com palavras como “cultura”, “dança”, “jogos”, “práticas”, “diverso”, “conhecimento” entre outras que serão analisadas nas próprias respostas a seguir.

Na análise das respostas, os docentes de EF demonstram estar mais familiarizados com a CCM:

Nosso objeto de estudo, o corpo e os múltiplos movimentos criados e realizados por ele (jogos, danças, esportes) (Dona-EF).

A cultura corporal de movimento está relacionada às mais diversas formas de expressão corporal, com as quais o ser humano se comunica e se move ao longo da história. Nesse sentido, podemos destacar os modos de sobrevivência, manifestações religiosas, expressões artísticas, o lazer e as práticas esportivas em geral. Quando pensamos na educação física escolar, não seria adequado restringirmos o movimento apenas às questões práticas ligadas ao fazer, seria importante entendermos conceitos, como o contexto histórico de cada conteúdo apresentado às crianças, as questões políticas e sociais envolvidas e, além disso, questões atitudinais, como respeito as regras combinadas, respeito ao outro e a seus limites. Então, quando estamos trabalhando com o futebol, por exemplo, não bastaria aprender como se joga, seria necessário entender por que o futebol se transformou em um grande negócio, por que as mulheres eram proibidas de jogar e até de frequentar os estádios e as transformações que ocorreram e que vem ocorrendo ao longo da história (Neni-EF).

Apenas um participante da EF, respondeu não ter compreensão exata, indicando que conhece mais ou menos o conceito:

Mais ou menos. Em poucas palavras mexer-se, utilizar dos movimentos nas diversas práticas p/ uma linguagem corporal, definindo-se como sujeito ativo de sua linguagem (Dante-EF).

Entre os demais docentes há, majoritariamente, a indicação de não conhecer o conceito, no entanto, alguns, tentaram discorrer sobre suas percepções:

Acredito ser algo a movimentos e danças, já educação trazer uma aula já perspectiva em performance e a cultura (Flor-Dir).

Acredito que termo se relacionado em como o aluno uso o corpo para participar das aulas, conhecendo suas habilidades, limites e superando os desafios (Aretha-Ped).

O termo se relaciona com as diferentes formas de se movimento e a compreensão do corpo (Georgia-Ped).

É a interação com o outro; o conhecimento do próprio corpo e a possibilidade de se expressar (Cacá-Ped).

Os que afirmaram conhecer o termo, disseram:

Sim, já ouvi falar do termo 'Cultura corporal do movimento'. Entendo que ele se refere às práticas e atividades físicas que fazem parte da nossa cultura e que são transmitidas de geração em geração, como danças, jogos e esportes (Tomas-LA).

Creio que o termo cultura corporal do movimento é um termo da Educação física escolar que ganhou espaço nos debates a partir dos anos 2000, e que tem ganhado força dentro da Educação física escolar nos últimos anos devido a necessidade de respeitarmos a diversidade e a pluralidade nas práticas da Educação física nos ambientes escolares, com a finalidade de propiciar atividades mais acessíveis aos estudantes, além de respeitar seus saberes culturais, e não impor os saberes acadêmicos como mais importantes (Ico-Ped).

Tive uma disciplina no primeiro semestre da graduação que se chamava "Corpo e movimento" que tratou disso em algum momento. Lembro pouco, mas acho que tem a ver com desenvolver novas habilidades corporais (Joline-Ped).

O contato com o conceito em uma das disciplinas da Licenciatura em Pedagogia, foi apontado por Joline. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Pedagogia (Brasil, 2006), em seu artigo 5º, apontam que o egresso do curso de Pedagogia deve estar apto a “VI - ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano”, além de trazerem ainda em seu texto:

Art. 6º A estrutura do curso de Pedagogia, respeitadas a diversidade nacional e a autonomia pedagógica das instituições, constituir-se-á de:
[...] i) decodificação e utilização de códigos de diferentes linguagens utilizadas por crianças, além do trabalho didático com conteúdos, pertinentes aos primeiros anos de escolarização, relativos à Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia, Artes, Educação Física;

Apesar do texto da LDB 9396/96 dizer que “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica” (BRASIL, 1996), a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em algumas situações, ainda permanecem sem o professor específico de EF, assegurados pela Resolução nº7 de 14 de dezembro de 2010, que permite esta situação:

Art. 31 Do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, os componentes curriculares Educação Física e Arte poderão estar a cargo do professor de referência da

turma, aquele com o qual os alunos permanecem a maior parte do período escolar, ou de professores licenciados nos respectivos componentes (p.9).

Ao pesquisar sobre a disciplina “Corpo e Movimento” citado pela participante Joline, encontrei a ementa no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos. Sem fazer menção à Cultura Corporal de Movimento, a ementa traz que “O foco será a qualidade das mediações desenvolvidas por professores em atividades realizadas com crianças de 0 a 10 anos e, com jovens e adultos, por meio de atividades de movimento, brincadeiras, jogos e brinquedos” (UFSCar, 2017).

Também eu, professora-pesquisadora, cursei no 4º semestre da Licenciatura em Pedagogia, no IFSP uma disciplina chamada Metodologias e Estratégias de Ensino das Atividades Recreativas, que explorava o lúdico na metodologia e na prática. Outras universidades trazem também disciplinas voltadas para práticas corporais, no curso de Pedagogia. As duas ementas aqui citadas podem ser lidas na íntegra no Anexo D.

Temos então a importante inferência de que os docentes de fora da área da EF, apresentam pouco ou nenhum conhecimento acerca do objeto de estudos atual da EFE. Também para alguns docentes de EFE, observou-se a necessidade de aprofundamento sobre o tema. As implicações deste desconhecimento envolvem ignorar as especificidades e a importância deste componente curricular, não contribuindo para a valorização da EFE.

O profissional de educação física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humanos, historicamente definidas como jogo esporte dança luta e ginástica (Daólio, 2004, p. 2).

Ignorar a presença da cultura no campo da EF, implica em discursos tecnicistas, limitados à vertente biológica da saúde, que reproduzem a história da implementação da Educação Física no Brasil. É necessário pôr os pingos nos “is” e, de forma contínua, disseminar o conceito da CCM para o entendimento da sociedade.

Faz-se necessário, então, a disseminação do conceito de cultura corporal de movimento, - conceito que academicamente e na própria legislação específica, já está consolidado- tanto aos docentes específicos, quanto para os demais. A proposição do Letramento em Cultura corporal de Movimento (seção 3.4), caminha neste sentido,

possibilitando a democratização do conhecimento acerca da CCM e da instrumentalização das pessoas que a acessarem, para que a partir destes conhecimentos, possam ter uma nova ancoragem para EFE.

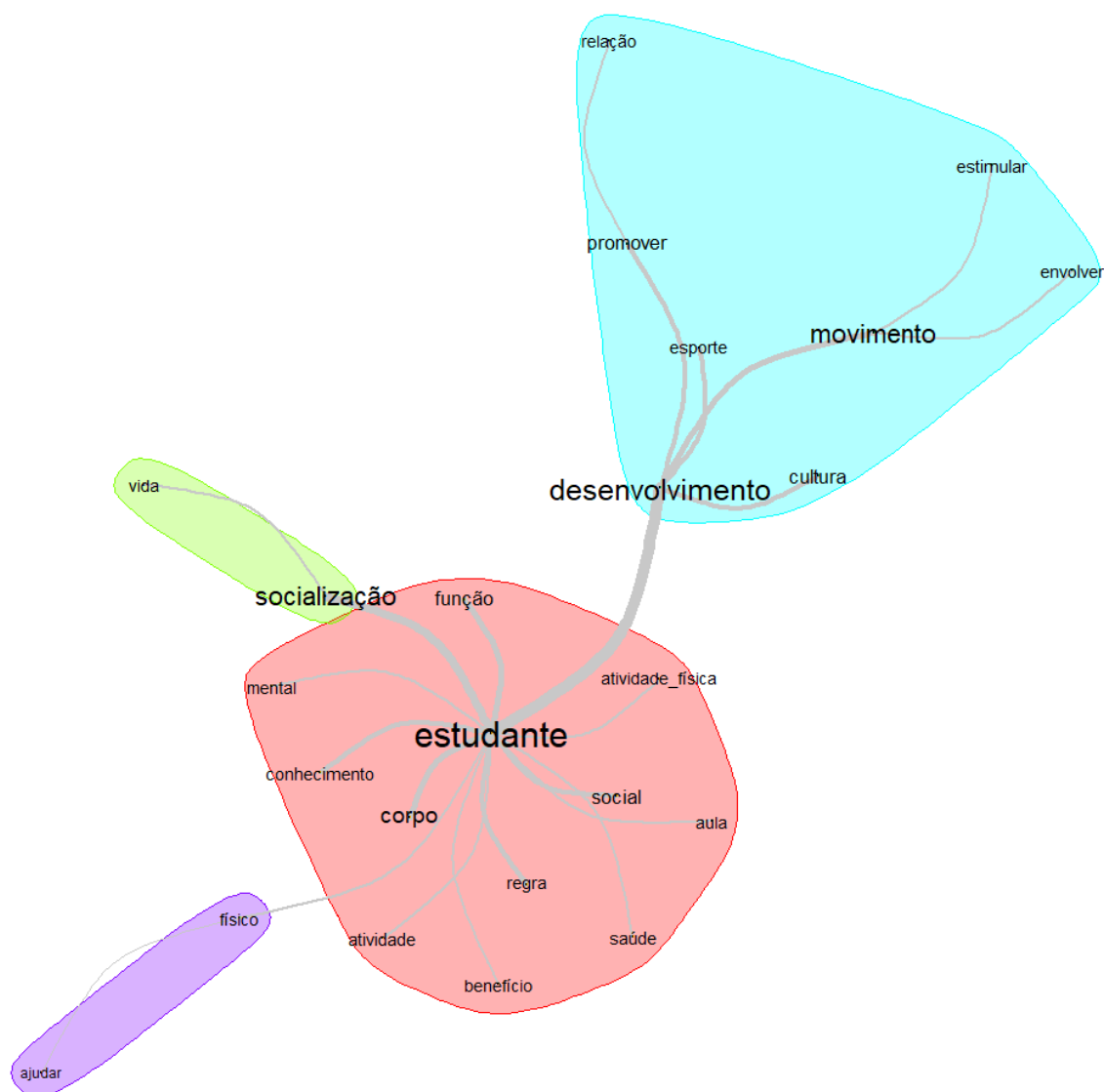
5.3.3 – Como o pingo vira letra...

Tendo conhecido as experiências anteriores e atuais com a EFE e compreendido os conhecimentos sobre a Cultura Corporal de Movimento, estabelecemos um paralelo, sobre o que se entende que seja a função da EFE, relacionando com as construções anteriores. Fazer esse movimento permite o entendimento de como as Representações Sociais são formadas, alteradas e reproduzidas, em consonância com o que traz Moraes e col. (2014)

Contudo, é um erro concluir que as representações sociais se resumem em meras opiniões, mitos, pareceres etc., pois são conhecimentos desenvolvidos pelo grupo e que se cristalizaram ao longo do tempo; é a construção social da realidade, que emana da sociedade e para ela volta (Moraes e col., 2014, p. 20).

Na AS das respostas sobre a função da EFE, temos a palavra “estudante” em foco, com conexões intensas com “socialização” e “desenvolvimento”. O termo “estudante” apresenta conexões que demonstram a função da EFE ligadas ao conhecimento para a vida, benefícios para a saúde e regras, voltadas para o social. A palavra “desenvolvimento” apresenta a ideia de promover, estimular e envolver o esporte, as relações e a cultura.

Figura 9 - Análise de similitude: função da EFE.



Fonte: Iramuteq

Na análise das respostas sobre a função da EFE, os participantes apontam, de maneira geral, para características de desenvolvimento integral dos estudantes:

O desenvolvimento do aluno como um todo: físico, mental, emocional, social (Maila-EF).

Ajudar no desenvolvimento e crescimento das crianças na parte física, mental e social (Dona professora-EF).

Desenvolvimento físico na sua integridade (Neide-Ped).

Desenvolvimento integral da criança (Iris-Ped).

Estimular o desenvolvimento neuropsicomotor e social. O movimento, por menor que seja, tem papel fundamental e transformador na vida de cada um de nós e por isso é necessário para o bom desempenho escolar. Além disso promove também interações sociais que interferem positivamente nas relações pessoais e formação de grupos (Lore-Coord).

A aula de educação física tem como função o desenvolvimento físico, motor, social e mental dos alunos por meio de atividades que envolvem o corpo e o movimentos (Flor-Dir).

O discurso de formação integral, deriva do momento histórico em que a EF passou a ser discutida para além das Ciências Biológicas, conforme apresentado por Bracht (2018, p.133):

Passou-se a defender que a função da Educação Física não mais estava limitada à dimensão física, mas sim, deveria pensar sua intervenção sobre o homem como um todo, daí ter-se disseminado no discurso legitimador a noção de que o papel da Educação Física é a formação integral do ser humano, nos seus aspectos bio-psicossociais.

E não estamos todos e todas buscando contribuir com a formação integral? A consideração de uma educação integral, relacionava a EF principalmente com o fator de socialização, como colocado por Bracht (2019, p. 133) “[...] havia sim preocupação com os aspectos psicológicos e sociais (o social entendido basicamente como as relações entre os indivíduos [...]), mas o corpo propriamente dito, não era compreendido como uma construção histórico-social”. A exemplo, nas respostas destacadas abaixo, relacionam a EFE à diversão e a interação ou socialização como função da EFE.

Propiciar aos estudantes bem-estar, diversão e tirar os alunos da mesmice da sala de aula (Minions-EF).

Ajudar na manutenção das regras em convívio social (Sol-Ped).

Para mim, a principal função da Educação Física Escolar é educar os alunos sobre os benefícios da atividade física, além de promover a socialização e o respeito às regras e aos colegas (Tomas-LA).

[...] Para além da percepção do corpo e seus movimentos, atividades que intencionem trabalho em equipe, comportamentos e atitudes que envolvam a socialização de forma saudável e agradável (Bella-Ped).

Outras respostas, apontaram para o teor mais técnico da EF, envolvido diretamente ao esporte, com respeito a regras, com a competição e a cooperação.

Além de sinalizarem a coordenação, lateralidade, a saúde e o bem-estar com a função da EFE.

Educar. Demonstrar através do esporte os valores do esporte p/ desenvolvimento humano e conseqüentemente de uma sociedade. Valores p/ o aluno levar p/ vida (sic) (Dante-EF).

Trabalhar o espírito esportivo do aluno (Joana-Ped).

Essas respostas remetem ao caráter esportivo da EF, um reflexo direto da hegemonia do esporte como conteúdo, até sendo advertido por autores para que “[...] não se confundisse Educação Física com esporte” (Bracht, 2019, p. 84). A psicomotricidade também influencia a percepção dos docentes sobre a EFE. Nas décadas de 70 e 80, a psicomotricidade teve forte influência na área da EF, no entanto, ainda consideravam as práticas a serviço das “valências psicomotoras” e a EFE mantinha-se como auxiliar das demais disciplinas (Bracht, 2019).

Dois docentes de EF, frisaram a possibilidade de construir conhecimentos para levar para além da escola:

Apresentar/trazer vivências de atividades da cultura corporal e auxiliar na reflexão de escolhas de práticas corporais além do ambiente escolar (Dona-EF).

Expandir o conhecimento de mundo, relacionar com as interdisciplinaridades, dar confiança ao aluno e propriedade para que ele ultrapasse os muros escolares em relação à educação física. Promover debates e formar cidadãos críticos e conscientes de sua realidade (Ax-EF).

No que tange às funções da EF enquanto componente curricular que contribui para o conhecimento da cultura corporal, além do relato de Dona (acima), Jeni fala no “conhecimento de outras culturas” e outras respostas complementam:

Garantir às crianças o direito de acesso a saberes historicamente construídos do que se refere ao movimento humano, considerando fatores que estimulam ou restringem o movimento. Discutir e promover saúde preventiva. Estimular a criatividade e a liberdade de expressão através do movimento. Estimular o convívio harmonioso e o respeito ao outro (Neni-EF).

Expandir o conhecimento de mundo, relacionar com as interdisciplinaridades, dar confiança ao aluno e propriedade para que ele ultrapasse os muros escolares em relação à educação física. Promover debates e formar cidadãos críticos e conscientes de sua realidade (Ax-EF).

São inúmeras: desde permitir ao estudante conhecer, reconhecer e valorizar seu corpo e respeitar os demais colegas, como construir valores

psicomotores e sociais, trazer elementos da cultura corporal de várias localidades, trabalhar as questões regionais e nacionais das danças e saberes. Conhecer e reconhecer os elementos folclóricos da cultura do movimento. Além disso, abordar e ensinar os esportes reconhecidos como importantes na cultura global, suas regras, estratégias entre outras características desses esportes (Ico-Ped).

[...] também acredito que tenha como função a aprendizagem de diversos esportes e seus benefícios e jogos e brincadeiras - especialmente os mais significativos da cultura brasileira (Bella-Ped).

Essas perspectivas que apontam a função da EFE relacionando-se à cultura, condiz com o que se constrói a partir do chamado movimento renovador.

Como referido anteriormente, o Movimento Renovador da década de 80 ampliou a tarefa da Educação Física quando considerou fundamental, para uma pedagogia de uma Educação Física crítica, tratá-la não mais como uma atividade, mas sim como uma disciplina que possui um conhecimento a ser transmitido. Esse conhecimento ou esse saber, além de se concretizar como um saber (fazer) corporal (as técnicas ou práticas corporais), também seria composto pelo conhecimento que temos sobre essas práticas corporais, ou seja, um conhecimento produzido no âmbito de diferentes disciplinas (Científicas, Fisiologia, Cinesiologia, Psicologia, Sociologia, História, Antropologia, etc.) que objectualizam as práticas corporais. Desta forma, sem dúvida, ampliou-se o espectro de conhecimento da prática pedagógica em Educação Física (Bracht, 2019, p. 141).

A carência de entendimentos entre uma ou outra área ou especificidade, acontece em decorrência também da dinâmica diária nas escolas. No entanto, não conhecer as possibilidades e intenções do trabalho dos colegas docentes, pode impactar nas relações, alimentando comparações jocosas. Reitero que o Letramento em Cultura Corporal de Movimento poderia contribuir em partes para alimentar esse conhecimento.

5.3.4 – A grama do vizinho parece mais verde

Conversas na sala dos professores, brincadeiras recorrentes que refletem e causam incômodos, falas preocupantes para aqueles e aquelas que se preocupam com o impacto do seu trabalho. As especificidades das áreas, a autonomia docente, a prática, o convívio e as relações estabelecidas com as turmas, tendem a demonstrar tanto as similaridades quanto as discrepâncias da atuação docente, dentro do ambiente escolar. Entender como os docentes percebem estas relações, como um enxerga o outro, gerou em mim, muitas vezes, uma curiosidade latente em

compreender essas visões. Nesta seção, analiso questões relacionadas à experiência de outros docentes, sobre a atuação do professor de EF e sua área.

Não despretensiosamente, 3 questões do formulário buscaram perceber as identificações entre os docentes das diferentes áreas, de maneira que não apenas descrevessem a atuação dos outros, mas que refletissem em comparação à sua própria prática. Com exceção de Joana, as demais respostas indicaram haver semelhanças no trabalho dos colegas de docência, com destaque ao que tange o cotidiano com as turmas e à intencionalidade:

Acredito que as semelhanças tenham a ver com as dificuldades de sala de aula, como manter a atenção dos alunos nas atividades, mediar conflitos, desenvolver o aluno pensando no todo dele (social, emocional, cognitivo) (Lice-LA).

As regras de convivência e a organização da aula são bem parecidas (Juci-Ped).

Sim. Totais semelhanças. Só trabalhamos conteúdos e habilidades diferentes (Neide-Ped).

Sim. O foco dentro de sala é diferente, mas percebo que o objetivo maior é o mesmo, promover aulas que despertem o interesse e desenvolvimento do aluno (Lore-Coord).

Sim; aulas diversificadas e prazerosas através da ludicidade (Cacá-Ped).

As semelhanças citadas, revelam uma dimensão organizacional em que se destaca a prática pedagógica em aula. A intencionalidade de desenvolver aulas atrativas e prazerosas, é um destaque em diferentes momentos da coleta, no entanto, faz-se necessário ponderar que as aulas de EFE nem sempre terão essa característica. É necessário cuidado às exigências de aulas sempre divertidas, já que conforme Darido (2012, p. 53) “[...] há uma tradição muito acentuada na escola de que Educação Física é muito divertida porque se resume ao fazer, ao brincar e não ao compreender os seus sentidos e significados”.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, mencionam uma diferença quanto a uma confusão evidente entre “[...] o prazer que decorre de uma descoberta, de uma experiência estética, da comunhão de ideias, da solução de um problema, com o prazer hedonista que tudo reduz à satisfação do prazer pessoal, alimentado pela sociedade de consumo” (Brasil, 2013, p. 116).

Já quanto às diferenças percebidas entre as atuações, houve referência à metodologia, aos conteúdos e ao objetivo. Neste sentido, alguns docentes fizeram menção quanto à possível “flexibilidade” da EF

[...] as aulas de Educação física permitem uma maior possibilidade de organizar o currículo com autonomia por parte dos docentes, algo que é bastante engessado para os professores polivalentes (Ico-Ped).

[...] na Educação Física, acredito que tenha maior flexibilidade para desenvolver atividades e brincadeiras de acordo com os gostos das crianças (Cacá-Ped).

À medida em que se destaca a flexibilidade percebida por alguns participantes, cabe refletir em que âmbito essa possibilidade está limitada ao docente específico e de que forma afeta a visão dos colegas docentes.

A resposta abaixo é problemática porque denuncia a prática de desinvestimento pedagógico, percebida pela professora:

Cada profissional tem uma forma de agir e levar a sala de aula, infelizmente ainda encontramos profissionais que deixam as crianças apenas em atividades livres na aula de educação física. Mesmo sabendo que existem momentos em que é necessário a criança fazer atividades livres não dá para ser a temática de todas as aulas (Jeni-Ped).

É interessante uma reflexão que agora percebo e que deixei passar durante estes anos de docência. As pessoas quando passam pelo espaço da aula de Educação Física e observam rapidamente, são capazes de identificar o momento da aula que está ocorrendo? Ainda que não seja extinta a prática do “rola bola”, cabe a atenção do comportamento do professor de EF em aula e da pessoa que observa. Perguntar, conversar sobre as temáticas, buscar saber sobre o planejamento é importante para os atores escolares, para evitar desencontros e pré-julgamentos. Um exemplo, foi retratado na R5, quando Dona professora, afirma ter sido questionada pela gestão por estarem achando os alunos estariam “muito livres”, enquanto a atividade dirigida era realizada no gramado, já que a quadra estava sendo dividida por outras duas turmas, com idades muito inferiores às da sua turma.

Enquanto Neide, Juci, Sol e Atena, não têm percepções de diferenças, algumas outras respostas reforçaram a percepção dos docentes acerca da EF ter como foco o desenvolvimento de habilidades motoras e saúde, mais um a vez nota-se a

reprodução de argumentos que remontam à influência de ideais que vem tentando ser superadas há um considerável tempo.

A educação física estimula e desenvolve áreas e habilidades motoras, psicomotoras que são fundamentais para o sucesso dos e das estudantes nos demais conteúdos. Minha atuação consiste em desenvolver habilidades de leitura e escrita e raciocínio lógico (Joline-Ped).

Na parte da promoção da saúde, o desenvolvimento de habilidades motoras, o incentivo à prática de atividades físicas como parte de um estilo de vida saudável (Flor-Dir).

A principal diferença que noto é que, enquanto o professor de Educação Física usa atividades físicas para promover o bem-estar e a saúde, eu utilizo a música para desenvolver a sensibilidade artística e a criatividade dos alunos (Tomas-LA).

O participante Ico, explicita latência de comportamentos que interferem nas aulas de EFE, relatando ter “cursado por um breve momento a graduação de EF”. A fala do participante, reforça que a “sensação de desvalorização”, não é sentida apenas pelo professor de EFE.

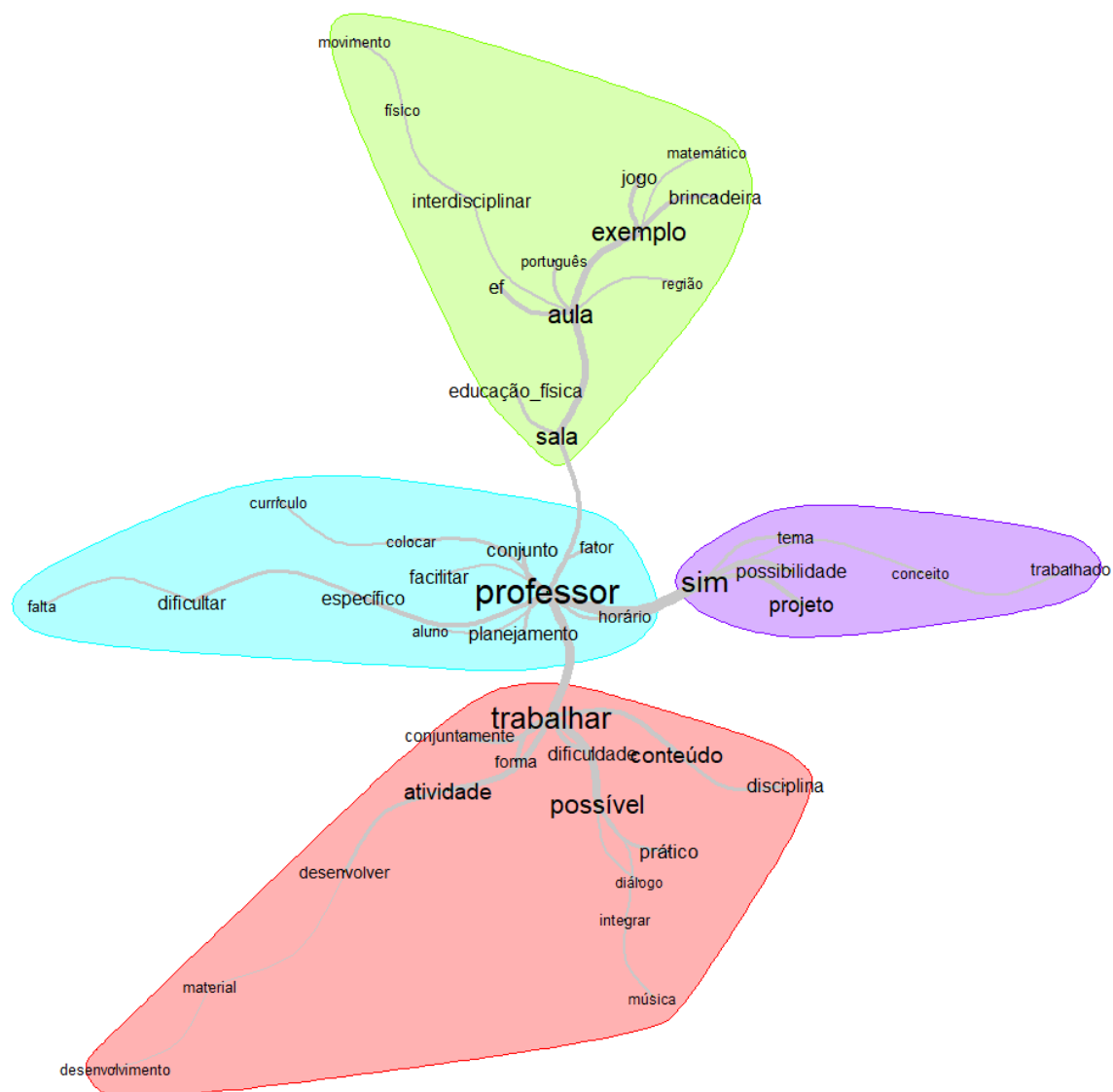
Percebo também posturas de preconceito de gestores e até colegas de trabalho em relação aos conteúdos de Educação física, como se fossem menos importantes comparados com as disciplinas ministradas em sala de aula, creio que esse fator ainda levará anos para a Cultura escolar superar (Ico-Ped).

Esta percepção por alguém de fora da EFE, também foi relatado no trabalho de Varanda (2018), quando uma professora diz que ao tirar um aluno da aula de EF, ela contribui para a desvalorização da área. Nessa perspectiva, uma fala durante a R5, imprime uma tolerância em episódios deste tipo. O participante Ax, relata não ser mais contra esse tipo de prática, uma vez que pode beneficiar-se, caso haja, de fato, uma mudança de comportamento do estudante. Esta fala, apesar de ter sido endossada por outros participantes, não é apoiada por esta pesquisadora. Defendo, veementemente, que estas situações reforçam uma secundarização da EF e que pode refletir negativamente, tanto na percepção dos estudantes, quanto na dos demais docentes.

Seguindo com as reflexões, tendo sido destacadas as semelhanças e diferenças, partimos para o ponto de articulação, na questão que buscou informações sobre as possibilidades de desenvolver o trabalho em conjunto. Felizmente, de forma

unânime, os docentes dos dois grupos, afirmaram haver a possibilidade de dinâmicas interdisciplinares, evidenciando os projetos como facilitadores.

Figura 10 - Análise de Similitude: possibilidades de trabalho em conjunto.



Fonte: Iramuteq.

A AS, apresenta as conexões principais entre as palavras “sim”, “professor”, “trabalhar” e “sala”. Há uma inclinação positiva na possibilidade do trabalho interdisciplinar, inclusive trazendo exemplos como “temas” e “projetos”. Também de forma recorrente os entraves encontrados para essas possibilidades envolvem a falta de conhecimento dos currículos e “conteúdos” uns dos outros, falta de tempo

destinado às trocas de informação, os desencontros em virtude das dinâmicas e horários e a própria estrutura escolar.

Eu adoro trabalhar conjuntamente com os professores específicos! Eu fico sem graça de propor muitas vezes porque não conheço o currículo deles, não sei se tem espaço para tal coisa, mas adoraria fazer mais, na verdade! Vejo muito potencial com todos as áreas! Pensando especificamente com Educação Física, eu observaria exatamente os pontos que temos diferentes em nossas atuações e elaboraria um projeto interdisciplinar no qual nossas aulas se complementassem. Eu sei que é clássico a parte de jogos e brincadeiras afro-brasileiras, mas não deixa de ser um exemplo que funciona. A gente trabalha em sala a história, a localização geográfica e os materiais de alguma brincadeira, como a "saltando o feijão", por exemplo e nas aulas de Educação Física eles poderiam desenvolver os materiais e a atividade. Ou eles desenvolvem tudo isso nas aulas de EF e em sala fazem os registros, também funcionaria. Considerando que dou aula em um quarto ano e estudamos regiões brasileiras, poderíamos fazer o mesmo com jogos, danças e brincadeiras de cada região. O pau de fitas (região sul) sendo realizado nas aulas de EF e nas aulas de Geografia/História/Artes/Língua Portuguesa estudaríamos sua origem, seria outro exemplo. Eu vejo as aulas de EF como momentos de prática riquíssimos que, dentro da sala de aula limitante de movimentos eles não poderiam usufruir da melhor maneira. Especialmente considerando que o professor de EF entende muito melhor de motricidade do que eu, pedagoga. Obviamente eu pensei muito nos meus conteúdos de sala de aula porque não conheço completamente o currículo da EF, mas sempre me coloco disposta a qualquer projeto trazido pelos outros professores (Bella-Ped).

Bella demonstra interesse e entusiasmo nas práticas interdisciplinares, inclusive com exemplos e indica a vergonha como outro fator limitante, pois não se sente à vontade de propor suas ideias a outros docentes. Fato que poderia ser mitigado com melhora na comunicação, o que poderia ser mediado pela gestão escolar, como indicam as respostas abaixo

Existem sim. Para isso precisaria do apoio da direção da escola orientando e disponibilizando horários para que os professores discutissem e planejassem em conjunto. Mas para isso acontecer de forma funcional e eficiente todos os professores precisariam concordar não somente porque a direção pediu mas também por buscarem o melhor no desenvolvimento do aluno (Maila-EF).

Sim. É preciso conversar a respeito dos temas abordados. Quando se tem projetos específicos na escola tem maior união (Dante-EF).

Outros fatores que dificultam o trabalho interdisciplinar foram citados por Cacá que destaca a escassez de materiais e recursos. Já Joline, indica a falta de professores, afirmando já ter conseguido trabalhar interdisciplinarmente. Para além do sim ou não, outra participante descreve um exemplo do que já executou nesta parceria

[...] já trabalhei confeccionando peteca enquanto a prof ed. Física ensinava regras para utilizar a peteca e por fim realizar a brincadeira, facilita o trabalho em equipe[...] (Sol-Ped).

O participante Neni, traz uma reflexão importante

Essa é uma questão bastante complexa. Entendo que seja perfeitamente possível ações nesse sentido. No entanto vejo algumas dificuldades básicas: os currículos, que são colocados aos diversos componentes curriculares de maneira separada, a organização escolar (horários, por exemplo) que não prevê momentos trabalho em conjunto, disposição pessoal de professores em trabalhar de forma conjunta. Já tive oportunidades de trabalho nesse sentido e, ao longo da carreira percebo que, o que apresenta resultados mais positivos é o trabalho através de projetos, com coordenação central da gestão escolar (Neni-EF).

Alguns trechos, demonstram que apesar do interesse na articulação do trabalho, há uma inclinação a dicotomizar teoria e prática.

Sim, jogos populares por exemplo, a vivência deles em quadra enquanto o contexto histórico e regras apresentados pelos professores de sala (Dona-EF).

Os conceitos trabalhados em sala de aula podem ser utilizados em outras aulas e acredito que já sejam, conceitos matemáticos, conceitos de grandezas, socialização entre outros (Juci-Ped).

Oportunidades de trabalhos interdisciplinares são constantes, no entanto, o manejo dos projetos, muitas vezes é tido como algo que reflete a visão dicotômica, em que quando uma atividade coletiva é percebida, predominantemente, como corporal, ou esportiva, acaba tornando-se uma bagagem a ser carregada pelo docente de EF.

Exemplos foram relatados na R5, que trouxe o relato de docentes, que sofrem represálias por propor ou deixar de propor algo, estabelecendo condições de colaboração mútua, já que em muitos casos, os demais professores, retiram-se deixando a atividade, sob a única responsabilidade de organização do docente de EF.

Porque assim muitas professoras não entendem o valor de uma coisa diferente. Ou mesmo torneio, ou uma gincana que você precisa deles pra ajudar para controlar. Porque assim você controlar tudo e ainda fazia gincana ou Inter classe, fica difícil. Então assim, são poucas as professoras que entendem e que realmente fala "Oh muito legal fazer isso, vambora!" sic. (Dona professora-EF – R5).

O aparente julgamento de que a EF não esteja fazendo parte das atividades escolares, aparece no relato da professora Minions:

(...) ela não tem ideia do que a gente faz lá, porque a gente trabalha de acordo com os projetos também da escola, brincadeiras voltadas aos projetos da escola (Minions-EF – R2)

O artigo de Silva (1996), mostra que a ideia de a EFE ser utilizada para suprir de alguma forma, as necessidades de outros componentes curriculares, já era percebida neste período – dezoito anos atrás, “uma espécie de ‘servo’ de outros componentes, como se não tivesse objetivos próprios a atingir” (Silva, 1996, p. 66).

Outro aspecto que vem contribuindo para a falta de integração entre docentes é uma visível desvalorização do trabalho do professor de Educação Física por professores de outras matérias, ou até por parte dele próprio, por executar um trabalho tido como menos intelectual do que o dos demais (Silva, 1996, p.95)

Nesta seção, abordamos temas que vinculam a prática cotidiana, as percepções, a construção, manutenção e mudanças de perspectivas sobre a EFE. Ainda que com indicativos de avanços, visualiza-se a predominância de concepções que caracterizam a EFE com funções estritamente esportivas, relacionadas à saúde biológica, psicomotricidade, atribuindo a brincadeira e a alegria como constantes, por fim, pormenorizadas.

As possibilidades de aproximações e desenvolvimento de aulas interdisciplinares, parece ser um acontecimento em potencial, no entanto, requer planejamento, disponibilidade e iniciativa de todos os envolvidos no ambiente escolar. Apontamentos de possíveis soluções para a articulação de conteúdos e alinhamentos entre os docentes, indicam a necessidade de horários que possibilitem trocas entre os docentes. Atualmente, as redes promovem horários que poderiam facilitar esses momentos, os chamados HTPC, que fizeram parte dos questionamentos aos participantes e serão mais bem discutidos na próxima seção.

5.4 – O seguro morreu de velho

A formação continuada se efetiva também na experiência, no cotidiano escolar e na relação com a realidade. Dentre as possibilidades de se incentivar a prática

reflexiva Molina Neto e Molina (2012) destacam “incentivar a capacidade de escuta nas atividades de formação docente que pode gerar efeitos importantes no desenvolvimento da área de conhecimento e na qualificação dos professores de Educação Física” (p. 60). Por conseguinte, destaco a importância da presença e do posicionamento, que juntamente com a escuta, podem promover a assertividade em temas discutidos coletivamente.

5.4.1 - Cavalo dado se olha os dentes - o HTPC

Desde que instituída a Lei 11.738 (Brasil, 2008), conhecida como Lei do 1/3 (um terço), que regulamenta a necessidade de destinação de tempo dentro da jornada docente, para dedicação a atividades sem alunos, algumas mudanças têm sido conquistadas, abaixo o texto do artigo mencionado:

§ 4º Na composição da jornada de trabalho, observar-se-á o limite máximo de 2/3 (dois terços) da carga horária para o desempenho das atividades de interação com os educandos (Brasil, 2008).

Outros nomes para o Horário de Trabalho Pedagógico (HTP), podem ser Atividade de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC), Atividades Pedagógicas de Caráter Formativo (APCF), nas escolas Estaduais de São Paulo, Hora Atividade, Horário de Trabalho Pedagógico na Unidade Escolar (HTPUE), Horário de Trabalho Pedagógico Individual (HTPI) entre outras designações. Independente do nome atribuído, os horários que compõem a jornada recebem orientações de acordo com as demandas do docente e da instituição, no entanto, devem seguir, a LDB (Brasil, 1996).

Art. 67. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

[...]

V - período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho;

VI - condições adequadas de trabalho (Brasil, 1996).

Os Horários de Trabalho Pedagógicos (HTP) no município em questão, variam de acordo com a carga horária de cada cargo e são divididos em:

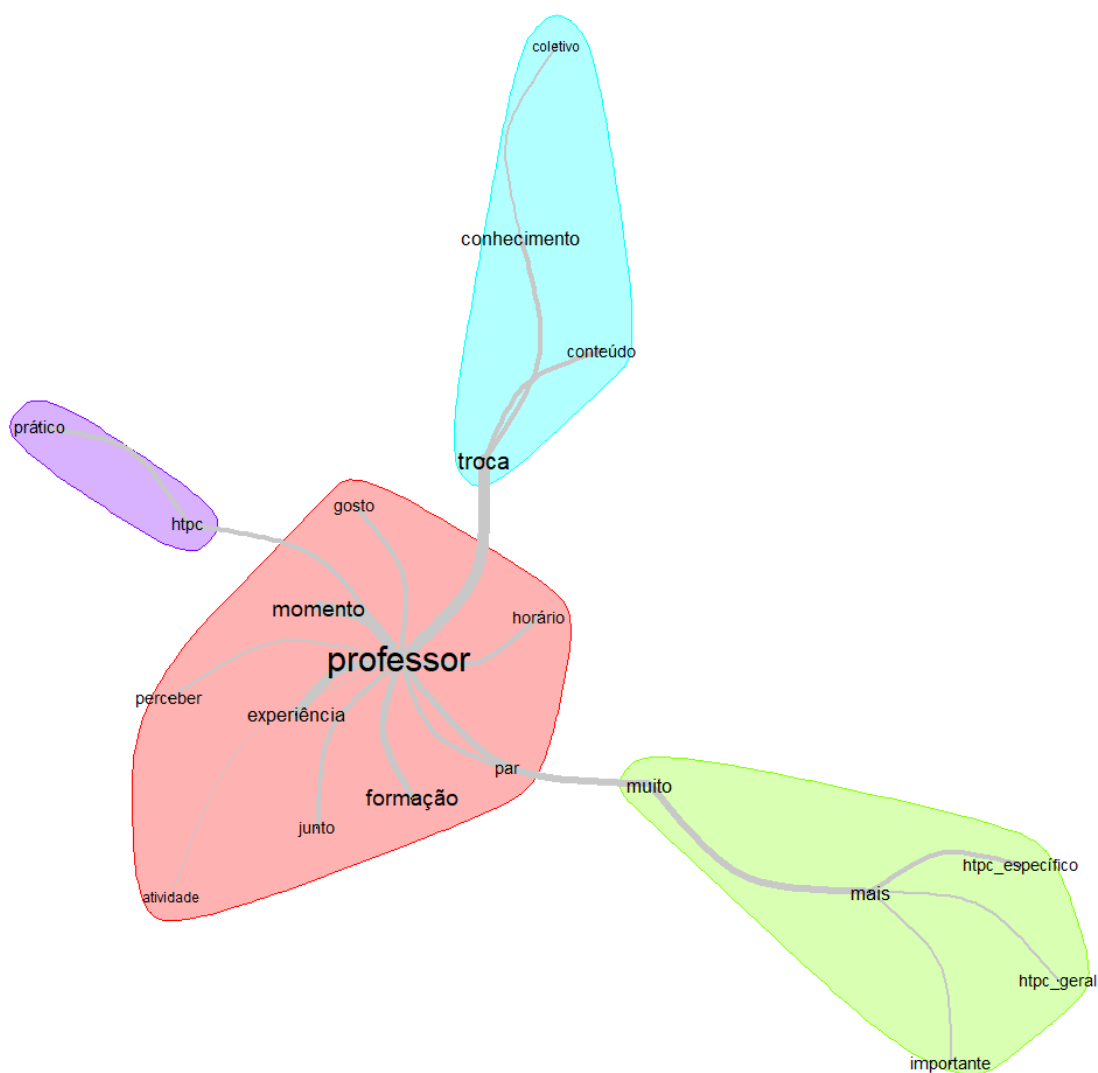
- Coletivos (HTPC), com carga horária definida de 2 horas fixas, semanais a serem cumpridas na unidade escolar em dia e horários estabelecidos no início do ano;

- Individual (HTPI), que deve ser cumprido individualmente e exclusivamente nas escolas em que leciona, com tempo determinado de acordo com a carga horária dos docentes;

- Livre (HTPL), também correspondente com a carga horária docente, é o horário em que se considera o trabalho extraescolar dos professores.

A AS referente ao questionamento sobre o HTPC, revela a compreensão de ser um significativo horário de formação para os professores, possibilitando trocas de conhecimento. No entanto, a ênfase na diferenciação de HTPC geral e HTPC específico, traz uma importante questão sobre eles.

Figura 11 - Análise de similitude: HTPC.



Fonte: Iramuteq.

As respostas referentes à percepção pessoal dos participantes sobre os HTPC que ocorrem, sinalizam um baixo aproveitamento desse período e trazem algumas discussões. Os participantes Tomas, Bella, Neli, Neide e Cacá, convergem ao entender o potencial do HTPC, para a formação e a articulação dos temas escolares:

O horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) é essencial para a formação continuada dos professores e pode ser um momento muito valioso para o desenvolvimento profissional e a melhoria da prática educacional. Minha opinião é que o HTPC oferece uma oportunidade única para que os professores discutam e reflitam sobre suas práticas, compartilhem experiências e estratégias, e planejem juntos atividades e projetos que beneficiem os alunos. É um espaço para a troca de ideias e conhecimentos, que pode fomentar a inovação e a colaboração entre os docentes (Tomas-LA).

O HTPC é um importante horário a ser parte da formação continuada dos docentes, como relatado por Antunes, Kranbauer e Krug (2013, p. 32) “[...] para discussões, trocas de experiências e diálogos entre os professores das diferentes áreas de conhecimento buscando a qualificação do ensino e a aprendizagem dentro das suas escolas”.

Em linha de síntese, o HTPC é propício para atuar como um tempo-espaço de formação docente, em que as trocas de experiências e as discussões sobre diversas práticas ocorrem, favorecendo processos de formação conjunta entre professores e coordenadores pedagógicos (Oliveira, Alves, Zanotto, 2024, p. 9).

O participante Ico enfatiza a conquista histórica do HTPC e sua importância, mas assim como as respostas abaixo, destaca o mau uso deste tempo.

Mal utilizado. Particularmente não gosto e acho que contribua muito pouco (Dante-EF).

Um desperdício de tempo, na maioria das vezes! Poucas vezes temos algum tipo de formação relevante, e em contrapartida, quando temos, a rigidez consolidada da classe insiste em predominar e fomentar o desinteresse de uma parcela significativa dos e das professoras (Joline-Ped).

Falta conteúdo de real relevância (Jeni-Ped).

Falta direcionamento para um melhor aproveitamento dos HTPCs (Georgia-Ped).

Uma temática frequente nas respostas, foi a relevância dos HTPC específicos, principalmente por parte dos docentes específicos (EFE e LA). Os HTPC nas unidades

escolares giram em torno das demandas principalmente na leitura, escrita e matemática, o que atenua o distanciamento entre os grupos.

Quando se tem um HTPC específico para isso. Explicando melhor, quando os professores específicos ficam junto com os polivalentes, eles meio que ficam "esquecidos", mas vejo que HTPCs feitos apenas com os professores específicos são mais enriquecedores, pois há a troca de experiências entre os professores e os assuntos são mais específicos (Dona professora-EF).

Nas escolas pouco se discute sobre a educação física, os htpcs em conjunto com nossa área são mais proveitosos (Dona-EF).

Acho importante desde que seja direcionado para a Educação Física (Minions-EF).

Sim, concordo. Mas, percebo que não existe uma pauta pensada para a educação física. Quando as pautas avançam para além dos recados, estas ocorrem somente em prol da alfabetização, ou seja, somente os pedagogos são contemplados. Nesse sentido, reuniões com os pares (professores de educação física), seriam mais produtivas (Neni-EF).

Os HTPC específicos para professores de Educação Física, iniciaram em 2011 e tinham encontros quinzenais, com discussão de pautas, informações sobre a área e, principalmente, trocas de experiências entre os docentes. Tive a oportunidade de participar durante o tempo que trabalhei em 2018, e eram momentos de grande aprendizado, em que as atividades realizadas durante o mês eram compartilhadas e discutidas juntamente ao coordenador, contribuindo para o aumento do repertório dos docentes e provocando reflexões sobre a nossa própria prática. Dos anos de 2020 até 2022, os HTPC específicos foram suspensos e os docentes participavam nas escolas nas quais lecionavam. Em 2023 os HTPCs foram retomados, uma vez ao mês com um professor de EFE, do grupo, como coordenador. Dante durante a R5, foi enfático ao tratar sobre o HTPC

Uma das críticas de htpc minhas é exatamente essa. A gente fica por exemplo 2 horas às vezes na escola e qual que é a função? A preencher o documento. Igual eu conseguiria fazer isso em casa no meu computador. Mas você ficar repetindo coisas e tal que não te levem a resultados. Para mim uma reunião efetiva eficiente aquela que te leva a algum resultado (Dante-EF – R5).

Juci e Lenon, respondem sobre a importância do HTPC para trocas de experiências entre os docentes, convergindo para o que relatam Antunes, Kronbauer e Krug (2013) ao considerarem o fomento à formação continuada e ao desenvolvimento profissional em reuniões pedagógicas. O que Bella indica na

resposta abaixo, nos mostra a importância de expor opiniões, necessidades e experiências.

Gosto da ideia de troca de experiências e elaboração de projetos coletivos entre os professores, de todas as áreas. Como disse anteriormente, nesses momentos ouvi relatos de professores de EF que nem eram os professores da minha turma, mas que me fizeram aprender muito e nutrir um respeito ainda maior por eles (Bella-Ped).

Concluo que, mesmo sendo um horário importante de contribuição para formação e trocas de experiências, o HTPC tem sido pouco aproveitado em virtude de diferentes causas como o excesso de temáticas a serem tratadas, o desinteresse e o cansaço dos professores e a falta de pautas que atendam às especificidades e às necessidades docentes. A mesma prerrogativa é percebida tanto no trabalho de Silva (2020) e Varanda (2018), que apontam um distanciamento entre as pautas dos HTPCs na escola, e os específicos.

Seria interessante, primeiramente, um diagnóstico das necessidades de aprendizado docente consultando-os e possibilitando até mesmo formações em parceria, com compartilhamentos entre os professores da própria rede. Fenterseifer e Silva (2013, p.130), apontam como a falta desse tipo de integração, pode ser prejudicial.

Assim como a participação em um grupo de estudos pode ser considerado um elemento importante na busca pela inovação de uma prática pedagógica, a ausência de um coletivo para compartilhar as mais variadas questões do cotidiano profissional também acaba por constituir um dos principais entraves ao avanço da prática pedagógica.

O exemplo da fala de Bella que, ao ouvir relatos de professores de EFE, a fizeram aprender e respeitar ainda mais a área e a profissão, reforça a importância da participação efetiva destes docentes, nestes momentos. O que converge para o que Silva (2020) aponta em seu estudo:

Os professores precisam reivindicar o seu papel de autores na HTPC, questionando os processos formativos baseados numa tendência liberal e conservadora, exigindo e participando de forma ativa na formação colaborativa. Esta prerrogativa do professor, de poder participar das decisões que envolvem a sua formação continuada, baseia-se na gestão democrática da escola, por meio do Projeto Político Pedagógico, que garante a autonomia dos sujeitos na tomada de decisões (Silva, 2020, p. 86).

O HTPC pode ser mais adequadamente utilizado, como sugerem alguns participantes, por melhor aproveitamento do tempo, conteúdos alinhados às necessidades dos docentes, flexibilidade em casos de pautas que, por exemplo, inviabilizem a participação de todos. Enquanto docente, penso que o HTPC é um espaço de formação com forte potencial formador e articulador, mas não deve ficar à mercê de monólogos saturados sobre temas restritos.

É essencial, neste momento, explicitar que não há a intenção de se renunciar a um direito estabelecido, como é o HTPC, por parte dos docentes e da professora-pesquisadora. Ocorre inclusive, um relato sobre a necessidade dessa participação por parte de Lock na R5, no entanto, o que se defende é o direcionamento deste momento, para temas que abarquem a multiplicidade docente.

Utilizar o HTPC como horário de formação de interesse e necessidade dos docentes, envolve tanto a articulação entre os pares, com os assuntos da escola, quanto à possibilidade de, enquanto HTPC específico, fortalecer a área, trocar experiências, levantar demandas e discutir soluções em conjunto. O HTPC também pode ser um horário de expansão e aplicação do Letramento em Cultura Corporal de Movimento, podendo ser proposto pelos próprios docentes de EFE.

5.4.2 – Crescer, aparecer e continuar aparecendo

Colocar-se na posição de compartilhar suas experiências, frustrações, conquistas e expectativas em um grupo de profissionais não é tarefa fácil para muitos, seja por medo da exposição, insegurança, ou simplesmente para evitar situações conflituosas ou de invalidação. Eu mesma, professora-pesquisadora, já evitei de levantar a mão e dar opinião em alguma reunião profissional. No entanto, esse não é um comportamento que contribui para os temas que defendo. Para contextualizar essa sessão, serão discutidos os relatos acerca de percepção pessoal, sobre a consideração das demandas escolares.

Quando falo sobre decisões dentro da escola, considero aquelas que deveriam fazer parte de uma escola democrática, definição de projetos, destinação de recursos financeiros, apontamentos de especificidades em obras, entre outros.

Os assuntos devem ser de conhecimento de todos e todos devem participar das decisões (Minions-EF).

De maneira democrática, com a participação da comunidade escolar (Iris-Ped).

Sonho de todo professor, receber e compartilhar estratégias educacionais de adaptação do currículo às necessidades dos alunos. Incluir manutenção da infraestrutura, compra de materiais didáticos e a organizacional da escola, incluindo a criação de espaços adequados para a aprendizagem. Ter o suporte necessário para a realização (Flor-Dir).

As citações acima, mostram o que seria o ideal, como deveria ser o tratamento das decisões no âmbito escolar, sobre diversos temas. As respostas de Cacá, Lore, Aretha e Juci, demonstram uma percepção democrática e participativa nas escolas em que lecionam. Dona, por exemplo, cita que os temas são geralmente abordados via aplicativo de mensagens instantâneas (Whatsapp), ou em HTPC. Já, na maioria das respostas, há a percepção de distanciamento das decisões.

O que acontece muitas vezes, é que a direção, apesar de trazer aos professores os assuntos a serem discutidos, já pensaram e fecharam a decisão antes mesmo de trazer a questão (Maila-EF).

Falta gestão democrática e envolvimento verdadeiro, deixar de ser mero cumprimento de burocracias para enxergarmos a realidade e propormos alternativas viáveis aos problemas (Ico-Ped).

Na minha atual realidade, a discussão, quando ocorre, não é efetiva. Embora em alguns momentos haja proposta de discussão, as resoluções já estão dadas e a discussão serve apenas para que alguns exponham suas opiniões, mas não são levadas em conta na tomada de decisão, na maioria das vezes (Joline-Ped).

A fala da Maila, imprime uma falsa sensação de pertencimento, em que outros participantes do grupo de EFE, como Neni e Ax, também respondem neste sentido. Em consonância com Molina Neto (2024, p. 7), quando versa sobre “[...] a pouca repercussão que suas ponderações e requerimentos têm aos ouvidos dos gestores educacionais [...]”. No grupo de pedagogos, também se anuncia a falta de comunicação ou a informação quando as decisões já foram tomadas, ausência de divulgação e transparência com os temas que deveriam envolver a todos.

Em que medida, essas defasagens na participação coletiva são responsabilidades de um ou outro grupo? Na sequência, vamos observar uma temática que levanta opiniões que demonstram que nem só da falta de comunicação, vivem os problemas: as documentações exigidas.

É fato que as documentações servem como registro e planejamento docente, bem como atividades desenvolvidas, ocorrências e avaliações. As documentações

nesta rede, eram feitas por meio de diários de classe físicos, que continham os campos de frequência, notas, ocorrências etc. Quando ingressamos no contexto pandêmico em 2020, a alternativa para as escolas, com o ensino remoto e o distanciamento social, foi adotar práticas tecnológicas para a tentativa de manutenção do andamento das aulas. O diário de classe passou, então, a ser preenchido *on-line*, em um software específico que a rede municipal utilizava e, da mesma forma, outros documentos como planos de aula, registro de atividades no HTPI, migraram para o *on-line*. Ao retornar para o presencial, essas possibilidades continuaram.

Dado este panorama, nas respostas sobre a documentação, duas participantes do grupo de EFE revelam obter todo o apoio necessário por parte da gestão para o preenchimento, enquanto outros relatos exprimem descontentamento.

Um pouco de excesso de documentos, sendo que são muitos parecidos (Dona professora-EF).

Muita burocracia que ninguém explica o porquê de tanto relatório (Minions-EF).

Demasiadamente burocrático (Dante-EF).

Maçante, cansativo e cada vez mais burocrático (Ax-EF).

No grupo dos demais docentes, também há manifestações que concordam com o gasto de tempo excessivo nessas documentações, aumentando a demanda do trabalho docente.

São muitos; poderiam reduzir; pois tornam-se repetitivos e desmotivam professores (Cacá-Ped).

Mesmo entendendo a importância em se documentar e registrar os processos que ocorrem no desenvolvimento do trabalho, alguns docentes se queixam da repetição de informações em diferentes documentos.

Na escola existem muitos documentos que devem ser preenchidos pelos professores. A meu ver parte desses documentos é desnecessário visto que, em muitos casos, são mera formalidade, ou seja, não são utilizados de forma que realmente contribuam com a melhoria da qualidade da educação e, além disso, exigem que os professores gastem horas desnecessárias para preenchê-los (Neni-EF).

A legislação é extremamente importante para a administração pública como um todo, portanto as burocracias são fundamentais para trazer eficiência, melhorias, resolver problemas, nos documentários... Entretanto, o excesso

de burocracia transformou-se num problema, visto que na maioria das vezes, os docentes utilizam seu tempo, inclusive em seu tempo de lazer, não remunerado, preenchendo documentos ao invés de pensar em atividades (Ico-Ped).

Neste tocante, há respostas que fazem apontamentos totalmente positivos às documentações como é o caso de Neide e Aretha. Esta, responde que “Os documentos fazem parte da responsabilidade docente, **independentemente da licenciatura** e seguem a legislação educacional” (Aretha-Ped, grifo meu). Este destaque, leva-me a enfatizar que em nenhum momento a discussão se embasa na exclusão dos documentos, como bem já defendi neste texto, mas na otimização, padronização, melhoras na instrução e adequação às realidades docentes.

As respostas das participantes que ocupam cargos de gestão, denotam a importância da documentação em uma visão administrativa, no entanto, Lore também percebe que poderia haver otimização.

Os documentos são essenciais, pois têm o objetivo de abordar o progresso do aluno, as dificuldades enfrentadas e as estratégias de intervenção. É importante incluir gráficos e tabelas para facilitar a visualização dos dados. Através desses documentos, conseguimos identificar as necessidades individuais de cada aluno e promover a colaboração entre educadores e famílias (Flor-Dir).

Cada documento é necessário para registro de todo trabalho realizado na escola, mas demanda um bom tempo. Acredito ser necessário buscarmos meios mais práticos para realização dos mesmos porém não temos hoje um modelo que torne mais prático esse trabalho (Lore-Coord).

Retomo aqui uma diferença pontual sobre o número de turmas e alunos entre os docentes específicos e pedagogos. Os docentes específicos possuem pelo menos 10 turmas e os documentos solicitados devem ser feitos turma por turma, e o que vemos não é a consideração desta especificidade, na criação e adaptação dos materiais disponibilizados. Os docentes específicos lecionam e lidam com aproximadamente 300 alunos por semana (ver figura 5). O que implica em conhecer, engajar, avaliar e fazer os registros sobre esse montante.

Assim, a sobrecarga advinda dessa multiplicidade de funções, a quantidade de turmas, o número de alunos a atender, o número de horas dedicadas a prática docente ou, até mesmo, a falta de tempo para a qualificação desejada, podem ser considerados fatores estressores importantes, principalmente quando acarretam prejuízo à qualidade de vida desses professores (Santini; Molina Neto, 2005, p. 215).

O assunto já foi tema de discussões acaloradas ao longo destes anos no município em questão. É de se esperar que a rede considere os componentes curriculares que compõem a grade das escolas municipais, também na criação e documentos específicos. A justificativa que se tem para a alta demanda e a repetição de documentos é para resguardar e defender quanto a algum tipo de denúncia.

Esse sistema é meio burro, porque assim. Você põe lá, você escolhe a escola, o conteúdo, primeiro ano. A hora que você vai sair ele volta lá no começo. Você tem que escolher a escola de novo (Dona professora-EF – R5).

Mesmo havendo manifestação do grupo de professores, questionamentos feitas aos responsáveis, considerando a natureza do trabalho pedagógico que envolvem os registros e documentações, poucas mudanças ocorreram quanto a repetição exaustiva de informações.

A discussão sobre a prática de preenchimento dos documentos também trouxe apontamentos para a total desconsideração da existência de componentes curriculares específicos como fichas que não constam estes componentes ou suas atividades. O tempo de preenchimento torna-se tão extenso que superam as horas pagas destinadas ao trabalho pedagógico, em concordância com Neni e Minions.

Cara, é muita papelada, muito parecida e pouco tempo. Por mais que a pessoa não tem o pessoal aí que tem apenas às 10, salas ou 12. Eu enfrentei, preciso dobrar. Eu tenho 18. (...) Já está no diário, não precisa ter um campo separado. Tem o RAC bimestral, você tem o PEI, é um monte de papelada, que você tem pouco tempo! Eu só consigo fazer de final de semana em casa. Deveria fazer em casa? Não!! Mas não dá pra fazer na escola, porque uma não tem quase computador que funcione direito, tem o que você liga e enquanto você vai pegar o copo d'água está lá... Beleza, aí quando você conseguiu fazer ele funcionar a internet não funciona. Quando você conseguir fazer o computador funcionar a internet funcionar aí não consegue acessar o sistema porque o sistema está sobrecarregado (Dona professora-EF-R5).

Ainda pensando na especificidade da área, algumas observações foram feitas pelo grupo de EFE, que sinalizam a sensação de serem desconsiderados. Antunes, Kronbauer e Krug (2013, p.35) apontam que essa sensação é causada pela “[...] falta de identidade da Educação Física Escolar, ao passo que a disciplina não mostra seus objetivos, fazendo com que os outros professores não a encarem com a devida importância na formação dos seus alunos”. Maila aponta que mesmo tendo autonomia nas suas aulas, ainda ocorrem, em situações específicas, como eventos ou de “[...] a direção normalmente quer realizar e tratar da forma que ela achar melhor”. Minions

pensa que “[...] somos os últimos a serem pensados na educação”, demonstrando insatisfação com a situação.

Sinto necessidade de uma atenção especial com a quadra. Em nossa escola temos muitos problemas com pombos, com água da chuva e sujeira de folhas e poeira. Apesar das solicitações nada tem sido feito. Outros espaços da escola estão sempre sendo limpos e até lavados e, na quadra isso ocorre apenas quando a quadra deve ser preparada para algum evento (Neni-EF).

Pouco material, escanteamento de decisões e baixa interação com os pedagogos (Ax-EF).

Neni e Ax revelam as desconsiderações da área da EF sobre materiais e infraestrutura. A questão de pombos em quadras é recorrente em várias escolas, não apenas nesta cidade, e impacta diretamente na questão da limpeza da quadra. Este espaço é onde utilizamos o chão como apoio para muitas atividades e diferentes formas de deslocar-se. O chão sujo, com fezes de animais, além de ser perigoso para a saúde, denota a importância que se dá ao espaço de aula de EF. Durante os meus anos de trabalho, a quadra é limpa pelos caminhões pipa da cidade, principalmente em épocas em que o cronograma envolve eventos nas escolas.

O questionamento seguinte é sobre quais especificidades da sua área o docente gostaria que fosse considerado, pensando em possíveis melhorias. O grupo de EF cita majoritariamente sobre materiais e espaço físico, como limpeza e manutenções na quadra, compra de materiais, adequação de espaços para a prática colocando bebedouro próximo à quadra, por exemplo. Respeito e consideração do número de turmas, também foram citados.

Já para o grupo de pedagogos, as respostas variaram, contendo algumas referências à necessidade de materiais e brinquedos, à formação continuada de qualidade, à diminuição do número de alunos por turma e maior diálogo. Bella trouxe ainda, uma especificidade que afetaria positivamente seu trabalho.

Acho que a polivalência é solitária para o pedagogo. Queria que tivesse mais oportunidades para a formação continuada baseada em evidências científicas de qualidade, porque nossa formação nunca será o suficiente para as demandas da prática docente. E não sei o quanto a escola sozinha pode influenciar nisso. Materiais didáticos e pedagógicos para todas as salas, que é uma questão estrutural. E uma especificidade de segunda ordem: que a Educação Especial tivesse mais condições dignas de trabalho para que pudéssemos ter uma parceria efetiva na aprendizagem dos nossos estudantes. Impacta o meu trabalho o fato de eles não terem melhores condições (Bella-Ped).

A Educação Especial (EE) tem suas especificidades, mas por se tratar de uma modalidade que atravessa todas as demais de forma particular, contribuindo de forma específica com os estudantes que a integram, há também discussões relacionadas a ela dentro da EF. A EE é indispensável e necessária para uma educação acessível. Acontece que, mais uma vez, nos deparamos com a atenuação de mais uma questão na EF, uma vez que não há legislação específica neste sentido, e sendo necessário aguardar processos jurídicos para docentes colaborativos.

O professor de EF, que tem como suas particularidades a utilização de espaços abertos, passa por situações preocupantes, no sentido de garantir a segurança dos seus alunos. Durante o meu percurso nesta rede, já passei por momentos delicados e ao me remeter aos superiores, fui comunicada que os professores colaborativos, devem acompanhar os estudantes somente em sala com o docente responsável. Ou seja, nas aulas de EF, entendia-se que não era necessário acompanhamento. Esse desencontro de informação leva o docente a ter dúvidas sobre o que fazer em situações de fuga de alunos, agressão, crises, quedas entre outros. A cada 50 minutos, as mesmas questões, dificuldades, muitas vezes sem conseguir desenvolver sua aula com qualidade.

O espaço de aula geral ou específica, talvez possa acontecer em vários lugares, mas com que qualidade e a que custo? Da qualidade da aula, à saúde e integridade dos estudantes e docentes, o que ocorre é que se ignora a existência destes pontos. Na seção seguinte, abordaremos de forma mais pontual, esta questão.

5.5 - A quadra da mãe joana

A quadra poliesportiva é um lugar que, comumente, representa o espaço da EF. Nesta sessão, a quadra é tratada também como o espaço social de EF. Quando realizei a minha pesquisa de graduação era um incômodo ver a liberdade com que outros profissionais fora da área tinham ou como se sentiam à vontade para interferir na EF, por exemplo, retirando estudantes das aulas específicas. Durante a trajetória docente, percebi que apesar de incomodada, eu não tinha a dimensão do alcance das interferências e do impacto para a EF.

Como profissionais de Educação Física inseridos nos mais diversos contextos e com diferentes formações e experiências, nos deparamos e lidamos com situações de maneiras particulares. Eis que é necessário que

reconheçamos o papel do posicionamento do professor em relação aos acontecimentos no dia a dia do trabalho escolar (Silva, 2017, p. 13).

O último grupo de questões do formulário levanta situações anteriormente já experienciadas por docentes de EF e que permitiram entender um pouco melhor alguns comportamentos.

A primeira questão apresenta uma situação em que a professora de EF Eleonor vai até a sala de aula onde Julie está lecionando e comunica que utilizará a sala para desenvolver a aula do dia. Apesar de todas as respostas sinalizarem que Julie deveria deixar a sala, os complementos das respostas demonstram a necessidade de haver uma comunicação prévia para essa utilização.

O grupo de professores de EF tem respostas mais direcionadas à ação de Julie retirar-se da sala, enquanto os professores do grupo de pedagogos defendem a necessidade de comunicação prévia mesmo entendendo a situação.

A Julie deveria concordar sem questionar e deixar a sala para Eleonor desenvolver a atividade (Maila-EF).

A professora Julie sair para que a Eleonor utilize a sala (Dona-EF).

Expressões como “ceder a sala” parecem referir ao espaço como propriedade de um outro docente. A sala de aula é um espaço comum para utilização com os estudantes, estando estes com qualquer docente. Durante a roda de conversa, alguns participantes, afirmaram já ter tido embates em situações como esta.

Tive que inclusive nessa situação, chamar a diretora, porque ela falou mesmo que não ia sair, tal... aí, tá, acabou saindo, né? (Ax-EF – R5).

Fiquei em sala “Ah, mas eu vou usar a sala” e eu “Tá, mas eu vou ficar na sala” e ela saiu bufando (Dona professora-EF – R5).

O docente específico deveria ser prontamente atendido, para utilizar os espaços de sala e ter sua autonomia respeitada, de modo que o outro docente cumpra seu HTPI, no local destinado a esta prática. E isto não é uma atitude apenas de defesa de autonomia, mas que envolve a situação dos estudantes, que ficam confusos quando estão com dois professores no mesmo ambiente, já que há ainda, situações em os pedagogos permanecem em sala, mesmo com outro professor dando aula.

Não é a mesma situação o contrário, ou seja, quando o professor de EFE está em HTPI, por exemplo, e a quadra estando sem outra turma, ele pode utilizar.

Resistências de pedagogos na utilização da sala, por professores de EFE, também foram encontradas no trabalho de Varanda (2018). A autora revela que um dos motivos envolve o atendimento à expectativa dos estudantes e levanta uma reflexão.

(...)será que somente aulas de EF feitas no ambiente interno da escola precisam de objetivos categóricos para não haver questionamento dos alunos, será que as demais disciplinas também tem que se alinhar a aceitação dos alunos ou só a EF tem que ser uma atividade prazerosa na escola e, por último, a relação quase orgânica das aulas de EF com a área externa da escola, desconsiderando a construção social deste conceito, como se essa concepção não tivesse sido⁹¹ construída ao longo do tempo e como se fosse algo sem perspectiva de modificação (Varanda, 2018, p. 90-91).

Ao tratar sobre essas questões, o GEF reconhece a importância dos espaços específicos de aula e a pesquisadora reforça, que essa discussão não significa que os docentes de EFE reivindicam a sala de aula como espaço único, mas que seja uma possibilidade, sem interferências ou situações conflituosas, quando necessário.

Outra situação hipotética, foi sobre a solicitação de retirada de alunos em suas aulas. Destaco que apenas uma resposta entre os pedagogos, versou sobre a experiência de ter algum aluno retirado de sua aula, por um professor especialista.

Já tive professores especialistas que me pediram tempo a mais com a turma toda ou alguns alunos específicos para terminarem as atividades e eu não me importei. Porque mesmo que eu tenha um planejamento a seguir, eu tenho muito mais autonomia e tempo para reorganizar minhas atividades do que o professor especialista que passa 1 ou 2 horas-aula com as crianças por semana (Bella-Ped).

Em contrapartida, 7 professores de EF e os dois de LA indicam já terem passado por tais situações, com maior ou menor ocorrência. A frequência desses episódios é tratada nas respostas como um detalhe que suaviza a situação. Defendo que não é bem assim, e utilizo a fala de Bella quanto a carga horária, para justificar, pois pedagogos estão com a turma por maior tempo durante o dia e a semana, o único tempo hábil para realizar as atividades que falta, seria na hora da aula específica, que tem 2 aulas na semana (no caso da EFE). Evidente que outras soluções precisam ser traçadas. Da mesma forma, a questão do comportamento foi bastante citada como outra justificativa utilizada para que alunos não participassem das aulas.

[...] eu evito ao máximo privar os estudantes das aulas dos professores especialistas, por quaisquer motivos. Mas uma vez a coordenação tirou a EF de alguns alunos por desobediência e eu não quis passar por cima dessa

decisão. Tentei avisar imediatamente a professora de EF para que ela ficasse ciente que nos dias das aulas dela eles não estariam presentes etc. (Bella-Ped).

Durante meu tempo de docência, não passei por situações desse tipo. No entanto, observei casos em que professores de educação física ou regentes deixavam alunos sem a aula por questões de comportamento em sala (Flor-Dir).

Ao ler a resposta de Flor, quando afirma que os próprios docentes especialistas, solicitam a não participação, vejo o cenário ficar ainda mais comprometido. Joline, também pontua situações semelhantes.

A única forma com que respeitei essa decisão de a criança não participar da aula, foi quando a iniciativa foi do próprio professor especialista (Joline-Ped).

A permissividade nessas interferências, possuem caráter reforçador de comportamentos como este. Inclusive, retomo a ideia de que a sucessão destes e outros episódios, contribuem com a construção das representações sociais em relação à EFE.

A complacência do professor de Educação Física nestas situações, bem como de gestores da escola, atua diretamente no aspecto “importância” da disciplina, autonomia do professor e descaracterização da área (Silva, p.17).

Outras questões relacionadas ao espaço de EF sem considerá-lo como “espaço de aula” é, por exemplo, execução de programações e eventos no ambiente em que o professor de EF tem para desenvolver sua aula. Como já citada, a falta de manutenção para a boa conservação destes locais, é uma constante, mesmo que acarretem a riscos aos estudantes, quanto à saúde e a integridade física, como consequências de falta de limpeza, má elaboração de sistema de vasão de água da chuva, a acústica, a proteção do sol.

Durante a R2, após representarem os espaços e os materiais que têm à disposição para desenvolver as aulas de EF, os docentes refletiram sobre os desenhos seus e dos colegas e compartilharam opiniões.

Não, e tem coisa que é muito simples, né? Faz três anos que eu tô no (Escola x), tem um cano lá que joga água do telhado, dentro da quadra (Neni-EF - R2).

Isso quando há a quadra, pois como é o caso de algumas unidades escolares, as construções dos prédios escolares são feitas e inauguradas sem a quadra ou espaço físico que atenda à demanda da EF. É o caso da mais nova escola do município a ser inaugurada em 2.025.

Não é bem pensado pelo sistema público, pelo sistema político que está ali inserido, né? Você chega lá e, assim, se você está sendo limitado nessa escola, por exemplo, eu não tenho nada. Nada, nada. Tipo, seis bolas e um jogo de cones, dez cones, né? Enfim, então, assim, eu tento expandir principalmente para aquele lado que dá para expandir, porque a gente não vai deixar de dar aula, porque não tem, né? Só que eu tenho certeza que eu poderia avançar e muito mais se tivesse suporte necessário (Ax-EF- R2).

A falta de materiais também foi destacada, apesar de algumas escolas terem materiais diversificados, como no trecho a seguir.

Na nossa escola tem uma sala ambiente, na nossa escola tem material, na nossa escola tem uniforme, na nossa escola tem criança para caramba. E eu acho que todo mundo aqui tem. E a gente se resolve, dessa forma. Nesse conceito de material, para quem já trabalhou em outras escolas de estado. Eu pelo menos vejo um paraíso. Por mais que não defenda a gente da chuva, o sol a gente se protege um pouco mais do que em outras escolas de estado que nós trabalhamos. (Cross-EF – R2).

A escola em questão, passou por uma reforma no ano de 2024, em que se construiu mais salas de aula e, uma delas, passou a ter função de sala multifuncional, tendo sido utilizada como alternativa para as aulas de EF, além disso a unidade recebeu materiais para uso da EF, comprados com recursos próprios.

Como o comum tem sido a escassez de materiais, os docentes de EF encontram alternativas para suas aulas. Um exemplo, é o empréstimo de materiais entre as escolas, feito pessoalmente pelo docente, que se responsabiliza pela retirada e devolução.

Você tem uma outra escola se você dá mais aula, mais que uma escola, por exemplo, sei lá, na escola tal. Aí, faz uma atividade que precisa de bolinha, no (ocultado) não tem então peço pra diretora se ela empresta, aí vou lá faço a atividade, eu vou lá, passo aqui dois meses, aí depois eu devolvo pra lá, às vezes (Dona professora-EF – R2).

Além dos empréstimos, é comum que os docentes comprem materiais com seus próprios recursos e levem para a escola, na expectativa de proporcionar o

contato dos alunos com materiais de qualidade. A adaptação de espaços e materiais, também faz parte do cotidiano do professor de EF.

Mas, assim, a gente adapta mesmo, não é o ideal, não é o adequado, para se fazer. A criança teria que ter o contato com aquela bola específica do esporte, ver o quanto ela quica, como seria quicar uma bola daquele tamanho na mão, entre outras coisas. E foi feito o porquê tinha que ser feito, e eu achei que seria interessante fazer, mesmo. Não fiquei 100% contente com o que eu entreguei, porque não foi com a bola correta (Dona - EF – R2).

A adaptação, o que eu consigo pensar da adaptação? É legal, é a gente faz o que tem que fazer, porque a gente está aqui para isso, para trabalhar, para dar aula, mas é um desgaste, é um desgaste a mais, para a gente conseguir fazer o que tem que ser feito. A gente poderia estar fazendo com mais qualidade, com menos preocupação, se vai ter, se não vai ter, se vai ter que chegar mais cedo, muito mais cedo, ou se vai sair muito mais tarde, porque pega emprestado de uma escola, pega de uma escola, que é uma responsabilidade muito grande de a gente ficar levando material de uma escola para outra (Pesq – R2).

Além de tudo isso, eu penso o seguinte. A criança merece conhecer o que é bonito, o que é novo, né? Por exemplo, uma coisa é você vai fazer, tabuleiro, é você criar com aluno, os jogos e pintar e eles fazerem a tampinha, ok, olha, dá para você ter isso em casa, se você quiser ter, né? Mas você pode comprar também, não é tão caro. E é assim que você leva lá um negócio que é real, que é novo. Por que dó porque mora na periferia, ou é da periferia daqui ou dali, não pode conhecer, não pode ter acesso? Então, eu nunca vou ver uma bola nova? Não vai ser uma bola nova, eu nunca vou abrir? Não é uma delícia, você abrir, abrir aquelas bolinhas? Então, e a criança não vai passar por isso, então é sempre... A gente não pode falar lixo, porque é reciclável, reciclável, mas é só lixo? a gente trabalha com lixo, com bola velha, com bolas velhas? E a gente tem que ensinar a criança de cuidar das coisas, do material, dela mesma, da quadra, da roupinha dela, se você chegar na quadra, a não pode deitar na quadra, porque ela vai se sujar tudo. Como é que funciona isso? Eu acho que é falta de respeito com as pessoas que estão lá, as crianças, os professores, todo mundo que está lá na quadra, é assim, falta de respeito. Porque o investimento é barato, uma bola nova, 10 bolas novas, duram o ano inteiro. Adaptar, a gente está certo, mas para mostrar para a criança que é possível, não que será a única possibilidade (Neni-EF – R2).

Os excertos são grandes, mas tem aspectos muito importantes como considerar a experiência do estudante e do docente, que investe dinheiro, tempo e energia, em adaptações que se tornaram a regra. Os estudantes deveriam ter o contato na escola com ensino, infraestrutura, materiais, de qualidade. Essa constante demanda reforça a diferença de classes da sociedade, reproduzindo-a dentro da escola, conformar-se e fazer conformar com o sucateamento das aulas e da escola é ser reprodutor de um sistema que espera que “o pobre cada vez fique mais pobre”.

Do ponto de vista prático, trata-se de retomar vigorosamente à luta contra a seletividade a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas

populares. Lutar contra a marginalidade por meio da escola significa engajar-se no esforço para garantir aos trabalhadores um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais. O papel de uma teoria crítica da educação é dar substância concreta essa bandeira de luta de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com os interesses dominantes (Saviani, 2007, p. 31).

Com esses pensamentos, não há a pretensão de se fazer uma revolução contra a adaptação, mas de não fazer disso algo estabelecido como mais uma função mínima atribuída ao docente, para alcançar seus objetivos em aula, mas sim um recurso pedagógico eventual.

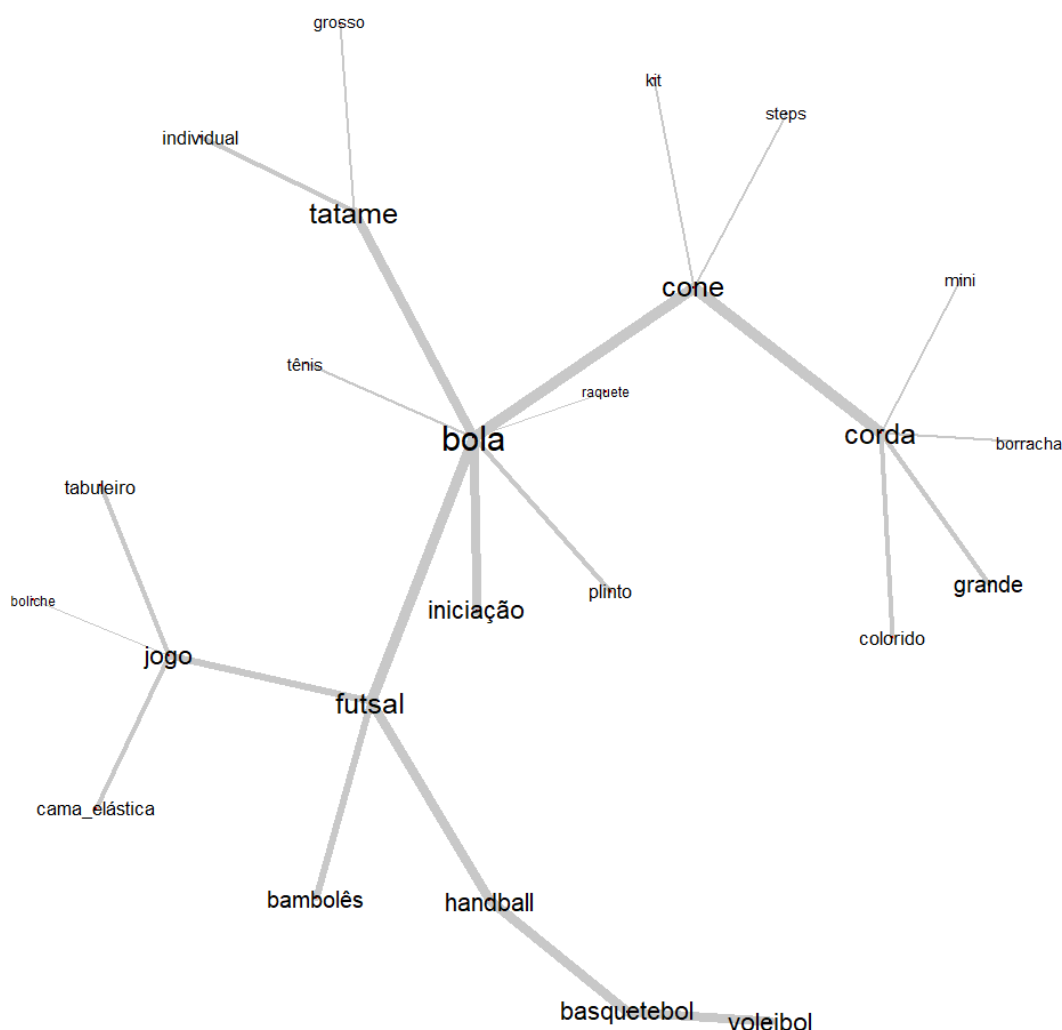
Outro tópico levantado sobre os materiais, é que além da falta de investimento para uso da EF, os que já tem são utilizados, muitas vezes, de maneira descuidada, sem orientação por outras pessoas da escola, com outros fins, que não os da EF. Nesse ponto, os docentes, apontaram ter grande descontentamento, pois às vezes chegam contando com o material e ele já foi danificado, utilizado em algum evento ou simplesmente desaparece.

Além dos bambolês, pegaram as cordas de sisal, e eu estava deixando algumas em pacotinho, e entregando aos poucos, ou substituindo as ruins aos poucos pra eles. Elas pegaram, simplesmente, desenrolaram a corda, assim, para fazer... Enfeites (Dante-EF – R2).

Na R3, realizamos uma dinâmica em que foi apresentada uma situação hipotética de solicitação de materiais, na qual os docentes deveriam fazer uma lista com no mínimo 10 itens, com breve justificativa de compra para utilização em suas atividades. Os resultados de ocorrências de palavras na Análise de Similitude, no *software* Iramuteq, apresentou o resultado na figura 12.

Na imagem vemos destaque para bolas, cordas, tatames, cones e jogos, embora haja detalhamento nas listas para bolas de iniciação de esportes diversos, bolas de borracha, cones grandes e pequenos, flutuadores, jogos de tabuleiro além de dama e xadrez, equipamentos para ginástica, *slackline*, materiais para atividades de circo, instrumentos para atividades de atletismo como barreiras, bambolês, coletes caixa de som, entre outros. As justificativas descritas apresentam a iniciação esportiva, a contribuição com habilidades motoras, cognitivas e capacidades físicas, organização do espaço e dos alunos, atendimento à BNCC, contemplar lutas e danças, além da sugestão de kits para aulas alternativas em dias de chuva.

Figura 12 - Análise de similitude - Lista de materiais



Fonte – Iramuteq

Dentre as justificativas, é possível perceber ainda, a preocupação com a diversificação de conteúdos, com o atendimento à BNCC, e, a consideração das necessidades das diferentes faixas etárias. O que demonstra o interesse dos docentes no desenvolvimento de práticas significativas e adequadas às suas diversas turmas.

O tema da limpeza da quadra, já abordado em algumas respostas do formulário, foi retomado durante a R2. Declarações que passaram por situações corriqueiras como ter que secar a quadra em dias chuvosos, retirar folhas, foram discutidas e até justificadas pela falta de pessoas nas equipes de colaboradores da limpeza. Enquanto os demais espaços das escolas têm cronograma para dedicação da equipe da limpeza, a quadra fica à mercê da espera da organização de caminhão-pipa, disponibilizado principalmente em período de eventos, para ser limpa.

É, e numa hora, uma ou outra, essa falta de estrutura ela vai gerar pessoas doentes, por mais que o professor não desinvista, que o professor esteja apaixonado, ele está dando soco em ponta de faca, e vão se passando os anos, e as coisas não vão mudando, vão se passando os anos, vão se passando, vão se passando, até que chega um momento que o professor não consegue mais, ou ele realmente não quer mais (Ax-EF -R2).

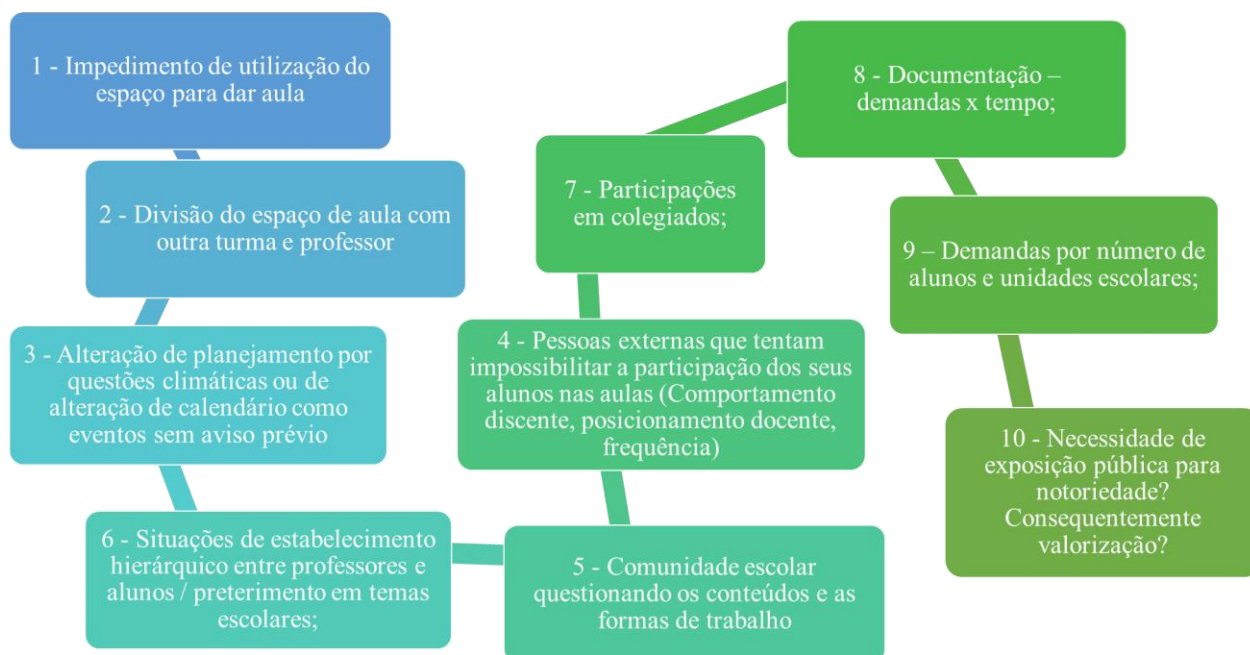
Na fala de Ax há um assunto que até então não havia surgido: a saúde mental dos docentes. As adversidades recorrentes, tanto desestimulam o docente, como também comprometem a integridade da saúde destes profissionais, o que demanda atenção ao que trazem Fensterseifer e Silva (2011, p.125) “Não é possível tratar de aspectos apenas técnicos na profissão docente como se as condições psicológicas e culturais do professor fossem alheias a ela”. Está certo que não é algo que acomete somente à EF, mas que contribui significativamente para que dentro de um sistema de desvalorização recorrente, haja mais desmotivação. De modo similar, Silva e Damazio (2008), já em 2008, destacaram que “Os administradores públicos e responsáveis pelas escolas parecem demonstrar certo nível de insensibilidade em relação à saúde dos profissionais da educação e dos próprios alunos” (p.190).

Na sequência, a pesquisa avança para outros temas que impactam, na perspectiva do docente de EFE e dá continuidade no processo de reflexão sobre a atuação do profissional na escola.

5.5.1 – Quem não é visto não é lembrado

Haja vista, as discussões feitas durante as RC, tendo a professora-pesquisadora percebido, que as conversas demandavam maior tempo do que o que tinham disponível, nas R4 e R5 foram apresentados 10 temas que surgiram durante as discussões anteriores, para que os colegas refletissem e manifestassem experiências que considerassem pertinentes para os diálogos. Estes temas, foram apresentados por projeção de slides, conforme a figura a seguir.

Figura 13 - Temas apresentadas na Roda de Conversa 4



Fonte - A autora

Uma interessante discussão iniciou sobre o item 10: “Necessidade de exposição pública para notoriedade? Consequentemente valorização?”, como se tivessem todos e todas surpresos com a indicação. Inicialmente, considerou-se a exposição pública voltada para mídias digitais, como redes sociais, ou plataformas de vídeo.

Pensando na notoriedade, na valorização, eu raramente posto alguma coisa assim, né? Só quando eu acho que foi muito interessante, e aí não é por notoriedade, é para ver se realmente isso pode ajudar alguém, ensinar alguém, né? Mas só que eu não faço, é uma coisa que eu acho muito diferente (Neni-EF – R5).

Eu, particularmente, não tenho rede social, não uso, mesmo que eu não tivesse postava nada, não quero ter pai de aluno (Dante-EF – R5).

O participante Ax, narra que em outra cidade que trabalha, os registros de aula, podem ser incluídos na plataforma como forma de registro de conteúdo. Dona, afirma que faz uso dos registros para compartilhar no grupo de sua escola.

Mais adiante na discussão, houve questionamento sobre a gestão do tempo e das demandas dentro da aula, a segurança das imagens e os recursos pessoais utilizados, como impedimentos para fotografar ou filmar as atividades.

Atualmente, há a disposição dos docentes canais diversos que abordam a Educação Física Escolar, como o site Impulsiona, uma iniciativa do Instituto Península¹², que oferece cursos e materiais de acesso gratuito, canais no YouTube¹³ o “Canal da Educação Física”, uma iniciativa da Mestra Janaína Munhoz (Egressa do ProEF), a plataforma de cursos online AVAMEC¹⁴, com alguns cursos em parceria com o Instituto Península, além de blogs e perfis em redes sociais etc. O aumento de mídias dedicados à EFE me levou a pensar se isto retrataria um possível indicativo para a valorização dada ao componente curricular.

A gente não pode provar nada de ninguém. O aluno sabe o que a gente faz, o que a gente deixa de fazer, se a gente senta, se a gente deixa, se a gente dorme, se a gente cochila na aula, se a gente dá uma aula super legal, ele conta, o pai dele conta, vamos ver, se vocês cobraram ele conta, ele conta tudo, né? (Neni-EF, - R4).

Então, acho que isso não me valoriza mais. Fica expondo, claro, para quem? Não acho que é isso que vai fazer o meu trabalho bom, né? (Dante-EF-R5).

A questão da exposição também foi considerada como o compartilhamento das atividades desenvolvidas na EFE para a comunidade escolar. Uma forma de dar visibilidade às ações das aulas, aos temas abordados e podem contribuir com o reconhecimento local e que foi considerada uma possibilidade positiva.

E no caso de ter a foto lá na festa da família, que eu acho legal porque você expõe que está sendo feito para o pai. Então, acho que é essa a função, né? (Dante-EF -R4).

Na escola que eu trabalho, você tem uma cultura de montar um calendário gigante no corredor, e cada dia da semana é impresso uma foto de algo que aconteceu, seja na minha aula, seja na aula de informática, na aula de música, na aula, sei lá, dos professores de sala, e isso é exposto não só para a gente saber, mas também para os outros colegas de outras salas(...)Tive festa da família, isso foi exposto, desde fevereiro, eles vão tirando cada dois meses, mas colocaram de volta para as famílias poderem ter acesso ao básico do que acontece (Dona professora-EF).

E não seria uma oportunidade que poderíamos aproveitar, para que conheçam melhor a EFE? Molina Neto (2024. P. 9) observa que “[...] por desconhecimento sobre o assunto, a administração educativa e as equipes diretivas das escolas, prestam pouca atenção aos problemas que esse coletivo docente enfrenta para desenvolver

¹² <https://www.institutopeninsula.org.br/>

¹³ <https://www.youtube.com/channel/UCB0ARgmpA9XbA2ddU0j1AkQ>

¹⁴ <https://avamec.mec.gov.br/#/>

seu trabalho na escola pública”. A comunidade escolar não conhece o planejamento do professor de EFE, não visita a aula para apreciar o desenvolvimento das atividades, se detêm a informações superficiais e que reproduzem um modelo de EFE que temos buscado superar. Realizar ações conjuntas, murais de exposição de registro de atividades, são formas interessantes de se tentar modificar esse cenário.

[...] ter em mente que a desvalorização da disciplina tem muitas vezes sementes antigas como é o caso dos primeiros anos do ensino fundamental, é fator fundante para que possamos gerar tentativas de soluções para essas questões, aclarando o assunto e tratando de tomar devidas medidas para o reconhecimento da profissão. Enquanto os professores de Educação Física estiverem atuando com medo de manifestar indignação e soluções, continuarão a mercê de opiniões preconceituosas (Silva, 2017, p. 48).

Para além da “mão na massa”, da prática cotidiana de aula, a EF precisa conquistar espaços múltiplos na escola, espaços de discussão “os professores de Educação Física escolar devem buscar seu espaço e justificar sua prática pedagógica, mostrando sua importância para além da técnica, da atividade física, da diversão” (Antunes; Kronbauer; Krug, 2013, p. 35). No caso abaixo, Ax não compunha o colegiado da Associação de Pais e Mestres (APM), mas solicitou a inclusão de pauta pessoalmente, obtendo retorno positivo.

Posso compartilhar uma experiência bacana que eu tive com conselho de escola e APM? Por consequência. Eu comecei a levantar, numa escola, a necessidade de comprar tatames, eu consegui a partir da reunião de colocar todo mundo a par e falar da necessidade e mostrei o currículo Paulista onde a ginástica vai do primeiro ao quinto ano. E eu falei que é muito melhor você fazer dentro do tatame e tal. E que tinha necessidade. Eu acabei conseguindo, metendo a cara (Ax-EF – R5).

A participação em colegiados, é uma importante forma de estar a par das decisões no âmbito escolar, na R5 alguns docentes, manifestaram serem membros de colegiados diversos como APM e Conselho de Escola.

Outros exemplos de ambientes que demandam a participação dos docentes de EFE são as reuniões escolares. As reuniões bimestrais, são uma oportunidade de aproximação com os familiares dos estudantes, destarte, é interessante que o corpo docente seja apresentado a todos e todas, o que pode ocorrer de forma geral, por exemplo, em reuniões iniciais que estejam presentes todos os envolvidos no processo educativo. Considerando, o alto número de turmas por parte dos docentes específicos,

é possível que o próprio professor passe em cada uma das salas, disponibilizando-se para atendimentos pontuais, reforçando questões pertinentes, entre outros.

Um acontecimento ocorrido com Cross e Neni, em datas de reuniões escolares, incomodou alguns participantes. Na ocasião, os dois foram incumbidos de “cuidar” das crianças durante o horário que a reunião ocorria.

Tem uma questão que eu e o Neni vivemos aí nessas últimas reuniões, eu não me incomodo com isso, mas a Minions me falou uma coisa que eu acho que é extremamente viável. As reuniões na escola têm sido, como eu falei, não é uma crítica, é uma realidade, é uma opção. Eles optaram nas reuniões, tanto eu como o Neni, eu nas reuniões da parte da manhã, o Neni está junto comigo, me ajuda, e a conter os irmãos, os primos, aí veio o vizinho, e a gente tem uma dificuldade, dificuldade, e a gente não tem uma participação na reunião de pais. (...) Tem uma questão que eu e o Neni vivemos aí nessas últimas reuniões, eu não me incomodo com isso, mas a Minions me falou uma coisa que eu acho que é extremamente viável. As reuniões na escola têm sido, como eu falei, não é uma crítica, é uma realidade, é uma opção. Eles optaram nas reuniões, tanto eu como o Neni, eu nas reuniões da parte da manhã, o Neni está junto comigo, me ajuda, e a conter os irmãos, os primos, aí veio o vizinho, e a gente tem uma dificuldade, dificuldade, e a gente não tem uma participação na reunião de pais (Cross-EF – R2).

Na descrição de Cross, os professores de EFE foram direcionados à função de monitoria durante o período de reunião que acontecia na escola. A indignação de sua parte, ocorreu após uma reflexão sobre apontamentos de Minions, o que demonstra a importância da troca de experiências e reflexões sobre perspectivas de uma mesma situação. Cross, mencionou posteriormente sobre “Onde está a valorização do professor” nesse episódio.

A conduta da escola, apesar da boa intenção, de melhor organização do ambiente escolar, acarreta em duas consequências a serem destacadas: primeiro, o reforço para toda a comunidade escolar de uma característica recreativa da EFE, a outra, que também enfatiza a participação dispensável dos docentes, no importante momento de interação com as famílias, acentuando o distanciamento da área com o contexto pedagógico. Esse distanciamento, também é percebido no excerto abaixo:

Na maioria das vezes, enquanto os assuntos relacionados às outras disciplinas são debatidos com grande ênfase, os aspectos referentes à disciplina de Educação Física, e que mereciam atenção no que tange à sua relevância no desenvolvimento integral dos alunos, nem sequer são lembrados (Antunes, Kronbauer, Krug, 2013, p. 36).

Retomo que a partir das percepções na pesquisa, sendo importante que haja uma prática pedagógica, por parte dos docentes de EFE, que se aproprie do valor da

EFE, primeiramente. A atuação individual com impacto voltado estritamente para os estudantes, não se mostra suficiente para corroborar com as mudanças de paradigmas sobre a área. É preciso “furar a bolha”.

5.5.2 – Uma andorinha sozinha não faz verão

Seguindo para a finalização, das discussões dos dados, pontuo que na R5, os temas da R4 foram reapresentados para continuação das discussões. Ao findar da reunião, os participantes foram convidados a elencar as palavras que percebessem melhor representar o que pensavam sobre cada provocação. Para cada conjunto de respostas, foi gerada uma nuvem de palavras, que consideraram a repetição das palavras para compor as imagens, assim, as palavras maiores, foram citadas mais vezes. Para gerar as nuvens de palavras, foi utilizado o suplemento do *Word Cloud*, no próprio programa de edição de texto Microsoft Word.

A primeira pedia para escreverem 3 palavras, que os remetesse à Educação Física Escolar.

Figura 14 - Nuvem de palavras - 3 palavras sobre a Educação Física Escolar.



Fonte - A autora, a partir do suplemento Pro Word Cloud, disponível no Microsoft Word

As palavras diversão e desenvolvimento, em destaque, indicam a repetição destes termos pelos participantes. As palavras são positivas, demonstrando um olhar de satisfação para a área na qual atuam, considerando, ainda suas contribuições e necessidades.

Na sequência, foi solicitado que eles escrevessem 3 palavras sobre a sua própria vivência enquanto docente de EFE.

Figura 15 - Nuvem de palavras - 3 palavras sobre a sua própria vivência enquanto docente de EFE.



Fonte - A autora, a partir do suplemento Pro Word Cloud, disponível no Microsoft Word.

A dedicação, o conhecimento e o desenvolvimento, foram destaques, acompanhadas de termos que remetem à realização profissional, como satisfação, excelência, emocionante, competência e enriquecedora. As adversidades enfrentadas na profissão também foram mencionadas com desafiadora, cansativa e desvalorizada. Além de citações que remetem às ações necessárias na docência como refletir, persistência e resiliência.

A terceira, pedia 2 palavras sobre o que esperavam sobre a área da EFE. Como resultado, a ênfase nas palavras respeito, reconhecimento e valorização, demonstram latência de uma necessidade comum ao grupo, com vistas a melhorias, aperfeiçoamento e ampliação da EFE.

Figura 16 – Nuvem de palavras 2: O que você espera da EFE?



Fonte - A autora, a partir do suplemento Pro Word Cloud, disponível no Microsoft Word.

O impacto dessa expectativa para a valorização da área e dos profissionais de EFE, ilustram uma trajetória de busca e insatisfação, que de maneira recorrente, pode acarretar na desmotivação, estresse, entre outros. Santini e Molina Neto (2005) ao realizarem um estudo com professores de EFE, buscando relacionar questões sobre a Síndrome do Esgotamento Profissional, elencaram itens indicadores de problemas nas docência da EFE:

a) Formação acadêmica insuficiente para enfrentar o choque com a realidade escolar; b) Implantação de inovações e projetos político-pedagógicos que minimizam a participação dos professores como sujeitos; c) A multiplicidade de papeis sociais e profissionais exigidos e exercidos pelos professores de Educação Física nas escolas; d) Ambiente de violência urbana e insegurança pessoal enfrentado pelos professores; e) Conflitos nas relações interpessoais com os colegas de trabalho; f) Condições materiais objetivas adversas ao exercício do trabalho com a qualidade desejada pelo sujeito; e,g) A dificuldade de lidar, política e epistemologicamente, com críticas dirigidas por diferentes setores da comunidade escolar caráter e à contribuição da disciplina no desenvolvimento do currículo escolar (Santini; Molina Neto, p. 219)

E por último, uma palavra que descrevesse suas percepções sobre a realização desta pesquisa. O realce da palavra “necessária”, sugere conjuntamente a algumas falas na R5, como o grupo carecia de encontros – físicos e de ideias -, além de acolhimento mútuo. As discussões promovidas durante as rodas de conversa,

fortaleceram a união do grupo na busca de um objetivo comum, a valorização da EFE e olhar atento aos detalhes cotidianos, que deixando passar, talvez sejam motivo suficiente para questionamentos negativos sobre a área.

Figura 17 - Nuvem de palavras - Percepções sobre a realização desta pesquisa



Fonte - A autora, a partir do suplemento Pro Word Cloud, disponível no Microsoft Word.

As trocas de experiências, frustrações, expectativas e percepções durante os encontros nas Rodas de Conversa, possibilitaram a reflexão individual e coletiva, gerando um aparente fortalecimento. Dos problemas percebidos, o grupo identificou possibilidades de solução em nível pessoal e geral, para algumas situações, por exemplo, a ideia de elaboração de um documento formal para solicitação de ajustes de documentos e sistemas, considerando as particularidades da EFE.

No caso da Educação Física, pensamos que estudos acadêmicos, de caráter teórico ou prático, são válidos à medida que oferecem subsídios para que o professor possa refletir sobre sua prática e fundamentá-la teoricamente, contribuindo, dessa forma, para que consiga justificar e/ou defender suas ações pedagógicas frente à comunidade escola (Fensterseifer e Silva, 2013, p. 126).

Com isso, observo a dedicação no trabalho dos docentes de EFE deste estudo complementados pelo afeto à profissão, permeado da ânsia pela alocação igualitária do componente curricular e da sua atuação profissional. Agrego ainda à necessidade de comprometimento de cada docente, à necessidade de abertura e acolhimento, da escola e seus atores, enquanto facilitador desse percurso.

E com capacidade de escuta que podemos perceber e respeitar a diversidade cultural, oferecendo ao diferente oportunidades de participar do diálogo intersubjetivo sem que o mesmo perca sua identidade (Molina Neto; Molina, 2002, p.60)

Enquanto possibilidade, promover o Letramento em Cultura Corporal de Movimento, aos membros da comunidade escolar, pode contribuir positivamente com a área da EFE, enquanto parte fundamental na formação dos educandos. Tratar da área da EFE como tópico a ser considerado e compreendido por todos e todas, viabilizaria uma ação de mão dupla, concomitantemente à formação continuada dos docentes.

Concluídas as discussões das análises, seguimos para a seção das considerações finais.

Senti falta de aliar, a extensa discussão dos dados, a representação social docente presente no objetivo geral, de tudo que foi trazido, onde orbita representação social docente?

Dos três estudos feitos, quais foram as aproximações e distanciamentos com sua pesquisa?

O letramento em cultura corporal de movimento, por onde anda? Além do objetivo e dos estudos anteriores, entendo ser uma construção conceitual importante para a pesquisa, que precisa ser construída, a última vez que mencionou “letramento” foi na página 35, aqui é a 99, embora traga a noção do conceito de cultura corporal na discussão, mas como conceito estanque, não aliado ao letramento.

Tanto a representação social docente, quanto os estudos feitos anteriormente se perderam ao longo do trabalho e acredito que a trazê-los na discussão é imprescindível para sustentar aquilo que se pretende.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS – O ÓBVIO QUE PRECISA SER DITO

A área Educação Física Escolar, é parte integrante e inegável da Educação Básica. Deste modo, a recorrente necessidade de autoafirmação dos que se indignam com a desvalorização da área, se estende tanto à tratativa do componente curricular, quanto dos docentes responsáveis por ela. Promover a EFE de qualidade, é proporcional a sua valorização, enquanto compreende a completude de uma educação que faz cumprir o direito dos estudantes.

O trabalho aqui apresentado buscou atender aos objetivos: identificar e analisar as representações sociais de docentes de educação física e pedagogia acerca da Educação Física escolar buscando traçar possíveis intervenções para atuação em relação à cultura escolar e suas implicações na área e específicos, que foram: a) verificar como vem sendo a tratativa da comunidade escolar em relação à EFE; b) delinear de que forma as tratativas influenciam na atuação do profissional de EF; c) promover discussões com os professores de EFE participantes da pesquisa a fim de gerar parâmetros de ação para a minimização e superação das problemáticas levantadas.

A professora-pesquisadora compreende que o estudo não esgota as possibilidades de investigação no que concerne às Representações Sociais e à aplicação do Letramento à Cultura Corporal de movimento, na intenção a difundir a compreensão sobre a área. No entanto, avança em discutir a urgência das ações coordenadas coletivamente, com vistas à superação de estigmas e desconhecimento.

As Representações Sociais da Educação Física Escolar, neste estudo, estão relacionadas à derivação histórica brasileira, que mantêm como foco principal as vertentes biológicas de saúde e esportivista. Por razões multifatoriais como experiência enquanto estudante, discursos compartilhados institucionalmente, além de influências socioculturais, as RS estabelecidas, seguem sendo reproduzidas de modo a impactar a atuação dos docentes de EFE, ao estigmatizá-los enquanto profissionais e generalizar a prática pedagógica.

Dentro do que se observou enquanto possibilidade de parâmetros de ação destacam-se ações com profissionais dentro e fora da área específica como administradores, chefia direta, pedagogos, gestores, demais docentes, funcionários e familiares.

Aos que são de fora da área, atribui-se a necessidade do fomento ao planejamento participativo possibilitando constituir propostas interdisciplinares; a ideia

de escola sede, para evitar deslocamentos excessivos e a falta de vínculo; incluir a realização, dentro das possibilidades, de HTPCs específicos na área da EFE e que seja igualmente comunicado em atas, pautas ou outros, os encaminhamentos da reunião, ao grupo da escola; além de possíveis eventos de compartilhamentos de boas práticas. Compõe ainda, o escopo de estratégias para mitigar questões de valorização da EFE, a ação integrada entre docente específico, pedagogo e gestão, construindo a possibilidade de avançar para toda a comunidade escolar. Em suma, a estes atores envolvidos com a escola e a educação, reivindica-se a abertura, a escuta, a consideração dos temas pertinentes a EFE e o respeito.

No que tange aos docentes específicos da EFE, cabe reivindicar o direito à gestão democrática, sem perder de vista o cumprimento adequado da sua função dentro da conjuntura; consultar e construir, juntamente com a escola, as edições e adequações necessárias ao PPP da unidade escolar, de modo que contemple a EFE e a Cultura Corporal de Movimento como objeto de conhecimento; conhecer os colegiados e as possibilidades de atuação destes, visando fazer uso das discussões para inserir a EFE, enquanto componente curricular integrante da escola. Além, de postura ativa em (ou sobre) órgãos colegiados, reuniões e comissões; divulgação de atividades desenvolvidas, para conhecimento da comunidade escolar, através de exposições, apresentações, portfólios. Por fim, destaca-se a necessidade do comprometimento com a área da EFE, entendendo que as ações individuais, podem afetar a percepção do coletivo, empenhando-se assim no desenvolvimento de uma ação de qualidade dentro da escola.

Espero ao findar do percurso do mestrado, retornar ao GEF com os destaques deste relatório, possibilitando que conheçam os resultados de suas contribuições e reforçando a potência das construções coletivas, incentivando-os à utilização e disseminação do Recurso Educacional gerado a partir dessa dissertação.

A professora-pesquisadora percebe como fragilidades do estudo, a baixa participação do grupo de pedagogos nas respostas do formulário, bem como a abstenção de alguns participantes da roda de conversa ao diálogo, atribuindo à falta de interesse em contribuir para a área.

Outros temas surgidos durante a coleta, poderiam ter sido discutidos, no entanto, podem ser retomados em produções futuras, com objetivos mais específicos, uma vez que as discussões propostas se ativeram aos objetivos estabelecidos para esse estudo.

Enfatizo a importância do ProEF na aproximação entre a comunidade científica e o chão da quadra/escola, enquanto facilitador da democratização e construção do conhecimento científico, baseado em vivências reais da escola pública. Sinalizo a avaliação positiva que o desenvolvimento da pesquisa recebeu pelo GEF, considerando a relevância e a recorrência dos temas pautados, com a chance de discutir situações pontos de vista, que estimulam a reflexão sobre o trabalho pedagógico.

Retomando o título deste estudo, “Pensar fora da quadra” recruta esforços individuais e coletivos. O Letramento em Cultura Corporal de Movimento pode atuar como um dos meios para processos de objetivação e ancoragem que incidem sobre as Representações Sociais da Educação Física Escolar, dos seus profissionais e necessidades.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Alfredo C., CASTRO, Ricardo V. de. Representações sociais sobre a profissão de Educação Física: Um olhar para a literatura. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, 2020, p. 25–54. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao-fisica/representacoes-sociais>. Acesso em: 07 fev. 2024.

ANTUNES, Alfredo C.; CASTRO, Ricardo V. de. Representação social do componente curricular educação física no site “UOL educação” e interações com a BNCC. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, p. e18511320172, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/358745309_Representacao_social_do_componente_curricular_educacao_fisica_no_site_UOL_educacao_e_interacoes_com_a_BNCC. Acesso em: 18 set. 2024

ANTUNES, Fabiana R.; KRONBAUER, Carla P.; KRUG, Hugo N. A valorização da participação dos professores de educação física nas reuniões pedagógicas escolares. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 12, n. 1, pp. 28-40, 2013. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/4499>. Acesso em: 01 julho 2023.

BAPTISTA, Guilherme G.; BAPTISTA, Juliana G. As representações sobre o professor de Educação Física nos anos 1970 no Brasil: do desejo à insegurança profissional. **Educación Física y Ciencia**, v. 21, n. 4, p.105, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24215/23142561e105>. Acesso em: 15 fev. 2024.

BARBOSA, Cláudio. L. A. **Educação física escolar**: as representações sociais. Rio de Janeiro: Shape, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATISTA, Sidnei R.; BETTI, Mauro. A televisão e o ensino Educação Física na escola. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 26, n. 2, p. 135-148, 2005.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRACHT, Valter. **A Educação Física escolar no Brasil: o que ela vem sendo e o que pode ser (elementos de uma teoria pedagógica para a Educação Física)**. Ijuí: Unijuí, 2019.

BRACHT, Valter. **Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí: Editora Unijuí, 1999.

BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social**. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRASIL. [Constituição (1937)]. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de novembro de 1937**. Rio de Janeiro. Presidência da República, 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao37.htm. Acesso em: 18 dez. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 1331-A, de 17 de fevereiro de 1854**. Approva o Regulamento para a reforma do Ensino Primário e Secundário do município da Côrte. Rio de Janeiro, 1854. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html>. Acesso em: 18 dez. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 6.9450, de 1 de novembro de 1971**. Regulamenta o artigo 22 da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e alínea c do artigo 40 da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968 e dá outras providências. Brasília, 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-69450-1-novembro-1971-418208-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 18 dez. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 630, de 17 de setembro de 1851**. Autoriza o governo para reformar o ensino primário e secundário do município da Corte. Rio de Janeiro, 1851. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-630-17-setembro-1851-559321-publicacaooriginal-81488-pl.html>. Acesso em: 18 dez. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 7247, de 19 de abril de 1879**. Reforma o ensino primário e secundário no município da Corte e o superior em todo o Império. Rio de Janeiro, 1879. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html>. Acesso em: 18 dez. 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008**. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica, Brasília, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm. Acesso em: 15 dez. 2024.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 12 dez. 2024.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília: Senado Federal, 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 14 dez. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 02 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB n. 7, de 14 de dezembro de 2010**. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf. Acesso em: 05 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. 562 p. Brasília, 2013. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/media/seb/pdf/d_c_n_educacao_basica_nova.pdf. Acesso em: 15 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. MEC/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 2001.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura. Brasília, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em: 15 jan. 2025.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Física**, 3º e 4º ciclos, v. 7. Brasília: MEC, 1998.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. 18. ed. Campinas: Papyrus, 2010. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 11 out. 2024.

CASTRO NETA, Abília. A.; CARDOSO, Berta. L. C. O uso do software iramuteq na análise de dados em pesquisa qualitativa ou quali-quantitativa. **Cenas Educacionais**, [S. l.], v. 4, p. e11759, 2021. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11759>. Acesso em: 27 mar. 2025.

CASTRO, Tamara. Letramento e/ou literacia? Entrevista com Clecio Bunzen. **Saberes e Práticas**, 2019. Disponível em: <https://saberesepaticas.cenpec.org.br/tematicas/letramento-e-ou-literacia-distincoes-e-aproximacoes>. Acesso em: 16 jan. 2025.

CONCURSOS EDUCAÇÃO FÍSICA – Prof. Bárbara. **História da Educação Física no Brasil Saiba mais que a banca no seu concurso**. Vídeo (7min59seg). 01 set. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cRVZz8aa4GQ>. Acesso em: 28 nov. 2024.

COSTA, Fábio S. da; RODRIGUES, Janete de P.; SANTOS, Andreia M. dos. Discursos sobre educação física escolar e o protagonismo da mídiatização esportiva. *Pensar a Prática*, n. 22, pp. 1-12, 29 mar. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/51081>. Acesso em: 20 set. 2024

D'ANGELO, Fábio L. **Avaliação de uma sequência didática do programa Oficinas do Esporte em crianças de 8 a 11 anos**. 2017. Tese (Doutorado). Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

DA SILVA, Michelle C.; CABANAS, Maria I. C. Representações sociais de educação física escolar nos anos iniciais do ensino fundamental I, por elaboradores da Multirio. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais. v. 17, n. 1, p. 3622–42, 19 jan. 2024. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/4378>. Acesso em: 17 ago. 2024.

DARIDO, Suraya C. Educação física na escola: conteúdos, duas dimensões e significados. *In*: Universidade Estadual Paulista. **Caderno de Formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 16, 2012, p. 51–75. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41549/1/01d19t03.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2024.

DARIDO, Suraya C. **Educação Física na Escola: Questões e Reflexões**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2003.

DEMENECH, Flaviana. **Cultura Escolar e Cultura da Escola: produção e reprodução**. 2014. Dissertação de Mestrado, Passo Fundo, RS: Universidade de Passo Fundo, 2014. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/806/2/2014FlavianaDemenech.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

ENGEROFF, Jayne L. **As representações da educação física escolar no ensino médio: um estudo de caso**. 2017 132 f. Mestrado em Ciências Do Movimento Humano Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre. Biblioteca Depositária: Edgar Sperb, 2017.

FENSTERSEIFER, Paulo. E.; SILVA, Marlon. A. da. Ensaio sobre o "novo" em educação física escolar: a perspectiva de seus atores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Curitiba. v. 33, n. 1, p. 119–134, 2011.

FINCK, Silvia C.M. **A Educação Física e o Esporte na Escola – cotidiano, saberes e formação**. 2 ed. Curitiba, IPBEX Dialógica, 2011.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed, Porto Alegre. Artmed, 2009. 405p.

FREITAS, Ana L. **Pedagogia da conscientização: um legado de Paulo Freire à formação de professores**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

FREITAS, Willian C de; TRIANI, Felipe da S; NOVIKOFF, Cristina. Representações sociais de estudantes do ensino médio sobre a educação física. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 7, n. 2, pp. 13-25, 2017. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBPE/article/view/7950>. Acesso em: 20 ago. 2024.

GALVÃO, Zenaide. Educação Física escolar: a prática do bom professor. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. Barueri v. 1, n. 1, p. 65-72, 2009. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1350>. Acesso em: 12 fev. 2024.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda S. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOES, João P, PINHEIRO, Rosa A. A representação do(a) professor(a) de Educação Física: imagens disponibilizadas nos websites das licenciaturas de universidades brasileiras. Formação Docente – **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**. Belo Horizonte, v. 11, n. 21, p. 137–148, 2019. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/234/207>. Acesso em: 14 ago. 2024.

GONÇALVES, Carlos H. R.; SILVA, Carlos A. F. da. Transidentidades para uma educação física acolhedora. **Movimento**. Porto Alegre. v. 27, e27077, jan/dez 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/116297>. Acesso em: 05 abr. 2024

GUARINON, Poliani C. **Representações Sociais e o Currículo de Educação Física: com a palavra os alunos**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade de São Paulo, São Paulo. Biblioteca Depositária: EEFÉ – USP, 2016.

JESUS, Joise F. de. **Representações Sociais de professores sobre a inserção/intervenção pedagógica da Educação Física na Educação Infantil de Serra**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial/CEFD/UFES, 2014.

KIMURA, Patrícia R. de O.; CARDOSO, Maura L. M.; NASCIMENTO, Ivany P. Representações sociais sobre os desafios da formação docente: narrativas de estudantes de licenciaturas sobre o tornar-se professor (a). **Interfaces da Educação**. Parnaíba. v. 12, n. 34, p. 895–921, 18 jun. 2021. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/5434/4477>. Acesso em: 14 abr. 2024.

KLEIMAN, Ângela B. Preciso “ensinar” o letramento? **Cefiel/IEL/Unicamp**, 2005.

KRUG, Hugo N.; CONCEIÇÃO, Victor J. S. da; TELLES, Cassiano; KRUG, Rodrigo de R.; FLORES, Patric P.; KRUG, Marília de R. A representação social do ser professor de acadêmicos da Licenciatura em Educação Física antes e depois da formação inicial. **Educação, Ciência e Cultura**. Canoas, v. 22, n. 1, p. 81-97, 2017. Disponível em:

<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/3405/pdf>. Acesso em: 16 set. 2024

KRUG, Hugo N.; CONCEIÇÃO, Victor J. S. da; TELLES, Cassiano; KRUG, Rodrigo de R.; FLORES, Patric P.; KRUG, Marília de R. O curso de licenciatura em educação física nas representações sociais de estudantes em formação. **Debates em Educação**. Maceió, v. 9, n. 17, p. 129, 2017. Disponível em:

<https://seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/2302/2393>. Acesso em: 16 set. 2024.

KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí (RS): Unijuí, 1994.

LIMA DOS SANTOS, Carlos E.; PEREIRA FILHO, Ednaldo da D. As Representações Sociais dos Professores de Educação Física diante da Base Nacional Comum Curricular. **Revista Signos**. Lajeado, v. 42, n. 1, 2021. Disponível em:

<https://univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/2827/1813>. Acesso em: 16 set. 2024.

LOUREIRO, Walk.; CAPARROZ, Francisco E.; BRACHT, Valter. A representação social de formação continuada de professores de Educação Física da rede estadual do Espírito Santo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 29, n. 4, p. 571–581, 2015. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/108408/106708>. Acesso em: 16 set. 2024.

LUCKESI, Cipriano C. Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 79–88, 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/715/71540206.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

MACHADO, Thiago S. e col. As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 129-147, abr./jun. 2010.

MARTINS, Rodrigo L. D. R.; SOUZA, Fernando T. O. de; MELLO, André da S. A presença masculina de professores de Educação Física na Educação Infantil: da inserção à gestão escolar. **Zero-a-Seis**. Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 453–479, 5 nov. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/75531/44569>. Acesso em: 20 set. 2024.

MEDEIROS, Camila da R. **Que autonomia é essa?** uma etnografia com os professores de Educação Física em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre – RS. 2016. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MEDINA, João P. S. **A educação física cuida do corpo... e "mente": novas contradições e desafios do século XXI**. 1. ed. Campinas: Papirus, 2017. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 16 fev. 2024.

MELLO, André da S.; BERSCH, Ângela A.; RIBEIRO, Camila B.; MARTINS, Rodrigo L. D. R. Da inserção à legitimação: dilemas e perspectivas da Educação Física com a Educação Infantil. **Revista Didática Sistêmica**. Rio Grande, v. 23, n. 1, p. 9–15, 24 jan. 2022. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/13907/9256>. Acesso em: 13 mar. 2024.

MINAYO, Maria C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2023. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MISSIAS-MOREIRA, Ramon; SANTOS, Anderson de S.; COUTO, Edvaldo S. Representações sociais de discentes universitários sobre disciplinas de Educação Física no curso de Pedagogia. **Educação: Teoria e Prática**. Rio Claro, v. 26, n. 51, p. 36–48, 29 abr. 2016. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/8949/7683>. Acesso em: 13 set. 2024.

MISSIAS-MOREIRA, Ramon; SANTOS, Anderson de S. Representações sociais de discentes de Pedagogia sobre o componente curricular Educação Física. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 29, n. 60, p. 83–97, jan./mar. 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81062019000100083&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 jan. 2025.

MOLINA NETO, Vicente. A prática dos professores de Educação Física das escolas públicas de Porto Alegre. **Movimento**, v. 5, n. 9, p. 31–46, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2385>. Acesso em: 14 ago. 2024.

MOLINA NETO, Vicente. Formação do professorado e a prática pedagógica em Educação Física Escolar. **Movimento**, v. 30, p. e30042, 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/135164>. Acesso em: 18 jan. 2025.

MOLINA NETO, Vicente; MOLINA, Rosane K. Capacidade de escuta: questões para a formação docente em Educação Física. **Movimento**, v. 8, n. 1, p. 57–66, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2637>. Acesso em: 18 jan. 2025.

MOREIRA, João P. A. **Letramento corporal: validação de testes para avaliação da competência motora, motivação e conhecimento de crianças brasileiras.** 2020. 190 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2020.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigação em psicologia social.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOZZATO, Anelise R; GRZYBOVSKI, Denize. Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. **RAC**, Curitiba, v. 15, n. 4, pp. 731-747, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/YDnWhSkP3tzfXdb9YRLCPjn/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 25 fev. 2025.

OLIVEIRA, Cristiana A. de S. **Representações sociais de crianças sobre a Educação Física na escola.** 2022. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2022. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59140/tde-16022023-095128/publico/CristianaASOliveira_CORRIGIDA.pdf. Acesso em: 20 abr. 2025.

OLIVEIRA, Fábio D. de; JÚNIOR, Marcílio S.; MELO, Flávio D. A.; LORENZINI, Ana R. Aprendizagem do jogo nas aulas de Educação Física nos três primeiros anos do Ensino Fundamental. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 6, e5156, 24 jun. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n6-233>. Acesso em: 18 fev. 2024.

OLIVEIRA, Natália da S. de. **O HTPC específico de professores de Educação Física: contribuições para a prática educativa na pré-escola.** 2021. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

OLIVEIRA, Natália da S. de; ALVES, Fernando D.; ZANOTTO, Luana. Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo: um estudo com professores de Educação Física. **Ensino em Re-Vista** Uberlândia/MG, v. 31, n. contínua, pp. 1–25, 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/74034/38898..> Acesso em: 20 jan. 2025.

OLIVEIRA, Nayara de L.; BARBOSA, Mayara F. Uso do software iramuteq em pesquisas sociais que utilizam a análise de conteúdo. **Anais IX CONEDU.** Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/95017>>. Acesso em: 26/03/2025

RABELO, Jeriane da Silva. **Competências socioemocionais na formação e na prática docente: percepções de professoras da educação infantil.** Orientador: Luiz Botelho Albuquerque. 2021. 178 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

RAMOS, Miriam P. **Educação Física Escolar: o lado oculto da ausência às aulas**. 1992. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

RODRIGUES BATISTA, Sidnei; BETTI, Mauro. A televisão e o ensino da Educação Física na escola: uma proposta de intervenção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Curitiba, v. 26, n. 2, p. 135-148, jan. 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401338509010>. Acesso em: 28 mar. 2024.

SALES, Brunna T. R. **As representações sociais da Educação Física, em espaços formais e não formais, na perspectiva de jovens do Ensino Médio**. 2018. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.

SANTINI, Joarez; MOLINA NETO, Vicente. A síndrome do esgotamento profissional em professores de Educação Física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 209–222, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16596>. Acesso em: 22 jan. 2025.

SANTOS, Bruno V. dos. **Representações sociais da educação física escolar em professores dos cursos de licenciatura em educação física**. 2021. 204 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2021.

SANTOS, Thais de L. dos; SANTOS, Any G. B. dos; ILHA, Phillip V. Letramento corporal na educação infantil: uma revisão sistemática. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 25, n. 2, p. 312–318, 2024. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/12144>. Acesso em: 13 jan. 2025.

SAVAREZZI, Guilherme R. **Representações sociais sobre o componente curricular educação física: uma comparação entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio**. 2017. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SAVAREZZI, Guilherme R.; NOVAES, Adelina De O.; GIMENEZ, Roberto. Representações sociais do componente curricular educação física: uma análise sobre os níveis de ensino fundamental e médio. **EccoS – Revista Científica**, n. 48, p. 409–430, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/8224/6635>. Acesso em: 22 set. 2024.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: polêmicas do nosso tempo**. 39. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SESC. Margaret McRae **Whitehead**: letramento corporal | Conexão Sesc. YouTube, 14 fev. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lg-vBHnXDL4>. Acesso em: 23 jul. 2024.

SHARDOSIM, Chris R.; ALVES, Tiago R. Alfabetização, literacia e letramento: diferentes conceitos de um caminho comum. **LínguaTec**, Bento Gonçalves, v. 4, n. 2, p. 76–93, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/LinguaTec/article/view/3665>. Acesso em: 16 jan. 2025.

SILVA, Jéssica R. “**Hoje o aluno não vai para a aula!**”: reflexões acerca da autonomia do professor e a não participação dos alunos nas aulas de Educação Física. 2017. 60 f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2017.

SILVA, Michelle C, da. **Representações sociais de educação física escolar nos anos iniciais no Ensino Fundamental I, por elaboradores da MultiRio**. 2023. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2023.

SILVA, Naiara M. da. **Representações sociais de alunos sobre a transição do 5º para o 6º ano do ensino fundamental e a educação física**. 2019. 95 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2019.

SILVA, Sheila A. P. dos S. Educação Física escolar: relação com outros componentes curriculares. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 2, n. 2, p. 65–70, dez. 1996. Disponível em: http://www1.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/02n2/2n2_ART02.pdf. Acesso em: 22 out. 2024.

SILVA, Vinícius G. da. **Hora de trabalho pedagógico coletivo sob a ótica dos professores de educação física**: fragilidades, reflexões e contribuições para a formação continuada. 2020. 200 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física Escolar) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2020.

SOARES, Carmen L. **Educação física**: raízes europeias e Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2017. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 15 out. 2024.

SOARES, Carmen L. e col. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, Magda B. Letramento. *In*: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento>. Acesso em: 27 nov. 2023.

SOUSA, Diego P. de; PAULA, Érica F. de; JUNIOR, Constantino R. de O.; ANTUNES, Alfredo C. Apropriação da teoria das representações sociais pelo campo acadêmico/científico da educação física no Brasil: o estado do conhecimento (2004-2016). **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 4, pp. 796-809, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/49647/pdf>. Acesso em: 14 set. 2024.

SOUSA, Yuri S. O. e col. O uso do software Iramuteq na análise de dados de entrevistas. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 15, n. 2, p. 1-19, jun. 2020. Disponível em: https://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/e3283/2355. Acesso em: 13 mar. 2025.

SOUZA JÚNIOR, Osmar M. de; DARIDO, Suraya C. Dispensas das aulas de educação física: apontando caminhos para minimizar os efeitos da arcaica legislação. **Pensar a Prática**, v. 12, n. 2, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/6436>. Acesso em: 21 dez. 2023.

SOUZA, Adalberto dos S.; SILVA, Cinthia L. da. A interface educação/lazer: representações e discursos de professores de educação física da rede pública de Piracicaba-SP. **LICERE**, v. 22, n. 3, p. 1–33, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2019.15263>. Acesso em: 18 out. 2024.

SOUZA, Everton de; BENITES, Larissa C. Teoria das representações sociais e educação física: análise de teses e dissertações defendidas em programas brasileiros de pós-graduação. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 4, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14017/12485>. Acesso em: 14 set. 2024.

SOUZA, Fernando T. O. de. **Educação física e gestão escolar: orientações legais, produções acadêmicas, formação docente e representações sociais**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

SOUZA, M. A. R. de; e col. O uso do *software* IRAMUTEQ na análise de dados em pesquisas qualitativas. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, v. 52, p.e03353, 2018. Disponível em: https://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342018000100444. Acesso em: 28 mar. 2025.

TRIANI, Felipe da S. A disseminação da teoria das representações sociais nos principais periódicos científicos da educação física. **Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 57, pp. 181-195, 2022. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/10035/47968240>. Acesso em: 25 abr. 2024.

TRIANI, Felipe da S.; FREITAS, Willian C. de; NOVIKOFF, Cristina. Educação física escolar: as representações sociais. **Conexões**, Campinas, v. 14, n. 1, pp. 130-137, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8644770/12048>. Acesso em: 07 mai. 2024.

TRIANI, Felipe da S.; MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos A. de O.; NOVIKOFF, Cristina. As representações sociais de estudantes de educação física sobre a formação de professores. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 575-586, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/68898/42071>. Acesso em: 07 mai. 2024.

TRIANI, Felipe da S.; NOVAES, Renato C.; TELLES, Silvio de C. C. Representações sociais da educação física na formação docente. **Debates em Educação**, Maceió, v. 15, n. 37, pp. 1-20, 2023. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/14840/10613>. Acesso em: 07 mai. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **Projeto pedagógico do curso de Licenciatura em Pedagogia**. São Carlos: Centro de Educação e Ciências Humanas, 2017. Disponível em: <https://www.pedagogia.ufscar.br/arquivos/projeto-pedagogico-do-curso-2018.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2025.

VALENTE, Paula R. de A.; MIKI, Pérsida da S. R. Alfabetização, letramento ou literacia: perspectivas teóricas para a habilidade da leitura e da escrita. **Caderno Pedagógico**, Curitiba, v. 21, n. 6, pp. 1-15, 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/5291/3607>. Acesso em: 20 jan. 2025.

VARANDA, Sarai S. **As representações sociais de educação física na visão de diferentes atores escolares: alunos, professores e gestores**. 2018. 139f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2018.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

WHITEHEAD, Margaret (org.). **Letramento corporal: atividades físicas e esportivas para toda a vida**. Porto Alegre: Penso, 2019.

ZANOTTO, Luana. **Análise do conhecimento pedagógico do conteúdo de professores de educação física: pré-escola e anos iniciais do ensino fundamental**. 2022. 229 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Questionário

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro De Ciências Biológicas e da Saúde
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana
Programa De Mestrado Profissional Em Educação Física Em Rede
Nacional (ProEF)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução CNS 510/2016)

Eu, Jéssica Rafaeli da Silva, estudante do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física (ProEF) da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar o (a) convido a participar da pesquisa “EDUCAÇÃO FÍSICA PARA QUÊ? Situando a Educação Física para além da quadra” orientado pelo Prof. Dr. Glaucio Nunes Souto Ramos.

O objetivo geral da pesquisa é: identificar e analisar as representações sociais de docentes de Educação Física e pedagogos acerca da Educação Física escolar buscando traçar possíveis intervenções para atuação em relação à cultura escolar e suas implicações na área.

Você foi selecionado (a) por ser profissional docente da rede municipal de ensino da cidade de [REDACTED], cidade onde o estudo será realizado. Você será convidado a responder um questionário com tópicos sobre diversos aspectos que envolvem o trabalho diário na escola.

A coleta de dados será realizada por meio de questionário enviado online (<https://forms.gle/X9J3QkYk5q76N7bM9>). As perguntas não serão invasivas à intimidade dos participantes, entretanto, esclareço que a participação na pesquisa pode gerar estresse e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvem as próprias ações e constrangimento e intimidação, pelo fato da pesquisadora trabalhar na mesma rede de ensino, atuando como professora de Educação Física. Diante dessas situações, os participantes terão garantidas a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interromper a participação a qualquer momento. O preenchimento do questionário não lhe oferece risco imediato, porém considera-se a possibilidade de um risco subjetivo, pois algumas perguntas podem remeter a algum desconforto, evocar sentimentos ou lembranças desagradáveis, gerar estresse e

desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvem as próprias ações, ou levar a um leve cansaço após responder os questionários. Caso algumas dessas possibilidades ocorram, você poderá optar pela suspensão imediata do preenchimento do questionário. Além disso, considera-se também a possibilidade de riscos inerentes à participação em pesquisa realizada em ambiente virtual, tais como quebra de sigilo e/ou violação de confidencialidade. Para minimizar estes riscos, a professora-pesquisadora se responsabiliza pelo armazenamento adequado dos dados coletados, bem como os procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa. Para isso, uma vez concluída a coleta de dados, a professora pesquisadora fará o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou “nuvem”. Serão retomados nessa situação os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. Além disso, o participante terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

A participação na pesquisa não terá custos para você. Como a pesquisa será realizada online, não haverá geração de custos adicionais com alimentação e transporte

Sua participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Educação Física, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas alternativas e possibilidades para o trabalho da equipe na escola. A pesquisadora realizará o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante o trabalho.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro. A qualquer momento o (a) senhor (a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição em que trabalha ou à Universidade Federal de São Carlos. Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídas letras, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento o (a) senhor irá (a) decidir se deseja participar e preencher o questionário, se deseja desistir da participação durante o preenchimento do questionário ou após o preenchimento, e poderá retirar seu consentimento sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição

O(a) senhor(a) ao clicar em "Aceito participar da pesquisa" irá: 1. Eletronicamente aceitar participar da pesquisa, o que corresponderá à assinatura deste termo (TCLE), o qual poderá ser impresso ou solicitado ao pesquisador via endereço de Email fornecido, se assim o desejar. 2. Responder ao questionário on-line que terá tempo gasto para seu preenchimento em torno de 20 minutos. Caso não concorde, basta fechar a página do navegador.

Caso desista de participar durante o preenchimento do questionário e antes de finalizá-lo, os seus dados não serão gravados, enviados e nem recebidos pelo pesquisador e serão apagados ao se fechar a página do navegador. Caso tenha finalizado o preenchimento e enviado suas respostas do questionário e após decida desistir da participação deverá informar o pesquisador desta decisão e este descartará os seus dados recebidos sem nenhuma penalização.

Caso você não entenda alguma coisa, não goste de qualquer situação ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a professora-pesquisadora Jéssica Rafaeli da Silva, pessoalmente ([REDACTED]) ou por e-mail jessicars@estudante.ufscar.br ou pelo telefone (16) [REDACTED] ou o professor Glauco Nunes Souto Ramos, que é orientador da pesquisadora, pessoalmente ou pelo e-mail: glauco@ufscar.br ou pelo telefone (16) [REDACTED].

Você poderá imprimir uma via deste termo, ou se desejar, o pesquisador poderá encaminhar uma via assinada por e-mail ou da maneira como preferir. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação a qualquer momento por meio das informações de contato do pesquisador responsável.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato

com o **Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP)** da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351-9685. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)** do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Dados para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana

Endereço: Rodovia Washington Luiz, km 235

Contato telefônico: [REDACTED] E-mail: glauco@ufscar.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar (CEP), que, vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem a responsabilidade de garantir e fiscalizar que todas as pesquisas científicas com seres humanos obedeçam às normas éticas do País, e que os participantes de pesquisa tenham todos os seus direitos respeitados. O CEP-UFSCar funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-9685.

Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br”

[REDACTED], ____ de _____ de 2024

Pesquisador: Glauco N. S. Ramos

Prof.^a-pesquisadora Jéssica Rafaeli da Silva

Nome do(a) participante

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Rodas de Conversa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro De Ciências Biológicas e da Saúde
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana
Programa De Mestrado Profissional Em Educação Física Em Rede
Nacional (ProEF)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO **(Resolução CNS 510/2016)**

Eu, Jéssica Rafaeli da Silva, estudante do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física (ProEF) da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar o (a) convido a participar da pesquisa “EDUCAÇÃO FÍSICA PARA QUÊ? Situando a Educação Física para além da quadra” orientado pelo Prof. Dr. Glaucio Nunes Souto Ramos.

O objetivo geral da pesquisa é: identificar e analisar as representações sociais de docentes de Educação Física e pedagogos acerca da Educação Física escolar buscando traçar possíveis intervenções para atuação em relação à cultura escolar e suas implicações na área.

Você foi selecionado (a) por ser profissional docente da rede municipal de ensino da cidade de [REDACTED] / SP, cidade onde o estudo será realizado. Primeiramente você será convidado a responder um questionário com tópicos sobre diversos aspectos que envolvem o trabalho diário na escola e posteriormente, a participar de encontros coletivos, juntamente com os outros profissionais da equipe.

A coleta de dados será realizada por meio rodas de conversa em encontros com o grupo de docentes de Educação Física. que serão realizados em Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo na Secretaria Municipal de Educação, ou em outro local, organizado pela pesquisadora, se o grupo assim o preferir. A autora e pesquisadora deste trabalho participará do GEF, fazendo os devidos encaminhamentos e intervenções para possibilitar fluidez à conversa. Haverá um roteiro de questões disparadoras para iniciar as discussões, elaborada pela pesquisadora e, posteriormente, adaptada aos temas surgidos, para os próximos encontros. As questões tratarão de temas comuns ao cotidiano docente na EF e as discussões terão os áudios gravados na íntegra após o consentimento de todos os participantes

As perguntas não serão invasivas à intimidade dos participantes, entretanto, esclareço que a participação na pesquisa pode gerar estresse e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvem as próprias ações e constrangimento e intimidação, pelo fato da pesquisadora trabalhar na mesma rede de ensino, atuando como professora de Educação Física. Diante dessas situações, os participantes terão garantidas a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interromper a reunião a qualquer momento. Serão retomados nessa situação os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. Em caso de encerramento das entrevistas por qualquer fator descrito acima, a pesquisadora irá orientá-la e encaminhá-la para profissionais especialistas e serviços disponíveis, se necessário, visando o bem-estar de todos os participantes. Além disso, o participante terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

A participação na pesquisa não terá custos para você. Como a pesquisa será realizada em espaços onde já ocorrem encontros de HTPC, em horário habitual não gerará custos adicionais com alimentação e transporte

Sua participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Educação Física, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas alternativas e possibilidades para o trabalho da equipe na escola. A pesquisadora realizará o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante o trabalho.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro pela sua participação. A qualquer momento o (a) senhor (a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição em que trabalha ou à Universidade Federal de São Carlos. Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídas letras, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Caso você não entenda alguma coisa, não goste de qualquer situação ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a professora-pesquisadora

Jéssica Rafaeli da Silva, pessoalmente ([REDACTED] [REDACTED] SP ou por e-mail jessicars@estudante.ufscar.br ou pelo telefone (16) [REDACTED], ou o professor Glauco Nunes Souto Ramos, que é orientador da pesquisadora, pessoalmente ou pelo e-mail: [REDACTED] ou pelo telefone (16) [REDACTED]

Solicito sua autorização para gravação em áudio das entrevistas, dos encontros do grupo. As gravações realizadas durante as reuniões serão transcritas pela pesquisadora, garantindo que se mantenha o mais fidedigno possível. Depois de transcrita será apresentada aos participantes para validação das informações. A transcrição das gravações feitas nos encontros será realizada na íntegra pela pesquisadora e por mais dois transcritores, que receberão trechos dessas gravações. Essas transcrições serão comparadas para verificar a concordância entre elas, garantindo a fidelidade à gravação.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pela professora-pesquisadora, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP)** da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351-9685. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)** do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam.

Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte -
CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail:
conep@saude.gov.br.

Dados para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos
Departamento de Educação Física e Motricidade Humana
Endereço: Rodovia Washington Luiz, km 235
Contato telefônico: [REDACTED] E-mail: [REDACTED]

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar (CEP), que, vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem a responsabilidade de garantir e fiscalizar que todas as pesquisas científicas com seres humanos obedeçam às normas éticas do País, e que os participantes de pesquisa tenham todos os seus direitos respeitados. O CEP-UFSCar funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-9685.

Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br"

[REDACTED], ____ de _____ de 2024

Pesquisador: Glauco N. S. Ramos Prof.^a-pesquisadora Jéssica Rafaeli da Silva

Nome do(a) participante

APÊNDICE C – Temas disparadores para as rodas de conversa

Encontro 1 - Apresentação sobre a proposta da pesquisa e respostas aos questionários

Encontro 2 - Apresentação e discussão dos temas levantados no encontro anterior, relacionados à Educação em geral e especificamente à Educação Física. (Enfoque em infraestrutura)

Encontro 3 - Apresentação e discussão dos temas levantados no encontro 1, relacionados à comunidade escolar (gestores, familiares, docentes, funcionários e estudantes)

Encontro 4 - Apresentação e discussão dos temas levantados no encontro 1, relacionados à documentação, planejamento, burocracias.

Encontro 5 - Apresentação e discussão dos dados coletados nos questionários em geral e finalização.

APÊNDICE D – Questionário

Nome: _____ Apellido _____
 Cargo _____

1. Idade: _____ 2. Sexo: Masculino Feminino

3. Formação Acadêmica:

Magistério Não Sim Instituição Pública Instituição Privada

Licenciatura Não Sim Área _____ Instituição Pública Instituição Privada

Bacharelado Não Sim Área _____ Instituição Pública Instituição Privada

Pós-Graduação Não Sim Área _____ Instituição Pública Instituição Privada

4. Contrato: Efetivo Temporário

5. Atua nesta rede de ensino como: PEB-I PEB-II (Educação Física) PEB-II outros ____

6. Tempo de docência (incluso 2024): Em escola pública ____ anos / Em escola privada ____ anos

7. Tempo de docência nesta escola (incluso 2024) Em escola pública ____ anos / Em escola privada ____ anos

8. Nesta rede atua com Educação Infantil Ensino Fundamental EJA

9. Para quantos alunos em média, você leciona? (Considerando apenas esta rede municipal)

10. Sobre sua experiência pessoal:

a) Comente sobre o que se lembra das aulas de Educação Física durante a sua época de escola.

b) Qual sua percepção sobre a Educação Física Escolar hoje em dia? Há diferenças da sua experiência enquanto estudante?

c) Há algo que tenha colaborado para a sua mudança ou manutenção da perspectiva em relação à Educação Física Escolar?

11- Você conhece o termo “Cultura corporal de movimento”? Escreva brevemente suas ideias sobre o termo.

12- Para você, quais as funções da Educação Física Escolar?

13- Você percebe semelhanças entre a atuação do docente de Educação Física Escolar e da sua atuação? Quais?

14- Você percebe diferenças entre a atuação do docente de Educação Física Escolar e da sua atuação? Quais?

15- Existem possibilidades em se trabalhar conteúdos conjuntamente com professores específicos e polivalentes? Como você faria isso? Quais principais fatores você acredita que facilitam ou dificultam a articulação?

16- O HTPC é um importante horário para a formação continuada. Qual sua opinião sobre este momento?

17- Na sua opinião, comente a dinâmica das escolas, atualmente, sobre:

- a) Assuntos relacionados a decisões importantes dentro da escola (sobre crianças, direcionamento de recursos financeiros, estrutura, projetos etc.);
- b) Elaborações e preenchimento de documentos;
- c) As especificidades da sua área.

18- Indique uma (ou mais) especificidades que como docente, você gostaria que fosse considerada para o desenvolvimento do seu trabalho.

Situações hipotéticas

1- A professora Julie está terminando sua aula com as crianças, para que a professora Eleonor (Educação Física) os busque em instantes. Ao chegar, Eleonor comunica que utilizará a sala para o desenvolvimento da atividade do dia. Que comportamentos você esperaria na posição de Julie? E na posição de Eleonor?

2- Elisa recebe um comunicado que algumas crianças não irão participar da sua aula, pois realizarão uma atividade com outro docente.

- a) O que você consideraria adequado nesta situação?
- b) Você passou por este tipo de situação? Com que frequência?

Obrigada!

APÊNDICE E – Arquivo das páginas do questionário online

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Jéssica Rafaeli da Silva, estudante do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física (ProEF) da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar o (a) convido a participar da pesquisa "EDUCAÇÃO FÍSICA PARA QUÊ? Situando a Educação Física para além da quadra" orientado pelo Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos.

O objetivo geral da pesquisa é: averiguar as representações sociais acerca da Educação Física escolar buscando traçar possíveis intervenções para atuação em relação à cultura escolar e suas implicações na EF.

Você foi selecionado (a) por ser profissional docente da rede municipal de ensino da cidade de Ibaté / SP, cidade onde o estudo será realizado. Você será convidado a responder um questionário com tópicos sobre diversos aspectos que envolvem o trabalho diário na escola.

A coleta de dados será realizada por meio de questionário. As perguntas não serão invasivas à intimidade dos participantes, entretanto, esclareço que a participação na pesquisa pode gerar estresse e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvem as próprias ações e constrangimento e intimidação, pelo fato da pesquisadora trabalhar na mesma rede de ensino, atuando como professora de Educação Física. Diante dessas situações, os participantes terão garantidas a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interromper a participação a qualquer momento. O preenchimento do questionário não lhe oferece risco imediato, porém considera-se a possibilidade de um risco subjetivo, pois algumas perguntas podem remeter a algum desconforto, evocar sentimentos ou lembranças desagradáveis, gerar estresse e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvem as próprias ações, ou levar a um leve cansaço após responder os questionários. Caso algumas dessas possibilidades ocorram, você poderá optar pela suspensão imediata do preenchimento do questionário. Além disso, considera-se também a possibilidade de riscos inerentes à participação em pesquisa realizada em ambiente virtual, tais como quebra de sigilo e/ou violação de confidencialidade. Para minimizar estes riscos, o pesquisador se responsabiliza pelo armazenamento adequado dos dados coletados, bem como os procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa. Para isso, uma vez concluída a coleta de dados, o pesquisador fará o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem". Serão retomados nessa situação os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. Além disso, o participante terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

A participação na pesquisa não terá custos para você. Como a pesquisa será realizada online, não haverá geração de custos adicionais com alimentação e transporte.

Sua participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área de Educação Física, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas alternativas e possibilidades para o trabalho da equipe na escola. A pesquisadora realizará o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante o trabalho.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro. A qualquer momento o (a) senhor (a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em sua relação ao pesquisador, à instituição em que trabalha ou à Universidade Federal de São Carlos. Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídas letras, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Caso você não entenda alguma coisa, não goste de qualquer situação ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a professora-pesquisadora Jéssica Rafaeli da Silva, pessoalmente (Rua Mauro Ferreira Correa, 300, Jd. Das Palmeiras/Ibaté-SP ou por e-mail jessicars@estudante.ufscar.br ou pelo telefone (16) 997954634, ou o professor Glauco Nunes Souto Ramos, que é orientador da pesquisadora, pessoalmente ou pelo e-mail: glauco@ufscar.br ou pelo telefone (16) 3306-6757. Você poderá

imprimir uma via deste termo, ou se desejar, o pesquisador poderá encaminhar uma via assinada por e-mail ou da maneira como preferir. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação a qualquer momento por meio das informações de contato do pesquisador responsável.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em

Pesquisa em Seres

Humanos (CEP) da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington

Luis km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351-9685.

E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário

de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)** do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

je.rafaeli@gmail.com [Mudar de conta](#)

🔒 Não compartilhado

* Indica uma pergunta obrigatória

Declaro que li o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceito a participação na pesquisa. *

Sim

Não

Nome *

Sua resposta

Apelido *

Sugestão de apelido para utilização na pesquisa

Sua resposta

Cargo *

Sua resposta

1 - Idade *

Sua resposta

2 - Sexo *

Feminino

Masculino

3 - Formação acadêmica *

Escolher

4 - Tipo de contrato *

Efetivo

Temporário

Outro:

5 - Atua nesta rede de ensino como: *

PEB I

PEB II - Educação Física

PEB II - Outros (Especifique)

Outro:

6 - Tempo de docência desde o início da carreira (incluindo 2024) *

Sua resposta

7 - Tempo de docência nesta escola (incluso 2024) *

Sua resposta

8. Nesta rede atua com: *

Educação Infantil

Ensino Fundamental

Educação de Jovens e Adultos

9 - Para quantos alunos em média, você leciona? (Considerando apenas esta rede municipal)

20 - 30

31 - 50

51 - 100

101 - 200

201 - 300

Acima de 300

Próxima

Limpar formulário

sempre envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

* Indica uma pergunta obrigatória

10. Sobre sua experiência pessoal:

a) Comente sobre o que se lembra das aulas de Educação Física durante a sua época de escola. *

Sua resposta

b) Qual sua percepção sobre a Educação Física Escolar hoje em dia? Há diferenças da sua experiência enquanto estudante? *

Sua resposta

c) Há algo que tenha colaborado para a sua mudança ou manutenção da perspectiva em relação à Educação Física Escolar? *

Sua resposta

11- Você conhece o termo "Cultura corporal do movimento"? Escreva brevemente suas ideias sobre o termo. *

Sua resposta

12- Para você, quais as funções da Educação Física Escolar? *

Sua resposta

13- Você percebe semelhanças entre a atuação do docente de Educação Física Escolar e da sua atuação? Quais? *

12- Para você, quais as funções da Educação Física Escolar? *

Sua resposta

13- Você percebe semelhanças entre a atuação do docente de Educação Física Escolar e da sua atuação? Quais? *

Sua resposta

14- Você percebe diferenças entre a atuação do docente de Educação Física Escolar e da sua atuação? Quais? *

Sua resposta

15- Existem possibilidades em se trabalhar conteúdos conjuntamente com professores específicos e polivalentes? Como você faria isso? Quais são os principais fatores que facilitam ou dificultam a articulação? *

Sua resposta

13- Você percebe semelhanças entre a atuação do docente de Educação Física Escolar e da sua atuação? Quais? *

Sua resposta

14- Você percebe diferenças entre a atuação do docente de Educação Física Escolar e da sua atuação? Quais? *

Sua resposta

15- Existem possibilidades em se trabalhar conteúdos conjuntamente com professores específicos e polivalentes? Como você faria isso? Quais principais fatores você acredita que facilitam ou dificultam a articulação? *

Sua resposta

16- O HTPC é um importante horário para a formação continuada. Qual sua opinião sobre este momento? *

Sua resposta

17- Na sua opinião, comente a dinâmica das escolas, atualmente, sobre:

Responder as questões a,b,c

Sua resposta

a) Assuntos relacionados a decisões importantes dentro da escola (sobre crianças, direcionamento de recursos financeiros, estrutura, projetos etc.); *

Sua resposta

b) Elaboraões e preenchimento de documentos; *

Sua resposta

c) As especificidades da sua área. *

Sua resposta

18- Indique uma (ou mais) especificidades que como docente, você gostaria que fosse considerada para o desenvolvimento do seu trabalho.

Sua resposta

Voltar

Próxima

Limpar formulário

Situações hipotéticas

1- A professora Julie está terminando sua aula com as crianças, para que a professora Eleonor (Educação Física) os busque em instantes. Ao chegar, Eleonor comunica que utilizará a sala para o desenvolvimento da atividade do dia. Que comportamentos você esperaria na posição de Julie? E na posição de Eleonor? *

Sua resposta

2- Elisa recebe um comunicado que algumas crianças não irão participar da sua aula, pois realizarão uma atividade com outro docente.

a) O que você consideraria adequado nesta situação?

b) Você passou por este tipo de situação? Com que frequência?

Sua resposta

Voltar

Enviar

Limpar formulário

APÊNDICE F – Transcrições das rodas de conversa

Transcrição da Roda de conversa nº2

Encontro 2 – 04/09

Pesq. - Os colegas Cross e Neni, a semana passada no último encontro, o **Coordenador**, você também está convidado a responder e a participar da discussão, tá?

Dona professora – Achou que ia ficar livre? Alá. risos

Pesq. Se vocês vão participar, aceitam participar das rodas de conversa, são cinco encontros e eu entreguei o termo de consentimento livre esclarecido no último encontro, só que hoje meu fichário ficou na escola e eu não trouxe. Tudo bem que vocês participarem hoje, depois eu entrego o termo para vocês?

Sim.

Pesq. - Perfeito. É de livre e espontânea vontade, né?

Dona professora - É de livre e espontânea pressão.

Dona - Prometeram uma coxinha.

Dona professora - Prometeram churrasco.

Pesq. - Gente, eu tô com uma coisa, antes de começar eu queria reforçar que é uma coleta de dados, num estudo, eu faço um mestrado profissional e que nenhum dado, (é sim **Lock**, eu tenho certeza que é você), o que for conversado, que não é na perspectiva de solução em macro, tá? É na perspectiva de coleta de dados, para eu desenvolver a **Pesquisa**. Tudo bem? Então, não briguem comigo. Nem com o **Coordenador**, por favor.

Coord- Todo mundo joga o dele, então...

Pesq. - Ah, o mártir. Risos. Então, seguinte: Maila e Neli... Vocês decidiram se vão participar ou não?

Neli - É, nós fizemos os questionários, né? Só que nos HTPCs que a gente vai ter sem ser do **Coordenador**, aí a diretora achou melhor, não. Por causa das coisas que a gente faz lá.

Pesq. - E quando vocês tiverem aqui, vocês querem participar, tem intenção de participar? É, eu preciso que vocês entreguem meu termo para eu poder transcrever, tá, senão eu não posso transcrever a fala de vocês.

Pesq. - Eu vou entregar para vocês uma folha, passem para o colega do lado, por favor. Vocês têm um papel aí, vocês? Não, não, desculpa, eu vou entregar.

Coord- Tem ali, ó, bastante caneta ali, ó, na caixinha ali, ó.

Pesq. - Ao lado de vocês tem uma carteirinha aí, ó. Abram ela e peguem a carteirinha que tem dentro, para vocês poderem utilizar. Alguém ficou sem?

Pega uma carteira aqui. Já. Obrigada. Vocês aí?

Pesq. - Quem se sentir à vontade, vem aqui na mesa, por favor.

- - Momento de organização. Os participantes não sabiam da possibilidade de utilizar a cadeira com a carteira, acoplada no apoio de braço. - -

Pesq. - Eu fuço. Eu caço.

Pesq. - Gente, nessa folha eu vou pedir para vocês, assim, rapidamente representarem... fazer um desenho. E não é nada, né? É só assim para vocês.

Dona professora - Eu não ganhei a folha. Olha, a pessoa já viu. É hoje, hein? É hoje, hein?

Lock - Dá uma cabeça, alguma coisa.

Dona - Vamos causar mais do que as crianças na escola.

risos

Lock - Obrigada.

Pesq. - Tá pra me ver brava. Bom, esse é mais lá. É só para orientar a reunião de hoje, tá? Então a primeira proposta de hoje é uma dinâmica rápida para vocês representarem o lugar onde vocês dão aula. E aí vocês podem representar o lugar. E se é mais um lugar, vocês podem representar, separar, botar os dois lugares. E os materiais que vocês utilizam para as aulas. Representar o lugar que você dá aula comumente.

Neli - Para desenhar? Tem certeza disso?

Pesq. - Eu tenho certeza.

Dona professora - De caneta ainda?

Pesq. - De caneta. Rapidinho, é só um exercício de memória.

Vou colocar aqui...

Ax- O material do lugar. Ou o lugar que você faz a prática?

Pesq. - A prática.

Lock - O material do lugar espalhado.

Pesq. Como você preferir. Não é uma avaliação psicológica, pessoal. Pode colocar... risos

Dona - Não é psicotécnico?

Pesq. - Não é, eu prometo.

Dona professora - Eu já acabei de renovar a carta.

Pesq. - Vou colocar aqui três minutinhos, tudo bem? Tudo bem. Valendo!

Coordenador - Falando em renovar a carta, eu fiz o primeiro RG da minha filha, da (ocultado). Aí agora no RG, não tem mais número de RG. Só tem o número do CPF.

Pesq. - Não tem?

Dona professora - Fiz no poupa tempo aqui, trouxe ela rápido.

Dona - Não, é que do (ocultado) eu fiz já faz um tempo.

Coord- Fiz esse ano.

No começo do sábado, só saiu o CPF.

Dona professora - Fui renovar o RG. Peguei um documento único.

Fui fazer como? CPF, tudo.

Não tem mais número de RG. Falta alguma coisa aqui nesse RG. Não tem RG mais no RG.

Coord - Curiosidades, galera.

Dona professora - Mas até a CNH mudou.

Coord - Mudou, mudou.

Dona professora - Tem umas coisas lá, diferentes.

Coord - Dez anos agora. Pagar duzentos conto.

Três anos quanto eu.

Paguei duas em paz.

Eu fiz isso aqui para você trocar ...

Acabou.

Coord - Bastante gente renovando a carteira esse ano, viu? Aqui na secretária foram três, eu, a ** e o **. A **, nós três renovamos esse ano a carteira. Na mesma época.

Dona professora - A *** veio o mês passado, eu mostrei. E ela, ela venceu agora dia nove.

Coord - No mesmo ano.

Dona - A gente precisa identificar?

Pesq Não.

Dona - Graças a Deus.

-- -Comentários dos participantes, inaudíveis. Fazendo brincadeiras.

Pesq. - Nossa, ele vai atrapalhar o meu estudo. Ele não vai ter paz, enquanto ele não atrapalhar. Rs

- - Começam a indicar que terminaram.

Pesq Tem 30 segundos.

Lock Eu não vou ficar ganhando de usar a canetinha.

Não pode “carcar” a canetinha, por favor.

Dona professora – Eu queria o giz de cera, aquele grosso.

Lock – Esse eu não uso mais porque a menina comeu.

Eu não sei.

Foi espalhada.

Eu não sei.

Dona - Mano, eu estava ali. Comeram a borracha, comeram o lápis, do menino.

Fiquei passada. Falei gente, realmente abriram a porta do CAPS e soltaram.

- -

Pesq. Tudo bem? Maravilha. Vira de cabeça para baixo. Não vocês a folha. Risos
E agora vou passar e recolher. Não vou olhar. Não precisa. Pode passar para o lado.
Quem se sentir à vontade, que eu pego de todo mundo.

Pesq Você fez, João?

Dona - Tem que entregar?

Está igual o desenho do chaves.

Cadê o pasto, a vaca comeram. Cadê a vaca?

Não tem essas coisas.

Ela bate o pé.

Eu não sei o que aconteceu.

Lock – O Neni que está me representando hoje.

Pesq. - Agora eu vou passar os desenhos de vocês. Sem identificação, para outra pessoa.

(ocultado) não fez um desenho?

Coord - Eu não ganhei folha.

Pesq. Pegou o mesmo?

Peguei

Pesq. Sou burra, hein

Pegou mesmo?

RISOS

Ele está gravando, né?

Pesq. - Ó, o orientador depois “O que foi isso?”

Dona professora - É o Glauco, ele vai dar risada. Ele vai falar “Você dá aula no caps, cara”.

Pesq. Você pegou o mesmo, Marcelo?

Pesq. Observem aí o... Observem aí onde o colega de vocês dá aula, ou a colega, né?

Podem virar para baixo e ir trocando entre vocês, para vocês conhecerem.

Se der nota, vai ter que justificar.

Para qualquer lado. Pode trocar.

- - Os participantes observam os desenhos uns dos outros e fazem comentários

Dona - Escorpião.

Pesq. Pode passar. Pode ir passando para trocar, gente.

Dona – Mutuca?

E agora?

Dona - Olha os bambolês, tudo. Nossa, os bambolês!! Tudo em formato de losango. Eu esqueci de fazer isso.

Risos

Dona professora - Na minha não tem bola, não tem bambolê, não tem nada!

Dona - Cara, os bambolês, torto! Mano do céu.

Pesq. Pode ir trocando.

Dona - Nossa, mas eles derrubam, mesmo? Pois é, a intenção era essa. Ui, cones, colchonetes, bambolês. Sala para teoria? (ocultado). Ainda que a gente tem que agradecer, na (ocultado) esse ano tem umas televisões de sala.

- - - Comentários sobre os desenhos

Neli - Olha o escorpião na quadra, cuidado hein?

LOCK Eu acho que esse desenhos aí podem ser passado para a Secretaria.

Pesq. – O que que eu falei no começo dessa reunião? (risos) O objetivo...

Coord. – Você vai correr a corrida do posto Castelo?

(Recolho os desenhos)

Pesq. Muito bom, muito bem. A dinâmica é para a gente ter noção, um pouco né, de como está nossa situação, como está a situação do nosso colega.

Dona professora Teve um aí, que eu invejei, cara, falei Uia quero dar aula nessa escola.

Pesq. Isso que foi feito com caneta Bic, hein. Se eu dou uma canetinha Faber Castell, para vocês...

Bom, agora... A ideia, né, quando eu apresentei o projeto para vocês, é que os temas que surgissem nas reuniões anteriores, eu traria como tema principal.

Na reunião anterior, a gente não... pelo menos da minha parte de transcrição, não teve um tema assim muito relevante ou que disparou em relação a outros temas, pelo menos não na gravação. Depois que eu parei de gravar, tiveram conversas paralelas, mas foram em relação mais com o **Coord** do que com o projeto, tá?

Então, hoje o que eu trouxe foi em relação às respostas que eu tive no formulário.

As respostas que eu tive no formulário, as maiores questões foram em relação a materiais e infraestrutura. Então, hoje eu trago uma situação hipotética para a gente discutir. Quem respondeu o questionário viu que tinha duas situações hipotéticas lá também.

E aí a gente vai conversar, conversar mesmo, trocar ideia sobre o que vocês acham, de experiências, de opiniões, enfim, o que vocês sentirem no coração.

Então, eu vou ler a proposta porque eu não consegui, é... tenho que baixar esse treco para funcionar, né?

Então, o tema de hoje é materiais e infraestrutura. Isso não impede que a gente converse sobre outros temas que emergirem a partir disso. Não estou limitando a conversa, vai surgir a partir disso. Então, situação hipotética. Todo mundo está ouvindo? Muita atenção.

Vamos lá.

Coord- Você quer eu tire?

Pesq. - Eu quero. Tudo bem?

Coord- Por mim está tudo bem. Está tudo certo?

? - Mas o jogo está legal. Risos

Pesq. - Mas aí eu estou sentindo que alguém está querendo interferir na minha Pesquisa.

Coord- Desculpa.

Pesq. - Eu estou sentindo.

Dona professora – O **Coord** não participa e ainda atrapalha. Risos

Pesq. Vamos lá. Imagine que você está trabalhando em uma escola pública com aproximadamente 500 alunos. Que atende desde o ensino infantil até o fundamental 1.

A escola possui uma quadra esportiva descoberta e um pequeno depósito com alguns materiais de educação física. Como bolas de futebol, cones e cordas. No entanto, muitos desses materiais estão desgastados ou danificados. E não há verba suficiente para a compra de novos equipamentos. Em dias de chuva, a quadra fica alagada, o que impede a realização de atividades ao ar livre. A escola não possui ginásio coberto ou outra área adequada para a prática da educação física. O que leva as aulas a serem canceladas ou transferidas para a sala de aula. Canceladas não, transferidas. Onde o espaço é limitado e inadequado para algumas atividades. Além disso, a demanda para o uso da quadra é alta.

Já que outros professores e turmas também precisam utilizá-la para diferentes atividades.

Isso cria um conflito de horários e limita ainda mais o tempo que você tem para administrar suas aulas de forma adequada.

De acordo com vossas experiências, é uma situação que é possível de acontecer com vocês?

Dona professora – Fácil

DANTE- Totalmente

Sim, é possível.

DONA PROFESSORA - Tirando a cobertura, o resto é igual.

Pesq - Mais alguma coisa que vocês acham que é similar?

Neni - O quadro não faz sombra, não protege da chuva, não protege do sol e não protege da chuva.

Dante- E das pombas.

A impressão é que foi no meio e gasta, não é só.

O sol entra na metade da quadra e quando chove tem que praticá-lo.

Mesmo porque ela foi feita com coberto.

20'47''

Cross - Tem um ponto nisso, nos desenhos que eu vi, pelo menos. Em um desenho, se uma pessoa de nós deixou a quadra, perguntou, pelo menos colocou a quadra e colocou uma interrogação. Então eu entendi que essa quadra, esse espaço coberto, esse espaço fechado, não exista. Eu vi esse desenho, não sei quem fez, mas não é a realidade que eu e o Edson vemos na escola que nós vemos juntos. Na hora de diferentes, mas estamos na mesma escola. Na nossa escola tem uma sala ambiente, na nossa escola tem material, na nossa escola tem uniforme, na nossa escola tem criança para caramba. E eu acho que todo mundo aqui tem. E a gente se resolve, dessa forma. Nesse conceito de material, para quem já trabalhou em outras escolas de estado. Eu pelo menos vejo um paraíso. Por mais que não defenda a gente da chuva, o sol a gente se protege um pouco mais do que em outras escolas de estado que nós trabalhamos. Não é que eu tenha vindo como uma escola fantástica. No estado, de dia o sol a pino é muito difícil para lá, né? Ele continua lá e eu não estou mais.

Pesq. Eu trabalhei lá no passado, mas ainda não tinha sala ambiente. E de material a gente estava “so so” não era tanto material.

Neni - É, está muito bom, agora.

Pesq. - Agora está?

Cross - Ah, só a bola de futebol que não tem. Mas tem uma pancada, para não dizer outra coisa, de bola de borracha que a gente utiliza no lugar. Não tem lugar para fazer um trato diferente com isso, mas está bom, eu acho.

Pesq. - Eu dou aula em três escolas, né? Em uma eu tenho uma sala de educação física e uma quadra, coisa linda, né? Mas aí de material a gente não está legal, tem alguma coisa, mas tipo de muito tempo, ok. E aí tenho uma escola que não tem quadra e eu dou aula no pátio. Aí a gente teve situações de tipo, aí tinha uma mesa em determinado lugar e no determinado lugar que não tinha mesa eu dava aula. Aí as mesas foram chegando aonde eu dava aula, até que agora eu não tenho mais espaço para dar aula. Eu dou aula num "meinho" lá ou ir para um gramado que tem lá atrás. Eu escutei uma vez numa reunião que as crianças aprendem a correr só em círculo, porque é o que dá para elas fazerem naquele espaço. Só correr de um lado para o outro, assim, um espaço muito pequeno.

E na outra aí é a questão de dividir quadra, né, que aparece aqui na situação.

Eu e mais duas pessoas a gente se organiza amigavelmente para dividir a quadra em dias específicos. Isso também acontece porque a escola é muito grande e entendo também que por questões de horário dos professores também e de horário de outros professores também. Mais alguém gostaria de dar o testemunho sobre a sua experiência, boa ou ruim? Boa também, tá gente? Obrigada.

Ax - Então, eu trabalho em uma escola que tem a disposição no arsenal maior de materiais e também trabalho numa que não tem nem a quadra. O pátio fica aqui no meio, perto de um lado o refeitório e no outro. Eu fico num ambiente de 15 metros quadrados.

E tem que se virar. É relativamente tranquilo porque é ensino infantil, mas eu percebo que, assim, numa vista geral, eu acho que os professores, né, especialistas, quando estão inseridos nessa infantil principalmente, eles tendem a gerar...A justificativa para ele estar ali é o aumento da qualidade da percepção do aluno, né? Tipo assim, eles vão fazer movimento. O corpo em movimento também é uma disciplina, por exemplo, da pedagogia, né? Então eles vão brincar no parquinho e tal.

O que o professor de educação física se propõe ali, estar dentro de um ambiente que tem educação infantil, por exemplo, expandir um pouco o universo do aluno, ensinar para ele e cativar ele sobre a educação física, no nosso caso, e tentar trazer um pouco de qualidade ao conteúdo que é trabalhado. Só que ao mesmo tempo a gente enfrenta essa face limitante, né?

Então, às vezes, a gente passa a pensar que, assim, né? Não é bem pensado pelo sistema público, pelo sistema político que está ali inserido, né? Você chega lá e, assim, se você está sendo limitado nessa escola, por exemplo, eu não tenho nada. Nada, nada. Tipo, seis bolas e um jogo de cones, dez cones, né? Enfim, então, assim, eu tento expandir principalmente para aquele lado que dá para expandir, porque a gente não vai deixar de dar aula, porque não tem, né? Só que eu tenho certeza que eu poderia avançar muito mais e muito mais se tivesse suporte necessário.

Pesq. É, aí a gente chega num... Mais alguém gostaria de compartilhar, Luciano?

Dante- Eu acho que assim... Se você pegar essa foto que você mostrou ali, que está no seu computador...

Pesq. Essa aqui?

Dante- É. Essa e tantas outras que a gente pode procurar na internet, isso aí é o sonho que você vai encontrar, só em uma escola particular e olhe lá. Material, quadra limpa, uma parte perfeitamente planejada. Eu trabalhei já em várias escolas aqui. Acho que das escolas que eu entrei, por exemplo, aqui em (ocultado), a que eu mais gostei foi a do (ocultado).

Dona – Que também ...

Dante- Que também, não é lá essas coisas, tem plano, tem tudo, projeto ali no meio e tal.

Dona - Quando chove alaga.

Dante- Alaga também. Então, assim, todas elas são muito mal planejadas, eu não sei quem é o dinheiro, mas preferi duas. A gente imagina como...

Dona - Parabéns pra ele.

Dante- Exato, e começa a ver, assim, iluminação.

Dona - Tem escola que nem tem quadra.

Dante- Cara, então... Eu, por ter trabalhado no SESI, no SESI a gente tinha parabéns de boa. E lá, assim, tem inclusive algum almoxarife, né? Então, você abre o meu plano de aula, é... Você só passa lá, pega o saco de bolas, boas e de equipamento, você pega. Você só deixa lá, o cara deixa ponto, você só passa lá, pega na quarta. Simples assim. Entendeu? Então, isso pra mim, uma infraestrutura que presta, né? Uma infraestrutura boa, né? Tem qualidade pro professor, tem qualidade pro aluno. Tem material, bola furou, substitui, né? A gente não tem isso, cara. E de material, cara? Então, pra mim, assim, todas as públicas, cara, eu não vejo material bom pra todo mundo.

Eu também, eu também.

DANTE- Então, eu tenho... o Rafael comprou bola também.

Dona - Muita coisa que a gente que faz, a gente que adapta, é... Se a gente quer fazer alguma coisa diferente...

Dona professora - você tem uma outra escola se você dá mais aula, mais que uma escola, por exemplo, sei lá, no (ocultado) e no (ocultado). Aí, faz uma atividade que precisa de bolinha, no (ocultado) não tem então peço para a diretora se ela empresta, aí vou lá faço a atividade, eu vou lá, passo aqui dois meses, aí depois eu devolvo para lá, às vezes...

Pesq. - Permuta, né?

Dona professora - Essa a troca, esse empréstimo.

Cross - É, eu acho... Eu e o Edson aqui, sofre com a sujeira da quadra. Você fala para molecada sentar no chão. Não, muita sujeira.

Risos e comentários sobre o caso ser comum.

Neni - Não, e tem coisa que é muito simples, né? Faz três anos que eu tô no vera, tem um cano lá que joga água do telhado, dentro da quadra.

Lock – Ainda?

Neni – A pomba faz cocô na quadra inteira, aí vem o cocô da pomba... Mas é uma coisa tão simples

Pesq. - A gente que girava ano passado.

Neni - Não sei lá... Não tem um encanador, um engenheiro? Virasse o cano, coisa simples!

Cross - Na segunda-feira, chego mais cedo lá e passo o rodo pra tirar a folha, e cocô na quadra e coloco no saco. Agora eu digo, não é má vontade da direção, não é má vontade de nada. Eu acho que...

Dante– Você não vence fazer, cara.

Coord. – Muitas vezes tem uma pessoa na limpeza na escola.

Cross - Se você não ajudar, não tem como.

Exatamente.

Neni – Tem um gatinho que entra lá e faz xixi na quadra.

Cross - Você chega com os pequenininhos, a gente divide quadra, ela fica de um lado, ela pergunta, ah, mas você fica do outro lado? E eu falei assim, não, fica onde

você quiser, porque ela vai usar o chão o tempo inteiro. Ela tem que ficar de um lado da quadra que tá mais limpo em respeito a criança, né? E à colega também. Ele vai ficar de um lado mais sujo da quadra, e tem isso também. Os gatos passeiam dentro da quadra o tempo inteiro.

Dante- Cachorro, lá no (ocultado)lá. No (nome da escola).

Cross - Mataram um gato na quadra, envenenaram ele na rua, ele entrou e fez sujeira na quadra. Aí não teve jeito, eu tive que falar com a mulher da limpeza. E, ó, com presteza, ele foi lá tirar o negócio, porque... E a criançada fica doida. Só porque tem um sangue para tudo quanto é lado, porque deram veneno ou alguma coisa

Pesq – Ai que dó, meu Deus.

Cross- Judiação, né?

Pesq. - Essa imagem aqui, que o Dante falou, eu gerei por inteligência artificial. E aí a descrição lá foi “professores de educação física escolar, com roupa esportiva, descontentes, com o material e infraestrutura”. Aí ele descontente com esse material e com essa, infraestrutura.

Dona - Imagina se ele viesse para cá.

Pesq. - Não é a realidade. Eu já tinha feito quatro testes, ia acabar as minhas moedas grátis pra fazer imagem, e eu falei, vamos levar essa pra ilustrar.

Gente, muitas informações. A primeira que foi a que o Rafa comentou, e que todo mundo de certa forma reforçou, é como que isso, todo mundo não, as pessoas que opinaram, como que isso afeta o trabalho da gente. Qual que é o impacto disso no trabalho de vocês, no planejamento de vocês? Porque o Dante falou, é qualidade pra gente, enquanto professores, e também é qualidade pro aluno, que está recebendo a nossa aula. Então como que vocês, se alguém quiser falar, como isso a infraestrutura, por exemplo, por exemplo dos meninos,

impacta positivamente, como faz isso, você falou que em uma escola X, era muito ruim. Como é que isso muda pra você, positivamente, ter um espaço diferente, ou com melhores materiais, ou com a melhor possibilidade de sua aula, se é melhor ou que, ou sei lá, você faz a tripa, o coração, e sua aula é igual de qualquer forma, enfim.

Dona - Posso dar um exemplo?

Pesq. - Pode.

Dona - Eu passei os fundamentos de handebol, e ia passar alguns fundamentos básicos, na prática, né? Primeiro eu passei teoricamente. Não estamos com bola de handebol na escola. Eu tive que pegar a bola de futsal, que é no tamanho próximo que tem lá, pros arremessos, e pros passos, se mexendo e quicando a bola, eu tive que fazer com uma bola de basquete, que era o que eu tinha, e que quicava com a de vôlei, quando estava, razoavelmente bom pra isso. É, pensando na prática de bola. É, de basquete tem um monte, até porque foi doação do professor que esteve aqui no ano passado, e que pegava de um outro lugar, quando elas ficavam um pouco mais desgastadas, porém boas, não é? Mas, assim, a gente adapta mesmo, não é o ideal, não é o adequado, para se fazer. A criança teria que ter o contato com aquela bola específica do esporte, ver o quanto ela quica, como seria quicar uma bola daquele tamanho na mão, entre outras coisas. E foi feito porque tinha que ser feito, e eu achei que seria interessante fazer, mesmo. Não fiquei 100% contente com o que eu entreguei, porque não foi com a bola correta.

Pesq. - É, eu estou dando aula só para o infantil esse ano, e aí eu tenho uma escola que não tem colchonete, não tem tatame, e aí tem creche junto, né? E aí o que eu fiz? Eu fui lá e peguei um tapetão daqueles que usam as creches, e estou usando o tapetão na grama, para conseguir fazer a cambalhota com as crianças de um jeito

não... que não vai machucar. Porque no pátio, onde é o lugar que eu consigo dar aula mais vezes, é muito duro, porque o tapetão não é igual ao tapete que tem lá na (ocultado), que é um colchonete, né? É um tapete mais grossinho assim, só que é dupla face, né? De um lado é letra, amarelinha, e do outro é tudo preto. Então é isso. A adaptação, o que eu consigo pensar da adaptação? É legal, é a gente faz o que tem que fazer, porque a gente está aqui para isso, para trabalhar, para dar aula, mas é um desgaste, é um desgaste a mais, para a gente conseguir fazer o que tem que ser feito. A gente poderia estar fazendo com mais qualidade, com menos preocupação, se vai ter, se não vai ter, se vai ter que chegar mais cedo, muito mais cedo, ou se vai sair muito mais tarde, porque pega emprestado de uma escola, pega de uma escola, que é uma responsabilidade muito grande de a gente ficar levando material de uma escola para outra. Enfim, várias coisas. Sobre a adaptação, o que eu penso é isso, é necessário a gente fazer muitas vezes, mas demanda um investimento.

Neni – Além de tudo isso, eu penso o seguinte. A criança merece conhecer o que é bonito, o que é novo, né? Por exemplo, uma coisa é você vai fazer, tabuleiro, é você criar com aluno, os jogos e pintar e eles fazerem a tampinha, ok, olha, dá para você ter isso em casa, se você quiser ter, né? Mas você pode comprar também, não é tão caro. E é assim que você leva lá um negócio que é real, que é novo. Por que dó porque mora na periferia, ou é da periferia daqui ou dali, não pode conhecer, não pode ter acesso? Então, eu nunca vou ver uma bola nova? Não vai ser uma bola nova, eu nunca vou abrir? Não é uma delícia, você abrir, abrir aquelas bolinhas? Então, e a criança não vai passar por isso, então é sempre... A gente não pode falar lixo, porque é reciclável, reciclável, mas é só lixo? a gente trabalha com lixo, com bola velha, com bolas velhas? E a gente tem que ensinar a criança de cuidar das coisas, do material, dela mesma, da quadra, da roupinha dela, se você chegar na quadra, ela não pode deitar na quadra, porque ela vai se sujar tudo. Como é que funciona isso? Eu acho que é falta de respeito com as pessoas que estão lá, as crianças, os professores, todo mundo que está lá na quadra, é assim, falta de respeito. Porque o investimento é barato, uma bola nova, 10 bolas novas, duram o ano inteiro. Adaptar, a gente está certo, mas para mostrar para a criança que é possível, não que será a única possibilidade.

Ax- É, a questão da permanência realmente, é o que manda realmente, só que falando da minha experiência pessoal com (ocultado), quando eu entrei era bem melhor, a questão do material e tal, eu acho que havia uma preocupação maior em relação a isso.

Dante- Posso falar uma coisa a respeito do material nessa época?

R - Em 2015 eu já dei aula aqui.

Dante- Então, quando eu estava no SESI, eu mandei um carro inteiro, aliás veio caminhão, trazer material, para o Programa Atleta do Futuro, e o pessoal do esporte doou bastante bola.

Ax - É verdade, tinha bola escrito PAF.

Dante - Exato, aquelas bolas Wilson que tinha, que foi eu que dei, essas bolas de Rugby, colchonete, bambolê, bambolê era tipo 400 bambolê. Entendeu? Não era a obrigação do SESI, mas como a gente tinha na época, e tinha que gastar. O (nome do presidente na ocasião) chegou e falou assim, o SESI tem um tanto de verba, a gente vai tirar, ele queria tirar a verba do SESI, para sugar um pouco mais, e aí o (ocultado) na época falou assim, entrega, vamos gastar, vocês têm dinheiro, então a gente não podia deixar dinheiro em caixa.

Então, meu, se eu começar a contar as coisas que a gente gastou lá, fazer os eventos, todos os atletas do futuro mandaram, acho que era o Fernando na época, depois o

Fernando entrou, um outro que esqueci o nome, que usava óculos, depois que entrou o Raul, eu trabalhei com os três, como secretário de esportes, com o Fernando, ele tinha um corsinha, ele foi lá puxar um corsinha, cara, só cabia ele, veio cheio de uniforme. Eu vejo gente andando com o uniforme na cidade aí, entendeu. Então assim, viveu disso aqui em (ocultado), então, acho que não foi, tão assim. Cortou ele quis cortar, na minha época ainda, então estava quase para sair se quis cortar, e se perdeu por isso.

Maria - Posso falar da diferença de duas prefeituras? Estou em Itirapina faz 14 anos, e esse ano aqui em (ocultado). Lá, sempre teve, assim, não era, oh, quanto material, mas sempre tinha umas cinco bolas de futsal, umas cinco de vôlei, e o basquete sempre ficou um pouco mais, porque dura mais, as crianças usam um pouco menos, pelo tamanho e tudo mais. Esse ano não sei o que aconteceu lá, acho que por ser um político, há 14 anos isso nunca aconteceu. Todo começo de ano, diretor senta com a gente, ah, vamos fazer uma lista, o que vocês querem, e a gente vai colocando lá, 20 bolas, 30 de não sei quê, porque sempre vem duas ou três, daquelas vinte que a gente pediu, esse ano veio tudo! não tem onde colocar material! Tanto que eu pedi caminha de jump de 30, chegou as 30! E não tem onde enfiar!

Pesq. - Vai ter que fazer um projeto.

Maria - Não, hoje eu fiz um circuito lá na quadra, eles ficaram malucos, tem pesinho de academia, tem um wall ball. Tem, tem muita coisas para se trabalhar assim, infinito, e aí, aqui, por exemplo, aqui eu estou na (escola), que ainda tem alguma coisinha, né, mas no (escola), é zero. É zero.

Dona professora - Já era zero quando eu estava lá dois anos atrás.

Maria - É zero.

Dona professora – Cansada de ter que levar material do (escola ocultada).

Cross - Eu acho que nós falamos até agora dos problemas, se alguém tem ideia para a solução,

ou se sobra num lugar e falta no outro, tinha que ter um balanço.

Pesq. - Não, mas isso que ela está falando ainda.

Cross - Eu entendi, mas eu falo que daqui também acontece, eu pelo menos quando eu estava no (ocultado) em 2017, tinha mais de 30 bolas de _____, e eu dizia, eu falava assim, você vai dar uma bola para cada um, eu sou louco por bola, nem na escola. Faltou. Então, toda vez que eu vejo que esteja uma nova marca,

Neni - Pode, né, amar, fazer um integral, fazer proposta, fazer um integral. Não é nada, é isso.

Maria - Aí depois o questionamento, o que a gente lá, tipo, agora lá, como é que está se pretender, se pretender não? Coordenação, direção, sugestão, educação, e supervisão de educação também. E um dos que está na supervisão agora é da educação física. Então, não sei se a gente está tendo um olhar, assim, maior para a gente, pode ser também. Mas assim, agora que eles estão fazendo esse HTPC que a gente tem aqui um por mês, vai começar a acontecer lá, porque ele pediu, sendo uma supervisão, então eu acho que também pode ter melhorado por isso. Mas outra coisa que eu vejo também, que a gente é muito visto dentro de uma escola, como o professor de sala ter o HTPI deles. Então, às vezes, os alunos estão tendo a educação física, estão tendo ali o Artes, ah, o professor está com o HTPI, legal. O que você vai fazer em quadra se você tem um material... As crianças estão saindo para brincar, ah, beleza, tal que assim. Não importa o que está acontecendo. Mas isso é geral, né? Eu falo isso aqui. Acho que você está me contando. Sobre...

Ax - Eu também tenho uma percepção, pelo menos contando, né, desse negócio de trabalhar numa escola que não tem, numa escola que tem bastante, que eu também

me sinto mais mediador de conteúdo. Na escola que não tem material, como é limitante, de uma certa forma, eu acho que ela... Isso também acontece também para uma questão geográfica. Não estou falando exatamente de (ocultado), mas escolas periféricas a tendência a não ter as coisas é maior. Até por essa relação aí de... Escolas maiores, né? Os pais também não têm um grande interesse na escola, então só o filho está lá dentro, está ótimo. Enfim, na escola mais central que tem bastante acesso, eu consigo... Eu me sinto mais satisfeito em planejar, sabe? E a minha saúde mental é melhor também, nesse momento, sabe? Então, eu acho que contribui um tanto assim que, de uma maneira geral, você fica mais satisfeito com o seu próprio trabalho, mais satisfeito com o andamento do dia a dia, sabe? E isso parece que é, sei lá, se numa escola que não tem nada parece que eu estou subindo uma montanha, numa escola que tem material, um suporte maior, parece que eu estou andando numa reta, entende? Então, ficar menos penoso no dia a dia.

Pesq – Fica mais satisfatório né

Ax - É, e numa hora, uma ou outra, essa falta de estrutura ela vai gerar pessoas doentes, por mais que o professor não “desinvesta”, que o professor esteja apaixonado, ele está dando soco em ponta de faca, e vão se passando os anos, e as coisas não vão mudando, vão se passando os anos, vão se passando, vão se passando, até que chega um momento que o professor não consegue mais, ou ele realmente não quer mais.

Dante- O interesse de brigar pela cor, pela opção, né?

Maria - Chega naquela questão do planejar também. Você vai planejar as suas aulas, tá? Você planejou um pouquinho. Qual é o material que a gente tem aqui? Você tem que tudo pro jogo de cintura para ver o que você vai fazer de diferente. O que você vai conseguir usar?

Dona professora – Resumindo. Você vai planejar por planejar só para entregar o documento.

Pesq - O Cross falou uma coisa que me atravessou da seguinte forma. A gente está falando só do problema. As estratégias que a gente tem, inclusive tem uma outra parte que não vai dar tempo de a gente fazer, e tudo bem, acho que a conversa atendeu bem os itens que tinha para a gente conversar, as estratégias possíveis de a gente fazer, eu acho que a gente tem essa liberdade, por exemplo, se na minha escola tem, quando eu falei com o Coord., enquanto coordenador, eu disse que não tem material na escola, não tinha nada mesmo. Nem perguntei de onde ele tirou. Não sei se era pessoal, não sei, mas ele levou lá duas cordas, bambolê, que eu identifiquei, bambolê como sendo meu, e os bambolês foram utilizados por outras crianças. Meu assim, da educação física. Porque quem tá, outras crianças que não estão sendo orientadas ali, como usar o material, vão usar de qualquer jeito, enfim. Bagaçou todos, estragou todo o material, e os bambolês estão todos tortos, e ele levou alguma coisa pra mim. E eu acho que a gente tem essa liberdade, enquanto grupo, de, olha, eu tenho bola aqui, tudo bem. Enquanto grupo, assim, a gente tem chefes imediatos, então, se eu tenho muita coisa, já aconteceu, e você deu pedir para uma pessoa, falou, olha, a gente tem um monte disso aqui, aqui, eu posso levar para tantas, para essa escola aqui que não tem nada? Não. Tá. Não tô falando que foi agora, nem nesse ano, nem nada, tô falando que já aconteceu. Então, essas estratégias que é possível da gente fazer, acho que a gente pode conversar uns com os outros, com a mediação do Coord, que o que for pra resolver, eu tenho certeza que todo mundo já faz aqui, como o pessoal já citou, de adaptação em aula, e que a gente tenha liberdade de fazer isso pra tentar minimizar, na medida do possível, contando com o Coord, claro.

Dona - Eu queria por um outro ponto, eu esqueci de falar, sobre esse uso de materiais. Não sei se os colegas vão concordar comigo, mas nas escolas de tempo integral, especialmente, eu creio que nesse caso só, a tarde eles utilizam esses materiais que são do nosso uso, e eles não dão um fim adequado pra muitos desses materiais. Inclusive, as bolas de handebol que existiam na escola em que eu trabalho, elas se deterioraram por conta dos alunos que ficaram chutando no período da tarde, e não terem orientação nenhuma de alguém habilitado pra tal de não fazer. O famoso não chuta a bola de vôlei que a gente faz, e creio que davam qualquer bola, era um momento de recreação, livre deles, então, muitos bambolês, muitas bolas foram danificadas, e essa divisão do que é nosso e do que seria da recreação não existe. Por mais que, hoje, em alguns casos, tem tentado tomar cuidado pra não se fazer atividades na nossa área, eu sei que muitas vezes clandestinamente acontece, o cuidado com os materiais, infelizmente, não existe. Não criticando as minhas colegas de escola, as professoras de sala, mas não levem o feitiço delas, essa utilização, então, elas não têm o cuidado. Muitas vezes, a gente acaba danificando também, obviamente, mas não danificam. Elas danificam e é isso.

Dante- Não é só da escola integral que diz isso, no passado, por exemplo, fizeram uma festa da família maravilhosa no (ocultado), linda a decoração. Além dos bambolês, pegaram as cordas de sisal, e eu estava deixando algumas em pacotinho, e entregando aos poucos, ou substituindo as ruins aos poucos pra eles. Elas pegaram, simplesmente, desenrolaram a corda, assim, para fazer... Enfeites.

Dona -Já quase nem tem.

Pesq. - Que alegria, né?

Dante - Eu não sabia né. Daí “Precisa comprar mais cordas, né, professor?” Como assim, tem um monte, tinha uma caixa de corda, né? “Não, porque as cordas, a gente usou todas as cordas, tá?” Aí falei bom, só penduraram, né, as cordas. Desfiaram.

Cross - O Coord até brincou, assim, ó, pô, não chuta essa bola de vôlei, numa frase que ele mandou no mensagem. Essa é uma das coisas que a gente mais fala na Quadra. Pô, não chuta essa bola, essa bola não é pra isso, você vai estragar, cara.

Dona - Bola de vôlei, que bola boa, que foi para o saco, por causa de eles chutarem, sabe? Que ódio! Que ódio!

Dona professora - Não tem bola de vôlei, as bolas de borracha que a T... comprou no ano passado, mais da metade já furou o ano passado, mesmo.

Dona- Se tivesse tomado cuidado com aquelas grades lá, né?

Dona professora - Imagina.

Dona - Estraga tudo.

Pesq. - Que grade?

Dona - Ah, o grade do (escola).

Dona professora - o alambrado embaixo tenho uns restos tem umas pontas. Se não tomar cuidado suficiente a criança pode rasgar o uniforme fura

Pesq. - Essas mesmas coisinhas, uma criança de quatro anos enfiou o pé.

Dona professora - A criança pisa em cima, fura no pé.

Pesq. - claro que ela estava sem tênis, mesmo a gente pedindo e cortou a bendita do bendito do pé dela. Tem uns buracos também, inclusive depois de a gente ver, buraco na quadra sabe de poste de vôlei. Não tem tampa cara, não sei como é que tampa que eles traem não tem poste de poste que roubaram o poste roubaram o poste de vôlei?

Dona professora – No (nome da escola), roubaram um poste e deixaram o outro. Roubaram o poste de vôlei?

Coord.– Alguém tem que fazer um varal, né. Risos

Lock – Roubaram o aro da cesta.

Dona professora – Não tem nem previsão de...

Coord- Aí não, a prefeitura, eles ainda acreditam que vai dar certo colocar o outro lado para usar a quadra que está do lado de fora. Eles ainda acreditam que vai dar certo isso, sair com os alunos da escola.

Dona – Só porque eles acham.

Coord- sem cobertura

Pesq. - e a comunidade vai liberar a quadra para a aula vai dar licença amigavelmente. Gente, só para a gente é...

-- Aparece imagem do jogo na projeção.

Coord - apareceu sozinho, eu não fui aqui com alguém

Pesq. - foi você sim

Coord- não, foi não, eu estava aqui parado. Risos

Pesq. - só para finalizar

Pesq. - pessoal questões para reflexão e discussão eu vou falar o que eu tinha pensado e acho que a gente conseguiu contemplar então, qual que era o impacto das questões de infraestrutura e materiais no nosso trabalho; as estratégias que a gente usa para superar que a gente falou, de adaptação consequências para os alunos que a gente também conseguiu chegar nesse quesito falando sobre adaptação sobre o que é possível de a gente fazer e o que é de fato de merecimento dos alunos de conhecer o melhor ninguém está afim de viver de pedagogia da sucata todo dia, sempre. É possível, mas as crianças também merecem o melhor.

Dona professora – Se tem uma coisa que eu tenho ranço é atividade com material reciclado, ne, poxa.

Pesq. - e a gente chegou a falar sobre a intervenção e a reivindicação, a gente falou algumas possibilidades falou um pouquinho sobre verba falou um pouco sobre falta de funcionários, a questão de não ser uma questão local não é só aqui na nossa cidade; e de soluções colaborativas como o amigo ali sugeriu que a gente tem essa possibilidade enquanto grupo de fazer trocas, quem tiver, mediada pelo diretor chefe imediato que é o diretor e pelo nosso Coordenador. Pessoal, eu vou finalizar, quero agradecer a participação de todo mundo, agradecer a paciência e dizer que nosso próximo encontro é em duas semanas, né Coord? dia 18, tudo bem? alguém gostaria de falar alguma coisa antes de eu finalizar a gravação? Fale agora

Dante– Está gravando?

Risos

Pesq. - Eu espero que esteja eu espero que esteja.

Finalização.

Transcrição – Roda de conversa 3

Pesq - Boa noite, pessoal. Estamos aqui reunidos. No último encontro que a gente teve, dia 4, a gente falou sobre materiais e infraestrutura, né? E reforço pra vocês que a minha intenção, é a coleta de dados, né, para o desenvolvimento de Pesquisa, não tem perspectiva de resolução imediata de nenhum dos temas, de a gente conversar, trocar informação mesmo e coletar os dados da minha Pesquisa. Tudo bem? Então tá bom.

Hoje a gente vai fazer uma dinâmica pensando no... Quando eu estava lendo a transcrição e vendo as minhas anotações, pensando no que a gente conversou na semana passada sobre materiais e infraestrutura, surgiram algumas falas que me levaram a pensar nisso e também surgiu no questionário, né? Como é que funcionam

as nossas decisões em relação ao todo da escola? Então eu vou ler aqui para dar uma noção.

Então algumas respostas sobre ser informado sobre todas as decisões que têm na escola, outras respostas sobre não ser consultado e outras sobre ser pouco consultado ou até mesmo ser consultado depois que a decisão já foi tomada, né? Ou ser avisado daquela decisão. Então esse tipo de questão me levou a pensar em nesse encontro a gente discutir em que medida a gente tá envolvido nas decisões da escola, tá? E isso assim, pelo sim e pelo não. Nisso eu tô envolvido, nisso eu não tô. Então algumas coisas a gente vai discutir daqui um pouquinho. Agora eu vou pedir para vocês, para individualmente, a gente vai pensar que a nossa escola pediu para a gente uma listagem de materiais, porque eles vão comprar, né? Eles avisaram a gente que é para fazer uma lista de materiais que a gente vai comprar. E a gente vai listar alguns desses materiais, pelo menos 10, e vai fazer uma breve justificativa, não precisa, ah, eu, ela, muito longo, não. Faz uma breve justificativa para a gente dar continuidade em seguida. Tudo bem? Então vocês, enquanto professores das áreas que vocês estão, vão listar 10, pelo menos 10. Se quiser mais, pode pôr mais.

O problema é que hoje a gente não tem banquetinha para apoiar, né?

Vamos ver, vamos ver, ó, a Dona professora ajudou, salvou a minha vida. Então eu vou passar uma canetinha, eu passo a caneta e o papel. Por um lado.

Dante - Vamos fazer uma lista? 10.

10?

De novo.

Pesq - Faz uma lista de itens que vocês acham necessário para desenvolver as aulas de vocês na escola que vocês estão. O Lock perguntou, olha, eu tenho duas. Aqui, (ocultado), pode fazer das duas, se você achar que são os mesmos materiais, faz de uma só. Ou se você, tipo, tem materiais que você usaria...

Dante - Mas pode ser, tipo, de cada um, na frente.

Pesq - Sim... Por quê? Você vai trabalhar o quê? Trabalhar tal coisa. Esse material, porque eu gostaria de trabalhar a tal coisa. Esse material, eu gostaria de trabalhar a tal coisa.

Pesq - Eu não tenho internet, mas eu colocaria uma música de...De fundo.

Pesq - Quer outra?

Ax - Preciso.

Pesq - Está tudo de ponta cabeça?

Ax - Morreu mesmo? (Sobre a caneta não estar pegando)

Pesq - Morreu, já era.

Ax - Agorinha.

Pesq - Acabou de falecer. Eu acho que talvez não sei.

Dona professora – Não estou colocando especificidade não, só o material.

A prof-Pesq explica a dinâmica para uma colega que chegou depois.

Pesq - A verdade é que lá já tem tudo.

Dona professora - Lá não conta, né?

Dona professora - Jenga

Dona - A lista é fictícia. A gente coloca coisas fictícias, né? Coisas que existem, mas que nunca vão vir para a escola.

Aquela cama elástica pequena?

É jump

Dona professora - É, se desse para ter tudo isso numa sala que a gente passa chave e ninguém entra. Não adianta ter tudo isso.

Dona – Se o povo...

Neni - No (ocultado)tem....

Pesq - O que?

Neni - Na sala, os materiais. Tudo arrumadinho. Tem até mesa.

Dona professora - Lá no (ocultado) tem... Tudo menos material. Aliás, tem todas as salas ali dentro.

Neni - Agora tem uma salinha.

Dona professora – Aí, gente.

Dona professora- No (ocultado) se...

Neni - Tem até três mesinhas se quiser.

Dona professora - No (ocultado) tinha uma sala para nós que sobrou só uma lixeira de rodinha.

Pesq - Só lixeira da sala ou na sala?

Dona professora - Não. A gente tinha uma sala há uns dois, três anos atrás. Que era a sala da educação física. E tinha mesa, tinha a mesa de pebolim, tinha os armários para os materiais. Então a gente podia usar a sala em dias de chuva ali. Aí resolveram que aquela sala ia virar uma sala de aula. E tiraram as nossas coisas dali e foram junto parar lá no depósito de produtos de limpeza. Ai. Vai estragando o material, não vai repondo. Agora o nosso material cabe sabe essa lixeira aqui? As moças da limpeza usam, que tem aquele sacão que tem a tampa. Eu não sei como que se chama aquela lixeira grandona.

Neni - É tipo um balde.

Dona professora - É um balde que tem as rodinhas e você empurra. O nosso material cabe ali e acabou.

Neni – Lá no (ocultado) também. Não sei se tem lá para dentro.

Dona professora - E o armário que a gente tinha separado.

Dona - Aquelas baldes. Aqueles baldão que ficam as bolas.

Neni – Então, mas não tem outro material, só aquele?

Dona - Ah não. Tem um armário, só que é dividido com o pessoal da música também.

Dona professora - A bem que eu coloquei material de atividades rítmicas que a gente nunca tem.

Dona - Ai, que lindo.

Dona professora - Eu, eu com o meu gingado.

Dona - Ah, você gostou? Né, de ficar ensaiando quadrilha.

Dona professora - Nossa, adoro! Nossa, adoro. Principalmente quando você fala, dá o braço para o menino. E aí começa só se for bonito...

Dona - Vai casar.

Dona professora – Não, bomba esquece. Compra uma bomba na (ocultado), dois dias sumiu.

Neni – Eu tenho uma dentro do carro

Tenho na bolsa.

Dona professora - Ah, filha, mas se eu for levar tudo o que eu preciso, eu preciso comprar uma Fiorino.

Pesq - Fora que você...O salário fica nas compras né.

Dona professora - Claro.

Pesq - Aquela parcela, em vez de financiar uma casa, financia o material

Dona professora – Programa Minha casa minha Fiorino? Porque eu já tô quase abrindo um financiamento pra eu comprar azeite. Minha vida é meu azeite. Cara, falei isso pra menina do caixa. Ela me deu uma risada, cara.

Neni - Tem que usar a manteiga Ghee

Pesq - Tá mais barato que o azeite, a manteiga ghee?

Neni - É, você pega a manteiga e faz lá um negócio com ela e tira... O óleo dela. O lactose, o óleo. Fica amarela e dá pra usar pra fritar e tal. Acho que tira a lactose, tem um processinho pra fazer. É fácil de fazer.

Dona professora – Eu ainda vou comprar uma Airfryer. Aboli o óleo de vez.

Pesq – Nossa, eu pensei que é a primeira coisa.

Dona professora – Esse mês eu já comprei o aspirador de pó.

Pesq - Eu pretendo comprar primeiro a casa. Depois... Airfryer para a gente poder fazer batata e cebola.

Minions - Eu não vou.

Pesq - Ah, você vai? Porque vai ser na sua casa, como você não vai? Todo mundo vai, tá bom.

Dona professora - Eu sou adulta. Eu compro a aspirador de pó.

Ax - Faz uma diferença bem grande, sabe a Philips valita, que era da PoliShop? Muito boa. Perto das outras, sabe?

Após todos entregarem

Pesq - Agora, eu queria saber de vocês se é frequente, ou se vocês precisam, ou se vocês fazem essas listas de materiais para a compra.

Dona professora - A gente joga nos conselhos. Ó, a gente precisava de materiais. Então vocês fazem a lista. O que sobrar de dinheiro, PDDE, eu não sei qual é a verba que é utilizada para isso. Não é que eu não lembre. Se sobrar, depois que a gente comprar tudo que precisa para a escola, a gente compra o material para vocês. Em relação a escola, geralmente é isso

Dante - Lista, né? No ano passado, né?

Dona professora - Não, a relação é escola. Geralmente é isso. No conselho falar “A gente precisa de material, precisa de bolas, não sei o quê”. Ah, então faz uma listinha, se sobrar dinheiro, a gente vê o que dá pra comprar.

Ax - Ano passado, eu tive a oportunidade, a diretora confiou. Eu acho que ela passou pra Dona também, que ela tinha uma lista de materiais que ela ia comprar de um fornecedor. Os materiais de educação física, infelizmente, não eram de qualidade, eram bolas de iniciação bem ruinzinhas, estouraram o primeiro chute. Mas a gente conseguiu fazer essa lista, mas direto ali no catálogo, sabe? A gente vai anotando, não veio tudo, mas veio bastante coisa até. Então, as que duraram, estão lá, ainda.

Dona professora - Mas é nesse esquema, né? A gente primeiro dá ênfase pra criar um meio entre aspas, o que precisa de material pra criançada, das outras professoras, aí o que sobra vira pra educação física, aí o que sobra vira pra artes.

Ax - Durante o ano, assim, não sobra dinheiro.

Cross - Eu acho que o pior é o material de reposição, porque as coisas, às vezes, até chegam num momento, e eles esquecem que aquilo ali não é um bem durável, ele vai embora, ele já acaba. Aí você fala assim, pô, porque não cuida? Cuida como? Vai dizer assim, não chuta, não pega, não joga, deixa lá no quartinho?

Ax - E a gente sabe que tem bolas e bolas, né?

Exatamente.

Dona professora - Ele só vai durar se virar enfeite com as bolas das festas.

Cross - E não que não estrague sendo só guardado. Tem um monte de lugar, eu vou falar especificamente, não é daqui que chega um monte de bola de basquete e não se usa.

Aquilo, quando você enche a primeira vez, já era. Porque o troço tem vida útil, tem validade, o negócio tem que ser jogado, tem que ser usado.

Ax – Que nem, o material que o Coord deu sobre as Paralimpíadas, eu achei super bonitinho aquele material, e no HTPC passado foi falado que a escola iria trabalhar, as meninas do AEE iriam trabalhar essa questão. E eu peguei e falei, deixa eu mostrar pra vocês, que foi passado pra mim, mas eu não tinha coragem de mostrar pra diretor, porque eu sabia o tanto de aluno que eu tinha, e que imprimir seis folhas pra cada um colorido seria difícil, ser inviável. E aí elas se encheram de coragem, foram lá perguntar, e a resposta foi óbvia, não tem dinheiro pra fazer isso. Às vezes a gente recebe até um suporte, porque eu considero também o material que o Coord passou pra gente, mas não tem como a gente dar seguimento naquilo do jeito que seria ideal, porque o álbum é individual, é assim que a gente cresce, encontrando cada um seu álbum.

Cross - Tirando o que o nosso colega que trabalha em Itirapina falou a semana passada, que gritou sobre a necessidade de um determinado material, chegou tudo, eu tive na vida, acho que duas oportunidades, de fazer uma lista pra alguém comprar pra mim do jeito que eu queria. Eu quero isso, isso, isso e ainda tá lá. Porque eu não tô falando da prefeitura daqui eu tô falando do geral. Eu acho que são duas oportunidades, cara.

Maria - Sim, mas agora que a gente tem isso lá, não é todo ano não. Então é o que a gente falou, talvez é porque é no político, pode ser, mas o que veio, veio.

Dona professora - Levanta as mãos para o céu e agradeça.

Maria - Mas demorou muito, eu tô lá há 14 anos, acho que quando eu tava lá uns 4 anos, aí chegou agora depois de 10 anos.

Cross - E a gente fica tão chateado que quando a gente tem a oportunidade de pedir, a gente não pede nem tudo que a gente precisa realmente. A gente fala, não, isso eu acho que é legal, mas não vou, porque isso não vai dar, não sei o quê. E quando vem, cê se surpreende. Porque é tão comum o pessoal passar por cima e não comprar. Porque é normalmente um material mais caro, porque giz é coisa baratinha, né?

Maria - Mas é por isso que lá todo começo de ano a secretaria faz uma lista e manda pra todas as escolas, aí vocês estão precisando? Aí tem uma lista lá com N e coisas. E aí antes a gente pedia três bolas, duas bolas, aí agora a gente começou com 50, com 20, vai que vem. Dessa vez, essa é a primeira vez que veio essa quantidade, mas veio tudo que a gente pediu... Mas aqui o pedido é feito anualmente, começo do ano?

Ax – Esse ano não tiveram coragem de fazer, porque eles sabiam que não vinha. A gente tá 4 anos já.

Neni - Eu tô aqui, eu já preenchi três listas. Dessa que eu preenchi, não veio nada.

Dona professora - Eu entrei em 2019.

Neni - Chegou uns materiais, mas eu não sei exatamente da onde nem por quê.

Dona professora - Eu entrei em 2019. Em 2019, veio uma remessa grande de material, que a secretaria havia comprado com bastante bolas, bastante bolas, as coisas. E desde então sempre chegava uma lista na escola, chegou a lista da secretaria, vamos fazer. Desde então, quem tava comprando umas coisas era a diretoria, diretoras das escolas.

Minions - Nós pedimos que a diretora, a Angelica, chegou na gente e falou “O que vocês estão precisando de mais urgente?”. Nós pedimos meia dúzia de coisa e não veio.

Dona professora - Pelo que eu me lembro é a última remessa de material que chegou foi em 2019. E o que é o melhor, chegou colete em todas as escolas, mas veio primeiro projeto de férias de colônia, depois levou tudo embora, os coletes, não devolveram até hoje.

Ax - Os coletes vermelhos do (ocultado) são meus, eu comprei lá.

Dona professora. É, então. Eu pedi essa semana, semana passada, pra (ocultado) comprar, dois kits de colete que lá no ((ocultado)) não tinha. Aí você quer fazer uma atividade com dois times, não tem colete.

Minions - Tem aquela coisa, que eu peguei essa semana, gente entrando lá na sala de educação física, “catando”, usando, e aí devolveram pra mim hoje.

Dona professora – Ainda que devolveram, não viraram enfeites.

Pesq - Eu vi um balde de bola na sala de brinquedos. Eu nem fui lá consultar, porque eu tô imaginando, imaginei assim, eles separaram algumas, e só usam essas daí, dentro da sala. Mas é nesse pique aí, de quando eu tô aqui faz pouco tempo, de novo, né, como professora, pouco tempo, faz um ano e mais, assim. Não recebi material. E já a lista, já fiz? Sim. Duas, três.

Maria - Porque eu já peguei, gente, não fica com dó, não. Pede pra cima.

Dona- Sim

Dona professora – A gente pede.

Maria - A gente também não tinha esse pensamento, a gente vai pedir, mas não vai vir. Mas uma hora pode ser que...

Dona professora - E uma coisa que realmente me deixa chateada, é que, por exemplo, quando eu preciso trabalhar em sala, eu não abro o armário da professora e pegou o material dela.

Pois é.

Dona professora - Só que em compensação, o nosso, eles vão, não estou falando que são todos. É uma ou outra. Eu dava aula no primeiro ano que o ((ocultado)) virou o integral, aí me comentaram que as professoras de sala autorizavam os alunos à tarde, a ir na sala, pegar as bolas que não tinha. Só que assim, a questão é que já tinha o professor de Educação Física à tarde lá ainda pra fazer as atividades, a professora de sala descia pra quadra, deixava eles pegarem o material, o menino chutava a bola pra fora, aí falava, vou lá buscar, saía da escola pra pegar o menino, ele levava a bola embora. Aí um dia que eu fui questionar isso, ah, então, mas assim, eu entendo que o material é para usar com os alunos, mas é o meu material, não é o material da professora de sala. Eu não entro e fico abrindo o armário e pegando as coisas dela. Então, assim, você...

Minions - Os nossos bambolês estão naquele estado. Não tem.

Dona professora - Os melhores bambolês estão enfeitados.

Dona - Tem uma seleção de bambolês bons lá na escola que não estão utilizados.

Pesq – Isso, quando você está precisando, “não tem, não tem, não tem”. Daí chega um evento específico.

Dona - Aparece tudo.

Neni – É tipo lavar a quadra. Nunca lava, mas um dia tem um negócio na quadra aí...

Dona - Um exemplo grotesco. Essa questão de materiais, nunca tem nada, mas estava voltando caneta bic. A gente veio pegar emprestado com uns colegas por conta que a minha parou de funcionar, enfim. Uma caneta. Não tinha. Azul. E por conta do desfile, teve gente que utilizou materiais que a gente fez depois do desfile, utilizou em festa junina particular, arrumaram rapidinho dinheiro para comprar...Esqueci o nome daquilo que você encapa? Contact. Compraram... A rodo. A rodo para fazerem a barraca, para enviarem para a pessoa do alto escalão poder usar. Então o dinheiro não apareceu.

Não sei se foi tirado do bolso, o que é uma besteira, mas se foi tirado o dinheiro da escola, pior ainda, porque com bambolê arreventado, tem esse bambolezinho, sei lá,

desse tamanho, assim, só todo regaçado, e não tem, não tem? Bolo de handbol, eu nunca nem vi. Bola de vôlei tem duas, E uma já está furada, ferrada,

Dona professora – (ocultado) bola de futsal, não existe.

Dona - Está melhor que a outra, mas é aquilo, você comparando o ruim com o péssimo, parece maravilhoso, né?

Dona - Ele deu muita bola, quando passou para o SESC, né? O professor do ano passado.

Pesq - Essa questão da verba, é a questão que a gente vai entrar agora, porque aí eu coloco assim, eu perguntei se eles são atendidos, se a gente respondeu, que geralmente a gente solicita e não é atendido, e chegam coisas que nem solicitadas foram, mas pelo menos chegou alguma coisa. Então, exemplos de situações em que...

Dona professora - Complexo de pobre pelo menos chegou alguma coisa.

Pesq - Exemplos de situações em que decisões sobre recursos financeiros ou serviços foram solicitadas para demandas da especificidade da educação física, e quais foram os desfechos? Então assim, vocês sabiam, que a gente tem várias verbas, que a escola recebe várias verbas, e aí ainda tem, como a Dona professora e a Minions falaram, que tem a verba do PDDE, e tem outras, e aí tem a de recursos próprios, que é o que ela é só saindo rifa, alguns vendem pastel, pizza, bazar, não sei o quê do caipirinha, não sei o quê da primavera, e aí esse recurso também é um recurso que todo mundo está ciente que pode ser e deveria ser destinado em parte para a educação física. E aí essa questão eu pensei nesse sentido. Alguma vez que vocês solicitaram, seja em serviços, precisa arrumar tal coisa, ou seja em material mesmo, ou alguém consultou vocês, olha, eu tenho tanto de recurso X, e a gente vai destinar isso para a educação física. E aí? Você precisa de alguma coisa? E realmente acontecer, ou não acontecer, enfim.

Ax - É, no ano passado quando o catálogo foi isso. A (ocultado)na boa vontade, ela saiu um dinheiro lá e tal, e ela falou, dá uma olhada no catálogo, vê o que dá, por um lado foi bom, que desafogou um pouquinho, mas por outro já acabou o material, por não ser o material de qualidade.

Dona professora - É, com a diretora foi a mesma coisa, ela comprou um pouco de bola de futebol, volei que não tinha, e a diretora lá do (ocultado), semana passada ou retrasada, ela comprou umas bolas de borracha que eu falei que estava precisando. Ah, no (ocultado) não tem nem também, porque ele tem um monte de material que não tem onde guardar. Não tem onde dar aula, não tem onde guardar, então...Só tem criança. Só tem criança. Nem criança direito não tem. As salas estão com treze, quatorze. Do ano passado que era vinte e dois, vinte e três?

Neni - Eu vivo duas realidades muito diferentes, São Carlos na Escola do Estado, que eu estou há quase vinte anos, lá também tem o recurso, eu tenho o recurso próprio, que tem uma festa junina lá, que é arrecada bastante. E toda vez que eu pedi material, é assim, no outro dia tinha. Ou vai lá, compra, me traz a nota. Sempre teve material que eu quisesse, assim, para trabalhar. A não ser que fosse uma coisa muito cara, tipo, ah, eu preciso de dez tatame, e aí, sei lá, um mil, dois mil reais, daí demora um pouco mais, mas mesmo assim já chega, se eu quiser. Aqui em (ocultado), eu nunca fui atendido. Esses dias eu levei uma... as raquetes de badminton que eu tenho, para trabalhar na Escola lá, e aí levei as raquetes e a peteca. E aí eu só pedi que comprasse dez petecas. Eu não queria estragar as peteca da outra escola, porque estraga, né? Não chegou a peteca. E não é que nesse caso não foi nem falta de dinheiro, porque dez peteca, não ia, né? É assim, não sabe? Não deu muita atenção para que ir lá, vou ver, vou ver, vou ver, vou ver. Mas uma semana antes, foi a festa da família. E gastou

um caminhão de dinheiro para comprar um monte de coisa. E eu pedi no mesmo dia, junto com... Estava Pesquisando as coisas na internet, comprando, tinha que dizer. Tentou comprar... os botões, para fazer uma sala lá com os jogos de botão. Eu falei lá, eu trago a mesa dos jogos de botão, só que não tem os jogos de botão lá, né? Aí não conseguiu comprar, porque não ia dar tempo de chegar, mas ia comprar. E até levei o botão da outra escola. Mas a peteca, nem a Pesquisa foi feita. A gente mudou o trabalho, levei tudo embora, né? Estragou umas duas ou três. Então, às vezes, não é nem falta do recurso, né? É meio que não dá atenção para aquilo que você está precisando, que é só amanhã. É amanhã que eu vou trabalhar com ele.

Cross - O Neni está falando de uma escola, o (ocultado), eu trabalhei lá também. Ali é berço da política, porque os filhos dos vereadores, as pessoas que estão lá em campanha dizendo assim, é meu filho, estou ali, estuda em escola pública. Estuda no (ocultado), que eu dava aula, no ano passado, e no (ocultado), que está ali na minha classe. Quer dizer, isso é o divisor de águas, tá lá na falta, porque existe uma cobrança muito grande das pessoas que fazem política, que são presentes, os filhos são escola. É todo andar sobre ovos ali, porque você não levantar voz, a gente estava falando sobre isso aí agora.

Neni - Isso também, mas eu acho que é uma questão de gestão mesmo, né?

Cross - Também, também tem.

Neni - Bem que eu estou lá há 20 anos, então tem uma voz lá.

Cross - Só que falar de gestão, o Ax falou do lado (ocultado), a diretora recolhe a copa, as coisas, faz um feirão lá na escola todo final de ano, a arrecada é dinheiro, mas ela já disse para mim, e eu acredito, que é uma forma de valorizar as peças que tem lá, porque muitas crianças que vão na escola, que tem que fazer com amor. Então se não tivesse, se tivesse graça, não ia ser valorizado de jeito nenhum. Aí você coloca determinado capital, uma coisinha lá, e levanta esse troco que é usar em favor daqueles que de repente não pagaram naquele momento, mas que...

Dona professora - Ela fez o bazar agora semana passada, aí tinha o dinheiro das fotos de alguma festividade, mas agora não vou lembrar. Ela está juntando esse dinheiro, inclusive ela debateu lá no HTPC para usar para a festa da criança na semana da criança, para comprar uns brinquedinhos para eles, a parte de bolo, o que que vão fazer tudo, porque uma parte a prefeitura, ela disponibiliza. Ao resto, a escola se vira nos 30.

Cross - Eu sou fã da diretora, da vice, que trabalhava lá, que era muito sargento, chamava atenção, brigava, mas, pô, pessoa super presente naquilo que acontecia, tinha que andar no trilho, da regra dela, mas a coisa anda, cara. Eu sou fã...

Dante - Você sabe que eu... Você perguntou até sobre a divulgação e participação na tomada de decisão, né, das escolhas, da gestão etc. Essa divulgação, que nem a diretora, todas as escolas fazem aí, oh, tem isso de caixa, não sei o que e tal, isso aí é uma divulgação muito parcial, entendeu? Você terá, tem dinheiro, beleza, vai gastar um quê? É isso que eu queria saber. Que percentual vai ser destinado disso para a educação física, ou para artes, ou para uma reforma na escola, ou para comprar uma carteira, comprar isso, comprar isso para o outro. Isso, gente, é o princípio. Isso é da gestão. Eles fazem, eles não informam. Então a gente não sabe. E aí chega no final, oh, vocês querem, vocês estão precisando de alguma coisa? Porque sobrou alguma coisinha no caixa. Então foi comprando, eles vão comprando, vão fazendo alguma coisa ali, que é a necessidade básica, é a escola, que a escola não pode parar, que é o... A insistência

Neni - É o que chama de mais urgente, né?

Dante - Entendeu? E aí, quanto que fica para nós, para a artes? Não fica, porque você não sabe. Eles não têm participação, não têm conhecimento disso, entendeu? Então você não sabe, você não tem o planejamento, você não sabe se, pelo menos eu não sei, o Coord podendo estar aqui, ele está, né, para falar se tem, se não tem, se faz plano de negócio, se não faz, todo ano, de quanto que vai vir, de quanto você vai ter um aumento de tanto de verba, você não vai ter, quanto vai ser do PNDE, percentualmente para cada disciplina, se vai comprar isso, não vai. Qual que é o critério? Qual que é o critério de escolha para compra, entendeu? Porque eu vejo, por exemplo, giz não falta, giz não falta, não tudo, falando que é para faltar giz, pelo contrário, nada disso, né? Agora tem um monte de coisa lá, que a gente vê lá que compra, e não sei o que, que usa para festa, que alta, cara, sei lá, é para você falar um dia lá, é por divulgação, né, por marketing, por sei lá o que, que não é o que é aquele monte de coisa lá enfeite, de enfeite na escola, aquilo ali é só pra deixar um pedaço, cara, educacional mesmo, criança que nem fez...

Neni – Gasta com roupa, enfeite, papel...

Minions- Um dia passaram que tinha dinheiro, né? O que as professoras querem? Querem uma geladeira, não, não tem uma geladeira na sala dos professores. Eu sou da cozinha, quero uma panela de pressão, eu sou da limpeza, quero uma maquininha VAP, e aí não tinha ventilador em algumas salas de aula, então assim, a hora que voltou a lista, voltou ó escolhe isso ou isso?

Dante - É, então, que é sempre prioridade, né, uma VAP, uma Air Fryer, uma não sei o que, sempre vai ter qualquer coisa dessa, vai ter prioridade, cara.

Minions - Qual que era a prioridade com as meninas da limpeza? Qual era a dos professores. Não tinha geladeira tem que ficar entrando na cozinha pra você pegar, você vai ficar entrando na cozinha na hora da cozinha, entendeu?

Pesq - E quando veio a lista, eu ainda falei assim, mas, escuta, e material, eu posso pedir? Ah não, é só entre esses três, então. Pra mim?

Neni- Tem que ter verba que é direcionada, né?

Minions - Não, tinha duas verbas, lá? Direcionada e a permanente, né? Então, a hora que voltou, falou, não, é só essa que é direcionada. Entendeu? Então, você já voltou com o que realmente ia comprar, não é?

Neni - Tennis de mesa, por exemplo, tem verba que você pode comprar raquete, mas não pode comprar mesa, mesa é material de consumo, né? Não entra na lista. Não aceita do, tem que mandar uma nota numa mesa quanto matéria lque quer gastar, como é que chama isso? Custeio e tal.

Pesq - Muito bom, de bom. Então, a questão de participação em as decisões, a gente foi muito pro lado do recurso, né? Mas, eu também queria saber, além da parte do recurso, que no final eu vou fazer uma pergunta que vai ter muito a ver, eu acho, com o que todo mundo tá levantando, assim. Mas, vamos deixar pra frente. Essa questão de decisão, às vezes, não só em questão financeira, mas em questão de decisão da escola. Do que fazer na escola, né? Enquanto vocês estavam falando agora, eu tava pensando, o dia que eu falei em percentual, eu tava pensando assim, né? Se tiver uma votação, ah, quem quer que compra tal coisa. Doze professoras, pedagogas vão falar, eu quero EVA, e duas de educação física vão falar, a gente tá precisando de colchonetes, porque os nossos, todo rasgados. Então, se for por votação, a gente vai, mais uma vez, se for pelo jeito democrático, a gente ainda vai ter desvantagem. Então, tem que achar esse parâmetro aqui.

Dante - Poderia colocar, acho que é função da gestão fazer isso, cara. De pegar e colocar, ó, a gente tem aqui uma verba de pô, tá chegando 100 mil reais no ano. Quanto isso vai ser por mês. Que mês que vai gastar mais por causa de ter mais

eventos, isso ou que o outro. Tá, beleza. Agora, ó, material permanente é x, material consumo é y, ó, Jessica, você tem 2 mil reais. Aqui, ó, desse 100 mil é o que vai sobrar pra educação física é x por cento, está dando 2 mil reais. Você faz uma listinha, você, pô, que a gente dá na internet. É até orçamento. É, faz até orçamento, não? Claro, você vai lá e ó, beleza, com esses 2 mil reais nesse ano, pelo menos, ou semestre por mês, não sei, 500 reais por mês, a gente compra e vai comprando um pouquinho. Ah, vou comprar agora só bola de futsal. Ah, vou comprar agora só bola de basquete. Aí depois, quando você tiver alguma coisa, você só repõe, fica mais fácil.

Pesq – Que a gente possa contar, né?

Dante - Exato, né? Mas aí a gente, claro, que aí depois tudo que o mundo falou aqui, né, vem ali, né, pegar as cordas para fazer enfeite, vem pra pegar, bambolê pra fazer enfeite. Então, assim, tem que ter uma gestão também, ó, ninguém entra. Ninguém entra. Aqui é a sala das professoras de educação física. Nós estamos pedindo eles, eles estão nos ajudando a fazer a gestão desse equipamento. E, ó, beleza, é isso que a gente sabe, que vai contar, né? Você não fica depois, 4, 10 anos, cada 10 anos chega um negócio de 20 anos, aí você pede duas vezes material e que você repete. Quer dizer, é uma realidade que é geral, cara. A gente não tem essa gestão, entendeu?

Pesq - E a gente chega naquela coisa, você vai ser, por exemplo, eu penso no nem o currículo, o planejamento que a gente tem em educação física, entre o planejamento anual. Esse planejamento consta lá as quatro modalidades do quarteto fantástico que a gente trabalha. Tem escola, que nem a Dona já falou, que não tem bola para trabalhar, nem o quarteto fantástico, que é uma coisa que a gente já acha que já não tá legal, né?

Dona professora- Para você ter uma noção, lá no (ocultado) a gente tá fazendo interclasse entre quartos e quintos anos. O Ax, muito cordialmente, nos cedeu a bola de futsal dele, porque nem a escola não tem.

Pesq – Eu vi uma bola.

Ax- A escola desse tamanho.

Eu tô deixando os moleques pegarem a bola lá e eles falam, deixa eu levar a bola. Exatamente.

Dona professora - O ano passado tinha uma bola de volei, o moleque conseguia a paciente jogar pra fora da escola. Justo falar que a hora que for buscar a bola, não tá mais lá.

Neni - Isso acontece, isso acontece. Vai acontecer furar, estragar. Ah, sim, mas. Não pode não ter uma bola. Pior não pode ter nenhuma. A escola é de tamanho, não tem bola. E sendo que a secretaria é que propõe esse planejamento, né? Ele vem pronto, ó, você precisa inclusive falar do BNCC, depois fala do Currículo Paulista, aí tem o esporte. Ele vem e trabalha esses quatro esportes, né? É. Eu sei tem coisa.

Ax - Eu sou realmente contra comprar materiais. E nos últimos anos eu tenho feito isso, mas é por conta de olhar para as crianças com um certo afeto e ter um entendimento de que a escola toda, tipo assim, não tá sobrando pra ninguém, entendeu? Então, se está faltando pra todo mundo, de uma certa forma, eu comecei a assumir um pouco pra mim que eu podia fazer isso de uma maneira a contribuir um pouco, que seja pra um desenvolvimento melhor das crianças, né?

Dante - Então, só que você vai me desculpar. Não é falta de afeto. Não. Eu não compro, eu não coloco dinheiro no cara meu. Isso é condição de trabalho. Não, mas... A escola tem que dar. Você não tem.

Ax - Não tô falando de falta de afeto dos outros que não fazem, ou deixam de fazer. Até porque eu já abri falando que politicamente eu sou contra isso. Mas a questão é

saber em quem você vai, né? Porque eu um tempo atrás, todo mundo sabe, que eu falei pro Coord, na frente de todo mundo, o que tava acontecendo e eu acho extremamente errado a Secretaria de Educação atribuir aos diretores da unidade com um orçamento extremamente apertado. Uma responsabilidade que historicamente não foi deles, né? Mas jamais, que eu acho que quem não faz é falta de afeto. Não, se eu soubesse que na escola não tá tendo suporte porque eles não ligam pra educação física, eu acho que seria um pouco diferente. Eu jamais faria também.

Pesq - Daí você acha que, assim, você trabalha só nessa escola que você citou?

Ax - Aqui, não, eu trabalho na (ocultado) mas é duas turminhas só. E lá tem um pouco mais de suporte o material um pouquinho de mais qualidade lá. É uma escola menor, estraga menos, né? A gente entende isso, sei lá.

Dona - Ainda com os bambolês juntos, vai lá aquela coisa, né?

Ax - Bambolês vem de baixa qualidade, a gente sabe, né? Três aulas.

Dona - Três? Não, você tá sendo otimista. Se a gente usar, assim, dois no primeiro par, no primeiro par já estourou normalmente, tipo isso. É meio...

Dona professora - No primeiro é colocado no chão, ali já foi.

Pesq - Isso que o Ax colocou, sobre... Bom, eu vou continuar com o que o Ax falou, porque depois eu ainda quero pensar nas outras decisões. Mas da responsabilidade, eles colocam... Eles colocam essa responsabilidade, trouxe essas responsabilidades pra ele de... Agora alguma coisa ele vai comprar, alguma coisa... Tudo bem, porque ele tá entendendo o contexto macro da escola e ele tá entendendo que nessa escola a educação física não tá sendo sei lá, preterida. Não, é... É mais uma questão macro do que não é a educação física, é todo mundo, tá todo mundo lascado. Tá todo mundo lascado.

Dona - Haja visto pela falta de caneta bic azul na escola, tipo, tá todo mundo no mesmo barco Titanic, é o que vem por aí.

Dona Professora - Pô, gente, se faltou comida semanas atrás? É, teve uma quarta-feira que foi, polenta com frango, porque não tinha mais arroz.

Neni - Mas eu acho que isso é um problema de entrega, de... Parece que foi da... Pode ser que...

Dona Professora Não, porque o prefeito também fornece comida no estado, mas estava faltando no estado, então não é questão de logística não. Mas enfim. Não tem nada a ver com a gente, é algo assim. Mas aí eu acho que assim, a educação física, ou mesmo da arte é pior ainda, né? A gente... A gente fica no cantinho, eles ficam atrás da gente ainda, que é pior.

Pesq - O puxadinho do puxadinho.

Ax - O que eu recebi foi que, assim, mudaram as nomenclaturas de professor de música, professor de TIC, né? Não, é linguagem artísticas. Porque a pessoa resumiu bem assim, ó, um violão é muito mais caro que uma resma de papel. Então, tipo, eles não querem dar o material pra vocês, eles querem, tipo assim, servir o que tem na escola, assim, comprar o que tem.

Dona Professora E aquilo que a gente viu por roça na passada, né? Tipo, a profiss... Não menosprezando ou sei lá, jogando contra, nada disso. Mas quem já é de sala, não quer saber o que você vai fazer trabalhar, se você tem material, ou se você tem. Eles tendo 50 milhões de HTP, você pode botar fogo na sala.

Dona - E você chegando no horário.

Dona Professora Você pode botar fogo na sala, que eu não tô nem aí. Tendo 50 minutos de HTP, e você tá no céu. Você é o professor mais querido da face da Terra.

Neni - É. Eu fico em dúvida sem saber se existe uma falta de recurso por conta dos eventos. E, aqui tem muito evento. Toda vez que tem evento, gasta dinheiro. Não só

evento, a gente não... Eu não sei não o que vem no dinheiro, porque também não pode... Dona - A gente não coloca diretores, vice e coordenadores por meio de concurso, se paga uma multa por isso, né? Porque toda a região agora tem, né, o concurso.

TOMAS- Eu acho que faz parte das 20 metas, né?

Dona - É, e aqui... E aqui vai continuar sendo cargo comissionado. E esse dinheiro vai ser gasto por isso. Pra pagar essa multa, que eu não sei se é diário, mensal, nem o valor, mas é dinheiro. Dinheiro que tá tirando de material, de alimentação, de...

Dona Professora De certa forma, tá tirando da criança.

Neni – Mas não teve um processo seletivo, aí?

Dona - Não, não, na verdade isso é pra continuar sem comissionado. Só vai ser mais controlado, vamos dizer assim. Mas não é concurso.

Dona Professora É pra ficar um pouquinho mais... Pra ficar um pouquinho mais... Legalizado. Legalizado.

Neni - Não foi indicação política, a gente vê. É, e aí dentro daquilo ali é indicação política.

Minions - Mas dentro daquilo ali se tem uma verba, ela se perde.

Neni - Sim. está falando “Paga a multa, mas não faz”

Dona Professora É, e aí você não coloca no concurso você do mesmo jeito que está pagando. Porque é de certa forma afeta o FUNDEB, que é o dinheiro que vem para investir na criança. Que vai comprar material para a criança, comprar as coisas para a criança, investir em material para a gente, poder dar aula pra criança.

Dona - Aumentar o nosso salário.

Dona Professora Ter nosso estímulo. N coisas.

TOMAS- Eu vejo, concordo do que vocês falaram, mas eu sei que a gente no final das contas, a gente deu um tapa-buraco, né? Faltou professor “Vai lá, você vai dar essa aula lá agora”.

Dona Professora Se você escutar o que o pessoal fala do F... quando ele coloca no grupo “Gente, não vou na escola hoje de manhã”.

Dona - Nossa! A orelha dele está queimando aí, irmão.

Dona Professora - Principalmente na segunda-feira. Escorre lá. Primeiro horário, velho. Primeiro horário. Primeiro horário deve 8h40, velho. Para com isso. E mesmo assim, já está dando uns B.O. Não vou de manhã hoje na escola. Aí não aparece a tarde, aí no dia seguinte, não dá nem explicação. Aí você vê lá lá no grupo “O professor de música veio?” Aí depois de, sei lá, 40min. não veio.

TOMAS- Nem é. Enquanto eles não enxergaram que a educação física, a Artes faz parte da formação integral do aluno, que não é só estar lá na lousa lá, tal. Que a gente vai desenvolver trabalhar o aluno, enquanto eles não entenderem, eles não sabem que vai ser assim.

Dona Professora A questão mesmo do interclasse de manhã, você não sabe o suborno que eu fiz para poder realizar o interclasse de manhã, porque se dependesse das... eu já cheguei e falei, ó, só vai acontecer se todas as professoras de sala, informática, pessoal da linguagem artística concordarem, porque às vezes pode pegar uma aula sem querer, porque eu não sei as horas de vocês. Ah, mas eu já não tenho o HTPI de música porque ele já não vem ainda, vou perder o HTPI de educação física. Ele não vê que é um bem maior para criança, não para ele. Aí eu falei, tá bom, então vamos fazer o seguinte, quem tem foi ideia do professor Ax. Traz a sala junto, você vai apitar o jogo e vai deixar a sala sentada ali, uai. Eu falei, tá bom, cheguei a hora, pessoal, é assim, pode ser? No momento que for a sua aula, mas eles não estiverem

jogando, eu levo eles pra sala, você tem seu HTPI, pode ser? Ah, se for assim tudo bem. Porque ela ia ter o HTPI, porém, aí você vai jogar isso pra gestão.

Dona - E é justamente quem mais e cornetou pra ter, pode ter.

Dona Professora -Então cornetou, mas não cornetou, né? Tipo quer, mas não quer. Aí, todo mundo de acordo, todo mundo de acordo. Então tá, mas são quantas semanas? Olha, eu consegui fazer em três. Ah, mas é muito tempo, porque eu não sei o que, vai perder conteúdo. Enfim, saiu. Amanhã se tudo, deu certo já no último dia e acabou.

Ax - A minha semana que vem eu fiz mais diluído, mas é justamente por ter menos dias, eu fiz, eu tentei não atrapalhar o Diego, eu pensei no HTPI dele também, e aí eu faço durante aquele período que ele vai tomar um café e tal.

Dona Professora É, inclusive na terça-feira é como o Luís me cede o espaço dele na quadra pra eu poder fazer dois jogos, aí na quinta alguma coisa muito cósmica, eu tenho a quadra só pra mim no (ocultado) de quinta-feira. Então aí dá pra fazer mais jogos. Pois é, amiga, eu tenho dois dias na semana, tenho a quadra só pra mim. Não sei, mas eu tô olhando até as mãos.

Dona -Você é a preferida dos deuses, né?

Dona Professora Eu acho que eu fui muito humilhada o ano passado. Eu sei, eu sei saudades. Foi. Ela é uma prefeita, ela é uma menina. Aí inclusive o professor me cede o espaço dele na quadra pra fazer os dois jogos na terça, pra poder conseguir fazer só em três semanas, porque são cinco salas, eu fiz um esquema de todo mundo, um jogo contra todo mundo, os quatro melhores classificam, semifinal, final. Mas mesmo assim foi uma dor na coração porque, ah, não foi muito tempo que não sei o quê, porque pra mim eu tinha feito quatro, cinco semanas pra poder usar só de quinta-feira, por exemplo. Isso aconteceu um faz? Ah, o ano passado eu não fiz porque o meu horário de quintos anos e quartos não eram horríveis, eu não tinha um horário vazio na quadra, não pegava o horário de ninguém, de HTPI, e ainda veio reclamar comigo, perguntar por que eu não fiz.

Ax - E vinham falar dela pra mim, tipo, aí eu rebatia, porque eu sabia qual era a condição, eu vinha de manhã também, eu conversava também, eu sabia...

Dona Professora Eu não tinha, o ano passado eu não tinha um dia que eu tinha sozinha a quadra pra mim, não tinha um horário, era da 7 da manhã às 11 da manhã com gente comigo na quadra. Como que eu vou fazer o interclasse? E esse ano eu consegui juntar, tipo, dois quintos anos, dois quintos anos mais um quarto. Aí você já consegue. O ano passado era um quinto ano na terça, um quinto ano na segunda, um quinto ano lá na quinta, como você vai fazer isso? Entendeu?

Ax - E a gente tentou, né, a justificativa nossa tem uma base pedagógica, como o Thiago falou, a gente estava tentando trabalhar outras questões, até a questão da...

Dona Professora - Respeito à regra, à amizade, colaboração.

Ax - Saber lidar com derrota e vitória, né? Essas coisas, elas demandam tempo da gente. Tipo, eu, às vezes, aconteço alguma coisa aí lá comigo, eu fico bravo, tipo, eu fico beijudo um bom tempo, até eu conseguir regurgitar aquilo, sabe? Então, assim, até eu conseguir, sabe, internalizar aquilo e responder de uma maneira mais adequada, vai um tempo, né? Então, por isso que a gente diluiu, né? Senão a gente podia fazer um tiro de uma tarde só e falar, ó, tá cumprido isso aqui, entendeu? Mas não é por isso, né?

Pesa - Aí foi aquilo por aquilo, né?

Ax - É, então, tem gente que acha que não, né? Às vezes é até a falta de conhecimento da área, né? Que, tipo assim, a gente não tá trabalhando lá, a gente tá brincando com as crianças. Ah lá, o professor da musiquinha, o tio da bola. O tio da

bola tá apitando lá, joguinho entre eles. A baderna, a pessoa para descendo. Ah lá, que gostoso. Queria trabalhar assim, né?

Dá pra fazer aí, ó. Fala assim, quem quer.

Pesq - Bom, bom, bom. Sobre, ainda voltando, sobre as decisões, né?

Dona Professora Perdão por ter saído. Imagina, tudo é dado. O caminho é que o negócio foi para o lado. O GPS mandou para o lado de nada. Ela tá gravando, gente, ela tá gravando. Lock falou pouco hoje já, hein?

Pesq - Lock não tá com medo, né? Tô brincando. Ó, então, sobre as decisões, o que eu queria também pensar é sobre as decisões a respeito de eventos, por exemplo. Lá vai ter evento X. Então, qual é a nossa, a relevância da nossa opinião em relação a alguma coisa, né? Então, tipo, eu tenho a impressão, às vezes, que eu falo alguma coisa em alguma reunião e todo mundo fica, ah, beleza. E aí continua. Então, assim, se vocês acham que vocês são considerados nessas tomadas de decisões em relação a alunos, né? Você vai lá, às vezes, falar, ó, tal criança tá assim, assim, assim, ó. Eu sugiro que troque essa criança de sala, porque o aquele ali tá imitando ele o tempo todo. E aí, tipo, terceiro bimestre, já tem outra professora que tá falando a mesma coisa que você falou no primeiro e você não foi atendido. Por você ser professora de educação física ou de artes, enfim, esses testemunhos, assim, esses compartilhamentos, vocês acham que vocês têm sido levados em consideração e em outras instâncias que além do recurso financeiro, ou não?

Dona Professora Hum, eu acho que não, porque mesmo assim, se tem uma aluna que já chegou na nossa sala passando mal, a gente não tem na, de certo modo, eu tô ninguém pra lá, pega a tua gente, ela vai lá e liga pra me chamar, eu vou te fazer ir embora. Você tem que chegar e falar pra minha senhora da sala, falar, ó, o aluno tá passando mal. Ah, então eu vou lá, vou pedir pra ela ligar. Então, assim, ali, não tem problema nenhum, é só eu tô no meio de tirar da sala e botar na sala. Tira da sala, colher a sala.

Neni - Eu acho que isso é um costume que a gente tem.

Dona Professora A gente não pode.

Pesq - Não pode?

Dona Professora Não é que não pode. Eu acho que eles não gostam.

Dona - Não, mas isso já ocorreu, deu já a mandar e depois eu só comuniquei pra professora não dizer que foi.

Dona Professora A não ser que seja uma coisa muito grave, assim, tipo, a criança tá realmente, tipo, vomitando, tá com febre, esse papel não tá bem. Mas, eu acho que eu vejo, pelo menos, que a gente não tem muita autoridade para essa parte.

Cross -E não tem nenhuma autonomia, pelo menos eu nunca vi uma autonomia que fala assim, ó, tá formando um grupo ali que é bem difícil de conviver com outras crianças. Você desmanchar um grupo com um professor de educação física eu nunca consegui fazer. A gente convive com o problema, vê todo dia aquilo acontecendo, só que a pessoa da sala, o professor da sala, de repente tem mais autoridade pra fazer porque ela tem uma convivência por um período muito maior. Então, ela opina, pelo menos, eu nunca fiz. Minha opinião em relação a isso nunca aconteceu.

Pesq - Não aconteceu de você fazer o apontamento.

Dante - Eu acho que assim a gente nem deve, sinceramente. Porque eu me coloco no lugar do professor. Tem salas, por exemplo, e eu falo assim, nossa, tem esses três aqui junto, cara, é complicado. Isso é complicado pra mim, que é uma hora só, imagina pro professor de sala o tamanho do dia inteiro. Os três, ou os dois. Então, é muito mais difícil. E aí foi, sei lá, qual foi o critério que a gestão novamente teve para colocar, né, que ele aluno naquela sala, foi o critério do momento ali, não sei se tá certo.

Dona - Às vezes até pra não atrapalhar o andamento de uma outra turma que já tava mais avançada.

Dante - Exato, pode ser, a gente não sabe. Então, assim, nessas decisões, eu acho que a gente nem deve se meter, sinceramente.

Cross - Tem o fator de discriminação, né, que é crime e assim por diante. Então, você falar sobre a transferência a uma unidade de grupo é complicado pra tudo.

Dante - Ah, com certeza. Pô, aí você vai cair lá, você não sabe qual foi o critério, mas não sei mesmo. Entendeu? Então, sei lá. Acho que ela poderia, acho que novamente a gestão poderia comunicar isso, de forma mais clara, por exemplo, professor de sala, reunião, começo de ano, não sei o quê e tal. Mas por comunicar também, só pra ser transparente.

Neni - A transferência de aluna, que é uma coisa específica, como nós estamos falando, acho que é uma, ou a gestão manda mesmo e pronto, ou negocia com as duas professoras, porque você tirava daqui pra por, né?

Dona Professora - Ah, mas eu já vi casos da criança que tá botando fogo na escola à tarde e passa ela pra amanhã. Sem consentimento da professora.

Dona - Já ocorreu em outra escola, transferir a sala pra testar também.

Neni - O negócio de ver a negociação é com quem fica com ele 5h, né. Acho que é até justo.

Pesq - No contraponto disso, o Dante falou, a gente fica com ele uma hora, 50 minutos, a gente vê aqueles três. Mas é assim, é uma situação, na minha é uma situação particular, é uma situação que eu sempre considero que eu sendo professora de educação física, a minha realidade vai ser sempre diferente da realidade da professora de sala, a nossa realidade enquanto prática. Eu vou estar com os alunos em um espaço diferente, vou estar disposta de uma maneira diferente, vou trabalhar de uma maneira diferente. Diferente em relação à prática. Então, na sala, na sala, por exemplo, vocês podem não dar trabalho, porque uma professora trabalha com eles enfileirados. E aí coloca um lá ou um lá.

Dona Professora - A professora me fala, não deixa fulano com fulaninho junto porque eles tão terríveis. Eu sou ótimo. Risos

Dante - Só se amarrar no alambrado.

Dona Professora Não tem como. Olha, você fica pra lá, você fica pra cá, porque você vai estar os dedos batendo cabeça já, né? Meu Deus.

Cross - Tem uma questão que eu e o Neni vivemos aí nessas últimas reuniões, eu não me incomodo com isso, mas a Minions me falou uma coisa que eu acho que é extremamente viável. As reuniões na escola têm sido, como eu falei, não é uma crítica, é uma realidade, é uma opção. Eles optaram nas reuniões, tanto eu como o Neni, eu nas reuniões da parte da manhã, o Neni está junto comigo, me ajuda, e a conter os irmãos, os primos, aí veio o vizinho, e a gente tem uma dificuldade, e a gente não tem uma participação na reunião de pais. A gente está tomando conta dos que chegam na escola. E a gente ficou conversando um dia, lá tinha um cara de barba brincando com as crianças, mas quem que é aquele garoto, né? Quem que é aquele outro lá? Tem gente que a gente desconhece, que está no meio, tipo só os alunos, os irmãozinhos e tal, podia até ser. Aí o Minions falou, ela falou assim, pô um absurdo, porque nós filmamos algumas coisas para ver, para comentar e tudo, tinha uns trocentos dentro da quadra. Tinha mais gente do que eu lembro, do que dentro da sala, lá, porque a nossa responsabilidade era manter essa mulecada ligada lá para não incomodar ninguém na escola. Foi ótimo para reunião em si, que não atrapalhar com as salas, pelo menos até algum mais longe dela, da quadra, e usou a gente, na mão de obra,

isso também não é um problema para mim, eu penso, assim, mas o problema maior é não ter a oportunidade de participar da reunião, pelo menos passar na sala.

Dona Professora - Mas eu acho errado a gente, entre aspas, virar monitor de criança. Nesse aspecto de virar monitor de criança, porque a mãe resolveu trazer a criança para reunião. Cara, reunião não se traz criança, já começa aí.

Cross - E a valorização do professor, que podia estar participando da reunião?

Dona - Não sei, isso já não é uma realidade que acontece comigo. Lá na escola que eu trabalho, eu não fico com essa parte uma única vez. Eu ajudei, inclusive, pessoas da gestão, só a entregarem folha e caneta, lápis das crianças, mas eu passei em todas as salas para falar sobre a minha aula, uso de ténis e tudo mais. E das outras não, porque não vi necessidade, mas geralmente quando alguém tem alguma coisa para conversar, perguntar, eles me acham lá na escola e me perguntam, mas eu não fico fazendo essa função, e que também não é correta.

Cross - O que me fez pensar um pouco mais sobre isso, é que Minions falou. Da responsabilidade, do horário de trabalho da gente, aquilo que a gente tem a dispor do nosso expediente, dentro daquele compromisso de reunião. O nosso acervo vai ser muito mais positivo se, como você falou nas outras escolas, eu pelo menos passava nas salas, me apresentava, ou se já era conhecido de todos, falava sobre os problemas acontecidos, tinha uma participação daquela realidade. Eu estou achando que isso que a gente está fazendo, de repente, é um tiro no pé, porque quanto mais acolhimento esses que vêm junto com seus pais para a reunião tiverem, melhor mais acolhimento vai existir. Porque é gostoso, tem reunião, tem jogo na água, não para e tal, não sei o quê.

Dona Professora Nossa, aí você pede para trazer o bairro inteiro para a escola.

Pesq - Vai vir gente formada já.

Dona Professora Na festa da família da (ocultado), meus alunos que não iam participar das danças, a professora, eu vou viajar, eu só vou brincar nos brinquedos do parque. Não, mas não dava para brincar nos cavalinhos, outras coisas, não dava para fazer os balanços, mas o resto dava para brincar. Tinha mais crianças brincando no parque do que nas danças. Tinha mais pai treinado na quadra do que professor.

Cross - Olha, Tem um monte de coisas que se a gente for numerar problemas, tem uma relação gigante. E muitas vezes passa despercebido, porque a gente não bota foto naquilo. A conversa que a gente se encontra nas reuniões, a gente conversa, faz com que nós tenhamos uma posição diferente. Porque antes, quando nós fazíamos a reunião em 2017, que era só professor de educação como está acontecendo agora, eu acho que era mais frutuoso, tínhamos melhores frutos por discutir nos nossos problemas e em busca da solução. Eu acho que isso aí era um elemento super legal que o Gaspar trouxe para a gente, inclusive com recurso de formação, participação de novos conhecimentos ou aquilo que não era novo. Mas dá para fazer a gente respirar um pouquinho mais.

Pesq - Faz uma reflexão coletiva. Igual você falou, você não tinha pensado em um determinado problema enquanto você não conversou muito com os colegas. Isso acontece aqui com a gente. Enquanto eu estou lendo depois a transcrição, quando eu estou pensando no que a gente foi falando, e acho que acontece com todo mundo, e eu endosso, que eu acho muito importante esse momento. Não só como coleta, mas como compartilhamento, como formação.

Dona professora - Como troca de experiência. Meninos da linguagem artística, nada contra vocês. Por favor, não me entendam errado. Mas eu acho que às vezes você se sente meio peixe fora d'água aqui. Porque assim, por mais que o Coord tente entrelaçar os assuntos, é igual a onda na areia, vem, entrelaça um pouquinho e volta.

Então assim, os HTPCs com os especialistas têm que ser feitos com os especialistas de cada área. Não adianta você...

Minions - Conversamos disso hoje!

Dona professora - Porque não adianta a gente pegar o pessoal da Educação Física e botar um pedagogo. O que ele vai falar com a gente?

Dante - É a nosso da HTPC na escola.

Dona professora. Por exemplo, não é nada contra o Coord. O Coord está tentando fazer uma ligação entre os dois, mas o Coord não sabe nada de linguagens artísticas. O que ele pode oferecer para eles? Aí tá, o ano passado era com a Dani. A Dani não sabe nada de linguagens artísticas. O que ela vai fazer com isso? Olha, gente, você vira aí. Então, assim... Fora isso, né? Então, eu acho que especialistas, independente de qual área, você tem que ter o HTPC feito por um especialista.

Minions - Voltada para você.

Dona professora 'Voltada para você. Porque eu acho que é uma coisa que realmente vai render, que vai gerar frutos mais para frente. Agora a gente fica lá. Na semana passada eu estava lá na escola. Estava tendo formação para o pessoal do primeiro e segundo ano. Eu fiquei duas horas fazendo uma cruzadinha. Porque eu não tinha o que fazer. Sabe o que é duas horas fazendo uma cruzadinha? Duas horas fazendo uma cruzadinha. Então, assim... O Lock sentado lá na mesa dele fazendo umas coisas dele, a nossa aula dos professores fazendo... Cruzadinha. Fazendo uma cruzadinha. Os professores do primeiro e segundo ano fazendo uma formação com a coordenadora. Um ou outro nas outras salas fazendo o que tinha que fazer. Eu fazendo uma cruzadinha. Aí eu tentei me interagir com o pessoal do A.E. Só que elas estavam combinando, fazendo as coisas. E para a semana agora da inclusão. Aí eu me senti um peixe fora da água. Gente, valeu. Eu tô saindo. Vou voltar para minha cruzadinha.

Ax - Eu tenho uma noção. Eu entendo o que você fala. Eu gostava muito. Inclusive, eu acho que eu aprendi muito quando eu entrei na rede. E o Gaspar tinha aquele momento que ele colocava vídeo dos professores dando aula isso era legal. Porque às vezes eu olhava uma atividade e falava, vou tentar.

Cross- E ainda tinha o salgadinho que a gente comia antes. É. Com as tortinhas.

Ax - Mas eu também acho que a gente tem que furar a bolha. Porque a falta de conhecimento que o pessoal tem da área, se a gente continuar no nosso canto também...

Dona professora - Sim, mas...

Ax - Eu acho que também deveria existir um momento... Não, não tô falando da gente desistir de se encontrar junto. Mas eu acho que deveria ter um momento que a gente se comunicasse daqui para lá. Assim, de... Os pedagogos vão saber o que o professor, o professor especialista faz na aula dele. Tipo assim, para você parar de fazer certas coisas. Tipo reclamar que o professor vai usar a sala de aula, como se a educação física tivesse que ir para a quadra.

Dona professora - Como se a sala de aula fosse do pedagogo. Sem saber que a sala de aula é do aluno.

Ax - Exatamente. Então essas coisas eu acho que deveria existir também em algum momento. E a gente nunca teve a HTPC voltada para os professores sobre a gente. Quando teve do AEE, melhorou a concepção de todo mundo que tinha do AEE. O que o professor do AEE vai fazer na sala, na escola? Ele vai fazer até tal coisa que a gente melhorou nosso entendimento sobre eles. Eu acho que deveria ter também esse caminho nosso, né?

Pesq - Vai chegar.

Dona professora - Olha o nosso GPS, está fora, amiga.

Cross - Falar daquilo que o Ax acabou de dizer. Sobre o que os colegas fazem. A gente por dia e tem um grupo de WhatsApp. Eu sei que esse ano foi muito complicado. Nem filmar coisas na quadra, é um tanto quanto perigoso e não sei o quê... Mas entre nós, a gente podia demonstrar as nossas atividades, a nossa vivência através de pequenos filmes, pequenas tomadas.

Dante - Mas aí que está. Eu acho que isso é uma coisa que... Não sei se é uma verdade, esse motivo, mas... Mas de você não ter o HTPC, por exemplo, como a gente tinha com o Gaspar, você tem o grupo de WhatsApp. Porque na época do Gaspar não tinha WhatsApp. Então assim, os vídeos que ele passava lá, o grupo está lá, é só mandar.

Dona professora - Ah, mas eu confesso que filmar atividades... mais complicado. Eu não gosto. Você está fazendo um negócio que tem compromisso com as que não gostam.

Ax - Está difícil. Eu acho que, sei lá, antigamente era mais fácil.

Dona professora - Porque assim, eu particularmente... Para filmar sua péssima, para tirar foto, eu não gosto

Ax - Hoje eu vejo a Pesq e assim.... Como que você vai gravar sua aula, se você está tendo que correr atrás de um aluno x?

Dante - Exato.

Dona professora - É, fora isso, né? A pessoa de... Quando eu tomo aula com eles, mas tem uma pessoa de inclusão. Você pegou o celular e a pessoa já subiu no alambrado.

Dona - Geralmente isso é facilidade, porque a Monique está comigo na aula da Alexandre. E a Monique geralmente filma, faz os fotos, enfim. Então, tem essa oportunidade. Sobre grupo, a gente na (ocultado) ainda tem um grupo. E eu tenho muito hábito de ficar alimentando ele. É uma forma que nem você falou. Que eu vi de eles verem realmente que está sendo feito.

Cross - É uma integração de conhecimentos, opções, de trabalho e tal. Hoje a gente tem... Aquilo que você quiser ter no seu celular para procurar, você vai ter. Porque o mercado é gigantesco para isso. Mas como a gente está dentro de uma mesma realidade, está? Eu acho que é fundamental essa conversa entre a gente. Aquilo que a gente está fazendo hoje. A gente está sentado aqui.

Dante - Só o fato de estar aqui, assim, conversando entre nós. E trocando ideia. E vendo que o problema é igual. Vendo que tem uma solução. Se não tem uma solução ou outra. Cara, é muito melhor do que ficar na escola lá. Fazendo um cruzadinha. Ou ouvindo coisas que, meu... Não é da nossa área, cara.

Dona - Essa semana passada foi de três, umas cinco vezes.

Dona Professora Pô, amiga. Para aplaudir de pé.

Cross - Alguém quer água?

Pesq - Eu. Bom, gente. Caminhamos para o fim. E o último questionar... Assim, olha. Depois eu falo, risos. O questionamento que eu quero que a gente... Discuta agora, né? Que acho que apareceu muito nas nossas falas. A pergunta que eu fiz foi... Qual o limite entre a nossa imposição perante os temas que foram discutidos e entre a passividade? Então, assim, o Ax falou... Bom, a gente tá... A gente vem aqui, discute. Então, ou é uma coisa. Ou a gente vem aqui e discute sobre as coisas que acontecem com a gente. Ou a gente vai na escola e faz cruzadinha. E aí a ideia que ele tem é essa que eu falei, que é o objetivo do estudo, né? De partir daqui para lá. Qual que é o limite disso? Como que isso pode acontecer? Como que vocês acham que vocês estão conseguindo ou podem fazer a gente, né? A gente consegue fazer... Para fazer

parte da decisão da escola de uma forma nem autoritária. Não era nem impositiva, né? Nem autoritária e nem passiva, né? E nem de aceitar tudo. Porque chega uma hora que eu acho que... Passou a lista para a gente. Ó, vocês têm três opções. Qual você vota? Qualquer um.

Neni - Eu acho que isso é muito pessoal, né? O Ax pode chegar lá e fazer um power point mas por todos os problemas e das soluções que ele acha que é legal. Eu gosto de fazer que nem arrancar mandioca. Que você dá uma cavadinha, uma puxadinha, dá outra cavadinha, dá uma puxadinha. Para que todas as mandioca não saiam quebradas, né? Sem causar ferimento em ninguém. Então eu vou devagarinho. Então se eu preciso, eu quero que a professora saiba o que eu estou fazendo lá na sala de aula, eu comento com ela. Eu falo com ela, ó, eu fiz isso. Ó, seu aluno falou isso. Hoje a gente fez isso na sala de aula. Nós estamos conversando lá, discutindo isso. Ela falou, nossa, mas você faz isso. Ela falou, eu faço. Aí os alunos contam e tal. Então eu acho que, no meu caso, né? Eu vou devagarinho e vou conseguindo essa valorização, né? E tudo que ela gosta que eu vou na escola, porque ela quer o HTPI dela, né? Mas também eu sinto que tem uma valorização. Pode ser um processo longo, né? Ou a outra escola lá que acontece e eu começo a perceber aqui também. Mas eu costumo fazer assim. Então eu não vou lá na frente e falar eu quero material, eu preciso material. Ah, não deu certo a peteca dessa vez. Mas da outra vez, vai dar... Ó, da outra vez, você não comprou peteca. Então não causa ferimento em ninguém, nem em mim. Não me indisponho por ninguém. E aos poucos eu acho que eu vou conseguindo. Mas isso é pessoal.

Pesq - Tá no meio termo. E com sucesso. Em 20 anos lá, dançando

Neni - É o meu jeito de fazer as coisas. É, deu certo. No meio termo.

Dante - Eu acho que essa questão é bem difícil. Bem abrangente, assim. Porque... Vai depender muito da abertura da outra pessoa da outra parte. Então... Se você chegar lá e der uma sugestão, tem gente que gosta. Tem gestor que entra um pouco legal, ele vem e me traz a solução. Tem gestor que não vai gostar.

Neni - Tem que ir sentindo.

Dante - É, então. Aí, por exemplo, o caso do material. Material é algo que eu acho que não tem em abertura. Não adianta. Eu acho que é de cima pra baixo. Tem que ter um processo de gestão melhor para que chegue na gente com mais transparência. E... Colocando a gente com... Fazendo com que nós participemos mais das decisões. Eu acho que não vai mudar em nada. Isso é... Acho que é coisa de, sei lá, quantos anos. Com certeza mais vendo que nós aqui nessa sala. Isso é parte do sistema. Em coisas menores, que nem o Neni está falando, de mostrar a importância ou de se colocar disponível. Eu acho que faz parte de pequenas soluções aquilo que é o nosso papel fundamental como educador dentro da escola. Então... Acho que é o que ele falou. Você vai lá e começa... É isso, né? Para mostrar que é a queimada, né? Ah, porque vai... Queimada lá. Que que eu tô trabalhando lá? Eu tô trabalhando esportes. Aí vai lá e coloca. Aí que é o professor que queria ir. Mas aí depois ele foi. E aí, de repente... Até esse cara ter abertura novamente, né? Quer dizer... Para ver se realmente ele entendeu a importância do esporte na vida daquelas crianças. Eu não tive, por exemplo. Então acho que parte muito desse... Essa abertura também do lado de lá para você chegar e conseguir... De alguma forma, seja plantando colhendo mandioca ou seja... Talvez do meu jeito... Um pouco mais direto e objetivo. É assim que a gente faz. Acabou. ...

Dona - Outra coisa que entraria também é a questão do vínculo. A gente aqui roda demais essas escolas. O (ocultado) é uma escola que eu já peguei por muitas vezes. Fiquei um período de um ano só longe da escola e retornei esse ano. Isso também

leva muito em consideração. Você ser escutado. Se os seus materiais estarem ou não dentro das possibilidades, é claro, né? Assim como eu brinquei do “Estamos No Mesmo Barco Titanic”. Tem coisas que eu não conseguiria pedir mesmo. Nem questão de, ah, você não é valorizada. A questão também de eu ter a afinidade com aquelas professoras que estão sempre lá. Elas já me conhecem, elas já conhecem o meu trabalho, elas já sabem como que eu trabalho. Eu passo em sala falando sobre no primeiro dia. Muitas vezes elas estão lá dentro, elas escutam. Então, assim, isso também influencia bastante. Creio eu que se a gente tivesse, por exemplo, uma sede que a gente pudesse ficar durante toda a nossa trajetória trabalhando naquele lugar, isso também influenciaria bastante. A gente ser mais escutado, mais valorizado. E provavelmente professores que rodam em mais escolas e que todo ano não têm a certeza do lugar que eles estão, sintam isso de uma maneira diferente. Ah, estou acuado que eu não sei o que eu posso falar, o que eu posso pedir. Esse espaço é meu ou é o do coleguinha que já está aqui todo ano? Então, isso é uma coisa também que creio eu que influencie bastante.

Neni - Eu tenho duas escolas que eu só dou uma aula. Não converso sobre nada. Dou minha aula e vou embora. Eu não fico pedindo favor, dando opinião, acho que é isso, acho que é aquilo. A gente não tem isso. Não sei nem como funciona a dinâmica da escola

Dona - E larga aí que eu sou sócia majoritária, por mais que a gente se dê bem.

Dona professora - Mas eu acho que é muito o que o Ax falou no sentido de fazer... Vai muito no que o Ax falou no sentido dos professores de sala. Principalmente escola grande como (ocultado). Roda muito do professor novo lá. O professor novo que está entrando. O pessoal velho que já está lá que também deve ter esquecido qual é nosso papel. Saber o que a gente... Não o que a gente trabalha, mas a nossa importância. A importância do pessoal de linguagens artísticas. O pessoal da importância do pessoal de computação. Está demorando. A importância deles é eles terem o HTPI. Então assim, acho que a questão de a gente começar a ter uma... Eles entenderem um pouco mais como fizeram com a AEE. Talvez dessa ligação que a gente possa estar começando a criar um diálogo com eles. A direção já é um pouco mais difícil. Dependendo da direção.

Ax - Eu acho que são um pouco complementares? A gente ter que arrancar mandioca. Mas a gente também tem que pedir, se posicionar institucionalmente para que quem marca os HTPCs coletivos para toda a rede? A Secretaria da Educação. Então assim, eles têm o poder de falar em... Vou abraçar sua luta e vou fazer aqui. Vou mostrar para todo o mundo o que o professor especialista faz. Qual a importância deles.

Cross - Nós estamos falando de grandes problemas. Desculpa interromper, mas eu acho que tem um fator que é comum. Acho que para todos nós professores nós tiramos a turma, chegamos na sala de aula, tiramos a criança de lá, levamos para a quadra, que é um outro ambiente. Temos o compromisso de levar eles para a sala, lavar as mãos, tomar água, tudo, tal, tal, tal. Chegar na outra sala, entregar e no mesmo hora, relógio, sair dali e chegar na outra sala. Professor, você atrasou dois minutos.

Risos

Dona professora - Isso eu nunca escutei. Isso machuca. Cara... Da próxima é mais, boa sorte. Na aula da professora x, de terça-feira, que eu faço as duas aulas de dois jogos, eu estou chegando quase dez minutos atrasados. Isso porque eu fico todo o cronograma para não chegar atrasado na aula dela que ela tem o primeiro ano, que não participa. Mas faz três segundas-feiras que eu chego de cinco a dez minutos

atrasados, e ela nunca abriu a boca. Eu falo eu prometo que hoje é a última, a última terceira.

Cross - Eu tenho uma criança que chega no final da aula, parece que ele não quer ir embora, ele sai da quadra, entra no portãozinho assim, vai lá para aquele canto, depois do parque, do lado de lá. Isso quando ele passa no cantinho, ele passa para dentro do parque antigo, que é um perigo está tudo meio tudo detonado, fica lá e você não tem acesso, porque você não consegue chegar lá, porque você não passa pela brecha que tem entre o alambrado da quadra e a parede. Ele é pequeno, ele passa para lá. Quer dizer, você tem a criança, que está aqui, você leva a criança para a sala, você volta para buscar aquele rapaz. Traz para a sala. Como é que você faz isso? Você tira antes, vai tirar assim.

Dona professora - Ó professor você está entregando a sala 2 minutos antes.

Pesq - Você não usa o seu superpoder?

Cross - Não, uma ideia é você ir ao professor, levar a criança para a gente, vai, faz assim, traz a criança para a quadra, eu devolvo ela na quadra, e se você quiser, sendo da sua sala, o seu, e o outro traz um, faz rodízio. A primeira turma eu pego e trago sozinho para a quadra, tranquilo, mas a partir daí, será que ele não dá para colaborar com o professor diz, cara? Porque é muito difícil fazer milagre, o relógio é sempre da frente.

Sempre acentuando o parque.

Dante - Não sei se foi hoje ou se foi ontem, que eu cheguei na escola, eu fui, sei lá, foi desses dias aí, que eu cheguei mais cedo e estava ao lado dos professores para entrar em sala, em aula, aí, elas estavam conversando lá, ah, porque todas, eu pego as salas, todos que estavam ali, estão conversando, ah, porque, nossa, você que é abençoada, né? Porque você pega a última aula, eles só pega a minha última aula, que aí pega e vai embora, ah, eu não tenho essa sorte, porque ele pega lá, ele volta, depois para dar aula, eles estão muito agitados...

Dona professora - eles estão fedidos, suado.

Dante - e tal, e não sei o quê, e aí eu, então, até tem um artigo da Nature e tal, que os caras avaliaram, os alunos que faziam a educação física, até o Ax postou uma vez também isso no grupo, e que demonstra que a cognição, o aprendizado, inclusive, contas matemáticas ficam mais aforadas e tal, melhora, é, cara, com diz minha avó que oxigena o cérebro, então, assim, e agora eu estou dando. Ax viu lá, estou dando come come lá, ensinando as mútuas que elas ficam do meio, perdidos, aquele monte de regra para seguir e tal, e fica agitado fazendo a brincadeira, cara, aí eu tentando, só que, meu, a profissão não deixava eu falar, entendeu, não, a abençoada é você que pega no final, que vai embora, eu então, mas, tenta dar uma matemática, porque você vai ver que melhora depois, e tal, tenta dar uma outra coisa, não tinha, foi muito agitado, isso foi muito agitado. tá bom, vamos continuar agitados, vamos continuar agitados, não tem o que a gente faz a parte,

Minions - que ontem de manhã perguntaram, as suas aulas são de acordo com os projetos que a gente está trabalhando, eu falei sim, foi no pré, muito mais fácil, você dá algumas brincadeiras, né, como a gente, faz, fez o trânsito, você não falou um, a gente falou o trânsito, dotadas, né, ao trânsito, qual mais, o folclore, as brincadeiras folclóricas que aí eu trouxe de volta lá para a escola, então, ela veio me perguntar, ela não tem ideia do que a gente faz lá, porque a gente trabalha de acordo com os projetos também da escola, brincadeiras voltadas aos projetos da escola.

Pesq - e pensando nisso que a Minions está falando, eu anotei aqui, qual que é o nosso papel nessa visibilidade, nessa valorização, algumas pessoas já foram dando umas dicas, de compartilhamento, a Dona compartilhando o grupo da escola e tudo

mais, então, é, isso pra mim, né, é um caminho, porque eu, eu tenho vergonha, às vezes, de ficar mandando no grupo da escola, sei lá, né, o pessoal achava, nossa, olha que tá fazendo obrigação dela, parabéns,

Dona - parabéns pelo mínimo

Dona professora- La vem ela encheu o grupo com vídeo dos alunos, mais fotos

Pesq – Mas por outro lado e eu já escutei isso de alguém, eu não lembro de quem foi, não sei se foi, não lembro, mas que é isso, assim, o que as pessoas não vêem, elas não vão conhecer, então talvez o nosso papel tenha a ver com isso, né, essa, desse posicionamento, né, você achou a palavra, não era essa imposição que eu coloquei, e nem o autoritarismo, não era, essa, esse posicionamento, posicionar, ó, então, ó, eu preciso disso, tal, tal, tal, e aí talvez justificar, né, e, chegar nesse lugar, de, das pessoas entenderem o que tá acontecendo, ou minimamente, ó, ó, pessoal, a gente tem o planejamento semanal, né, vocês tem dúvida, consulta a coordenadora, se quiser falar comigo, beleza, até às vezes a própria direção não sabe o que tá acontecendo, a gente, é, registra, né, o planejamento, pra todo mundo saber. Então, no limite, assim, de, do que a gente conversou hoje, achei que fica, principalmente essa questão do posicionamento nosso, né, da gente não ser tão passivo nesse, nesse lugar, seja esse posicionamento mais, de arrancar mandioca, ou seja um posicionamento mais de bater de frente, cada um vai, a, a, encontra, né, a sua forma de se posicionar, no sentido de, de, de fazer com que as pessoas enxerguem a educação física, e nós, enquanto professores, e professoras, de, de, das específicas, específicas. Então, tudo bem, alguém gostaria de acrescentar alguma coisa em relação ao que a gente conversou?

Lock - Eu gostaria. Só justificando se eu coloquei, eu não tô falando muito, né, é que hoje em dia eu já tô numa outra linha, seja em qualquer htpc, eu ouço mais, do que exponho, mas não é por nada, é por minha fase, pelo momento, é assim, o que eu gostaria de, de colocar, é que a minha realidade já difere bastante, da maioria aqui, eu já não tenho tantos problemas, ou melhor dizendo, aquilo que às vezes o pessoal encara como problema, eu já não encaro como problema, eu encaro como característica, como perfil, do lugar, né, e eu acho que uma coisa que a gente tem que entender, talvez, seja a empatia, essa palavra empatia, eu falo que é uma palavra complicada, porque hoje em dia muito se fala de empatia, mas ninguém consegue entender direito o que é empatia, empatia parece que ela tem uma mão única, né, não é uma mão dupla, empatia você tem que entender o lado de um, não dos dois, né, e o que eu gosto de perguntar, eu tive problemas no começo, também com relação ao, ao jeito que o pessoal via a educação física da minha parte, o que eu estava fazendo. Só que também comecei a me questionar, vocês assim, né, por exemplo, eles não sabem o que está acontecendo na quadra, mas eu sei o que está acontecendo na sala, especificamente, tipo, qual é a leitura de hoje do terceiro ano? Nem sei se eles leram, tá, a gente também não sabe o que está acontecendo na sala, muitas vezes, ou sabem bem por cima, às vezes, o professor da sala é a mesma coisa, eu tenho a visão de educação, não só a educação física, eu acho que esse é um outro ponto, muitas vezes a gente tem a visão da educação física, mas a gente não tem a visão da educação, e a gente quer que o professor da sala também tenha uma visão da educação diferente, será que a gente conhece a visão da educação do professor? Será que a gente conhece a concepção daquele professor de educação? Será que a gente conhece a concepção do diretor de escola, a concepção do faxineiro? Muitas vezes a gente também não conhece, então muitas vezes, só complementando essa parte da passividade, também é nossa também não levar em consideração como os outros veem, muitas vezes a gente deduz a visão do outro, sobre a educação física,

mas será que ele realmente enxerga aquilo? Ou será que ele é um professor que tem uma certa praticidade, também está frustrado, eu costumo dizer que na escola nada do que parece ser é, às vezes a gente acha que o problema é o nosso atraso, mas esse problema é o nosso atraso, é uma outra coisa que está por trás, tem história aí, só não está revelado, muitas vezes o professor não quer que você use a sala de aula, mas muitas vezes o motivo não é usar a sala de aula, é alguma outra coisa, então, eu acho que também é a questão de trocar entre os professores que é complicado, e aí eu acho que já tem uma visão diferente, há alguns anos atrás eu tinha que o HTPC da educação física individualizado toda semana era maravilhoso, hoje em dia eu já gosto de estar na escola, porque eu preciso trocar com quem eu estou trabalhando, só que muitas vezes a gente fica lá sentado, num momento às vezes que sobra vagante, a gente esquece de aproveitar esse momento para perguntar, para conhecer um pouquinho do que o outro está fazendo, para trocar sobre o aluno, informações sobre o aluno, e trocar sem julgamento, muitas vezes a gente chega lá e já está com uma ideia sobre o aluno X, e às vezes o professor da sala vai ter uma ideia diferente, e o trocar é justamente você expor, não para chegar a um veredito de quem está certo e quem está errado, mas ainda levar em consideração o que cada um está enxergando sobre aquele aluno, o que cada um está enxergando sobre a escola, o que cada um está enxergando sobre a educação como um todo, não estou falando que nós estamos fazendo errado, mas muitas vezes talvez a forma da gente conseguir entender melhor e até ser melhor aceito pela a escola, é justamente trocando mais, que momento a gente está parando para conversar com os professores, mas a gente tem muito pouco tempo, mas levar ao HTPC, conversar com o outro que a gente troca no HTPI, quando dá tempo, e às vezes a gente vai conversar sobre outros assuntos, não necessariamente os assuntos que são pertinentes, e uma outra coisa que eu também penso é que a gente ainda vê a escola muitas vezes como um ambiente puramente profissional, mas eu tenho por mim que a escola não é puramente profissional, tem muita coisa envolvida ali, são vidas, são pessoas que já tem ali uma amizade, outras que tem uma inimizade, então não é 100% profissional, e muitas vezes a gente quer falar profissionalmente, e às vezes quando a gente vai falar profissionalmente a gente não cativa a atenção, porque a gente assiste palestras, às vezes tem umas palestras que é difícil, a gente assiste porque é muito profissional, e a gente passa o dia inteiro trabalhando, às vezes para quem dobra, 10 horas por dia, aquela conversa profissional, então muitas vezes alguém chega para me conversar profissionalmente e eu já estou desligado, já estou esgotado, então se a pessoa chegar muito profissional comigo eu não vou dar um retorno tão legal assim, então eu acho que o caminho que precisa ter também para poder melhorar essa situação nossa é a empatia, não só da nossa parte, estou falando da parte de todos, da escola também, e da questão da troca de experiência, eu acho que está faltando muita troca, muitas vezes a gente quer ser compreendido, mas que a gente precisa de espaço, mas o professor também está gritando para ser compreendido, e assim, a questão do HPI, que estão seco pelo nosso HPI, mas gente é importante, viu, eles podem estar desesperados por esse momento do nosso HPI, mas isso pesa, esse momento para ele é um momento eu entendo, hoje em dia, no começo o professor dizia, ah, se o professor está com você, me posse o meu HPI, o meu HPI que ele vai pegar, mas realmente ele precisa desse horário, o HPI, é uma coisa assim que eu já não vejo como um problema, o professor achar ruim o horário do HPI dele, porque realmente é cansativo para ele, é um horário que ele tem ali para ele dar uma refrescada, eles que ficam diretos com os alunos é uma situação diferente, estou falando que ele tem razão, mas eu estou falando que dá para entender porque que ele é tão focado, tão

desesperado, achar absurdo quando a gente falta, é porque realmente faz falta para eles, esse horário.

Ax - Mas você não acha que é um pouco utilitarista demais também, olhar para gente e ver só isso?

Lock - Então, justamente que eu falei, qual que é a visão que será que ele está tendo a gente? Às vezes eu já tive colegas que eu achava, colegas-professoras, que eu comecei a ter um estranhamento inicial, porque eu achava que ela tinha uma visão puramente utilitária da educação física, mas aí eu comecei a fazer uma certa amizade, conversando aqui e outras coisas mais, e percebi que não era exatamente isso, na verdade é o simples fato que ela não me conhecia.

Pesq - Olha, de tudo isso eu considero mais válido, claro, a questão da empatia e tudo mais, mais a educação física, ela faz parte da educação e a gente vai chegar nesse lugar de enxergar questões da educação física da educação, inclusive a gente está fazendo isso desde o primeiro encontro, a gente percebe ligações, hoje a gente falou de materiais, que falta para todo mundo, não é só para a gente. A questão de lidar com as pessoas, e você, eu entender o planejamento de treze professores em relação a cinco matérias diferentes, em relação a trezentos alunos, eu acho que é uma questão mais... é a palavra que eu achei agora, mas é injusto, sendo que a pedagogia, o professor de sala, ele já tem o lugar dele garantido, ninguém está questionando a importância do pedagogo, a gente questiona aqui, pelo menos nesses encontros enquanto Pesquisa, a nossa importância perante eles, não é só o jeito que eles vêm, como que eles foram educados, nós também, a gente tem pessoas aqui que se formaram há quantos anos atrás, e a gente que se formou mais recente, então não é só essa dicotomia, professor de educação física, professor pedagogo, mas a intenção é entender um pouco melhor o que e o porquê disso, tanto é que os questionários que vocês responderam, também são enviados para eles, para que a gente levante essas informações dentro da coleta. Mas não que vamos brigar, não, pedagogos, não nos odiamos vocês, não é assim, não é outra coisa.

Dante – Os encontros estão sendo feitos com eles?

Pesq - não, os encontros é só com o grupo de educação física, as questões foram para todo mundo.

Dona professora - mas aí tem a questão assim, tipo, eu entendo que os professores precisam desse HTPI, só que às vezes acontece algum imprevisto que a gente não pode estar na escola, aí o professor, putz, eu precisava desse HTPI porque eu já tinha programado e ele me dá uma bola fora dessa e falta, aí nessa parte que vira, tipo, a gente só a base de HTPI, tipo, a gente não pode ter o direito de faltar, independente do motivo que seja, eles precisam do HTPI, eu entendo que é difícil você ficar 5 horas com aquela criançada, só que assim, a gente também tem a nossa vida, a gente também tem os nossos problemas, às vezes acontece, não vai dar pra ir hoje, putz, mas hoje eu já estava precisando desse HTPI porque é o único que eu tenho, que eu já tinha programado fazendo sei o que, vou ter que dar aula, vou ter que tirar uma aula da cartola e dar aula

Dona - até porque quando elas também têm imprevisto, elas não avisam, tem que se virar para por outro professor no lugar.

Lock - eu não falei que os pedagogos estão corretos, é assim, eu estou falando no fato da gente considerar o ponto de vista deles

Dona professora - Sim, eu entendo, só que muitas vezes eles não entendem o ponto de vista que precisa faltar, entendeu?

Lock - Não, mas eu estou falando assim, considerar como um preparo, da empatia, tipo assim, se eu precisar faltar, eu vou faltar, inclusive se eu precisar faltar sem

comunicar previamente, porque não deu tempo, eu vou faltar sem comunicar previamente, só que eu vou entender, eu não vou falar que eu vou ceder, mas eu vou entender a raiva, a bronca, às vezes a direção da escola porque eu não avisei, ou porque eu professor, e querendo ou não, a minha falta imprevista vai complicar, não que eu estou falando que isso deve ser tido como cheque, nós estamos errados, temos que baixar a cabeça, não, é só da vocês, que considerar e entender assim, a não, ele vai ficar bravo, mas vai acontecer, então é isso que eu vejo, eu não vejo como um defeito, eu vejo como o problema, eu vejo como a característica, ele ficou bravo porque aconteceu, mas vai ser bem, vai me perdoar, como falou assim.

Pesq - E aí, o que eu pensei enquanto você falava agora, é que a questão, está acabando, gente, a questão da pergunta que eu fiz, né, como é que cada um lida com isso, a sua maneira de lidar, você enfrenta o problema como característica e...

Lock - Isso, é isso que eu coloquei, eu prefiro, para mim, não é o que todos vão fazer. Então eu pensei que a minha característica pessoal é tentar entender a visão dele sobre a educação, entender que realmente ele tendo bronca não necessariamente significa que ele está desprezando a educação física, mas pode ser uma coisa de momento, a gente teria que realmente verificar se é isso mesmo.

Pesq - Terapia de grupo.

Lock - Terapia de grupo, exatamente. Por isso que eu falei da troca de experiência, a falta de momentos de troca de experiência com os jogadores sobre o dia a dia nosso, né, esses momentos para trocar, muitas vezes gera essa falha de, essa incompreensão, vamos dizer assim. Então eu acho que se tivesse mais trocas de convivência entre os professores nesses termos, a gente conheceria mais um pouco a visão deles e eles conheceriam um pouco mais a nossa visão. Eu só acho que tem que trocar mais. Não é uma crítica a gente, é só um ponto de vista assim que pode ser. Agora, tem gente que é mais tímido, né? Ah, então quer dizer que eu sou obrigado a conversar com todo mundo sendo que não é meu perfil. Não, não é isso que eu quero dizer. Só que eu falei que é uma forma de a gente lidar com e encarar, vamos dizer assim.

Cross- Eu concordo com a forma que você colocou. Não com tudo, mas tem muitas verdades que são interessantes de enxergar com outros olhos, tá? De repente, a gente acredita que faz um trabalho bastante democrático, bastante absorvente também, segura das outras pessoas, a situação absorve, conhece e tal, mas ainda é pouco, perto daquilo que é a nossa realidade. O nosso HTPC na escola, você falou o detalhe de gostar hoje dessas convivências com outras áreas, perfeito. Mas qual que é o grau de participação de cada um de nós aqui em reunião? Nós tivemos um problema se analisado na nossa no nosso último HTPC na escola que era em razão de uma criança que os pais não queriam o atendimento dele de um especialista menino eu não conheço pessoalmente, mas ele não é sindrômico, ele é não, a criança que foi falada na autonomia não, nós tivemos que discutir, tá? o que seria feito dessa criança se os pais não queriam o atendimento no período contrário. Eles resolveram que não iam levar para a escola o síndrome do período contrário. Eu acho que tanta gente luta para esse tipo de atendimento e uma família que não ia dar e na minha opinião, olhando a situação de fora que tinha naquele momento eu acho que é um crime uma abandono de incapaz entendeu? Mas eu sei que a nossa diretora consultou a diretoria de ensino e ela se baseou num texto colocou no papel, mas assim na legislação isso, e em torno do possível dessa situação de acontecer. Só que humanamente o educador nossa cara, eu acho aqui também difícil dizer que você tomou o conhecimento, porque a nossa voz é estranha.

Neni - Mas é de todos os professores, porque a direção a legislação disse que ela podia fazer isso. Podia fazer e fez contra a legislação.

Cross - Então eu acho que tem muitos fatores e a nossa palavra vale muito vale um pouco e se a gente não participar nunca vai valer nada a gente tem que ter uma participação sim, a gente tem que aprender a gostar de conviver com as outras áreas, mas será melhor se a gente tiver coragem e tiver voz pra trocar.

Pesq - E ouvidos para ouvir, né? Que as vezes a gente tem voz

Lock - É por isso que eu fiz a troca. É isso é basicamente isso. Porque a troca você coloca, você aparece e também outros aparecem.

Pesq - Gente, obrigada pela participação de hoje finalizando até daqui duas semanas

Transcrição – Roda de conversa 4

Pesq - Boa noite, gente, esse é o quarto encontro da minha coleta de pesquisa de mestrado. Antes de começar a reunião quero agradecer a participação de todo mundo e reforçar que é uma coleta. Então os dados que vão estar aqui, eles não têm a perspectiva de resolução imediata dos problemas, mas de trazer reflexão para nós enquanto grupo e possivelmente como criação de produtos educacional para mais pessoas, outros professores, outras redes e o quanto nosso braço consiga alcançar. Se a Maria for o último dia dela hoje, eu quero agradecer sua participação, suas contribuições. Seja bem-vinda sempre, se precisar de alguma coisa me ligue, se eu precisar vou te ligar. Nos três encontros anteriores, no primeiro eu falei sobre a pesquisa e a gente trocou uma ideia, vocês responderam os questionários e a partir dos questionários e ouvindo o encontro anterior, na roda de conversa anterior, eu baseio um pouco a próxima temática, a gente já falou um pouco de material, de infraestrutura, de verba e por ser o penúltimo encontro, hoje ser um pouco mais reduzido, e o próximo, o penúltimo encontro, desculpa, e o próximo ser o último, hoje eu resolvi trazer os temas que surgiram, elencados em vez de trazer um tema só para a gente discutir. Muitos desses temas surgiram durante as nossas conversas e também alguns são de incômodos particulares e de conversas de corredor. E aí desses 10 temas eu vou pedir para vocês que vocês leiam, vou ler com todo mundo, mas que vocês vejam aí o que vier na memória de vocês de alguma situação dessa, positiva ou negativa, que vocês achem interessante compartilhar, da visão que vocês têm sobre esse acontecimento, ou sobre a situação, ou sobre, às vezes só tem o termo ali, participação em colegiados, o que você acha disso, como você vê isso, você participa ou não, enfim, então não é só para nossa, tudo é horrível, não, é realmente situações que vocês achem que valham a pena ser pesquisados mais a fundo. Então são 10 temas que eu trouxe e aí a minha ideia é no próximo encontro, no final desse encontro, deixar para vocês que se algo que vocês tenham passado e que não tenha sido contemplado aqui, vocês, que com certeza devem ter, vocês me mandem para que eu possa, eu vou tentar, como fala, sistematizar isso, mandar por email, pelo WhatsApp, aí vocês me dão como resposta só para a gente poder discutir, ou na última reunião, ou pelo menos conseguir discutir no trabalho, tudo bem?

Então tá, o menino M., especificamente é um mestrado profissional de educação física, mas a participação dos professores de música tem sido válida, se você tiver interesse.

Então o primeiro é o impedimento de utilização de espaço para dar aula, então eu vou falando e aí quem for tendo ah, quero comentar, não quero, vai erguendo a mão, a gente vai conversando, tá? É mais o sentido de usar qualquer que seja o espaço, por isso que eu não usei o termo quadra, qualquer que seja o espaço de utilização para

dar aula, se já teve impedimento, ou se isso é mais livre, se consegue fazer isso de forma tranquila. O segundo é a divisão do espaço de aula com outra turma e outro professor, ou professores e professoras, né? Porque às vezes a gente divide até em três, e eu soube que até em quatro já dividiram uma quadra. E aí assim, gente, é ruim, né? Todo mundo sabe, beleza. Mas aí os impactos disso, para o trabalho de vocês, para a atuação de vocês, quem quiser falar. No terceiro, a alteração de planejamento ou de aula, né? Por questões climáticas ou de alteração de calendário como eventos sem aviso prévio. Algumas dessas a gente foi falando alguma coisinha e eu anotava e eu achei interessante trazer para a gente pensar um pouco melhor sobre isso, né? Principalmente sobre essa coisa de “sem aviso prévio”, ou porque essas questões climáticas às vezes afetam mais a nossa, principalmente as nossas aulas. Quatro, pessoas externas que tentam impossibilitar a participação dos seus alunos nas aulas, que envolve o comportamento da criança, o nosso posicionamento e o posicionamento do professor ou da professora que está, que tenta fazer isso e como que a gente reage sobre isso e a frequência desses acontecimentos. Depois eu vou falar porque eu coloquei a frequência. Cinco, a comunidade escolar questionando os conteúdos e as formas de trabalho da gente. Então dando, sei lá, você passou aí alguém falar, mas você não tem que fazer isso. Uma professora de educação física não faz isso. Ou algum familiar que vai lá e, ah, mas você não tinha que estar dando outra coisa. Então esse tipo de questionamento, né? Se já aconteceu, como aconteceu. O seis, situações de estabelecimento hierárquico entre alunos e alunos. E esse aqui é tipo assim, entrou na sala de aula, né? Para fazer uma organização inicial, cada um trabalha do seu jeito, claro, mas aí a professora, a pedagoga, o pedagogo estão em sala e aí as crianças não vão se remeter mais a você. Então esse estabelecimento hierárquico é o jeito que eu consegui explicar isso. Parece que se a gente está junto com o outro professor, por vários, vários e entendíveis motivos, a gente está num patamar abaixo, né? Então se for para pedir de ó, banheiro, até de organização de sala, se a professora às vezes está em sala, as coisas meio que desandam em casos particulares, né? Mas aí cada um tem uma experiência que se puder compartilhar. Do sete, participação em colegiados, que a gente falou bastante no final, na última reunião, sobre a questão de verbas, né? A questão de solução de problemas. Como é que está a nossa postura diante desses colegiados, né? Como está a nossa participação no conselho de escola, APM, de acompanhamento, de conselho municipal, enfim, dos diversos colegiados que tem, que a gente tem a possibilidade de acompanhar. A documentação, né? As demandas de documentação versus o tempo que a gente tem, isso também, quem quiser falar algo sobre, porque a demanda que a gente tem de documentação, para quem tem 11, para quem tem 22 aulas, é diferente, claro, e aí tem pessoas que lidam melhor com isso, tem pessoas que lidam não tão bem com isso. Então a questão de como preencher, de como é isso quando você ingressa na rede, por exemplo, são temas que eu acho interessante a gente conseguir falar nesse item documentação. No nove, demandas por número de alunos de unidades escolares. Essas demandas seriam as coisas que a gente tem que fazer, que às vezes não são consideradas as especificidades da educação física. Então, a gente já tem, sei lá, 11 salas, 11 faz de conta, e são quase 250 alunos em uma escola aqui no centro, por exemplo. E aí as demandas que você tem com tudo isso, fechar a nota de todos esses alunos, fazer documentação de todos os alunos que têm que fazer, enfim. Como que é isso para vocês, se está tudo bem, se lida bem, se não dá, se acha que devia ter mais tempo ou não, enfim. E em questão também de consideração de unidades escolares, né? Porque a gente falou na última reunião sobre sede, alguém, não lembro quem, mas a gente falou sobre sede, eu anotei lá, e

como que isso poderia até afetar positivamente nosso trabalho, né? Como que muda a caracterização do dia a dia do professor e afeta no nosso trabalho, não ter que ficar se deslocando, se preocupando com o tempo que vai para o água, para o... E por último, meu Deus, não sei o que aconteceu, não fui eu, agora sim. Esse 10 eu coloquei assim, pensando que a gente falou sobre que é alguma coisa que me incomoda, sobre expor o que a gente está fazendo, para ter algum tipo de reconhecimento, notoriedade, e se isso realmente vai culminar na ajuda, na valorização. E aí se vocês já tiverem essa experiência, se vocês sentem isso, que sim ou que não, e é isso. Agora, quem sentiu no coração, oi?

Dante – Não entendi essa 10 aí, quem expor?

Pesq - Ah, tá, é verdade. Tipo assim, nessa disposição pública, tipo assim, eu estou lá na quadra, então a gente está desenvolvendo um trabalho lá, um projeto, enfim. E aí se a gente não fizer, por exemplo, se não tiver um post, ninguém vai saber. Então será que a gente... é interessante, e não é puxando para o negativo, é realmente, eu quero saber de vocês, se é legal isso, é importante eu divulgar o meu trabalho para ser reconhecido, entendeu? Porque, pô, para mim era um incômodo antes. Sim, a valorização, a profissão.

Dante É, ou do, não total, mas particular, entendeu?

Pesq - Profissão particular? Por exemplo, você desenvolver um projeto bacana lá, alguém na escola ficou sabendo, alguém na escola foi quem está sabendo, se é você postar no Instagram, no Facebook, eu fazer uma postagem no blog, fazer uma divulgação em um site, enfim. Aí vai, vai, vai, você acha que esse impacto é diferente, entendeu?

Lock - Posso fazer uma outra? Não sei se corresponde ao que você está perguntando, mas para facilitar, é precisar provar que está trabalhando, mais ou menos isso. Eu preciso provar que eu faço alguma coisa para ter o reconhecimento da escola, é isso?

Pesq - Eu acho que, aí, esse daí seria mais, eu acho, o que eu vejo, que na documentação isso seria mais, isso aqui é eu provando o que eu faço, porque ninguém vai realmente, ninguém não.

Lock - Então, eu entendi assim se eu não expor que eu estou fazendo alguma coisa, eu só acho que eu vou estar recreando. Tipo assim, então eu preciso fazer algo diferente, né, que foge da rotina até mesmo, né, tirar foto de repente de expor, para mostrar que eu também trabalho, que eu também existo, seria mais ou menos essa ideia.

Pesq - Também.

Dona - Posso emendar um pensamento? Eu fui uma das pessoas que talvez, falando no último encontro, é essa possibilidade de você tirar fotos fazer vídeos e tudo mais. Na escola que eu trabalho, você tem uma cultura de montar um calendário gigante no corredor, e cada dia da semana é impresso uma foto de algo que aconteceu, seja na minha aula, seja na aula de informática, na aula de música, na aula, sei lá, dos professores de sala, e isso é exposto não só para a gente saber, mas também para os outros colegas de outras salas, ah, o Fulaninho em quinto ano pintou, sei lá, a Mona Lisa, que legal, olha lá. E os outros querem saber o que acontece. Teve festa da família, isso foi exposto, desde fevereiro, eles vão tirando cada dois meses, mas colocaram de volta para as famílias poderem ter acesso ao básico do que acontece. Uma coisa que seria bacana de, no caso, não precisar ficar tirando foto, a gente também faz uso do drive para colocar a semana. Esse drive ser possível para a gente acessar qualquer um do colega, o meu, o seu, para a gente ter uma noção do que cada professor também está fazendo. Isso foi até questionado essa semana passada na escola, e eu, por exemplo, não tenho acesso aos dos professores de sala, e elas

não têm o meu. Tanto que eu até falei, putz, sei lá, você está trabalhando em medidas, você está lá, fazendo edição de peso e altura para os alunos, coisas do tipo, para poder acabar auxiliando o meu serviço delas também.

Ax – Esportes de marca e precisão

Dona - Isso. Exato, e isso, a gente não tem esse acesso. Eu entendo que foi porque já aconteceu da pessoa que sai sem querer apagar, mas, sei lá, uma forma deles pensar é desse acesso ser garantido e que não vá prejudicar o trabalho do colega, seria uma outra forma de você não precisar ficar, peraí, deixa eu fazer um TikTok aqui da minha aula. Seria uma coisa mais simples, é uma documentação que você é obrigado a fazer em teoria, e está lá, todo mundo pode acessar. Ah, o Fulano fez há duas semanas o planejamento dele, vou tentar fazer uma coisa assim, ou esse inverso, seria uma possibilidade. Enfim.

Dona professora - Olha, na sua escola, ainda tem drive no (ocultado) não tem drive;

Dona- É como faziam os incas e os astecas.

Ax -. Lá na cidade vizinha, a gente tem um sistema um pouco diferente, e lá a gente pode alimentar o semanário da gente com o vídeo. A gente não precisa necessariamente escrever, a gente pode postar o vídeo da atividade que a gente fez. Óbvio, não tem também um acesso, os outros não veem, mas de uma certa forma é uniu o útil ao agradável, já que a gente tem que fazer esse trabalho de gravar o vídeo e tal, já mata também ali a questão do semanário, e talvez dê uma liberdade para a gente, para a gente poder, pegar esse vídeo, postar em outros lugares.

Pesq - Voltando à Dona professora, você falou que?

Dona professora - no (ocultado) não tem drive. Como eu peguei algumas professoras que acho que, uma das que não queriam trabalhar, já se aposentou, mas ela não queria trabalhar com drive. A justificativa para não colocar no drive, para não ter drive na escola, foi que a secretaria falou que não era obrigatório, usasse quem quisesse, porque estava dando problema de falar que tinha aula e de repente, não tinha, que estava apagado, e que elas preferem receber de e-mail no Word, e aí elas arrastam para o drive. Porque nas três escolas que eu dou aula, duas usam drive e só ali usam no Word ainda.

Pesq - Sabe o que eu fiz ali? Eu abri um, tudo bem que eu já estou pagando 200, 200 dias.

Dona professora - Sim, eu podia ter um drive, porque nós estamos trabalhando em duas no drive, mas não é só mandar. Não, não, a gente prefere para se mandar por e-mail no Word e a gente arrasta para o drive.

Pesq - Eu fiz uma pasta, compartilhei com o e-mail da coordenadora e estou colocando lá.

Dona professora Então, quando eu pedi isso, agora falaram que seria um trabalho a mais, porque teria que entrar na minha pasta no drive. E eu não sei o que, e bipipi não vai então tá, né?

Pesq-Coisas, né? Aqui pode, lá não pode. Oi, Edson. Tudo bem?

Neni-Tudo bem? Estou começando pelo final, né? Pensando na notoriedade, na valorização, eu raramente posto alguma coisa assim, né? Só quando eu acho que foi muito interessante, e aí não é por notoriedade, é para ver se realmente isso pode ajudar alguém, ensinar alguém, né? Mas só que eu não faço, é uma coisa que eu acho muito diferente, que eu percebo que estou fazendo como é.

E aí, então, eu não costumo postar, porque me interessam os alunos. Então, eles sabem o que está acontecendo, né? Então, eu não ligo muito se a professora sabe, se tem a piadinha, a piada, se não faz nada, às vezes, por aqui, a sua vida é fácil, e tal, né? Os alunos sabem o que está acontecendo. Mas isso é muito pessoal, né? Eu

acho muito legal quando as pessoas postam, e eu vejo lá isso que eu posso usar, né? Até sigo uma...

Pesq - Jana Munhoz

neni- né? E ela posta muito da coisa, das coisas que ela faz, e quando eu estou pegando as nossas coisas, eu acho muito legal. Mas isso é dela, né? É pessoal, e ela funciona muito bem, né? Mas eu não gosto dessa exposição, você entendeu? Os meus alunos sabem, então não importa o processo, né? Você até falou, eu até pensei que a pergunta tinha a ver com a gente ter que apresentar um produto final, né?

Você faz um o projeto, tem que apresentar para a escola inteira, uma dança, não sei o quê.

Então, não me agrada muito essa coisa de ter que expor tudo para ser valorizado.

Eu acho que os alunos sabem e isso já...

Dante- Até porque tem gente que gosta de um monte de coisa e um monte de coisa...Nada a ver. nada a ver, umas coisas. Eu, particularmente, não tenho rede social, não uso, mesmo que eu não tivesse postava nada, não quero ter pai de aluno. Então, assim, vou fazer uma exposição pública para quem? Os meus alunos. Então, eu não quero ter pai de aluno lá, não quero ter pai de aluno atrás de mim, a gente sabe, né?

Então, acho que isso não me valoriza mais. Fica expondo, claro, para quem? Não acho que é isso que vai fazer o meu trabalho bom, né? E como acho que foi...A Dona falou, né? Os exemplos foram dados, mas na parte com o... foi falado aí de...Documentação, né? Documentação que você provou, meio que fez, não sei o quê, então. E no caso de ter a foto lá na festa da família, que eu acho legal porque você expõe que está sendo feito para o pai. Então, acho que é essa a função, né? O pai coloca o aluno na escola e quer saber como o aluno vai para a escola. Pelo menos deveria, né?

Eu sei que a maioria dos pais que vão realmente se preocupar com isso é porque não se preocupa. Não é isso que acontece hoje em dia, né? Mas eu acho que o fato de você ver um filme, um vídeo, pintura etc. E no nosso caso, eu acho que é observar o desenvolvimento motor daquela criança. Como que ele está quando ele leva a uma praça, quando ele vai levar para um clube, quando ele começar essa criança a se interessar pela atividade física, se interessar pela música. Então, acho que a nossa atuação é mais silenciosa. Para nós deve ser silenciosa. Eu acho que não é bom querer mostrar, até porque tem os códigos de ética, também a exposição de crianças, se pode ou se não pode, então tudo isso eu reviso com publicação. Eu não faço nenhum.

Pesq - Essa questão é muito...Porque com a rede social e tudo mais, né? Por exemplo, o Impulsiona, a Jana Munhoz, né? São coisas que... Uma pessoa vê um site dedicado à formação de professores de Educação Física, a pessoa já fala, pô, formação de professores de Educação Física, um site gratuito, que é financiado, sei lá, pelo governo, então fica a sensação de que essas coisas vão acontecendo, à medida que coisas menores vão acontecendo. Fica a sensação para mim, entendeu? Não todo mundo...

Dante - Eu acho que é de cima para baixo. governo, no exemplo que você deu, acho que o governo pede. Então, você tem um Ministério de educação, você tem um Ministério de esporte, que pensa isso depois, né? Junto com as secretarias etc. Que vão falar, ó, precisamos fazer uma coisa porque existe uma...Eu vou falar de adaptação, né? Formação continuada. Existe uma formação continuada do profissional, uma preocupação dos ministérios, das secretarias para isso. Eles estão lá para isso, eles estão lá para pensar isso. Claro que eles vão lá e tal etc. Convidam

doutores para fazer avaliação de livros, para fazer isso, para fazer aquilo etc. Então, eu acho que não vem de baixo para cima com pessoas fazendo...Ah, eu vou lá fazer minha postagem, minha aula, e que isso vai gerar um compilado. Até porque eu imagino, se alguém gostasse, por exemplo, ah, vou pegar o vídeo do Diego lá, o vídeo...Colocar aqui na minha plataforma, meu isso aí seria cópias de direitos autorais, exposição também de pessoas alheias. Então, não teria a ética para mim fazer o negócio desse. Então, eu ficaria no futuro e iria atrás, entendeu?

Pesq - Eu nem entrei nesse quesito de cuidados com imagem e tudo mais, porque eu estou entendendo que a gente já tem esse cuidado, né? Parto desse princípio, por exemplo, em rede social, no grupo da escola é ok, né?

Dona - É porque as crianças já têm autorização para tirar, de uma escola e tudo mais. E aí na escola, ok. Agora, fora de plataforma de rede social e pública é outra coisa.

Pesq - Mas aí a postagem não é só. A gente faz ainda. A ideia, o que a gente tem produzido, sei lá. É uma coisa que fica num embate, assim, na minha cabeça.

Ax - Por que eu acabei citando o exemplo da outra escola? Porque eu acredito que seja uma questão, primeiro, é um trabalho a mais, né? Você gravar, por exemplo, se você não tem ajuda e você tem aluno de inclusão, é aquela correria atrás do aluno e tal, e você ainda tem que ter a gravar sua atividade dos outros fazendo. E segundo, que a gente entrou numa era da educação que eu acredito que isso é uma burocratização do problema. Então, assim, papel aceita qualquer coisa, né? Você pode se perder melhor do que o mundo pessoal. Agora, se você consegue fazer uma atualização disso, né?

Se esse vídeo, ele se transforma no seu trabalho, ele se transforma, por exemplo, aqui na sua aula, eu acho que é interessante. Até porque é mais fácil de ser consumido. Por exemplo, por um coordenador, né? Por um vice-diretor, um diretor que vai passar, eu acho, pelo menos com a sua figura, ter um maior respeito pela educação física.

Dona - Vou apresentar seu pensamento, Ax. gente, na questão do aluno com inclusão. A gente tem um aluno com inclusão, e lá tem uma cultura de se registrar tudo que os alunos de inclusão fazem, com vários alunos. Até uma forma de a gente avaliar a evolução dele em aula, o que já aconteceu comigo, com o caso específico. claro, eu tenho a ajuda da acompanhante dele, que é professora de educação especial, e isso me deixa numa posição confortável, estou falando. E em casos que eu consigo também ótimo, né? gente não conseguiu paciência, mas nesse caso em específico, a gente conseguiu ver uma evolução de socialização, de movimentação, por conta desses vídeos, dessas fotos. E o que é muito interessante de se ter registrado na escola, que é uma família que é interessada em saber. Então, eles vão ter acesso a esses registros, se for da vontade deles. É claro, pensando em escolas, em divulgações e tudo mais. É uma forma de se ter até uma conversa mais fácil com pais.

Pesq - É um registro para avaliação também, né? Mas nisso, não criando uma outra demanda para a gente.

Dona - Ah, não é. Dentro da possibilidade. Não precisa ser feito, mas...Ah, deu tempo, fulano. Se por aqui vamos fazer de tal jeito aqui, bora. E aí deu. Mas é uma coisa interessante se usar, quando possível.

Pesq - Isso que ela falou é legal, né? Essa possibilidade de, sei lá, a gente descreve o negócio e não fica tão legal quanto foi realmente na aula, né? A discussão e tudo que acontece. Mas aí tem outra coisa, né? Independentemente do que seja que esteja lá, a gente precisa que alguém veja. Então, o meu trabalho é muito pautado na perspectiva de tentar entender por que a educação física ainda tem sido vista como aparentemente tem sido vista, né? Preciso acabar de coletar com os pedagogos. A

ideia é essa, achar pontos que a gente consiga melhorar essa valorização. Então, esse item 10 eu coloquei porque foi uma coisa que me... De repente...De repente é isso. De repente isso vai ajudar, não vai resolver nosso problema. Mas isso pode ajudar. Ah, não filmando eu, ou filmando a Paulinha, ou filmando as crianças. Mas, sei lá, compartilhando, como o Edson falou, compartilhando ideias, coisas que já foram feitas, mas não a partir de filmagem, entendeu? Alguma coisa nesse sentido. Mas é só nessa ideia de pensar coisas que vão contribuir para a valorização, possam contribuir, ou não.

Neni - O meu incomoda é exatamente esse. É que nós estamos, né? Os anos que você fala disso, nós estamos tendo que provar ainda, né? E tem um preocupado mesmo, ah, vou provar, não vou provar, eu não quero, mas o pessoal acha que é legal ficar mostrando que isso vai valorizar. Eu não entendo. Eu acho que é o aluno que importa, entendeu? O aluno que vai daqui 10 anos lembrar com você. A professora, a professora, a diretora, eu acho que foca no aluno. Mas, de novo, é uma minha opinião, entendeu?

Pesq - Eu peço um impacto disso.

Neni - A gente não pode provar nada para ninguém. O aluno sabe o que a gente faz, o que a gente deixa de fazer, se a gente senta, se a gente deixa, se a gente dorme, se a gente cochila na aula, se a gente dá uma aula super legal, ele conta, o pai dele conta, vamos ver, se vocês cobraram ele conta, ele conta tudo, né? Os pais sabem o que acontece, né? Quando eles não vêm reclamar, inclusive... Está tudo ok. Está tudo legal. Hoje em dia não vem, né? Raro ter isso. Então, eu acho que o meu caso de foco é o aluno. Eles é que tem que saber o que está acontecendo. Porque eles é que vão lembrar disso. Inclusive alunos que...De vez em quando fala, fiz Educação física muito legal, gostei desse negócios. Então, eu acho que isso que valoriza. Não é se a professora da sala gosta ou não da sua aula, né? Ah, ela não foi lá ver. Eu estava treinando a queimada lá, quando o professor falou "O Neni, vê se você treina meus meninos lá, não estou vendo você treinando" Ué, você não foi lá ver... Não vai ver. Eu não vou fazer um vídeo pra te mostrar.

Pesq - Isso me incomoda muito. Você foi lá na porta falar "Ó faz aí bem para eles passarem no SARESP, direitinho para subir o dinheiro dessa escola, hein?"

Neni - Não, eu acho que esse incômodo eu tenho, e ainda ter que provar que a educação física é importante, tem que ser valorizada, mais do que ter, do que é um caminho, né? No caso da Jana, acho que, por exemplo, ela faz muito bem, lá faz, e eu nessa, né?

Ax - Eu concordo a parte do Edson, até porque eu acho que isso é muita função da gente, se provavelmente, por exemplo, né? Por exemplo, eu tive vários diretores da vida, e um deles, por exemplo, fazia, assim, ela ficava muito nítida, né? Eu não quero te ver essa conversa diretamente, mas ficava muito nítida a impressão de que, assim, o aluno caiu na sua aula, sua aula não é ruim. E assim, não tem relação direta. É, tipo, pode ser que não caia ninguém, e a aula seja ruim, ou pode ser que caia bastante gente, e que a aula tenha sido boa, né? Então, assim, é um mau entendimento do que é aula, né? De como que a aula acontece, né? E talvez, devesse, né? A gente, como professor, a gente não deveria ficar tentando se explicar para esse diretor que não tem entendimento da aula, né? Então, teria que ser, sei lá, um movimento mais institucional, né? No caso, sei lá, a prefeitura valoriza a educação física, ela vai promover ferramentas para que se desenvolva o melhor entendimento para a educação física, né? No município, para todos não é? Para o pedagogo? Para o diretor?

Dante - Isso que você falou, né, Rafa? Está na questão 4 dá... não, 5, né?

Então, comunidade escolar, desde pais até diretores e pessoas que não têm entendimento. São pessoas ignorantes, no assunto? Quem vai entender de exercício, quem vai entender... Tem a obrigação de entender sobre isso é o educador físico? Assim como na música são vocês da artes. E aí, assim... O brasileiro é muito... Nossa sociedade é muito, assim, o cara sabe tudo, né? Por causa de videozinhos de TikTok, de YouTube, porque o pai falou, a mãe foi criada assim, você dá palpite e tudo, todo mundo é bom técnico, todo mundo sabe que música é boa, todo mundo sabe tudo de arte, sabe? E enfim, né? E aí, a gente fica se preocupando, talvez, em se provar, cara. Eu acho que não tem que se preocupar, não.

As coisas vão acontecer com o tempo, né? Você vai lá e... Quem não é que falou? Daqui a 10 anos, a criança pega, lembra de você, fala "pô, eu gostava daquilo lá que fazia contigo". É cara, o cara é sua aula que venceu. Não é o que os outros acham, né?

É o que você sabia que estava fazendo.

Lock - Primeiro, em relação a como o Edson falou do que é importante que a música fique marcada para o aluno. Lá em São Carlos nós temos um projeto de recreação e curiosamente eu recebo muitos pais que já foram alunos da recreação. E ele sabe o quanto que é bom e o quanto que é interessante ter os filhos na recreação, né? Então, eu acredito, assim, que para vários nichos têm valorização, sim tem esse reconhecimento com as nossas aulas, né? E agora, pegando um pouquinho aí, também, do que o colega falou, se eu não entendi errado, eu acho que... Eu concordo, eu acho que... Eu me questiono se essa desvalorização, essa falta de reconhecimento, tanto no nosso meio acadêmico, quanto na população em geral, que realmente nós não fazemos alguma coisa, ou eles não percebem, ou eles não querem perceber. Porque, realmente, existe essa cultura do brasileiro. Por exemplo, todo mundo sabe, por televisão, por mídia, que precisa aproveitar para ter desculpas. Mas, brasileiro, ele acha todas as desculpas do mundo para não ter feito. Assim como para ir para a academia, todo mundo sabe que é importante encontrar uma atividade física, é isso. Se você perguntar alguma coisa para a pessoa, atividade física é legal? É. Vamos fazer? Não. Não tem tempo, não sei o quê. Então, eu também me pergunto até onde, dentro do nosso meio, na escola, os professores não nos notam, ou até onde é conveniente não sermos notados na escola? Eu acho que pode ter muitas questões de conveniência. Pode ser útil que a educação física não tenha um certo destaque. E, infelizmente, eu já encontrei vários professores que viam a educação física como concorrência. Infelizmente, graças a Deus, eu lá no passado. Mas eu já tive colegas que tinham ciúmes, não queria dividir os alunos deles. Eram apegados aos alunos. E, na cabeça deles, se o professor de educação física era o professor mais querido, aquilo despertava aquele sentimento dele que ele estava perdendo a propriedade sobre os alunos dele. E o professor de educação física estava roubando, entre aspas, os alunos dele. Então, é essa questão também. Será que é essa visibilidade que nós não temos muitas vezes também? Não é necessariamente porque o pessoal não sabe da importância da educação física. O que é isso, como é? Temos uma conveniência? Como querer aceitar ou não? Como não querer concorrente dentro do seu espaço?

Pesq - É, é tudo isso.

Dante - O mais ampla dessa ideia, esse pensamento, das pessoas é influenciado o tempo todo por vários grupos que você pertence. Então, é difícil a gente mudar. Eu costumo dizer que o maior inimigo nosso da educação física é justamente a tecnologia. Essa internet o videogame da hora, a TV, Netflix, tudo faz com que a pessoa se sinta bem em casa, lá com o professor com a pipoca, tomando uma

cervejinha no jogo, a hora que ele quiser, em vários canais. E aí, assistir isso, assistir esporte, não é algo que valoriza a educação física. Não é algo que faz o cara ir lá jogar, participar, ou brincar com o filho. O que vai fazer esse cara mudar, realmente, é a necessidade de ele fazer aquilo. É enxergar que, nossa, eu preciso ir para uma academia. Nossa, eu preciso jogar com o filho. Eu preciso fazer algum esporte porque eu estou ficando doente. É aí que eu acho que a água bate na b*** e as pessoas começam a se preocupar. Sabe? Então, a gente está brigando o tempo todo. É muito mais legal jogar o jogo de ver vídeo game que fazer esporte, ou não? Pelo mínimo tecnológico que nós vivemos hoje. É muito da hora, que muito vai gostar.

Pesq - Do que vocês falaram sobre a valorização, dessa necessidade de autoafirmação, de demonstrar ou não, infelizmente, não foi todo mundo que deu sua opinião. Cris, você também, por favor, quando quiser, se quiser. Mas, o que passa na minha cabeça é até que ponto essas mini coisas que acontecem vão impactar diretamente naquelas macro coisas que vão acontecer, tipo, no dia de escolher material, não, nem sabe o que está fazendo. Então, como que isso vai afetar aí, como é que isso vai chegar no final? Isso é o que eu vou tentar fazer na última, no último encontro. Como é que isso pode estar impactando lá na política pública? Porque a minha dúvida no trabalho, minha questão de trabalho não é se a gente está fazendo. Porque eu confio no grupo, que eu já trabalhei com vocês e estou trabalhando de novo. A ideia é por que que conhecendo esse grupo vendo jeito que a gente trabalha ainda assim, eu particularmente enfrentei todas essas situações aqui, eu particularmente. Muita gente que possivelmente tenha enfrentado alguma coisa dessa daqui e umas a gente enfrentou juntos, mesmo que eles não tenham falado, mas a gente enfrentou juntos algumas dessas coisas e ainda enfrenta. Eu acho que uma coisa ai estar impactando na outra. Sabe aquele efeito de domino? Na minha cabeça, né isso que acontece.

Tomas - Eu passei por um episódio! Até comentei com você esses dias, que eu fui pegar uma turma em outra escola, a professora deu pra mim falou vai lá fazer suas cantorias que eu vou resolvendo aqui. Então ela tem essa visão que eu só faço cantoria. Aí hoje, estava na escola, ela chegou para fazer alguma coisa, e ela viu a aula e ela parou na porta e ficou vendo. Eu perguntei você queria alguma coisa ela respondeu que não só porque ela achou interessante. Entendeu? Então ela viu que não é só a cantoria.

Dona - Interessante, a cantoria de sua aula de massinha está boa?

Risos

Neni - Se fosse só uma cantoria não era ruim né porquê...

Tomas - Era um círculo sabe um círculo na cadeira, E ela viu o desenvolvimento da atividade ali. Então, eu acho que ela viu que não é só cantoria. Então, acho que às vezes falta também elas, né?

Pesq - É, isso que...estão muito agitados hoje, vai lá.

Dona professora - Vai lá gastar energia na quadra.

Pesq - Sim. E aí eu penso, você falou, "ah, falta elas" ... elas não vão ver. São quantos anos, desde o século 17, que o mundo está dentro da escola, de uma escola tradicional, que ninguém vem ver. Esse é o ponto. É que a gente vai ter que fazer em algum momento, ou fazer, ou falar, ou demonstrar, ou... Não sei. Porque, de novo, algumas coisas incomodam. Inicialmente, o trabalho era isso. Por que incomoda eu que não incomoda o Cross? No começo era isso. Mas hoje, hoje não, depois de começar a desenvolver, a ideia é, se incomoda um, não incomoda outro, mas impacta diretamente na área, né? Na minha atuação enquanto docente, na minha atuação profissional, enfim. E na minha área, no meu componente curricular, o que eu vou

fazer? O que eu posso fazer? De acordo com cada... De acordo com a característica de cada um, do que cada um considera que sim e que não. Dentro do escopo de possibilidades, de ideias de cada um, o que cada um consegue fazer individualmente, além da atuação, porque a atuação a gente já tem, a gente já faz, né? Para conseguir atingir uma melhora da visão da educação física. Conseguir me explicar? Será? Talvez sim, talvez não.

Dante - Vou contar um caso aí, que você estava falando aí, das pessoas que não...da comunidade normalmente, no caos, né? Uma vez uma mãe, numa reunião de pais, falou que não gostava da minha aula sem nunca ter visto. Porque o filhinho dela corria muito só. Exatamente isso. Então, assim, e isso não chegou em mim. Isso eu só fiquei sabendo numa outra escola, porque o filho em questão era sobrinho de uma professora. Você ficou sabendo, não, aí a diretora na época filtrou isso, a professora filtrou, a diretora filtrou, e deram uma na mãe. Vejo que nesse caso teve uma própria valorização da própria comunidade escolar, que foi o caso da professora e da diretora, foi assim, né... Maluca, para isso? Dentro daquilo que eu estava. Ou você quer, que o seu filho fica jogando videogame? Pergunta para o seu filho, se ele não gostava, ele adorava, correr na aula. Mas parece que é um pré-conceito. Como foi o caso da professora T, sim. É algo que está enraizado nas pessoas ainda por diversos fatores. E aí eu venho com o que você falou. Não sei se é o caso de valorização, de falta de valorização, ou se é essa falta de percepção ou se deixa...O que eu quero acreditar é isso aqui. Uma forma de se enganar, na verdade. Ou você acredita em qualquer coisa, ou você acredita na primeira coisa que você vê. Então, são formas que a pessoa se engana. Isso é para tudo, que a gente está vivendo na nossa sociedade, que é coisa de louco.

Pesq - Manda o papo.

Cross - Então, tudo aquilo que a gente conversou e tal, falou sobre a utilização de tecnologia como meio de armazenar informação e tudo, eu acredito que seja muito importante a filmagem, não para provar nada para ninguém. Nós fazemos as nossas correções em cima de coisas que filmamos, porque nós, como professores de educação física, não somos, eu pelo menos falo por mim, bons redatores. Nós não escrevemos, muitas vezes, muito bem, para dizer exatamente o que acontece na aula. Colocar no papel uma situação é muito difícil, porque muitas vezes nós preenchemos o diário uma vez por semana, uma vez a cada duas semanas, e aquilo, por mais impactante que tenha sido o tempo, corroe a informação. Ao passo que, se você usa um recurso de tecnologia, através de filmagem, apresenta isso para o seu aluno, para fazer alguma curva de correção, uma atualização e tudo, fica muito mais fácil. E porque colocar no papel o que acontece numa aula, é muito difícil. Aspectos positivos e negativos, relações, intercorrências que acabam acontecendo fora e dentro da nossa vontade. Muitas vezes, nós esperamos, criamos uma expectativa sobre uma brincadeira apresentada e essa expectativa não vem no modelo imediato. Isso acontece no decorrer de outras aulas, por consequência de uma normatização, de um protocolo, de um formato, de um jeito que foi apresentado à criança.

Eu acho, não, tenho certeza, que a criação de regras, conhecer regras, seja ela do esporte, a princípio, para jogar, para se divertir, ou para cumprir com seus compromissos, com aquilo que é tudo consumido dentro da escola, ela criança, tem que estudar para a prova, tem que repassar que foi visto, tem que ser feito. Quer dizer, esse tipo de regra, de cobrança, ele pode entender mais facilmente e logo cedo, porque a prova para uma criança

é inédito até o seu terceiro ano, mas as provas de vida acontecem dentro das salas de conhecimento que acontecem o tempo inteiro. Eu acho que o recurso, a tecnologia

nos ajuda, independente de para quem se mostra, para você, eu acho que pode ser muito importante.

Dona - Tem mais uma coisa que me fala sobre isso, tem uma turma minha específica, que o uso está sendo repensado, inclusive, por meio até de questão de, sei lá, prova. Por quê? Entra nessa questão de pessoas externas e comunidade questionou. A quadra da escola que eu trabalho ela tem certos pedaços que ela é vazada. Tem uma avó de um aluno específico, que deu agora para todos os dias ficar parando ali, já inclusive, com o uso de celular na mão, não sei se me filmou, se filmou minha aula, se não filmou. Calhou muitas vezes no estar indo para ver o neto, chamando o neto, atrapalhando a minha aula, inclusive. Passei isso para as pessoas, foi dito que, segundo a própria pessoa que estava lá, “ah, estou admirando o trabalho”. Estou admirando, vírgula porque já aconteceu deles irem fazer muitas reclamações na escola de como o neto é tratado, sendo que aquilo não era verdade. Então estou repensando neste caso específico em gravar para ter uma possível prova de que ele participa, de que ele não excluído que ele não passa por nenhum tipo de situação vexatória, igual já foi dito em outros momentos. Ainda não dos meus, né? Mas para me resguardar de certa forma disso também. Nesse caso, vai ser único e exclusivamente para isso. Então, esse é um problema, que eu acho que, caso aí, um impacto consigo também de certa forma, porque a princípio é observar e admirar, só que até que ponto? Pegar um celular para me gravar? Eu não autorizei ela me gravar. E eu não saio divulgando rosto de aluno no meu insta. Todas as coisas que eu já coloquei de aluno é apagando rosto, né? Então, assim, ela não teria direito de estar me gravando. E não sei para quê. Ah, meu neto não estava participando, mas a senhora viu o contexto.

Aquela atividade não era em todos que estavam trabalhando ao mesmo tempo, sei lá. Uma atividade, inclusive, em um dos dias, que eles estavam vendados. Eu não conseguiria colocar todos vendados ao mesmo tempo e garantir a segurança de todos. Então, obviamente, foram de quatro em quatro crianças. E aí? Ah, meu neto não estava participando. Por quê, professora? Então, deixar isso gravado de certa forma vai me ajudar a responder, se for necessário. Que infelizmente, hoje em dia, a gente sabe que tem muito tipo de ataque em professor. Enfim, de a casa para as duas.

Minions - Eu vou falar um pouco sobre a divisão do espaço. Eu sei que está acontecendo isso em escola grande, né? Mas vocês não estão tendo problemas com isso. Nós já dividimos quadra também, lá no (ocultado) e nunca tivemos problemas porque estava dentro de um mesmo contexto de educação física. Uma professora de uma escola que eu dou aula, manhã e tarde, me pediu para dividir a quadra de manhã. Eu falei: sem problema nenhum. A metade da quadra eu estava com os pequenos, ela foi.... Num determinado momento, ela abriu uma tapuer de gelatina. E começou a dar gelatina para os alunos dela. E aí, é o projeto dela, tudo bem, não sei qual era o projeto dela. Ela não disse isso, que ela faria isso, tá? Não disse nem a direção de dividir a quadra para isso. Os meus, o pré, simplesmente parados e ficaram assim (expressando curiosidade e vontade). E aí, não tinha gelatina para os meus? Não tinha. Isso foi de manhã, à tarde. E aí ela entrou eu saí. Eu simplesmente parei a minha aula e saí com o pé. Porque aconteceu a mesma coisa. Tá? Eu me dirigi a direção e expliquei. Olha, ela pode usar a quadra quando ela quiser. Se ela quiser usar a quadra toda, é só me avisar. Que eu faço as minhas aulas em outro espaço. Ela não pode comer outra coisa na frente dos meus alunos. Se ela tiver para os meus, se eles estiverem autorizados a comer, porque se a criança tiver alergia ou tiver algum problema, que não pode comer aquilo? Tudo bem. Mas comer no meio da minha aula, aí eu já acho que é demais. E o que aconteceu? Ela não olha na minha cara.

Dona professora - Mas aí eu já acho errado. O professor de sala... ir usar o nosso espaço... Que já não é muito.

Minions - Exatamente, mas a partir do momento que ela me pediu “posso usar hoje?”. Ok. Mas aí ficou uma coisa, né? E aí, de vez em quando, se você tem alguns problemas assim, semana do brincar, semana da criança, o desses que tem que fazer atividade para tirar foto e mostrar. Você está lá dando a sua aula, e de repente você vê uma invasão de aluno com a professora da sala. Sem perguntar pra você se tem algum problema. A hora que você vê já invadiu. Fora Momentos específicos, tipo, que vai ter desfile, “vamos ensaiar?” Ai aparece na quadra e você fica: Ahn?

Ax - Mas aí eu acho que está uma questão de Diálogo. Inclusive, por exemplo, eu sei que tem professor que é veementemente contra o professor de sala tirar aluno. Eu já não sou assim. Eu tenho uma questão de aluno. E a minha parada é assim, qual o impacto que vai ter nisso? Principalmente na criança. Como você falou, se o impacto for muito negativo, tipo ela quer tirar toda aula o aluno. Aí não dá. Mas assim, se ela tira uma vez e de repente aquilo causar, ou gerar, uma mudança positiva do aluno, quem sabe? O diálogo é importante.

Lock - Muitas vezes eu acho que é útil até para nós essa retirada, porque o aluno também dá o mesmo tipo de problema na nossa aula. Então meio que fica funcional.

Ax - Sim. E eu tenho uma questão da psicologia. Isso a gente vê muitas vezes na relação dos filhos com os pais. Quando um pai é mais paciente o outro é mais rígido, a criança sempre acaba indo para o lado da pessoa que tem o coração mais mole e tal. Eu acho que a criança na escola também explora essas falhas. Se a gente fala a mesma língua, de uma certa forma a criança não se vê como opção a você cooperar e desenvolver aquilo que é pedido por todos. Porque ela sabe que não vai ter saída. Porque eu já tive, vamos dizer assim, não faz nada, veio para a aula de educação física e a comida. É duro, sabe? Eu vejo quanto o aluno atrapalha. Quem sabe tirando uma vez ou outra e colocando ele para fazer atividade ou falando que você tem que fazer essa atividade senão você não vai entrar? Talvez ajude, né?

Dona professora – Beijo do gordo!

Pesq - Gente, eu vou ter que fazer igual o Jô Soares “Uma delícia essa conversa”. Mas, infelizmente, acabou o tempo. Eu queria pedir para vocês, encarecidamente, que refletissem sobre as questões que eu coloquei para a gente discutir na última reunião. Agradeço a presença de todo mundo. Deseja boa noite. Agradeço as contribuições. Beijo da Goida.

Transcrição Roda de conversa – 5

Pesq – Boa noite, pessoal. Infelizmente, o último encontro que eu acho que a gente quer... Eu precisaria de mais! Mas é o último encontro que a gente faz para a coleta dos dados da minha pesquisa, eu pretendo defender em março e.

Pesq - Eu vou começar. A gente vai fazer, vou fazer uma retomada rapidinho com vocês. Sobre o que que a gente trocou uma ideia até agora, né? Primeiro, agradecer de novo, né? Todo mundo que participou, todo mundo que se que está engajado, que que respondeu as pesquisas, que tem estimulado nas próprias escolas, né? As professoras a responder, porque já falei, mas a professora de tanto, todo mundo da escola está. Docentes é coordenadores e diretores. Antes, todo mundo está convidado a convidada a responder. Não é isso também é. É dado para minha pesquisa. Então obrigada. Aí quem tem apoiado? Tenho recebido mensagens de professoras falando há não recebi no grupo da escola. Manda aí de novo. Posso mandar no grupo? E aí tô mandando disparei de novo hoje no (ocultado). E quem acha que não foi na escola pode copiar e colar que a gente tem autorização da Secretaria, então pode mandar,

tá? Foi solicitado para as diretoras inicialmente, mas nesse momento da minha vida, podem mandar. Se sentirem à vontade, então? A gente fez. 4 encontros, né? 2 encontros foram adiados por conta de ... da demanda da Secretaria e da organização das escolas. Hoje, infelizmente, a gente está com menos algumas pessoas que não puderem estar, mas que contribuíram. Já em muito, né? Algumas situações, então, o primeiro encontro eu apresentei a proposta do trabalho. Eu falei pouquinho para vocês sobre o mestrado profissional. No segundo encontro, a discussão foi sobre infraestrutura. A gente fez aquela dinâmica de desenhar o lugar que a gente trabalhava e os materiais. Que a gente tinha disponíveis e fez uma discussão sobre isso. No terceiro encontro, é... Foi mais focado...é... é em materiais e verbas. A gente fez aquela lista de 10 itens, pelo menos com justificativa. É porque você compraria aqueles 10 itens, imaginando que nós fomos contemplados com uma compra pela unidade escolar. o último encontro a gente discutiu algumas climáticas que eu vou apresentar de novo e hoje é o último encontro é de compartilhamento. Eu pretendo fazer um encontro posterior depois que eu terminar, né? Para trazer para vocês é algumas das discussões geradas na análise. E também vou disponibilizar o produto educacional e a minha dissertação. Vai ser pública, claro, para quem tiver interesse. Curiosidade em acessar. Então, no último encontro que a gente teve, eu trouxe algumas, temáticas para a gente poder conversar. No entanto, a temática 10 foi a que mais tomou o nosso tempo. Assim tomou e não no sentido ruim, mas que a gente discutiu mais sobre o item 10. Está ruim para ler? Eu não tô achando onde é que apresenta aqui, tá?

Neni- Nesse quadradinho aí embaixo.

Dante – Aí ou nessa setinha do lado.

Pesq – Vou ler, né, de novo e a ideia é que a partir dos temas, quem for tendo insights de situações que gostariam de colocar para discutir. Né? Lembrando que depois desses dados que foram coletados, eles vão ser analisados. Vão ser comparados com outras literaturas e outras pesquisas para ver se as situações são comuns ou não. O que é novidade ou o que é interessante da gente discutir mais a fundo? Então, os 10 temas foram. O primeiro foi o impedimento de utilização do espaço para dar aula. Então, assim, tudo o que que a gente vê aqui eu penso é, é eu. Eu fiz pensando nas discussões que a gente teve já. E na coleta de dados dos questionários. EE. Aí eu fui colocando assim, mas para vocês pensarem situações que vocês já passaram ou não passaram. E também, o que vocês acham de cada situação? Então, a primeira seria o impedimento da utilização do espaço para dar aula. Quer qualquer qual seja o motivo... segunda a divisão do espaço de aula com outra turma e professor. Hã... alteração de planejamento por questões climáticas ou de alteração de calendário, como eventos sem aviso prévio? Que é isso é que afetam também as nossas aulas e a nossa situação. O quatro ficou aqui, mas são pessoas externas que tentam impossibilitar a participação dos alunos nas aulas, que foi o tema do meu TCC. Lá em 2.017. Situações ou comunidade escolar que questiona, né? Os conteúdos ou nossas formas de trabalho? Situações de estabelecimento hierárquico entre professores e alunos e preterimento em temas escolares. Então seria a situação de... Eu acho que eu exemplifiquei às vezes a gente fica na sala de aula, precisa é daquele espaço. E aí o outro professor, outros professores, né? Porque a gente quer colaborativa também. Mas elas ficam lá dentro, aí a confusão fica estabelecida assim, porque a criança não sabe, não sabe não, mas a criança se reporta a 3 pessoas ao mesmo tempo. Às vezes a gente está dando aula e tem 2 pessoas conversando, 2 adultos conversando, além das 20 e poucos que a gente já tem. E o preterimento, em termos escolares, seria? É secundarizar a educação física mesmo, né? As áreas específicas, deixando um pouco de lado, só lembra, só ficando em evidência quando é para

alguma situação mais é dançante ou esportiva. Não é, procura mais a gente nessas situações. Hã... A participação dos colegas em colegiados não é, então, a associação de pais e mestres em, como chama, conselho de escola, conselho de ano, as documentações... é relacionadas as demandas que a gente tem versus o tempo que a gente tem para atender essas demandas, né? E que eu, particularmente, não. Não acho proporcional é a demanda por número de alunos de unidades escolares. Né? Como que isso afeta o trabalho de cada um? Quem dá? Nenhuma escola, só quem dá, nem 345 escolas. E como isso afeta tanta questão de organização de horário quanto organização de... das demandas do item 8? E, por último, a necessidade de Exposição pública para notoriedade é se isso gera uma consequente valorização, é. Como uma reação em cadeia da área, não é? Eu me lembro que a gente ficou nessa discussão mais relacionada. AA, essa exposição em mídias sociais, não é? Mas essa exposição também diz respeito à apresentação de trabalhos dentro da escola. Exposição é de mostra do nosso desenvolvimento, das nossas atividades etc. Então eu gostaria que alguém se tenha tido alguma. Alguma ideia, alguma situação que queira compartilhar? Pelo sim, pelo não sempre, né? Sempre é para dar um start aí na nossa conversinha de hoje. Aí depois a gente hoje eu não vou fazer uma dinâmica, eu vou fazer. É uma nuvem de palavras. Mas vai ser depois dessa discussão aqui. Tudo bem, podem analisar, pessoal está muito pequeno?

Neni - Eu acho que é uma questão dez a gente já conversou bastante, né? Eu queria abrir conversa com a com a número 2 ali, que a adesão de passo de aula, que que é preciso parecer negativo, né? Mas nas escolas que eu trabalhei é aqui, as quadras são tão grandes e tal, e ele trabalha com as crianças que são menores, então eu não vejo uma dificuldade na nessa gestão do espaço. Eu vejo só assim, só não, mas bastante pontos positivos, né? Principalmente da troca de ideias ali dentre os professores, de atividade ou de uma conversa, né? De análise, do comportamento de um aluno ou de outro que a gente fica meio solitário ali na, nas decisões do que fazer, nessa que levou. Não. É. Tá, tá. Tá se comportando de maneira adequada a sua maneira de falar com ele, não é? Eu, por exemplo, eu tenho certeza que eu grito menos quando eu tenho outro professor. E às vezes se torna benéfico para os alunos. Inclusive a gente consegue juntar, dar aula junto com um aluno que tá tendo dificuldade. Lá vem pra minha turma. Eu acho que essa questão em que a princípio parece negativa é para mim aqui na cidade, foi bem positiva. Diferente do estado? Na escola que eu trabalho aqui, lá é impossível dividir o espaço. É muito restrito. Onde eu trabalho lá para menor do que a metade, da quadra do Vera, então há realmente é impossível dividir com alguém. Quantidade de alunos é muito maior, né? Mas aqui as oportunidades que eu tive de dividir quadra foram sempre positivas, de olhar uma atividade todo está fazendo isso, né? Eu vou incorporar isso, ou pelo menos uma parte daquilo, acho que é positivo.

Dante - Eu queria também começar a falar sobre. Tô pensando em falar da 2 e da 9... É junto, eu já enxerguei aspectos positivos também, como Neni falou, é, mas. Também tem uma parte negativa. Por exemplo, um. Uma situação que eu vivi. No vera, por exemplo, que eu tinha um segundo ano, estava no segundo ano, por exemplo, outro professor estava com um terceiro ano, né? Ou eu estava com o primeiro e tal, com o segundo tal, idades mais próximos? E aí eu dou, por exemplo. Uma atividade na pacman, né. Que eu gosto de dar a quadra toda porque eles correm bem mais e tal, né? E eles adoravam. E quando estava outro professor junto, não dava porque ficava muito aluno para metade da sala. É. É espaço reduzido, não é aí já mandei para o professor. Vamos misturar as turmas. Aí a gente fazia junto lá e tal, e foi muito engraçado que era uns dele que eram maior e tal, não sabiam jogar. E os meus, que

era viciado em jogar aquilo aí. Hoje, por exemplo, eu já dividi bastante. Né? É com o Rafa, né? E aí eu estou com os pequenos aí ele está com o quarto e destoa muito. Então eu nunca pedi para ele por causa disso. Vai estar ruim de pegar o primeiro ano. Um quarto ano, né? Então acaba ficando. É, é ruim, é. E aí até a 9 também, é? A escola que a gente tá? Trabalhando não é muito grande, não é? E tem muito aluno nossa. Entendi aí piora ainda mais o quadro, né? Porque fica muito eu não ficar 30. Um lado, 30. Do outro, numa quadro, pode até ser grande, mas os alunos já são maiores e tal, então? É. É, dificulta até pra você, né? Criar a, né? A querer fazer a queimada, querer fazer ó as atividades, né? De maneira mais satisfatória e tal, então. Tem seu lado negativo, também.

Pesq - Aí eu particularmente, também acho. Que essa divisão do espaço pode ser a Quadra ou. Ou pode ser essa ou qualquer outro espaço, né? Então é particularmente em questão de dividir a Quadra com outro professor, assim de que não seja de educação física. Esse ano eu não lembro de ter acontecido, mas em algum momento da minha vida docente já aconteceu da gente de eu ter que ficar metade da Quadra, porque outra professora veio fazer alguma atividade. É, e aí essa divisão eu sinto. Que como a minha prática é aquela que tem esses pontos, né? De pô, eu, Neni, ano passado lá o aluno causava na minha, eu não conseguia dar aula e ele ia lá e ele ficava numa boa lá, tranquilão. É mais assim do que impacta na minha prática, porque os meus alunos eu estou com a educação infantil esse ano, né. Eles tipo, qualquer coisa é motivo pra dispersão, né? Então, eles não. Eu não consigo fazer isso. É uma questão de reflexão minha também, não é? Não consigo fazer que eles prestem atenção em mim. Você tem outra, outra turma? Eles ficam muito mais ligado. No que que o outro está fazendo? No que que é? Outras coisas tão fazendo e tal. Então, assim, impacta na minha prática, nesse sentido de organização, é mais difícil. É mais difícil para comunicar. É mais difícil. Quando eu estou dividindo o quadro com vocês, eu sinto que é na turma. Está atrapalhando as vezes, eu? Eu quero explicar uma coisa, eu tenho que. Ficar todo, vem cá, pessoal? Aí eu quero falar baixinho, mas às vezes. Eu falo “galera, desliga buzina, vamos correr sem, sem gritar”. Não adianta. Então eu sinto que impacta nesse sentido, sabe? De organização e de dessa sensação de estar atrapalhando, a aula do outro, prô da outra, prô também.

Cross – o nível de ruído, eu acho que. É o maior incômodo. Na união de grupos, mas como o Neni falou, o professor falou, é essa união a os parceiros que a gente tem. Eu sempre dividi Quadra, um outro professor, vocês conhecem o professor antigo, cheio de processos, conhecimentos e tal? É legal. Eu divido hoje em Quadra com a é, com a Minions também é ótimo. Mesmo sendo crianças de tamanhos muito diferentes. Nós não chegamos trabalhar juntos. Com a turma. Mas a gente convive bem, eu não acho que ninguém atrapalha. Agora dependendo do grupo que você está... É isso que você falou? Existe um certo incômodo gerado pela atenção da criança à novidade. Independente de ser pessoa, e agora. O problema de ocupar o seu espaço com maior, com uma atividade diferente. Tá, é, eu chamo de nosso espaço, porque os professores também. A sala de aula é. É do professor, eles encaram dessa forma também, então a gente para ser respeitado. Tem que respeitar, também. É assim porque a gente tem uma um nível de convivência. Bom, podia ser melhor. Eu acredito que sim. Mas é usado diversas estratégias por muitos de nós, para ter essa convivência de razoável para boa. Né? Mas, se não tiver jogo de cintura. A gente, tava falando disso antes de entrar... A gente não convive, não consegue conviver. Não é “Ah por causa desse problema, daquele” não! Todos temos, todo mundo tem, não é? Hoje nós nos reunimos na expectativa de discutir e tentar melhorar, amenizar, determinada situação, né? E tem uma visão por outros ângulos também. A gente aprende um com outro. Isso aqui

de dividir um espaço, a gente acaba aprendendo, ensinando as nossas experiências. Tem um lado positivo como eles falaram. Agora tudo tem 2 lados né. Não tem como ser muito bom nem tão muito ruim então vamos ficar na média né.

Pesq - Essas temáticas aqui são. É, eu tenho que trabalhar numa perspectiva de que algumas coisas, né? Não, não. Algumas coisas não. Tudo é importante. A. Gente identificar primeiro pra gente saber é a posição. E é a base de tudo isso. Aqui vai ser a comunicação, não é para analisar, então tem temáticas que vai ser diferente para um e. Para outro. E tá tudo bem? A intenção mesmo é que a gente olhe pra isso enquanto é coletivo mesmo. Então, olha, eu identifiquei isso na minha aula. Ele identificou? Você identificou todo mundo, indicou. É uma coisa comum. E aí, de repente, estava pensando enquanto vocês estavam falando, por que que isso acontece? Não é a gente ter essa demanda de dividir espaço. Porque tem escolas que têm, são muito, tem muitas turmas e também porque questões particulares. Nós, às vezes a gente precisa é adequar os horários. É de acordo com a nossa demanda em outra cidade, às vezes por acúmulo. É então por que que às vezes a gente fica em 3 que a gente não tinha outro horário para colocar aula, né? E. E aí já vou além assim, pra mim é, por que que a gente tem que trabalhar em 2 cidades? Por que a gente não ganha o suficiente, é? Então uma coisa vai levando a outra.

Dona professora- É, eu acho que ... não é o problema em dividir, é com quantos. Não é por nada, mas assim o (ocultado) ano passado de quinta-feira de manhã, era eu, Ax, e outro professor. Era uma turma de quinto ano, e duas etapas, geralmente ficava no gramado, que tem a parte dos brinquedos. Só que direção, coordenação, sempre reclamavam que eu estava no gramado, falavam que eles estavam muito livres, mesmo sendo atividade dirigida e eu de olho na criançada. Só que como eu vou colocar 5º ano com 2 etapas? Bom, é esse ano, geralmente de segunda e terça, quando eu estou quase terminando na minha última ao Ax chega, chega ao Nene, e quando ele está quase saindo está chegando outro professor. Então, chega a quase 4 numa quadra. É aquilo que a gente fala. É, é assim, é ruim, dividir com muito. É ruim. É legal porque a gente troca experiência, dependendo do nível da outra escola já juntamos e fizemos pic bandeira enfim... Só que em quantos? Aí fora isso tem a questão de professor de sala, não tem problema, dividir a quadra em si, quando é previamente combinado? Ó, eu preciso. Tem como? Não, tem como beleza. Mas você está lá dando a sua aula. De repente, vem aquela sala, você fala "Meu?". Ai, gente, preciso usar a quadra um pouquinho, pode? Para quê? Para ensaio de musiquinha, para fazer uma atividade da semana da criança. A questão, não é por não dividir a Quadra. É a gente chegar e conversar. "Não é que tem algum horário que dá para usar melhor? Por que vocês são em muitos? Conversar, ensaio do desfile da cidade. Estou dando minha aula. De repente eu vejo aquele batalhão do pessoal da manhã e da tarde, invadindo a Quadra. Olhei "O que ta acontecendo?", "Ah, a gente vai ensaiar para o desfile!" E ninguém avisa? Aí sai, aí você volta para quadra, né? Você não pode ficar aí, você mal começou a atividade volta todo mundo para a quadra e aquele fuzuê todo mundo bravo, porque você tá lá na Quadra..., mas por quê? Aí, dias de chuva, ou você pretende fazer alguma atividade em sala. Você vai, fala "Professora, posso ficar na sala?" Tem professora que não gosta! Porque ela acha que a sala é dela. Pelo contrário as salas são dos alunos. Ela está ali como a regente daquelas sala, mas se eu preciso da sala com os alunos, no meu horário. Eu tenho todo o direito de usar, mas tem professor que não gosta. Mesmo você chegando pedindo educadamente "olha, vou usar hoje posso?" Entendeu? "Ai, hoje eu saio!". Já falou, olha, preciso terminar o negócio. **Pesq** - E tem que nem sai assim...

Dona professora – Entendeu? Aí “Mas eu preciso terminar um negocinho... eu te atrapalho ali no canto?”. Eu não tenho problema, pode ficar. Mas assim, o que me incomoda é a fala que “não vou sair porque a sala é minha”. Não é! A sala é dos alunos!

Ax- É uma ferramenta da escola, né? É ... inclusive também penso, assim quanto a quadra, né? Assim como a aula, né? É, eu acho que assim, a gente tem uma tendência a ficar em um certo ponto, não é? Professor de educação física, geralmente fica na quadra, né? E o professor sala fica na sala? Mas, assim a gente consegue fazer né a transição, mas eu tive que 2 casos também. Assim, eu tento ser proativo com os professores, me dar bem com eles, só que eu tive 2 casos. É, não? Nenhum professor de educação física, mas foram o professoras de sala. Que era uma... É porque ela realmente não queria, é a professora tal.

Dona professora - Nossa ela realmente não gostava de sair da sala. No finalzinho do ano passado, acho que era a última. A minha última aula de educação física. Os alunos todos arrumados para a Festinha, que era minha primeira aula, falei ah, não vou levar eles para correr e rolar no chão e se sujar pra festinha. Fiquei em sala “Ah, mas eu vou usar a sala” e eu “Tá, mas eu vou ficar na sala” e ela saiu bufando e batendo as tamanquinha dela.

Ax - Tive que inclusive nessa situação, chamar diretora, porque ela falou mesmo que não ia sair, tal... aí, tá, acabou saindo, né? Aí tinha uma outra, teve uma outra que foi ano passado, eu volto para as crianças do pré um pouco antes, para a sala, porque eu prefiro que eles entrem e que eu vá controlando. Para beber água e ir ao banheiro. É tem vez que, por exemplo, agora, agora, no final do ano, eu já, eu já. Consigo ter um, Controle maior da Turma aí, então eu consigo soltar eles e eles já vão beber água, já vão entrando, né? Mas no começo é importante, né? Você determinar, ó, é inclusive reduzir grupos e tal para evitar problemas, né? E a professora voltava antes, ela ficava brava. Ela queria que eu entregasse no final do horário assim. E aí, depois, aí rolou uma briga também. Aí depois, acabou que? A gente se deu bem. Inclusive a outra também, né? Resolveu. A gente se deu bem, mas foram situações assim que eu não gostaria de ter passado por um professor, porque é o óbvio. Então é, foi. Foi chato assim, mas eu acabei tendo que fazer, né? Inclusive, as vezes eu aplico o corretivo assim, de leve, nas professoras. É? Já aconteceu de caso da professora alinhar os alunos da porta para que eu chegasse. Na sala e nem entrasse. E eu tenho costume de entrar e fazer chamada, então faço dentro da sala, né? E aí eu? Tive que retornar todos os alunos para lá. Fiquei uns 20 minutos conversando com eles meio que de propósito mesmo, mesmo pra provocar, é certo? É, foi necessário algumas vezes ter que. Né, falar “O”.

Pesq - Aquele é óbvio, mas é o óbvio que precisa ser dito, ainda

Ax - Às vezes, precisa.

Dona professora – A questão de demanda por número...Varia muito de bairro. para bairro, no (ocultado) eu pude perceber no torneio de queimada tipo quarto e quinto ano uma média de 16 alunos 19. No (ocultado) é 27/28, então eu acho que aí a questão também de não só... Assim a prefeitura vê que tem uma demanda muito maior. O cruzado muito facilmente comportaria uma escola só de educação infantil. O pavilhão que é do infantil podia ir para essa escola, passaria. Poderia diminuir consideravelmente o número de alunos nas salas. Aí de 30. la cair pelas 22/23 por sala.

Dante - Eu acho que essa questão também entra muito ali na parte de Infraestrutura. Lá no Cruzado podia ter uma escola de infantil, a gente já discutiu ali onde tem a quadra de areia, podia ter uma quadra menor para que pudesse levar as etapas lá.

Por exemplo. A própria Quadra, né? Ela não tem escoamento de água. Ela é toda torta que isso faz muita poça, não tem como tirar água aí.

Dona professora – Os alambrados quebrados, que quando a bate a bola estoura.

Dante - Então, assim são, são. Você estava dividindo com um Monte de gente? E, de repente, a condição Climática te tira na Quadra. Te obriga a fazer uma coisa. A própria diretora veio para. Uma vez eu fiquei. Eu fico naquela analisando lá, olhando as aves de onde vem o vento? Não sei o que, e tal fala que não vai chover mais? Vou tirar agora.

Pesq – Marujo. Risos

Dante - Aprendi essas coisas.

Dona professora - No meu primeiro ano trabalhando aqui na rede, eu estava dando aula no terceiro na tarde do (ocultado), mas do Nada, gente. Estava lindo o céu, maravilhoso. Saiu o ... mal saiu, de repente, caiu, “chuá”. E eu não tinha como sair com aqueles alunos. Falei, bom daqui a pouco melhora. Começou ventar, era água de um lado, a água do outro puxa criançada pra cá, criançada para lá. E aí, de repente, vejo um ser deslizando de uma ponta a outra. Risos

Pesq - Mudou o planejamento para esquibunda.

Dona professora - até o portão que estava aquele dia caiu de tão forte que estava o vento. Beleza. A hora que eu vi que deu, aquela diminuindo. Eu falei, gente, vamos embora. Voltei, até eu estava encharcada. Chegamos na sala, a professora naquela época era a XXX, a dona XXX estava conversando com ela. Elas olharam “o que aconteceu?”, Ah dona xxx a gente ficou preso na quadra. Caiu a chuva do nada, não teve como prever.

Dante – Ela já sabia, quando vem daqui ó. Risos

Dona professora – Se está fraquinha, a gente junta a criançada e sai fora... Daí arrumou roupa pra todo mundo trocar, inclusive eu, rsrs. Mas assim, no outro dia a direção veio, né (sons de reclamação) mas não tinha como! A chuva caiu de repente, não tinha como sair! Tem coisa que acontece que não é porque a gente quer, você acha que eu queria deixar a criançada na água ali?

Dante – Eu não cheguei a esse ponto, mas eu estava assim olhando. Estava no finalzinho da aula também, né. Daí eu vi que ia virar o tempo, começou a virar. IA começar a chover de lado. Falei bom vou ter que sair não tem jeito por mais que eu seja forte, eles estavam lá vai molhar. Aí eu tirei, eu disse vamos fazer fila aqui, fila única e saí. Tá todo mundo de boa só que sempre tem os indivíduos que querem passar na goteira e, enfim molhou um pouco mais, mais nada de ficar encharcado. Aí a direção veio falar comigo que não pode de forma começar a chuveirar ir pra Quadra porque que não tem dinheiro para remédio porque a mãe reclamou e não sei o quê e não sei o que lá. Você fala então.

Pesq – Então beleza.

Dante – Beleza. Então eu fiquei quieto não é você respeita. Esses dias eu peguei tirei e parou aí você volta...Aí, cara...

Ax - Mas eu estava na escola. Ele é, mas eu acho que eu só não fiquei lá com você porque em 2016 teve um toró que deu na (ocultado) que destelhou a escola. Arrancou telhas e eu já estava meio que esperando. Começou a chuveirar eu falei a eu não vou né.

Dona professora - Esse pequeno chuveirinho dê início o outro professor saiu. Eu falei ó você apertar eu saio, mas não deu tempo nem de eu pensar.

Pesq – Água que Deus manda.

Dante - Tem escolas que são, né? O (ocultado) mais fácil de sair e tal, (ocultado) do sol. Lá no brasileira, por exemplo, nem cheguei falar pra Tânia, pra ninguém. É porque pensei, agora é. Mas poderia ter, sei lá, um zombrelone para levar para a quadra.

Neni - ou faz uma ligação corredor quartinho tem o que... uns 8 m

Dona professora - aumenta um pouco a parte que você sai na Quadra, para chegar na sala de aula ali... Igual fizeram do banheiro para a sala de música.

Dante- IA ser bem mais barato para poder fazer

Pesq - Ano passado eu fiquei presa também numa chuva do (ocultado). Eu tinha uma aluna que era. Al que como ela chamava. Bom, não importa ela tinha deficiência física. É a XXXX E ela não ia conseguir correr. E chuva que Deus manda, né? Catei ela no bracinho, falei, galera, traz o andador dela. Sai correndo. Você imagina se eu Caio com essa menina na chuva. Aí tá feito, né? ... Eu queria fazer um uma observação ali na demanda por número de alunos, unidades escolares. Quando eu pensei nesse tema, foi pensando em tudo que a gente tem que fazer. Eu, por exemplo, para 13 turmas deste ano, para 10 turmas do ano passado. Acho que 13 turma você tem 12 pra ela? Assim, as demandas que a gente tem é em questão de número de turma, que para mim é muito, por exemplo, uma situação que eu que eu já sugeri há alguns anos atrás foi de colocar uma opção no sistema de link. Então olha, esse conteúdo aqui foi dado no pré um a pré um b, no pré um C... e aí...

Coord- imagina os professores de linguagens artísticas são 22 aulas? 24

Pesq – Todos!! Olha, e nem está reclamando. Mas eu com 13 reclamo e vou continuar, rrsrs.

Dona professora – Esse sistema é meio burro, porque assim. Você põe lá, você escolhe a escola, o conteúdo, primeiro ano. A hora que você vai sair ele volta lá no começo. Você tem que escolher a escola de novo.

Dante – Eu falei, se precisar eu ajudo, porque eu cheguei a contar o número de cliques, cara... Você vai lá e coloca o plano de aula, conteúdo, aí você volta tem que clicar, mas não sei quantas vezes. Pensei quanto tempo só de clicar?

Pesq – Exatamente, rs só de clique.

Inaudível – todos ao mesmo tempo.

Pesq – Eu sou a favor da gente construir, sugestões para o sistema mais que tem que mandar!

Coord - Tudo só fez o semanário plano de aula, colocava a primeira aula da semana é a segunda turma que ele vai dar o sistema e conseguir linkar né? Tipo primeira aula da semana para todos os primeiros anos, todos os segundos, é? Essa não se. A gente faz tabela de semanário a gente faz mais sucinta. Assim, põe ali Etapa 1, etapa 2, atividades muito parecidas. A primeira e a segunda atividade principal da semana, porque a semana é dia do sistema. Ele interpretar isso e direcionar para pastas de cada turma. Seria mais fácil.

Dante - Não quer ver outra coisa simples também eu vi hoje... é feriado, você tem que lembrar que é um feriado, sexta-feira, e não do que está lá, e colocar a aula. Certo? Agora, se você entrar no Google Drive, aí que tá no vai no calendário, você já aparece no começo do ano. O feriado do ano que vem! Meu, por que não tem uma barreira ali?

Precisei intervir, pois novamente, todos falando ao mesmo tempo, não permitia a atenção e ficou inaudível.

Pesq – Pera aí, gente. Senão eu não consigo transcrever depois.

Dona professora - não é que assim o sistema de calendário do fiorilli no conteúdo, é diferente do RAC. Que você clica lá no conteúdo ele começa segunda e vai até

domingo. No RAC, começa no domingo e vai até sábado. Cara, isso vira uma confusão.

Ax - Mas é importante lembrar, isso é uma característica dessa gestão. Eles sempre foram muito exigentes na questão do relacionamento, e das sugestões que a gente dava ne, e isto não só pra gente, mas como todos os professores, né? Então a gente sempre dá sugestões a gente sempre tem ideia de como melhorar. E eles acabavam meio que ***** e andavam para a gente, né? com o perdão da palavra. Mas eu lembro né uma situação onde o Dr xxxxxxx, e ele não é doutor porque ele não é doutor de nada mais. É falando que a gente não era professor universitário então a gente não tinha que escolher. De segunda à sexta, que a gente era obrigado a ir na escola de segunda a sexta. Enfim era uma intransigência desse pessoal mais alto. Não é da hierarquia e tal. Então, assim, é mais como um lembrete, né? De que ano que vem vai mudar e que se a gente ficar quieto, talvez não mude nada. Então é bom que a gente leve por demanda, já sabe? É, eu não sei, quanto tempo vai demorar a Transição, mas provavelmente eles vão formar uma comissão, né? E a gente já pode levar essas coisas, já é mesmo que não seja apreciada daquele primeiro momento, mas a gente pode colocar algumas coisas relacionadas pelo menos a atribuição e depois a preenchimento, né? Que vão fazer de uma forma menos burocrática, não é?

Pesq - Mas tudo formalizado, né? Para que seja considerado de fato, quando eu falei com uma pessoa que eu sugeri, eu falei, porque quando eu trabalhei, há muitos anos atrás, o Fiorilli. Já a gente já tinha o Fiorilli só para controle de estoque na educação, e aí às vezes eu precisava falava, gente, isso aqui está horrível, eu preciso tal coisa. Eu falava para os meninos que eles iam lá, e colocava a esse relatório. Está gerando errado? É da forma tipo. Eles entravam e arrumava. Então não é um bicho de 7 cabeças. Então acho que estou de acordo, não é? E estou junto para a gente formalizar essas solicitações pra próxima gestão, enfim, para que que isso seja. Acho que protocolar, então a gente protocolo para a gente ter resposta. Conta isso não é para não ficar, porque eu mandei pelo WhatsApp na ocasião, quando eu pedi, né? Falei, olha, dá para fazer isso, e aí?

Coord - Já foram feitas alterações? Deram assim. Trabalha com oficiais de escola, é planilhas de boletim online que tem que sair das especificações de faltas, faltas compensadas e não. Alguns oficiais de escola pediram para acrescentar essas notificações na própria tabela. E a gente fez um desenho. Os oficiais eram muito importantes, principalmente para o xxxx no (ocultado). E o pessoal da Fiorilli, fizeram uma outra opção de visualização de boletim específico, nesse caso que tinha as alterações que o pessoal achou necessário, até veio representante aqui. Na época a gente chamou, aí ele, a xxxx, aqui do (ocultado) também conversamos e conseguimos ter mais uma opção de layout. Acho que tem alguns oficiais que usam o layout mais tradicional, mais antigo, com menos informação, mas também tem um layout com mais informação para, para o lançamento das notas do fechamento. Então são coisas que se se é feito. É, de maneira formal, um desenho, um esboço. Sim, já encaminhado. O que seria melhor para alterar? É provável que se consiga também, né? Como nesse caso específico da parte dos oficiais de escola conseguiu alterar tipos tabela, não é? Talvez possa ser alterado para deixar mais acessível também essa questão de conteúdo no sistema. Acho que eles conseguem, né?

Neni – Ele tem que funcionar

Pesq - Sim, eu acho. Você abre no celular e não dá pra ver.

Ax – Exemplo de outra cidade: Que seja tipo, sei lá, final numa, numa fase infantil, em uma escola infantil, eu pudesse colocar o mesmo conteúdo. Sabe, eles foram lá,

criaram um botãozinho 3 dias, você clicava no botãozinho. para evitar isso feito? E assim o vírus tinha sido difícil, não é?

Coord - Dava para compartilhar com outras turmas. O compartilhar outras turmas de compartilhar, né?

Ax – Isso, perfeito.

Dante - mas eu acho que até a linguagem do fiorilli sei lá não entendo de computação, mas eu acho que não deve ser uma linguagem boa. Parece algo mais arcaico não parece?

Ax - lembra o Windows 95

Dante - aquele negócio velho antiquado.

Dona professora - a início a gente entra na parte de documentação e tempo. Cara, é muita papelada, muito parecida e pouco tempo. Por mais que a pessoa não tem o pessoal aí que tem apenas às 10, salas ou 12. Eu enfrentei, preciso dobrar. Eu tenho 18. E ainda assim, eu no começo do ano tinha 16 de Inclusão agora tenho 18. É praticamente uma inclusão por turma. E assim, um RAC bimestral, um RAC no sistema. Podia colocar no final do dia do diário. Tipo você põe a aula e põe, esse foi fulano, ciclano, beltrano, não precisaram de adaptações, ponto! Ou fiz isso, isso e isso. Já está no diário, não precisa ter um campo separado. Tem o RAC bimestral, você tem o PEI, é um monte de papelada, que você tem pouco tempo! Eu só consigo fazer de final de semana em casa. Deveria fazer em casa? Não!! Mas não dá pra fazer na escola, porque uma não tem quase computador que funcione direito, tem o que você liga e enquanto você vai pegar o copo d'água está la... Beleza, aí quando você conseguiu fazer ele funcionar a internet não funciona. Quando você conseguir fazer o computador funcionar a internet funcionar aí não consegue acessar o sistema porque o sistema está sobrecarregado.

Pesq – Ou tem alguma coisa bloqueada, proxy não sei o quê...

Dona professora - Daí você vai entrar na Sua casa de você. Tipo 6h da manhã no domingo é porque aí consegue funcionar. O programa rodar. 6 horas da manhã do domingo e vai. E para levantar no domingo 6 horas da manhã para fazer diário? É uai.

Pesq - Mas é. É totalmente assim. De ator? É eu particularmente, acho.

Dona professora – Eu acho que a gente não tem tanto... professor de sala acho que tem o dobro de papel para fazer.

Pesq - E aí seria uma solução que não só para a gente, claro, né? Mas para os professores como um todo. Mais algum gente, conseguiu contemplar alguns. A gente falou a do 3, do 1...

Dante – Do 4, do 2 do 8

Pesq – O 7 participação em colegiados. Tem alguém aqui que trabalha de que faz parte do conselho da APM?

Dona professora - No papel. Risos

Pesq - Não sei se essa parte vou poder transcrever.

Dona professora – Tipo, assina aqui a ata, que aconteceu isso e isso e isso. Está bom.

Dante – Eu assino, mas não sabia nem que eu era.

Cross – No estado. Tem que conferir as notas, que eu não sabia que tinha que conferir, extratos, valores, tudo. Sei lá. Você se compromete.

Pesq– Conselho de escola?

Neni – Conselho da escola. Porque parece que é mais uma coisa burocrática do início do ano. Ó, você vai fazer parte disso, você disso. Já define e as tais das reuniões mensais ou bimestrais elas não acontecem exatamente. Já vem com um relatório pronto, lá olha aconteceu isso e isso você precisa assinar. Há, o que que é isso ponto

é sobre o professor que vai poder ou não continuar dando aula ou esse aluno que não sei o que não sei o que lá. Quer dizer não tenho uma discussão né.

Cross – Tem que acompanhar a grêmiação também, né? Você acompanhou?

Pesq - Mas não aqui, né? Conselho de Educação?

Coord – eu faço parte do conselho étnico de relações Inter raciais. Como foi mais nesse ano que ele foi criado. É uma demanda de processos que teve desde o ano passado e até através deste conselho também chegou essa literatura *** para ser trabalhada na escola. A princípio tinha ideia que a tratar de questões municipais inteiras mas foi esclarecido que é só para questões: escolas.

Pesq – O conselho da cidade?

Coord – É porque não é da cidade ele é da educação né o conselho de relações étnico raciais ele faz parte da educação. Da Secretaria de educação ele não é separado como uma Secretaria ou órgão para a cidade inteira. É como se fosse uma pasta da educação, parte integral da educação. Então ele está a par de eventos que a educação organiza de situações que eventualmente possam acontecer nas unidades escolares. Mas ele não se relaciona com problemas fora da escola.

Pesq - questão de formação, de eventos então é só voltado para as escolas não pode pleitear coisas abertas ao público.

Coord - a princípio não. Enquanto ele não se desenvolve não cresce um pouco mais ele é mais escola. Mas podendo assim formação de professores como teve no htpc de semanas atrás, mas ainda é mais a comunidade escolar. Pode ser aberto, teve uma palestra já tem uns 3 meses que foi na biblioteca que foi um pouco mais aberto ao público, mas o foco ainda é a comunidade escolar, a atuação dele, na comunidade escolar. Mas a ideia é poder expandir mais.

Cross- tem uma característica também, que por exemplo, a prova do saresp hoje existia uma obrigatoriedade dentro do estado. Hoje, é facultativo ao município mas tem um grupo enorme de municípios que colocam os seus alunos para serem provados, né. Para fazerem a prova, porque eu acho que isso aí é muito importante não é. O que a gente tenha o nosso poder de decisão dentro do município, mas a gente tem que responder à diretoria de ensino, que é um órgão que vai constituir o regimento. De comportamento, de atividades plausíveis, vamos dizer assim.

Pesq - Essa coisa de colegiado né, a gente percebe uma coisa muito burocrática como vocês falaram. Eu acho que isso é cultural, porque desde quando eu entrei na educação aos 22 anos, eu digitava atas e enfim. É muito uma coisa você faz pede pra assinar e acabou. E na época eu lembro que isso economiza valor o tempo das pessoas que tinham funções dentro dos colegiados. Hoje a gente enxerga isso de outra forma né porque se a gente participa do colegiado a gente tem mais oportunidade e chance de conseguir alcançar discussões pronto final talvez não seja nem de atingir os objetivos mas consegui fomentar discussões para a nossa área...

Cross – Opinar... Participar realmente

Pesq - questionar a questão principalmente de a APM, questionar verba quanto está sendo destinado para a educação física.

Dante- até que eu em uma das reuniões falei. Por lei da transparência a publicidade ela tem que acontecer na gestão democrática, vamos dizer assim. Porém ela não é participativa, a gente não é consultado sobre nada disso. Quando essas coisas não são feitas como são. No colegiado você não tem participação efetiva, então você não opina de fato.

Pesq - e a gestão democrática faz parte do PPP da escola, que se eu não me engano é mais ou menos a mesma coisa pra todo mundo...

Dante- por lei a LDB fala isso.

Pesq - então todo mundo deveria, deveria não poderia. Mas eu entendo que isso é cultural porque eu lembro porque eu lembro que inclusive em outras cidades que eu trabalhei, quando tinha reunião as pessoas falavam “ah, não...” A escola que eu trabalhei que eles fizeram a composição do conselho de escola e aí combinaram o horário de reunião pensando na possibilidade de todo mundo ir, só que era presencial... Era híbrido na verdade, aí quem podia ficava presencial e quem não podia participar online. E aí, por exemplo essa escola que eu trabalhei tinha o princípio de pôr em prática a gestão democrática. Então assim eu digo que é uma questão de reflexão para mim inclusive que sou membro de APM e nunca participei de uma reunião.

Lock - posso dar minha opinião? Sobre os colegiados eu acho assim... Existe uma.... Na minha opinião... Existe um incentivo para não participação. Porque se você pensar nós deveríamos ter tempo, nós que cobramos principalmente. Então em vez de eles colocarem essa participação remunerada, tornando esse ato útil aos professores e funcionários. Eles não fazem isso eles querem um trabalho voluntário. Só que nós já estamos entre aspas defasados, remuneradamente e com uma carga excessiva de trabalho. Ainda por cima o governo pobre coitado, preciso do nosso trabalho voluntário, para fazer esses colegiados. Então na verdade, se você parar para pensar, é um incentivo para que eles não aconteçam. Porque se eles quisessem de fato que todos participassem era só encaixado dentro do nosso horário de trabalho. Se tivesse encaixado dentro do nosso horário de trabalho eu tenho certeza que todos teriam participado.

Dante - e mesmo que tivesse que pagar, uma ou 2 horas no mês.

Lock - exatamente eu seja com htpc ou em um HTPI. Não eles querem que entrem como uma forma de voluntariado. Então assim minha opinião, fica meio esdrúxulo até ficar meio forçado, isso pô todo mundo trabalhando sem tempo, e ainda fazer trabalho voluntário para a escola... Na verdade é para o governo. Então eu acho que a falha principal para nossa participação nesses colegiados, de compor os colegiados, que atrapalha até mesmo as direções das escolas é principalmente essa baixa. Essa decisão do governo de querer que todo mundo seja voluntário. citando os pais que participam, porque os pais também têm sua casa, tem sua vida seu trabalho, tem pais que trabalham 12 horas... E ainda por cima tem que dispor de um tempo não remunerado, voluntariado para ir na escola. A gente não consegue trazer nem para reunião de pais. Aí você vê a contradição governo disponibiliza uma bolsa para alunos do ensino médio para ir para a escola... Mas para os pais dispõem de um tempo e para os funcionários para participar desses colegiados não pode, dar incentivo.

Cross - eu dei o exemplo do saresp, eu tenho certeza que mesmo sendo facultativo nos municípios que pertencem à diretoria de ensino, a parte de fiscalização que traz as provas materiais, que ficam presentes dentro da escola recebem por isso e é justo. Agora se os outros estão lá estão contribuindo para eles não receberem nada aí já fica difícil.

Neni - não é falta de dinheiro né. É intencional. Eu não vou pagar porque ninguém vai. Estou saresp aí eu quero que as pessoas vão lá aplicar prova então eu vou pagar.

Pesq - as mães foram pagas também ou não?

Neni- não sei.

Lock - até a nível de políticas públicas, é estranho esse tipo de... Eu não sei se o termo cabe, é mais é meio que abusar um pouquinho da boa vontade das pessoas. Seria justo na pagar os pais outras pessoas que se dispõem fazer esse trabalho. Mas sei lá, essa é a minha visão. Não estou dizendo de exploração de mão de obra não é nesse sentido

Neni - não é que quer que trabalha, é que não quer que vai.

Pesq - vai ter mais gente consciente da realidade da escola.

Lock – exatamente, é justamente para não acontecer.

Ax - posso compartilhar uma experiência bacana que eu tive com conselho de escola e APM? Por consequência. Eu comecei a levantar numa escola a necessidade de comprar tatames, eu consegui a partir da reunião de colocar todo mundo a par e falar da necessidade e mostrei o currículo Paulista onde a ginástica vai do primeiro ao quinto ano. E eu falei que é muito melhor você fazer dentro do tatame e tal. E que tinha necessidade. Eu acabei conseguindo metendo a cara.

Pesq – legal. Você era do colegiado ou não?

Ax - não, eu fui lá de penetra e pedi a fala e consegui. Muito bom ótimo relato.

Pesq - gente, alguém gostaria de compartilhar algum relato positivo, não tão positivo assim negativo ou no fundo do poço. Risos

Lock - sobre qualquer um?

Pesq - de qualquer um.

Cross - eu vou dizer que alguns problemas que a gente enxerga aí melhorou. O Fiorilli mesmo, quem é mais antigo aqui que não é o meu caso mas eu já tive uma passagem em 2017 aqui. Se você errasse a data em relação ao conteúdo você deletava porque as coisas não entravam em ordem, não tinha uma cronologia pela data. Então você tinha que tirar aquilo que você tinha lançado e fazer novamente na ordem e não podia mexer na data. Hoje é uma outra situação, no caso ano passado há que bom é que ruim né. Pra falar outra coisa ... que era antes e melhorou então as coisas estado que a gente viveu isso aí no passado mas isso ainda continua vivendo no estado as datas e feriado tudo, tal a gente não consegue lançar lá se houver alguma coincidência de horário que o professor lança uma aula de matemática você não consegue. Então a gente estava falando sobre mudanças possíveis eu acho que o calendário como é feito no estado deveria ser no Fiorilli, também. Já teve uma evolução com relação a cronologia de datas, ponto positivo, né? E eu acho mudança no sistema, na plataforma tende a ficar melhor. Eu estava numa reunião que o Ax é... ficou muito bravo em relação a copiar e colar nos relatórios da criançada ...

Ax – Da burocratização do AEE

Pesq – Eu estava nessa.

Cross – Ele quase deu cria e eu...

Pesq – Eu também tava brava.

Cross – Com razão, toda. Tava todo mundo eu também estava

Lock - a gente já tinha entendido pra que veio o RAC a gente só falou que não precisava ser daquela maneira tão burocrática por causa da situação. Coitado do **** acho que tinha 22 para fazer.

Dante – Eu cheguei a ter 20, agora.

Lock – E aí a gente explicou, que a gente entendeu o motivo. A gente só não achava que tinha necessidade para tanto documentação duplicada.

Pesq – Acabou em?

Dona professora – Acabou e ficou do mesmo jeito.

Neni – Não, teve um lugar que melhorou sim. Tem um lugar que não precisa por mais né, é no conteúdo.

Pesq - mas até no meio do ano eu ainda colocava, não sabia que não precisava mais.

Neni – Tirou um né?

Dante – Mas tem que fazer os dois do mesmo jeito.

Ax – Mais um ponto pra gente levantar, né? Para a próxima gestão. Ó gente, não precisa ser desse jeito.

Neni – Pegando o gancho do que o Ax, falou agora. Acho que o seu trabalho trouxe isso, né. Essa oportunidade da gente falar muita coisa, aqui, abertamente. Inclusive na presença de um membro da gestão. Coisa que talvez a gente não falaria, os mais empolgados. O Ax até falou disso uma vez, que parece que briga sozinho.

Ax – Foi mal gente, eu sou meio destemperado. Risos

Neni - Mas olha que coisa legal que você trouxe, que a gente brigou aqui também. Como o ax brigou em outros momentos a gente brigou aqui né. E aí alguma coisa dessas nossas discussões aqui, que vão servir para o seu trabalho não tenho dúvida. Mas também vai ficar aqui na Secretaria, vai ser levado para a Secretaria.

Dante - e qual vai ser a conclusão do seu trabalho?

Neni – Se muda ou não, né? Mas foi uma oportunidade.

Pesq- Obrigada, muita gentileza da sua parte e espero que sim!

Cross- Eu também. Eu acho que, incrível. A gente Tem que participar da reunião da escola? Tem que participar... Tem coisas importantes que a gente tem que ficar sabendo na escola, mas é muito mais prático a gente saber da escola que a gente tá lá todo dia do que saber do nosso grupo. As pessoas que estão aqui estão em outras escolas e em outras realidades, outras situações esse tipo de reunião na minha opinião é extremamente produtiva, porque ficar só dentro da escola e não tem oportunidade de saber o que o ax pensa, o que o Neni pensa que seja todo mundo aqui. Esse momento de discussão muito enriquece. Eu acho que é um dos itens que como nem me falou, está sendo levantado por você mas é importante para todos nós. A coisa tá fluindo pra melhor né ninguém está parado. O fiorilli melhorou. Alguém falou talvez eu tenha falado, mas as coisas vêm evoluindo.

Pesq – Que bom... Já pensou o ano que vem “bom pessoal caderneta de papel de novo”

Não... pelo amor de Deus.

Dante – Já foi pior. Que eu acho assim reunião participativa é a reunião que é bem aproveitada. Reunião boa reunião curta de no máximo 1 hora. Uma das críticas de htpc minhas é exatamente essa. A gente fica por exemplo 2 horas às vezes na escola e qual que é a função? A preencher o documento. Igual eu conseguiria fazer isso em casa no meu computador. Mas você ficar repetindo coisas e tal que não te levem a resultados. Para mim uma reunião efetiva eficiente aquela que te leva a algum resultado. Ela tem a participação de todos é a tal da gestão democrática. Acontece beleza então vamos fazer, o negócio vai ser assim. Aconteceu, não aconteceu? Aconteceu mais ou menos? Outra reunião para a gente ajustar e assim vai levando, assim vai progredindo.

Cross - então e o Neni mesmo falou sobre a utilização do celular para o lançamento da chamada, que seria uma evolução. Só que no dia de hoje foi assinado que o celular está proibido dentro da escola, né, para alunos. E você é exemplo desse aluno, você pode ele não pode. Eu acho que é como a caderneta de papel por exemplo, caminhar para trás... Eu dou aula, eu sei que muitos fizeram isso também... Há mais de 30 anos. Então a caderneta de papel era muito difícil, porque você tinha que recortar papel colar, ver Al errou alguma coisa. Poxa vida, horrível e tinha que fazer. A evolução foi enorme, agora a gente grita o que está errado substitui troca faz e conserta. Eu acho que esse negócio de proibir o celular em si... Ah, o aluno... AO professor não pode usar na aula, mas e a parte de pesquisas? Eu mundo que andou?

Dante - eu acho que os alunos não estão preparados cara, eu acho que os pais não estão preparados para ensinar os filhos a usar tecnologia. Se você pegar digitar no YouTube aí celular na mão de bebês. Tem vários vídeos de crianças batendo a cabeça no chão -não é autista-, chorando e o pai filmando “olha que legal” aí dá o celular na

mão para de chorar na hora. Criança de um aninho sabe. Esse é um vício, cara. Os pais estão trocando isso pela educação Para prender a atenção. E tem autores pesquisando isso inclusive a gente fez no último simpósio da educação física com a pedagogia, foi um pesquisador lá amigo meu de Porto Ferreira. Inclusive escreveu um livro sobre essa temática e ele está estudando psicologia hoje, justamente para observar, avaliar esse comportamento. O que pode ser danoso e ele não tá nem falando da tela azul, mas a tela não só do celular como o iPad como de um todo. De telas. Simplesmente prender a atenção em algo que ele poderia ter prazer por exemplo na hora de jogar um jogo de Tabuleiro de qualquer outra coisa, de interação com o pai, entre outras coisas etc e tal. Então assim tem muitos fatos que mostram que é muito ruim mesmo muito danoso. O próprio Japão está abolindo.

Cross – E era disso que ia falar. Eles liberaram para todos aí fizeram uma pesquisa fizeram um levantamento estatística. O que aconteceu feito isso, eles concluíram que era mais danoso do que positivo. E eles cortaram aí a gente precisa tomar cuidado.

Ax - Aí você imagina né, aqui no brasil é tudo distorcido. Lá o governo teve coragem e tem um certo suporte da população para fazer isso aqui seria censura.

É... mais ou menos isso

Ax – Então... O pessoal “Ah vai ser censura”. Às vezes a intenção não é nem essa...

Dona professora – Só rapidinho. Algo que talvez eu não tenha falado muito. Que é aquele 5. Mas quando você tenta fazer algo diferente, que não é comum Tipo interclasse, vira briga, por assim dizer. Porque assim muitas professoras não entendem o valor de uma coisa diferente. Ou mesmo torneio, ou uma gincana que você precisa deles pra ajudar para controlar. Porque assim você controlar tudo e ainda fazia gincana ou Inter classe, fica difícil. Então assim, são poucas as professores que entendem e que realmente fala Oh muito legal fazer isso Vambora! Agora já tem outro que fala: ou te vou ter que ir lá de novo, perder meu HTTP e descer para ajudar. No dia do torneio, vai quebrar o meu dia porque eu vou ter que ir lá no ginásio, ficar lá aquela barulheira e depois voltar e não vou fazer mais nada. Então assim, aí fora isso geralmente a direção não gostar muito porque sai da rotina da escola, a criançada fica alvoroçada porque elas querem ver os jogos, elas querem participar da bagunça por assim dizer. E aí fica complicado porque assim você quer fazer as coisas você tem a ideia, você quer fazer algo diferente, mas aí você para porque não você tem que ter o conteúdo, você tem... Então fica meio difícil mesmo para trabalhar. O ano passado o ax fez Inter classe à tarde, os meus horários de manhã era um péssimo se eu não tinha um horário livre na quadra. Veio me questionar por que que eu não fiz o Inter classe. Ah mas foi o Coord que mandou? Não é que o ax quis fazer. Ela “é que os pais vieram questionar...” Mas eu não consigo fazer porque os meus horários são ruins. Aí esse ano melhorou consegui 2 dias sozinha na Quadra, é os dias que o outro professor cedeu gentilmente a Quadra, é o que deu pra fazer... Mas mesmo assim bicão de direção e coordenação. Aí o pai não entendeu por que que a gente deu autonomia da criança para montar o time, escalar esse hoje, esse amanhã. A professora da sala ajudava anão repetir e deu ele deu problema mesmo assim “porque eles não têm autonomia”. Estamos tentando fazer isso tendo autonomia e você tá cortando, está podando. Então assim são coisas que por mais que tenha sido muito vantajoso são coisas pequenas desse jeito, que dá... Tipo “certeza que precisa fazer de novo para passar por tudo isso?”. Aí depois pergunta por que que fez por que que não fez. Entendeu? E aí você não escuta nenhum ou valeu obrigado. Você não escuta isso de direção. Não, esquece.

Dante - Ontem eu ouvi uma frase assim que vai muito nessa interferência que a gente tem né. “O brasileiro ele é especialista em saber de tudo quando não sabe de nada”

... Então é aquele famoso técnico, daquele que sabe mais sobre o próprio técnico. Mas o tempo aprofundamento científico de nada, nenhuma base pra falar aquilo né.

Dona professora - 10% das professoras que participaram lá do Inter classe entenderam que aquilo lá pedagogicamente era muito rico para as crianças. As outras 90% acharam uma perda de tempo. Ela prefere ficar na sala.

Dante- mas olha como a coisa muda: sexta-feira eu fui substituir o Ax. A gente tinha até combinado tale tal. O único dia que eu chego meio-dia e meio vou pegar sua turma eu não vou pegar a minha. Já estava avisado no grupo inclusive e vou pra Quadra orientar fazer alguma coisa tática ali com eles. Para conhecer eles... eu vi eles jogando 2 vezes. Aí eu peguei e falei bom, vamos lá né. Não queriam. “Não, você não vai ficar com eles você vai pegar sua turma”. Como eu vou pegar a minha turma eu tenho que pegar e levar eles lá, preciso conhecer a sua turma. “Não, eles já treinaram!!”. A ideia é eles já treinaram, entra na Quadra e joga. É outro professor, não é o Ax. Os caras não sabem o linguajar que eu uso, não sabem como é... Eu peguei fui lá expliquei. Olha eu já tinha até conversando com Ax... Foi lá, conversou a direção, aí de repente chamou a professora, na sala “fica aí não deixe seus alunos sozinhos”. Nisso demorou quase meia hora para eu poder do ser eles para comer, para depois e lá daí vamos fazer isso tá. Aí alguns professores viram lá por exemplo, o Dante, mas vai ser assim? Não, mas eu estou orientando ele, vamos ver o que vai dar resultado isso depois. Entende, então assim o cara não sabe de nada, mas ignora a parte do especialista. Na nossa área de educação fiscal qualquer blogueiro qualquer pessoa sabe mais do que a gente...(ironia)

Ax - A justificativa do Inter classe ser do jeito que ele é. É o Sport-Education. E um dos pilares é você atribuir funções para as crianças. É você falar olha você vai ser árbitro hoje você vai ser o Capitão, tem toda uma base pedagógica por trás inclusive deles desenvolverem habilidades emocionais que são descritas na BNCC, mas a gente não trabalha né, a gente fica praticamente no laboratório ali né, que essa ao diálogo a gente recebe tudo de forma teórica. Eles não vão ter um experimento nada, vai passar aula de ciências, côncavo e convexo e a gente não sabe nem como que isso se dá na prática né. Algo que você consegue ver numa colher. E a gente fica praticamente como a única disciplina, não só a gente, mas acho que o pessoal da artes também parte para a prática, mas nossa que fica muito encarregado da parte prática, que quando a gente sai do comum que é levar para a Quadra começa a chover crítica. Como se você não estivesse fazendo a sua parte, ou se como você tivesse que ficar justificando o método toda vez que trabalha... É complicado.

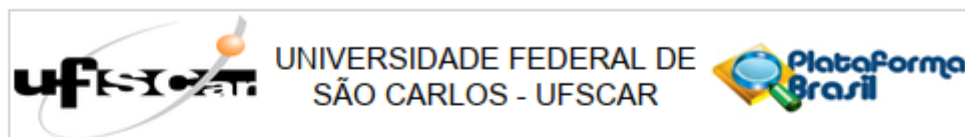
Pesq – Bom, galerinha... Mais uma vez alguém gostaria de comentar mais alguma coisa? Me coloco à disposição caso vocês queiram agregar alguma coisa de positivo ou negativo por escrito por e-mail, pessoalmente, tá? Uma das participantes disponibilizou, inclusive, porque hoje ela não poderia estar presente, mas que se eu fosse usar algum outro instrumento que ela estaria à disposição. Mas, vou dar continuidade então e acho que a gente conseguiu discutir bem os temas. Ainda fica a coisa para mim, eu achava que eu ia morrer, mas acho que ainda precisava de mais encontros, mas tá ótimo, rs.

Realização da nuvem de palavras.

Pesq – Eu quero agradecer vocês pela participação, pela contribuição, pedir desculpa, eu não posso compensá-los né mas quem sabe a gente faz um churrasco depois do fim. Fala tchau gente. Despedida e aplausos.

ANEXOS

ANEXO A - Parecer do CEP/ UFSCar



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO FÍSICA PARA QUÊ? Situando a Educação Física para além da quadra.

Pesquisador: GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 78717624.0.0000.5504

Instituição Proponente: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

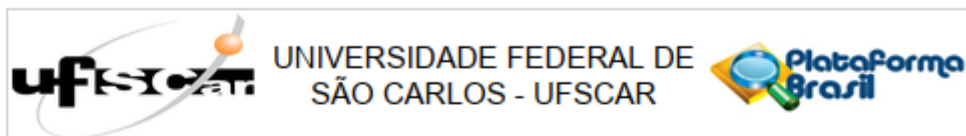
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.962.044

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa e do Projeto Detalhado: RESUMO, HIPÓTESE, METODOLOGIA, CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO. Introdução: Atuar na Educação Física escolar apresenta desafios específicos em diferentes perspectivas, além das questões comuns ao ambiente escolar. Considerando a abrangência de problemáticas que envolvem a valorização e o reconhecimento deste componente curricular, percebo que há uma carência de entendimento sobre a relevância da EF na escola, seus objetos de conhecimento, suas potencialidades e até mesmo sua legitimação legal, apoiados pela cultura escolar, que de acordo com Demenech (2014): Os elementos que tomam forma na cultura escolar não são elementos que se constituíram agora ou que se transformam a cada momento, ou que vêm e vão. São costumes que permanecem com pequenas modificações, que por mais que a escola transforme-se, gerações passem, transformações sociais e culturais aconteçam, mantêm-se como próprio da instituição (p.17). Esta distância entre o que é a Educação Física e a forma como ela é vista, acarreta intercorrências em variadas situações do cotidiano. Diante de uma insistente desvalorização da EF por parte da comunidade escolar, que gera desgastes nas relações com a constante necessidade de autoafirmação para a validação da nossa importância na escola, entendo que desenvolver aulas de qualidade, por si só, não tem apresentado resultado satisfatório, para

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	
Bairro: JARDIM GUANABARA	CEP: 13.565-905
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685	E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 6.962.044

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE1.pdf	31/03/2024 16:52:22	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Jessica.pdf	31/03/2024 16:52:08	GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 23 de Julho de 2024

Assinado por:
Sonia Regina Zerbetto
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SAO CARLOS
 Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br

ANEXO B – Carta de Autorização - SEMEC**CARTA DE AUTORIZAÇÃO**

Ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar),

Prezado Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar, na função de representante legal da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, informo que o projeto de pesquisa intitulado “Educação Física para quê? Situando a Educação Física para além da quadra” apresentado pela pesquisadora, Jéssica Rafaeli da Silva, com a orientação do Professor Doutor Glauco Nunes Souto Ramos e que tem como objetivo principal: “Averiguar as representações sociais acerca da Educação Física escolar buscando traçar possíveis intervenções para atuação em relação à cultura escolar e suas implicações na EF”, foi analisado e autorizada sua realização apenas após a apresentação do parecer favorável emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar. Solicito a apresentação do Parecer de Aprovação do CEP-UFSCar antes de iniciar a coleta de dados nesta Instituição.

“Declaro conhecer a Resolução CNS nº 466/2012 ou 510/2016 e suas complementares. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Assinatura: _____

(Nome completo, legível e carimbo institucional do representante legal)

Contato _____
Endereço _____
E-mail: e _____
Telefone _____

ANEXO C – Quadros – Suraya Darido

Quadro 1.1 Principais características das abordagens Desenvolvimentista, Construtivista, Crítico-superadora e Sistêmica

	Desenvolvimentista	Construtivista	Crítico-superadora	Sistêmica
Principais autores	Tani, G Manoel, E.J.	Freire, J.B.	Bracht, V., Castellani, L., Taffarel, C, Soares, CL.	Betti, M.
Livro	<i>Educação Física Escolar: uma Abordagem Desenvolvimentista</i>	<i>Educação de Corpo Inteiro</i>	<i>Metodologia do Ensino da Educação Física</i>	<i>Educação Física e Sociedade</i>
Área de base	Psicologia	Psicologia	Filosofia Política	Sociologia Filosofia
Autores de base	Gallahue, D. Connoly, J.	Piaget, J.	Saviani, D. Libaneo, J.	Bertalanffy, Koestler, A.
Finalidade	Adaptação	Construção do conhecimento	Transformação social	Transformação social
Temática principal	Habilidade, Aprendizagem, Desenvolvimento Motor	Cultura popular, Jogo, Lúdico	Cultura Corporal, Visão Histórica	Cultura Corporal, Motivos, Atitudes, Comportamento
Conteúdos	Habilidades básicas, habilidades específicas, jogo, esporte, dança	Brincadeiras populares, jogo simbólico, jogo de regras	Conhecimento sobre o jogo, esporte, dança, ginástica	Vivência do jogo, esporte, dança, ginástica
Estratégias / Metodologia	Equifinalidade, variabilidade, solução de problemas	Resgatar o conhecimento do aluno, solucionar problemas	Tematização	Equifinalidade, Não-exclusão, diversidade
Avaliação	Habilidade, processo, observação sistemática	Não-punitiva, processo, auto-avaliação	Considerar a classe social, observação sistemática	

Quadro 1.2 Principais características das abordagens: Psicomotricidade, Crítico-emancipatória, Cultural, Jogos Cooperativos, Saúde Renovada e baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais

	Psicomotricidade	Crítico-emancipatória	Cultural	Jogos Cooperativos	Saúde Renovada	PCNs
Principais autores	Jean Le Bouch	Elenor Kunz	Jocimar Daólio	Fábio Brotto	Guedes Nahas	Marcelo Jabu e Caio Costa
Livro	Educação pelo movimento	Transformações didático-pedagógicas do esporte	Da cultura do corpo	Se o importante é competir o fundamental é cooperar		PCNs, 3.º e 4.º ciclos (5.ª a 8.ª séries)
Área de base	Psicologia	Filosofia, Sociologia e Política	Antropologia	Psicologia	Fisiologia	Psicologia e Sociologia
Autores de base	Wallon, Piaget, Luria, Ajuriaguerra	Habermas	Mauss Geertz	Terry Orlick	Vários	Vários
Finalidade	Reeducação psicomotora	Reflexão crítica emancipatória dos alunos	Reconhecer o papel da cultura	Indivíduos cooperativos	Melhorar a saúde	Introduzir o aluno na esfera da cultura corporal de movimento
Temática principal/ Conteúdos	Consciência corporal, lateralidade e coordenação/ Exercícios	Transcendência de limites/ Conhecimento, esportes	Alteridade/ Técnicas corporais	Incorporação de novos valores/Jogos cooperativos	Estilo de vida ativo / Conhecimento, exercícios físicos	Conhecimentos sobre corpo, esportes, lutas, jogos e brincadeiras e atividades rítmicas e expressivas

ANEXO D – Ementas

Universidade Federal de São Carlos - Licenciatura em Pedagogia

450022 – CORPO E MOVIMENTO¹⁵ (DTPP) Número de créditos: 04 – Carga horária: 30h (teóricas) e 30h (práticos como componente curricular). Requisito: não tem Ementa: Discussão de diferentes teorias sobre corpo e movimento. Concepções de corpo e movimento presentes na sociedade, principalmente, na escola, relacionadas às questões de ensino e de aprendizagem. Discussão teórica sobre as formas de superação de concepções biológicas de desenvolvimento humano que colocam à margem os aspectos sociais e culturais nas relações interpessoais na escola. Aprofundamento teórico e metodológico sobre o trabalho com atividades de movimento na escola, de forma a potencializar a qualidade dos processos de ensino e aprendizagem. Pesquisa em diversas fontes sobre tipos de jogos, brincadeiras, brinquedo. Atividades práticas de pesquisa: entrevistas; desenvolvimento de atividades com crianças e/ou jovens e adultos. Confeção de materiais, jogos, brinquedos. O foco será a qualidade das mediações desenvolvidas por professores em atividades realizadas com crianças de 0 a 10 anos e, com jovens e adultos, por meio de atividades de movimento, brincadeiras, jogos e brinquedos. **Objetivos:** Discutir e problematizar temas e questões fundamentais a respeito das diferentes concepções sobre corpo e movimento humano a partir de suporte teórico; Discutir questões relacionadas à prática docente na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens de Adultos, com foco na importância do movimento para as aprendizagens escolares; Debater abordagens metodológicas sobre atividades de movimento na escola, priorizando aspectos como: seleção e preparação dos conteúdos a serem abordados nas aulas, condução das aulas pelo/a docente, focalizando as mediações necessárias e avaliação da aprendizagem; Analisar os diferentes tipos de mediações e mediadores de aprendizagens nas atividades de movimento na escola: espaços, materiais, recursos, técnicas e estratégias pedagógicas, por meio de atividades em sala com os alunos; 76 Proporcionar suporte aos/às alunos/as para que possam realizar pesquisas sobre atividades de movimento, brincadeiras, brinquedos e jogos, tendo como questão as aprendizagens de estudantes e os aspectos culturais e sociais envolvidos nelas; Estabelecer as

¹⁵ Disponível em: <https://www.pedagogia.ufscar.br/arquivos/projeto-pedagogico-do-curso-2018.pdf>

diretrizes para elaboração de relatório teórico-metodológico escrito e apresentação de seminário em sala de aula, com foco nas pesquisas realizadas.

Instituto Federal de São Paulo (IFSP) - Boituva

Disciplina - Metodologias e Estratégias de Ensino de Atividades Recreativas

¹⁶O estudo do lúdico, seus fundamentos teórico-práticos de procedimentos mediadores e integradores entre o agir, o sentir e o pensar, bem como suas relações com a educação. A compreensão da ludicidade na liberação do potencial criativo inerente ao ser humano enquanto sujeito individual e coletivo. O estudo da relação do lúdico com a cultura contemporânea. O desenvolvimento de uma proposta colaborativa de prática de ludicidade, com enfoques em metodologias e estratégias diversificadas.

¹⁶ Disponível em: <https://moodle.ead.ifsp.edu.br/mod/resource/view.php?id=137315>

ANEXO E – Representações de espaço e material

